



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO**

EDY LAWSON SILVA SANTOS

**RELAÇÕES RACIAIS E EMPREENDEDORISMO:
um estudo sobre negros empreendedores na região metropolitana do Rio de Janeiro**

GOIÂNIA

2017

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

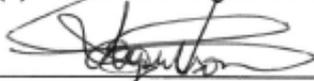
Nome completo do autor: **Edy Lawson Silva Santos**

Título do trabalho: **RELAÇÕES RACIAIS E EMPREENDEDORISMO: um estudo sobre negros empreendedores na região metropolitana do Rio de Janeiro**

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento **SIM** **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 28 / 05 / 2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.



EDY LAWSON SILVA SANTOS

**RELAÇÕES RACIAIS E EMPREENDEDORISMO:
um estudo sobre negros empreendedores na região metropolitana do Rio de Janeiro**

Projeto de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Goiás (PPGADM/UFG) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Área de concentração: Empreendedorismo, Estratégia e Inovação

Orientadora: Profa. Dra. Josiane Silva de Oliveira

GOIÂNIA

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos, Edy Lawson Silva

Relações raciais e empreendedorismo [manuscrito] : um estudo sobre negros empreendedores na região metropolitana do Rio de Janeiro / Edy Lawson Silva Santos. - 2017.
CLXVIII, 168 f.

Orientador: Profa. Dra. Josiane Silva Oliveira .

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas (FACE), Programa de Pós-Graduação em Administração, Goiânia, 2017.

Bibliografia.

Inclui siglas, tabelas, lista de figuras.

1. Raça. 2. Negros. 3. Empreendedorismo. 4. Rio de Janeiro . I. Oliveira , Josiane Silva, orient. II. Título.

CDU 005

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO

Ao sexto dia do mês de dezembro de 2017, no horário de 14 horas e 00 minutos às _____ horas e _____ minutos, foi realizada, na sala 2110 da FACE, a defesa da dissertação *Relações raciais e empreendedorismo: um estudo sobre negros empreendedores na região metropolitana do Rio de Janeiro* de autoria do discente Edy Lawson Silva Santos, do Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGADM da Universidade Federal de Goiás. A Comissão Examinadora, constituída pela Professora Dra. Josiane Silva de Oliveira, Universidade Estadual de Maringá e membro colaborador do corpo de docentes permanentes do Programa de Pós-Graduação em Administração (UEM/Orientadora/Presidente), pela Professora Dra. Marina Dantas de Figueiredo, da Universidade de Fortaleza (UNIFOR/Membro Externo) e pela Professora Dra. Juliana Cristina Teixeira, da Universidade Federal de São José del-Rei (UFSJ/Membro Externo), emitiu o seguinte parecer:

Resultado Final:

Aprovado

Reprovado

Recomendações:

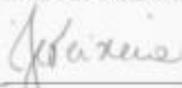
REVISÃO DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS; READEQUAÇÃO DOS
OBJETIVOS E ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS-
ANALÍTICAS

Eu Josiane, orientadora do discente, lavrei a presente Ata, que segue assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.



Prof.ª. Dra. Josiane Silva de Oliveira (Orientadora/PPGADM/Presidente)

Prof.ª. Dra. Marina Dantas de Figueiredo (UNIFOR/Membro externo)



Prof.ª. Dra. Juliana Cristina Teixeira (UFSJ/Membro externo)

EDY LAWSON SILVA SANTOS

RELAÇÕES RACIAIS E EMPREENDEDORISMO:

um estudo sobre negros empreendedores na região metropolitana do Rio de Janeiro

Projeto de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Goiás (PPGADM/UFG) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração

Projeto de Dissertação aprovado em ____/____/____ pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Josiane Silva de Oliveira

(PPGADM/UFG – Orientadora)

Profa. Dra. Juliana Cristina Teixeira

(UFSJ)

Profa. Dra. Marina Dantas de Figueiredo

(PPGADM/UNIFOR)

Profa. Dra. Cleicle Albuquerque Augusto

(UEM)

GOIÂNIA

2017

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu avô paterno, Homenides Pereira da Silva, sem a força, a coragem, a determinação e o trabalho desse e dos outros “Pernambuco” que vieram antes dele minha leitura de mundo e minha trajetória seriam bem diferentes e os espaços que hoje ocupo seriam praticamente inatingíveis.

AGRADECIMENTOS

A vida é uma marcha, uma caminhada onde vamos aprendendo, ensinando, conhecendo outras pessoas e nos conhecendo também e, se tem uma palavra que expressa o momento atual, essa palavra é GRATIDÃO.

A caminhada até aqui não foi fácil, mas o período do Mestrado foi especialmente árduo e a vida se mostrou para mim como uma professora extremamente severa que foi me moldado à base de alguns golpes e pancadas. Nos últimos 18 meses todas as minhas questões foram passadas a limpo e tudo o que eu acreditava ruiu. Hoje agradeço por cada lição, por cada pedra e por tudo de bom e ruim que aconteceu nos últimos tempos. As lições que eu aprendi no mestrado e nesse período vão muito além da sala de aula, eu levarei comigo para a vida. Tenho muito a agradecer às situações e pessoas que eu não posso citar aqui, mas que colaboraram para que eu me tornasse o cara e o profissional que eu sei que sou hoje. Fui ensinado a ser forte e persistente como jamais imaginei que fosse, as lições foram assimiladas com sucesso.

Eu sou grato à Deus, dentro da minha compreensão e minha concepção do que vem a ser Deus, da mesma forma que eu sou grato à minha família dentro do meu próprio entendimento do que significa essa palavra.

Tive o apoio de pessoas maravilhosas que passaram pelo meu caminho e me apoiaram para que eu conseguisse concluir essa etapa da minha formação, para que eu conseguisse me tornar docente do Instituto Federal do Rio de Janeiro, mas que antes disso, muitas pessoas foram fundamentais para que em um momento de fraqueza eu não desistisse no sentido mais amplo da palavra. Outras pessoas foram fundamentais na compreensão de muita coisa, na construção desse trabalho e da pessoa que sou hoje. Aqui eu quero deixar registrado que reconheço a importância de cada uma delas e nutro um profundo sentimento de gratidão.

Agradeço as minhas amigas que fiz quando morei na CEU2 que abriga 64 estudantes, o infortúnio solidifica algumas amizades e Ériivan Cristina da Silva e Eliana Porto da Rocha foram pessoas incríveis que me acolheram em suas casas e cuidaram de mim dividindo o pouco que possuem comigo.

Agradeço à professora Doutora Luciene Dias que, enquanto estava à frente da CAAF da UFG, me recebeu, me ouviu e contribuiu com alguns textos que eu utilizo nesse trabalho.

Ela foi responsável pelo pontapé inicial me fazendo perceber o quanto me faltava leitura sobre as questões raciais e despertando meu interesse sobre o tema.

Agradeço à professora Doutora em Psicologia Social Elcimar Pereira por ter me apoiado, me apresentado à pessoas que são muito importantes pra mim hoje, me dado várias ideias e sugerido alguns textos (livros e documentos impressos que ainda vou devolver) e autores importantes para estabelecer uma discussão sobre raça e racismo da mesma forma que agradeço Elizangela Gomes, vulgo Zanza, estudante do mestrado em comunicação da UFG e que também contribuiu com textos que usei não só nesse trabalho mas nas minhas atividades como docente.

Agradeço ao Alex Cristiano de Souza que foi meu colega de casa por um período, hoje ele é doutorando em Geografia na UFU e foi meu enfermeiro, meu colega e meu irmão mais velho. Ele foi responsável pela revisão no trabalho antes da qualificação (e estava um horror) e nas conversas com ele amadureci muito as minhas ideias.

Agradeço às professoras Doutoradas da FE-UFG, Mirian Fábria e Diane Valdez por me apoiarem em um momento complicado, pelo aprendizado que tive na disciplina de Educação Brasileira. Obrigado por me ensinarem não só pela fala, mas pelo exemplo. Elas abriram meus horizontes e me proporcionaram uma nova consciência política.

Agradeço a todos os meus mestres do IME - UFG que me ensinaram muito mais do que cálculo, me ensinaram o amor pela profissão e um outro olhar para os processos de ensino e aprendizagem. O comprometimento com o ensino que esses profissionais têm poderia ser replicado em outros departamentos, não me recordo o nome de todos, mas eles foram muito especiais para mim e para o olhar que tenho para a educação.

Agradeço a alguns servidores do IFG do Campus Jataí, especialmente à servidora Sandra Abadia pelo companheirismo e seriedade. Cresci muito no meu estágio por lá, convivi com algumas pessoas bacanas e outras menos, mas que de uma forma geral favoreceram o meu crescimento.

Agradeço ao meu psicólogo Lindomar Lopes que foi meu terapeuta por um pouco mais de um ano, eu acabei de me dar alta, mas eu não teria conseguido sem ajuda de um profissional. Obrigado por conseguir derrubar todos os meus preconceitos sobre os profissionais da psicologia e me ajudou a atravessar um período nebuloso. Obrigado por ter estado comigo nos fins de semana, véspera de feriados, por expandir sua agenda e me atender por último (já de noite) e em primeiro (quando o sol nem tinha dado as caras).

Agradeço à Ilderlene Marques pela paciência, por trançar os meus cabelos e por partilhar suas histórias comigo. Obrigado por ter sido essencial na construção da minha

identidade como negro. Obrigado por você ser uma mulher negra forte que me ensinou muito. Obrigado por fazer Administração na UFG e não abaixar a cabeça para nenhuma situação de discriminação, nós precisamos ocupar os espaços e aumentar o contraste da academia. Precisamos e vamos escurecer as coisas!

Agradeço à Secretaria do Mestrado em Administração da UFG na figura (figurona) do técnico administrativo Gilson Assis. Obrigado por meu ouvir, por me ajudar e por me mostrar os caminhos... Se o Gilson recebesse por cada vez que eu fui lá chorar, literalmente, minhas questões para ele... Bem, ele certamente não precisaria mais trabalhar.

Agradeço à Ariadne Gomes Carvalho, minha primeira e única amiga de infância que eu tenho contato até hoje. Mestre em Química e professora do IFGoiano eu de invejoso hoje sigo os seus passos. Obrigado por me ajudar a chegar no Rio de Janeiro e por me mostrar que as amizades verdadeiras vencem o tempo e o espaço.

Agradeço a todos os meus alunos pelo aprendizado que tive e pela paciência que tiveram comigo enquanto eu estava iniciando, já são cinco anos de sala de aula e cada dia aprendo mais. Vocês foram e são essenciais para minha formação não só como docente, pois é a sala de aula que forma o professor, mas como ser humano.

Agradeço à Larissa Louise, minha médica e amiga querida que me deu muito apoio nesse processo. Agradeço às colegas de faculdade Nathalya e Lívia pela minha sobrevivência no curso. Agradeço ao meu diretor de teatro da PUC Samuel Baldani por me ensinar muitos recursos que uso hoje na sala de aula e me ensinar a nunca, em hipótese nenhuma, entregar o texto. Agradeço ao Caio, Breno, Analú, Franciele, Tarcísio e toda minha turma dessa época.

Agradeço aos meus novos colegas de trabalho do IFRJ (e novos amigos). Em especial ao técnico Luiz Alberto que tem sido um companheiro nos debates sobre relações raciais, ao professor de informática e amigo Caio Lamas pelo trabalho com o mapa do Rio de Janeiro e ao professor doutorando em Administração pela FGV Gustavo Tavares por tudo, principalmente por nossas conversas, sua racionalidade e sua humanidade... Ele me faz ter fé no futuro, me faz acreditar que o campo da Administração ainda tem “salvação” e que existem pessoas legais além da minha orientadora, de alguns poucos colegas e de mim depois que eu crescer.

Agradeço à várias pessoas e instituições que me acolheram no Rio de Janeiro e viabilizaram minha pesquisa. Sou grato ao Instituto federal do Rio de Janeiro por ser a meu novo trabalho, o meu laboratório e a minha casa. Agradeço ao IBB pelo apoio. Sou grato à secretaria de Juventude do Rio de Janeiro. Preciso agradecer também à CEPPIR na figura do seu coordenador Carlos Janan Corrêa Rimola. Agradeço ao SEBRAE Rio de Janeiro na

pessoa da sua coordenadora ligada às políticas raciais Suzana Mattos. Agradeço à FAPEG pelo incentivo financeiro e pelo apoio no decorrer do mestrado.

Agradeço aos meus colegas de mestrado que estiveram comigo durante esse período. Sou grato a todos eles sem exceção. Sou grato ao Hugo, Ellysson, Denise, Isabela e Ricardo pois apesar de termos nos afastado ou não estreitado laços suas ideias e opiniões (mesmo que divergentes) me ensinaram muito. Agradeço à Kadny e à Barbara minhas irmãzinhas de signo (esse mestrado tem aquariano de mais para ser um lugar normal) e que sempre tiveram uma palavra de apoio e incentivo. Agradeço ao Athos por várias caronas e pela ajuda com alguns materiais. Agradeço ao Rafael, Alessandro (irmão de infortúnio) e Jairo Taufick (meu brother) pelas saídas noturnas, pelo acolhimento e por tudo que me ensinaram dentro da nossa própria dinâmica com alto teor alcóolico. Agradeço à Kellen Dionísio por me amparar e me ensinar muito. Agradeço à Marizélia pelas aulas particulares de estatística. Agradeço profundamente à Fernanda Arantes, Artur Cândido e Daniel Pagotto por... por tudo! Faltam palavras para expressar o que fizeram e fazem por mim.

Agradeço à banca pelas contribuições e também a todos os entrevistados que tiraram um tempo para dividir um pouco de suas histórias e percepções comigo.

Agradeço especialmente à minha orientadora e “mãe” em boa parte desse processo. Obrigado por me adotar, me acolher e defender. Me perdoe a teimosia. Obrigado por ressignificar para mim toda a ideia que eu tinha formado sobre os profissionais da administração. Obrigado pela paciência, pelo cuidado e por me ajudar a reencontrar meu caminho na escrita. Obrigado por confiar nesse trabalho, e por continuar comigo quando nem mesmo eu acreditava em mim.

Tenho um profundo sentimento de gratidão por todos os que participaram desse meu processo e dessa minha história e cada nome citado nessa linha e outras tantas pessoas boas que encontrei pelo caminho são parte do que eu entendo como Deus, o que eu entendo como Família.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferenças entre Preconceitos raciais de Marca (Brasil) e Origem (EUA).....	42
Quadro 2 - Apresentação dos empreendedores que fizeram parte da pesquisa.....	74
Quadro 3 – Empreendedores negros e espaço geográfico	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O campo de estudo do empreendedorismo, exemplos de abordagem	57
Figura 2 – Oportunidades Surgem da Confluência de Fatores	61
Figura 3 – Fases importantes para o empreendedorismo	63
Figura 4 – Os negros e o local	97

LISTA DE SIGLAS

Age Rio – Agência Estadual de fomento do Rio de Janeiro
CAAF – Coordenadoria de Ações Afirmativas
CEASA – RJ – Central de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro
CEPERJ – Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro
CEP-UFG – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás
CEU2 – Casa do Estudante Universitário 2 (casa da PUC)
CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
CPIR – Coordenadoria de Políticas de Igualdade Racial
CUFA – Central Única das Favelas
DETRAN – Departamento de Transito
FAETEC – Fundação de Apoio à Escola Técnica
FAPEG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás
FE – Faculdade de Educação
FGV – Fundação Getúlio Vargas
IAB – Instituto Adolpho Bauer
IBB – Instituto Black Bom
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IF – Instituto Federal
IFG – Instituto Federal de Goiás
IFGoiano – Instituto Federal Goiano
IFRJ – Instituto Federal do Rio de Janeiro
IME - Instituto de Matemática e Estatística
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPN – Instituto Pretos Novos
MEI - Microempreendedor Individual
ONG – Organização não Governamental
PM – Polícia Militar
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PUC - Pontifícia Universidade Católica

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas TI – Tecnologia da Informação

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNISUAM – Universidade Sul-Americana

SUMÁRIO

PRÓLOGO	18
RESUMO	20
ABSTRACT	21
1. INTRODUÇÃO	17
2. REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1 OS ESTUDOS SOBRE RAÇA E A ADMINISTRAÇÃO	21
2.2 RACISMO E SUA CONSTRUÇÃO.....	27
2.3 O LUGAR CONSTRUÍDO PARA O NEGRO NO BRASIL.....	34
2.4 A RAÇA, OS ESPAÇOS SOCIAIS E ORGANIZACIONAIS.....	43
2.5 EMPREENDEDORISMO	56
2.5.1 Empreendedorismo e questões raciais	64
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	72
4 RESULTADOS DA PESQUISA	80
4.1 A OPORTUNIDADE PARA ABRIR A EMPRESA	81
4.1.1 Planejamento	87
4.3 EMPREENDEDORISMO, MERCADO E RAÇA	108
4.4 ESTADO, EMPREENDEDORISMO E RAÇA.....	119
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS	158
APÊNDICES	165
ROTEIRO DE ENTREVISTAS	165

PRÓLOGO

Nasci na cidade de Mineiros, uma pequena cidade do sudoeste goiano que abriga até hoje grande parte de minha família tanto paterna quanto materna. Sou descendente de Pernambucanos que vieram a pé com toda a família até o estado de Goiás em busca de oportunidade. Logo muito novo minha mãe, minha irmã e eu mudamos para o Mato Grosso para acompanhar meu pai quando foi transferido de local de trabalho. Ele era gerente de uma unidade de uma rede de lojas de móveis e eletrodomésticos.

Morei no Mato Grosso por 15 anos, mas nunca me afeiçoei pela cidade ou me senti pertencente aquele local. Estranhamento esse que ainda carrego até hoje em relação àquela região. Durante as férias escolares, eu retornava à cidade de Mineiros. Lá, eu era acolhido e mimado de todas as formas por uma Avó que, amorosa, não escondia a predileção pelo neto. Estar de férias era vida. Eu tinha tios e primas da minha idade, a olaria do meu avô (que produziu os tijolos de boa parte da cidade e hoje, desapropriada, é um lago, ponto turístico) e as guloseimas e laranjinhas da vovó que eu conseguisse consumir.

As pessoas são complexas, a mesma avó que era um anjo comigo, religiosa (protestante), tinha uns posicionamentos sociais que eu questionaria hoje. O tom da cor de sua pele era algo que poderíamos definir, pelo senso comum brasileiro, como “morena clara”, em que pese seu fenótipo mais próximo ao indígena. Sua principal vaidade eram os cabelos pretos, longos e impecavelmente lisos. Já eu tenho olhos e cabelos em um castanho bem escuro. Os cabelos são lisos até um certo tamanho e, a medida que cresce, ele ganha cachos e volume. Quanto à pele... sei lá, é bem complicado categorizar, sou de um tom de “papel pardo molhado¹” extremamente volátil. Aquele que com a ajuda do sol deixa a marca da descendência negra bem evidente e que na ausência do mesmo, em um curto espaço de tempo, não passo de um amarelo bem desbotado.

Recordo-me de um dia de férias na casa de vovó, em Mineiros, enquanto eu estava brincando no sol, pendurado na janela da cozinha voltada para o quintal da casa da família, uma conhecida da igreja falou que eu era “bonitinho, tinha a cor de jambo”. Naquele momento, minha avó fechou o semblante e tratou de despachá-la com certa aspereza. À noite, perguntei à minha mãe o que era Jambo. Lembro-me ter de ficar horas pensando sobre aquela

¹ Escrevo aqui livremente sem a intenção de entrar em nenhuma discussão sobre classificação que é, até o momento, ao menos para mim, extremamente complexa. Indagado eu certamente declararia ser Negro de cor parda (recorrendo à fala do estudante de 19 anos, Miguel “sou negro de cor parda” no início do artigo do Sansone (2017) intitulado NEM SOMENTE PRETO OU NEGRO: o sistema de classificação racial no Brasil que muda).

palavra que tanto incomodou a minha avó.

Logo comecei a estudar na única escola particular da cidade com meus colegas filhos da elite agropecuária mato-grossense. Eu era o único aluno não branco, em que pese que a situação econômica de minha família não fosse das mais abastadas. Uso o termo não branco, pois no meu caso, e até o presente momento, ele me soa mais coerente. Eu acho o termo pardo tão “sem jeito” quanto moreno. Na minha certidão de nascimento está escrito “nascido branco” e, em algumas situações e até mesmo fora do país fui reconhecido como negro. O fato é que tenho uma dificuldade em me encaixar nas categorias e, na maioria das vezes, me sinto no meio, nem índio, nem negro e ainda menos branco.

Tive contato com discussões étnico-raciais na Universidade e, bem recentemente, comecei a olhar para trás e pensar muitas questões da minha vida e minha infância e, o que mais me incomoda, é que dia após dia eu percebo o quanto fui de certa forma “privilegiado” e o tanto que eu estava alienado quanto a isso. Digo de certa forma pois tive a oportunidade de ter uma boa formação básica, oportunidade que todos deveriam ter. Não é por acaso que dificilmente encontro/encontrei pessoas com as mesmas características que as minhas nos espaços que frequentei. Não as encontrei na escola particular, na Universidade e dificilmente encontro algum ocupando um cargo importante. Ou seja, de minha experiência de vida, as questões étnico-raciais influenciam e, de certo modo, determinam o lugar que ocupamos em nossa sociedade.

Na área de Administração, essa dinâmica de exclusão dos negros é realidade tanto do ponto de vista ocupacional (Quantos professores negros da área de Administração existem no curso que você estuda/trabalha leitor/a?), quanto do ponto de vista teórico, visto o pouco debate teórico que se tem realizado sobre o tema (O que você poderá perceber ao longo desse texto). Desse modo, para enfrentar esses desafios pessoas e acadêmicos, eu convido você a participar um pouco desse trabalho. Seja lendo, corrigindo ou refletindo no mar de ideias que eu te coloco daqui por diante....

RESUMO

O objetivo de pesquisa neste trabalho é compreender as influências raciais na constituição de empreendimentos por negros na região metropolitana do Rio de Janeiro. A escolha em trabalhar com a articulação destas duas categorias teóricas, raça e empreendedorismo, decorreu da lacuna teórica e empírica de pesquisas existente na área de Administração quando a temática é a proposta nesse trabalho. Apesar do empreendedorismo ter se consolidado no campo da Administração em termos de área de estudo, o tema raça ainda é pouco explorado no país nas pesquisas desenvolvidas nessa área. Sendo assim, nesse estudo, a contribuição teórica que apresento é discutir os efeitos da constituição das relações raciais no processo empreendedor realizado por negros no Brasil. A pesquisa qualitativa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com empreendedores. Os resultados da pesquisa foram analisados com a técnica de análise interpretativa para análise qualitativa em estudos que possuem base empírica, visando a identificação de categorias conceituais que possibilitem a compreensão sobre como a raça tem relação com o empreendedorismo no Brasil. Para a categorização foi feita de acordo com o modelo de processo empreendedor de Baron e Shane (2015). Foram entrevistados nove empreendedores negros com diferentes negócios na região metropolitana do Rio de Janeiro. As entrevistas colheram as percepções de cada entrevistado sobre raça, empreendedorismo e um pouco da história de vida de cada um. Essas entrevistas, somadas às experiências e percepções do pesquisador e seus registros comporam a parte empírica do estudo. Como resultado o estudo apresenta que a construção de raça e o “lugar” do negro possuem grande impacto na vida e no empreendimento de cada um dos entrevistados, na motivação, na identificação do negócio e no significado do próprio trabalho.

Palavras-chave: Raça. Negros. Empreendedorismo. Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This research aims at understanding the racial influences in the constitution of enterprises by black people in the metropolitan region of Rio de Janeiro. It is our intention to approach these two theoretical categories, race and entrepreneurship, due the theoretical and empirical gap of existing research in the Business Administration area concerning the proposed topic. Although entrepreneurship has consolidated itself as a research area in the field of Business Administration studies, race, as theme, is still unexplored by the investigations developed in this area. In this study, I present as a theoretical contribution a discussion on the effects of race in the constitution of entrepreneurial processes conducted by black people in Brazil. The qualitative research was conducted through half-structured interviews with entrepreneurs. The research results were analyzed under the technique of interpretive analysis for qualitative research for studies that have empirical basis, aiming to identify conceptual categories that enable understanding of how race can be related with entrepreneurship in Brazil. The categorization was made according to the entrepreneurial process model proposed by Baron and Shane (2015). Nine black entrepreneurs were interviewed. These entrepreneurs run different businesses in the metropolitan region of Rio de Janeiro. The interviews have collected the perceptions of each respondent about race, entrepreneurship and a bit of their life stories. These interviews, in addition to the researcher's experiences and perceptions and his records, composed the empirical part of the study. As a result, the study shows that the construction of race and the "place" of black people have great impact on the life and in the enterprise of each respondent, in motivation, in the identification of the business opportunity and in the meaning of their own work.

Keywords: Race. Black People. Entrepreneurship. Rio de Janeiro.

1. INTRODUÇÃO

“Durante os cinco séculos de Brasil, o racismo se instaurou, se reinventou, se camuflou, se metamorfoseou e sobreviveu” (SANTOS; SCOPINHO, 2015, p. 179).

Os debates sobre as questões raciais na área de Administração ainda são incipientes (CONCEIÇÃO, 2009). De certa forma, a negligência com os debates sobre esse tema reflete uma dinâmica camuflada de reinvenção do racismo à brasileira que encontrou no silêncio também uma forma de se reinventar, conforme debatem Santos e Scopinho (2015). Nesse sentido, uma das principais contribuições sociais que um estudo pode ter na área de Administração, quando envolve a questão racial, é falar sobre esse tema.

Essa dificuldade de debates sobre a questão racial na área de Administração pode ser relacionada a ideia de que no Brasil é difícil definir quem é negro, devido às nossas características de mestiçagem (FREYRE, 1962). Portanto, se não há como definir um sujeito, como torná-lo central na construção de um estudo? Outro aspecto relevante para o silenciamento desse debate é o argumento de que em nosso país a discriminação é pautada em questões econômicas e não raciais. Portanto, a centralidade dos debates deveria ser em fatores de exclusão socioeconômica e não racial.

Um dos autores que auxiliam na desconstrução destes argumentos é o sociólogo Oracy Nogueira (2006). Para o referido autor, diferentemente de outros lugares do mundo onde as bases dos preconceitos raciais estão na origem familiar das pessoas, o preconceito racial no Brasil em relação aos negros é diretamente proporcional às características negroides que são percebidas fisicamente, principalmente a cor da pele e tipo de cabelo. A esse tipo de preconceito à moda brasileira, Nogueira (2006) denomina de preconceito de marca².

Esse preconceito é construído a partir de uma concepção de que as pessoas são racializadas, ou seja, pertencentes a uma raça. É preciso destacar que o conceito de raça, conforme propõe Hall (2003, p. 63), não é constituído por determinações exclusivamente biológicas, mas se refere a uma categoria discursiva que organiza:

² O sociólogo brasileiro Oracy Nogueira (1917-1996) foi um dos estudiosos contratados pela UNESCO na década de 50 para pesquisar a aparente harmonia das relações raciais no Brasil. Através de seus estudos ele cunhou a expressão “preconceito de marca”, que significa que o preconceito que o indivíduo está sujeito a sofrer e sofre de fato é diretamente proporcional às marcas, características negroides que esse sujeito possui. O termo preconceito de marca teve e ainda tem grande aceitação na academia sendo utilizado por diversos autores. Recentemente a USP republicou boa parte dos estudos de Nogueira no formato digital e por isso a referência é de 2006, uma década após sua morte.

[...] formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas e corporais – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo do outro.

Esse preconceito de marca pautado em raça é característica brasileira presente na sociedade e em nossas instituições que segregam de acordo com a aparência física. Nesse ponto, Sansone (2003) contribui para entendermos essa dinâmica social do preconceito de marca, pois o referido autor discute seus efeitos na construção dos espaços sociais. Sansone (2003) apresenta que no Brasil a questão racial pode ser observada a partir da construção de três tipos diferentes de espaços: áreas duras, áreas moles e espaços negros.

As áreas moles são espaços onde não há restrições em relação a circulação de população negra, a exemplo do futebol e do carnaval. Os espaços negros são locais onde ser negro e trazer elementos culturais negros são valorizados, a exemplo dos blocos afros (SANSONE, 2003). Destaco que a partir dos debates propostos por Sansone (2003), a construção dos espaços sociais no Brasil a partir dos critérios raciais é pautada em questões da cor da pele, conforme apresenta Nogueira (2006).

As áreas duras são espaços onde não há possibilidade de produção de um contínuo de cor, ou seja, ou você é ou não negro (SANSONE, 2003). Nesse caso, há posições bem delimitadas para as pessoas que fazem parte destes espaços. Sansone (2003) destaca como áreas duras para os negros os matrimônios, as relações com a polícia, a dimensão institucional da sociedade como um todo, o que inclui e tem como destaque o mercado de trabalho. Isso é comprovado com dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bem como do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), onde a negros, mesmo quando tem a mesma qualificação que um branco, recebem um salário inferior ao segundo grupo.

De acordo com dados do IBGE (2017), pretos e pardos³, que compõem a população negra no Brasil, são aproximadamente 53% dos brasileiros. Entretanto, pretos e pardos recebem, em média, 59% do salário de uma pessoa branca. Mesmo quando ocupam o mesmo cargo e formação profissional, os negros recebem, em geral, menos que os brancos. Sendo assim, os dados empíricos evidenciam a construção teórica até aqui discutida de que o preconceito de marca no Brasil produz o mercado de trabalho como sendo um espaço social duro para os negros.

³ Pretos e pardos são os termos utilizados pelo IBGE para categorizar negros e mestiços de brancos com negros, respectivamente.

Essa dinâmica do trabalho como um espaço duro para os negros não se limita a questões relacionadas a emprego formal em uma organização. Para empreender e ter a sua própria empresa, também há evidências de que o preconceito de marca influencia esse processo. Segundo o estudo do Serviço Brasileiro de Apoio às micro e pequenas Empresas (SEBRAE,2015), com relação à ocupação, podemos fazer uma divisão sobre a estrutura de empreendimentos em dois grupos distintos: o grupo que trabalha por conta própria (trabalham sozinhos) e os empregadores (que empregam ao menos um funcionário).

De acordo com dados do SEBRAE (2015), a partir dos dados processados pelo IBGE utilizando a PNAD de 2013, 91% dos empreendedores negros possuem negócio de um dono só e apenas 9% são empregadores, enquanto que os declarados brancos essa diferença é reduzida substancialmente para 78% trabalham por conta própria e 22% são empregadores.

A mesma pesquisa demonstra que do total de empregadores em 2013 em nosso país (3,6 milhões) 68% são brancos, 30% são negros (incluindo pretos e pardos) e 2% são de outros grupos sociais. O estudo de Oliveira, Pereira e Souza (2013) traz outros dados relevantes sobre essa temática. As referidas autoras, com base no estudo de Paixão (2003), destacam que 39% dos negros empreendedores possuem apenas 1 funcionário enquanto 31% dos brancos possuem em média 5 funcionários. Portanto, a partir destes dados, é possível observar evidências de que a raça influencia o empreendedorismo no país. A questão que se coloca é: como esse processo acontece?

Se a temática da raça ainda é escassa de estudos na área de Administração, em especial em Empreendedorismo, e os dados empíricos demonstram que a atividade empreendedora formalizada ainda é incipiente quando pensada em relação aos negros, ao relacionarmos essas duas dinâmicas como base de estudos, o resultado é que pouca pesquisa tem sido realizada no sentido de compreender como raça e empreendedorismo se articulam (OLIVEIRA; PEREIRA; SOUZA, 2013; DAVIES, 2009; PAIXÃO, 2003). A partir dessa lacuna de estudos na área de Administração que esse projeto de pesquisa se insere. Para o desenvolvimento dessa proposição de discussões, o problema de pesquisa que eu apresento nesse estudo é: como a raça influencia o empreendedorismo desenvolvido por negros no Brasil?

Para o desenvolvimento desse questionamento, realizei uma pesquisa qualitativa com pessoas negras que fundaram e são gestoras de empreendimentos na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro. A escolha dessa localidade de estudo ocorreu, pois, essa localidade é a que apresenta um dos maiores índices de população negra no Brasil, se acordo com dados do IBGE (2017). Além disso, o Rio de Janeiro é o local onde foi desenvolvido um projeto do SEBRAE específico para a qualificação dos empreendedores

negros, O SEBRAE Rio de Janeiro Desenvolveu um estudo intitulado: Feiras de Afro empreendedores – Análise de um mercado emergente no Rio de Janeiro. Nesse estudo é feita uma análise do mercado envolvendo consumo e o perfil do Afro empreendedor Carioca. O Sebrae, em parceria com outras organizações como o Instituto Black Bom tem promovido minicursos, palestras e workshops para empreendedores e potenciais empreendedores negros. Tive a oportunidade de conhecer o Afrolab, iniciativa do Sebrae e Instituto Black Bom para a capacitação e formação de empreendedores negros que aconteceu na sede do IBB entre os meses de setembro e outubro desse ano. Ademais, o Rio de Janeiro é uma cidade com grande número de feiras étnicas voltadas para o Afro empreendedorismo (SEBRAE, 2017).

O Rio de Janeiro possui importância histórica para a população negra, o Cais do Valongo localizado no Bairro da Saúde, região portuária do Rio de Janeiro é o mais importante vestígio do tráfico negreiro fora da África, o Brasil recebeu 40% de todos os negros escravizados que foram mandados para as Américas e 60% deles desembarcaram no Cais do Valongo que foi declarado esse ano como Patrimônio da Humanidade (BARTHOLINI, 2017). A região do Cais do Valongo era conhecida como “pequena África” por ter uma das (senão a) maiores concentrações de negros fora do continente africano (IPN, 2017). O Cais do Valongo tem grande importância e faz parte do Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Cultura da Herança Africana que foi reconhecido pelo decreto municipal 34.803 de 29/11/2011 (PORTO MARAVILHA, 2017).

Se não bastasse a importância histórica, o Rio de Janeiro, quando se trata de empreendedores negros, possui grande importância econômica, o estado possui 7% de todos os empreendedores autodeclarados negros do Brasil segundo levantamento do Sebrae (2015).

Portanto, o objetivo geral dessa pesquisa foi compreender as influências raciais na constituição do processo empreendedor dos negros na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Os objetivos específicos são:

1. Identificar o entendimento sobre raça dos empreendedores negros entrevistados;
2. Discutir as percepções dos entrevistados sobre a questão do empreendedorismo na região Metropolitana do Rio de Janeiro;
3. Apresentar elementos das questões raciais que influenciam o processo empreendedor na localidade em estudo.

Vale lembrar que essa pesquisa foi realizada com “donos de negócio negros” e não apenas com afroempreendedores. De acordo com o SEBRAE (2017, p.17) “Dono de negócio negro é proprietário preto ou pardo de qualquer empresa de comércio/serviços” enquanto

Afroempreendedor “é o pequeno empresário que se declara negro e que manufatura e/ou comercializa produtos voltados para sua própria etnia.”

Este trabalho possui a seguinte estrutura: a fundamentação teórica, após essa seção, é dedicada a uma discussão sobre os conceitos de raça, racismo, negro e como o Brasil se organizou enquanto sociedade a partir de uma estrutura de hierarquização racial, onde os negros ocupam historicamente lugar desprivilegiados em nossa sociedade. Nessa seção, também será discutido como a raça tem sido negligenciado na área de Administração do ponto de vista teórico e empírico apresentando também um debate sobre empreendedorismo no país, expondo dados empíricos de institutos de pesquisas e trabalhos que relacionam, diretamente ou não, à questão da raça na dinâmica empreendedora dos negros no Brasil. O capítulo 3 apresenta os procedimentos metodológicos e como o trabalho de campo foi desenvolvido, destacando o acesso aos entrevistados e a produção do material para a análise desse estudo. A quarta seção trata da análise produzida após a realização da pesquisa de campo. Nessa seção apresento os resultados da pesquisa estabelecendo um diálogo entre o trabalho de campo e o referencial teórico (categorias de análise). Na última seção, nas considerações finais, abordo as conclusões da pesquisa, as minhas percepções sobre o tema, as limitações para pesquisa e aponto propostas para novos estudos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A seção teórica está dividida em dois momentos. Na primeira parte há uma discussão breve sobre o que os conceitos de raça, etnia, preconceito e racismo e suas construções sociais. Na segunda parte discuto sobre o trabalho, o negro no mercado de trabalho e o negro empreendedor.

2.1 OS ESTUDOS SOBRE RAÇA E A ADMINISTRAÇÃO

Ainda que o tema “raça” tenha sido foco de diversos estudos no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, na área da Administração esse é um debate que ainda precisa ser feito. Poucos estudos sobre raça têm se desenvolvido na área de Administração e, desta forma, nota-se que nos espaços organizacionais os negros constituem um grupo social excluído tanto do ponto de vista econômico, quanto dos maiores níveis hierárquicos das organizações, independente do setor de atuação (CONCEIÇÃO, 2009).

Neste estudo, pretendo discutir o tema raça com o intuito de ampliar esse debate na área de Administração. Isso porque, o questionamento sobre raça pode gerar as mais diversas reações de acordo com o uso e significado atribuídos ao termo. Questionamento esse que pode ter diferentes sentidos variando em virtude da situação em que é feito ou por quem ele é feito, porque:

[...] o conceito de raça pode nos remeter a diversas dimensões como a possibilidade de diferenciação entre os seres humanos, a escravidão, o racismo, a luta política pela afirmação da identidade negra e as imagens construídas e mantidas sobre “ser negro” e “ser branco” em nosso país (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 174).

O termo raça foi inicialmente usado para classes de animais com origem comum, trata-se, portanto, de um sentido biológico que já foi utilizado, por exemplo, pelo nazismo para promover a segregação, morte e dominação de milhões de pessoas baseada na supremacia da raça “branca pura”. O movimento negro rejeita a ideia de raças superiores e inferiores, mas faz uso do termo para reconhecer a diferença nos grupos humanos, mesmo que sem atribuir qualidades (MUNANGA; GOMES, 2006). O uso desse termo é atribuído de um sentido político como forma de sinalizar as situações extremamente desiguais entre brancos e não negros (morenos, mulatos, pretos e pardos), pois, como afirmam Munanga e Gomes (2006, p. 176) “a identificação de raças é na realidade, uma construção social, política e cultural produzida no interior das relações sociais e de poder ao longo do processo histórico”.

Entretanto, a ideia de raça como marcador estático e biológico foi utilizada por um longo tempo para legitimar a superioridade das raças em detrimento de outras. A aproximação da compreensão ecológica juntamente com a teoria de Lamarck criou um estigma que os negros seriam inferiores em virtude do clima e também da herança genética. Os negros estariam, portanto, seguindo por esta teoria, atrasados na “evolução das espécies” e, como as mudanças genéticas são lentas, iriam demorar muitas gerações para alcançar uma sociedade avançada (SANTOS, 2002).

Com o desenvolvimento dos estudos geológicos e de descobertas sobre a idade da terra, apesar de apontarem que a África era tão antiga ou mais quanto a população Europeia, a ciência apontou evidências que refutam a interpretação que o negro era descendente de uma raça branca que teria enegrecido por ação climática, o que contrasta com a ideia que “a negrura atestava sua inferioridade inata, hereditária e inelutável” (SANTOS, 2002, p. 56).

De acordo com Munanga (2003b), apesar de os estudiosos chegarem à conclusão que raça não é realidade biológica, mas um conceito, o que a caracterizou como cientificamente inoperante, a raça é utilizada para justificar e dividir a diversidade humana, pois é construída e

sustentada em meio a relações sociais e politicamente sustentadas em traços físicos, além de que:

O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação (MUNANGA, 2003b, p. 5).

O conceito de raça carrega consigo uma ideologia e, como toda ideologia, esconde algo que não foi proclamado, neste caso, a relação de dominação, a relação de poder que envolve a ideia da raça. Apesar de ser apresentada como uma categoria natural ou biológica, a raça é na verdade uma categoria etnosemântica, pois “o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam” (MUNANGA, 2003b, p. 6).

Apesar de raça não existir para um geneticista contemporâneo ou para um biólogo molecular, ela é algo concreto na representação coletiva e no imaginário de diversas populações contemporâneas, sejam raças fictícias ou construídas baseadas em diferenças fenotípicas ou critérios morfológicos como a cor da pele e o tipo de cabelo. Essas “raças sociais” ou “raças fictícias”, como as tidas desde a centralização do poder político e econômico hegemônico pela cultura ocidental produzem e reproduzem racismos populares (MUNANGAa, b, 2003).

Biólogos antirracistas manifestaram o desejo de banir de textos e dicionários científicos o conceito de raça. Entretanto, o conceito persiste e é utilizado tanto popularmente como em estudos e trabalhos na área de ciências sociais. Apesar desses concordarem com a biologia humana atual no que se refere à inexistência científica e da inoperabilidade do conceito de raça, ele é utilizado como construção sociológica de categorias sociais de exclusão e dominação, sendo que o termo raça passou a ser utilizado para uma realidade político-social (MUNANGAb, 2003). Como aponta Munanga (2003b, p.7):

É absurdo pensar que os caracteres adaptativos sejam no absoluto “melhores” ou “menos bons”, “superiores” ou “inferiores” que outros. Uma sociedade que deseja maximizar as vantagens da diversidade genética de seus membros deve ser igualitária, isto é, oferecer aos diferentes indivíduos a possibilidade de escolher entre caminhos, meios e modos de vida diversos, de acordo com as disposições naturais de cada um. A igualdade supõe também o respeito do indivíduo naquilo que tem de

único, como a diversidade étnica e cultural e o reconhecimento do direito que tem toda pessoa e toda cultura de cultivar sua especificidade, pois fazendo isso, elas contribuem a enriquecer a diversidade cultural geral da humanidade.

A questão da raça nesse contexto, longe de ser algo dado pela natureza, é algo histórico, de produção cultural pois aprendemos a enxergar raças. Fomos ensinados a ver os negros e os brancos como diferentes, concepção fundamentalmente reificada por meio da educação e, dessa forma, somos condicionados a classificar, comparar e perceber as diferenças além de tratar essas diferenças de forma desigual. Por viver em um país estruturalmente racista, esse racismo foi perpetuado mesmo após a abolição da escravatura e, nos dias atuais, a desigualdade racial tem sido ainda mais alimentada e reproduzida em nossas instituições (MUNANGA; GOMES, 2006).

Os pesquisadores brasileiros na área das relações étnico-raciais utilizam com maior frequência o conceito de raça, não afirmando uma realidade biológica, mas explicando o racismo, uma vez que esse fenômeno ainda se baseia na crença da existência de raças que estariam dispostas hierarquicamente. O debate do conceito de raça é importante, ainda que não haja correspondência biológica, mas sim representações mentais que atuam no imaginário coletivo de povos e sociedades contemporâneas (MUNANGA; GOMES, 2006).

No campo científico, alguns pesquisadores substituem o conceito de raça por etnia, pois esse seria considerado mais “politicamente correto”. Entretanto, a mudança de termo não muda a realidade e nem destrói a relação de hierarquia presente nas sociedades onde o elemento fundamental dessa hierarquia é o racismo e, este se reformula baseado em qualquer conceito, não precisando nem mesmo de variante biológica (MUNANGA a, b, 2003).

Nesse sentido, considero o conceito de raça, assim como Hall (2003, p. 69 – grifo nosso):

Conceitualmente, a categoria “raça” não é científica. As diferenças atribuíveis à “raça” numa mesma população são tão grandes quanto aquelas encontradas entre populações racialmente definidas. **“Raça” é uma construção política e social** e a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão — ou seja, o racismo.

Esse conceito de raça apresentado por Hall (2003) é relevante, pois, para o referido autor, é necessário a desconstrução da perspectiva biológica desse termo destacando a produção social e política que esse conceito teve e tem ao longo dos anos para categorizar e organizar os sujeitos sociais a partir de uma perspectiva hierárquica. Com efeito, não falar em

raça é silenciar processos políticos sociais que interferem na dinâmica das interações entre indivíduos e conseqüentemente a dinâmica dentro das organizações.

De acordo com Sansone (2003, p. 16) “raça é uma categoria êmica - nativa - muito poderosa”. Entretanto, Sansone (2003) prefere desconstruir a ideia de raça como categoria social fixa e processualizar esse debate utilizando o termo racialização, ou processos de racialização, indicando que “raça é uma das muitas maneiras de expressar e vivenciar a etnicidade- uma maneira que coloca ênfase no fenótipo” (SANSONE, 2003, p 16).

De acordo com Munanga (2003b), é necessária uma consciência política dessa dinâmica. Para o autor:

A questão é saber se todos têm consciência do conteúdo político dessas expressões e evitam cair no biologismo, pensando que os negros produzem cultura e identidade negras como as laranjeiras produzem laranjas e as mangueiras as mangas. Esta identidade política é uma identidade unificadora em busca de propostas transformadoras da realidade do negro no Brasil. Ela se opõe a uma outra identidade unificadora proposta pela ideologia dominante, ou seja, a identidade mestiça, que além de buscar a unidade nacional visa também a legitimação da chamada democracia racial brasileira e a conservação do status quo (MUNANGAb, 2003, p. 15).

No caso do Brasil, esse debate sobre raça ou processos de racialização ocorreu especialmente a partir da construção do que é ser negro e do que é ser branco. O que define ser negro ou ser branco não possui um marcador estático, mas depende das particularidades do país, seu território e o tempo e espaço (SANSONE, 2003). E raça e etnicidade possuem conceitos atrelados uma vez que:

[...] no Brasil, como em muitos outros contextos, raça e etnicidade se entrelaçam: a raça existe e é praticada graças a um conjunto de símbolos étnicos, ao passo que a identificação étnica é frequentemente racializada — adquire conotações fenotípicas” (SANSONE, 2003, p. 249).

E, continua, o autor:

Sem dúvida, é frequente haver apenas uma linha muito tênue separando a etnicidade da “raça”. Por um lado, não há uma necessidade absoluta de que a etnicidade seja entendida em termos raciais, ou de que se articule através de um discurso racista. A etnicidade pode existir sem a raça, e a raça, sem a etnicidade. É claro que a “raça” (isto é, o fenótipo africano) é menos maleável do que a etnicidade (por exemplo, o uso de tranças e de roupas afro – que nos Estados Unidos se chamam de roupa kente), nem que seja porque, com muita frequência, as pessoas de fora lembram ao indivíduo que ele não pode escapar de sua condição racial (SANSONE, 2003, p. 255).

De acordo com Munanga (2003b) raça e etnia são termos com significados bem distintos, mas se entrelaçam por possuírem alguns pontos comuns:

O conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sociocultural, histórico e psicológico. Um conjunto populacional dito raça “branca”, “negra” e “amarela”, pode conter em seu seio diversas etnias. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território (MUNANGA, 2003b, p. 12).

Alguns pesquisadores, intelectuais e educadores preferem utilizar o termo etnia para designar os negros, pois o termo etnia não carrega o sentido biológico atribuído a raça e, após ao período marcado pelo nazismo, as ideias de racismo e raça no sentido biológico passaram a ser inaceitáveis, e o termo etnia passou a se tornar mais adequado para se referir a judeus, negros e índios que tem uma ancestralidade e, mais que características biológicas, herdaram história e cultura (MUNANGA; GOMES, 2006).

[...] as diferenças, mais do que dados da natureza, são construções sociais, culturais e políticas. Aprendemos, desde crianças, a olhar a diversidade humana – ou seja, as nossas semelhanças e dessemelhanças – a partir das particularidades: diferentes formas de corpo, diferentes cores de pele, tipos de cabelo, formatos de olho etc. Contudo, como estamos imersos em relações de poder e de dominação política e cultural, nem sempre percebemos que aprendemos a ver as diferenças e semelhanças de forma hierarquizada: perfeições e imperfeições, beleza e feiura, inferioridade e superioridade (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 178).

Outros estudiosos, tendo em vista a complexidade do “ser negro no Brasil”, preferem a expressão “étnico/racial” para explicitar que se referem tanto a nível racial, tudo o que é observável visivelmente como características físicas, cor da pele e o tipo de cabelo, como o sentido cultural com a ancestralidade e as tradições (MUNANGA; GOMES, 2006).

Nesse trabalho, adoto o conceito de raça para as discussões da pesquisa, visto que esse conceito representa um fenômeno social estruturante em nossa sociedade e delimita de forma mais objetiva as posições sociais, incluindo nos espaços organizacionais e nas relações de trabalho. Para tanto, na próxima seção do trabalho, discuto uma das principais formas de manifestação das relações raciais em nossa sociedade: o racismo.

2.2 RACISMO E SUA CONSTRUÇÃO

De acordo com Hofbauer (2003), “o ‘racismo’ é um fenômeno social complexo: não é “apenas” discriminação e humilhação, mas é também o discurso sobre os processos de inclusão e exclusão. E para melhor compreensão do racismo é necessário analisar os contextos sociais, culturais, políticos e históricos juntamente com a construção de ideias, os quais, segundo o autor:

[...] não existe um “ethos brasileiro” descolado das “relações raciais” como também é possível mostrar que “raças” e/ou “cores” não têm uma existência própria, não têm um significado que independa do “mundo dos valores” e dos “ideais culturais” (HOFBAUER, 2003, p. 17).

Hofbauer (2003) argumenta ainda que a ambiguidade da cor da pele no Brasil não deve ser vista como uma simples metáfora ou uma imagem de raça figurada e, racializar as diferenças não é o único método para questionar os mitos que levam à discriminação racial, ao considerar que:

Para entendermos o funcionamento do racismo brasileiro, parece-me que é importante levar a sério também as auto-representações, os discursos dos indivíduos, uma vez que dão acesso ao —mundo simbólico, aos valores, aos ideais sócio-culturais, às ideologias, que, em última instância, orientam e justificam tanto a percepção da realidade, como as ações individuais (HOFBAUER, 2003, p. 16).

De acordo com Santos (2002), as ciências e as artes ajudaram a produzir e reproduzir a imagem de inferioridade dos negros no Brasil com o apoio da “ciência”, pois foi por meio destes mecanismos que a ideologia da raça foi tornando-se mais aceita e verdadeira e a ideologia do racismo era cada vez mais persuasiva.

A raça se relaciona com a estrutura estratificada da sociedade e, após a abolição da escravatura no Brasil, o racismo adquiriu outras funções e significados pela alteração da estrutura social. Na contemporaneidade, o racismo é mais do que uma estratégia de sobrevivência como foi no passado, pois os colonizadores precisavam da mão de obra escrava negra para a produção dos bens e riquezas, e o domínio dos escravos fazia com que os senhores continuassem com um status e poder político e econômico, um lugar social elevado na dinâmica das classes. O discurso racial/racista ganha importância no processo de distribuir, classificar e categorizar as pessoas em uma hierarquia social se relacionando com a reprodução de classes sociais e a estratificação social (HASENBALG, 1982).

Dessa forma, entre os diversos usos sociais da discussão racial em nosso cotidiano, há aqueles que tem por objetivo a produção política das diferenças, as quais denominamos de desigualdades. Estas desigualdades quando pautadas em critérios raciais produzem o que denominamos de racismo. O racismo tenta legitimar a exclusão racial justificando diferenças sociais e culturais em termos também de distinções biológicas e genéticas:

Esse “efeito de naturalização” parece transformar a diferença racial em um “fato” fixo e científico, que não responde a mudança ou a engenharia social reformista. Essa referenda discursiva a natureza e algo que o racismo contra o negro compartilha com o anti-semitismo e com o sexismo (em que também “a biologia e o destino”), porém, menos com a questão de classe. O problema é que o nível genético não é imediatamente visível. Daí que, nesse tipo de discurso, as diferenças genéticas (supostamente escondidas na estrutura dos genes) são “materializadas” e podem ser “lidas” nos significantes corporais visíveis e facilmente reconhecíveis, tais como a cor da pele, as características físicas do cabelo, as feições do rosto (por exemplo, o nariz aquilino do judeu), o tipo físico e etc., o que permite seu funcionamento enquanto mecanismos de fechamento discursivo em situações cotidianas (HALL, 2003, p. 69-70).

Mesmo decorridos quase 140 anos da abolição da escravatura dos negros no Brasil e, quanto mais nos afastamos do período escravocrata, menos ele pode ser utilizado como causa da desigualdade entre negros e brancos a desigualdade passa a ser colocada no intercâmbio desigual entre as raças e as relações estruturais. A desigualdade pode ser explicada pela prática racista dos grupos racialmente dominantes e da desigual distribuição geográfica. Os negros estavam concentrados em regiões agrárias e menos desenvolvidas do Brasil e, nesses locais, as oportunidades, tanto educacionais quanto econômicas eram bem menores que em espaços com maior concentração de população branca, como o Sudeste⁴. A população branca que era formada pelos colonizadores portugueses que cresceu posteriormente com as políticas de imigração de europeus do fim do regime da escravidão até 1930 (HASENBALG, 1982).

As desigualdades raciais operam no presente ainda de acordo com a ideia da “democracia social”, onde se sugere que brancos e negros têm as mesmas condições de oportunidades. Entretanto, os não brancos tem maiores probabilidades de mobilidade social

⁴ No Brasil, a maior concentração de negros é no norte e nordeste, os europeus brancos ocuparam as regiões do sul e sudeste. Entretanto no sudeste se concentrou grande quantidade de população negra. Desde o processo de descoberta do ouro em MG até o início do cultivo do café em RJ-MG-SP, passando ainda pelos trabalhadores escravos que sustentavam a capital no RJ. A questão do povoamento do país é um tanto quanto delicada e controversa. Para chegar a uma conclusão sobre esse ponto e fazer uma espécie de “tira teima do lance”, seria necessário recorrer aos censos populacionais da época. Porém, os mesmos sofreram influências subjetivas e políticas e não apresentam a realidade pois a população de escravos e a cor deles era heteroatribuída por seus donos.

descendente, correndo menos risco de perder posições que foram conquistadas pela geração anterior (HASENBALG, 1982).

Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas, suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo à qual ele pertence (MUNANGA, 2003b, p. 7-8).

Essa concepção de racismo que tem por base a vertente biológica começa a mudar a partir dos anos 70 devido ao avanço das ciências biológicas como a genética humana, a bioquímica e a biologia molecular, fazendo com que a realidade científica do conceito de raça caísse em descrédito. Entretanto, no mesmo período há um certo esvaziamento conceitual do que é racismo. Em decorrência disso, passa-se a utilizar popularmente a palavra racismo para designar as relações de desvantagem, de injustiça ou de rejeição social também como forma de estigma corporal, a exemplo da utilização de termos pejorativos como “cabelo ruim” (MUNANGA, 2003b).

Muitas pessoas acreditam na harmonia das relações raciais, como se as relações entre brancos e negros fossem marcadas pela igualdade e solidariedade em virtude de conformarem um mesmo povo, o povo brasileiro. Outras, no entanto, acreditam em diferenças qualitativas que distinguem um grupo social do outro e assumem a falsa ideia de superioridade dentre eles. O racismo existe, mas se manifesta de maneira complexa demandando muito cuidado ao lidar com questões raciais, ele é caracterizado pela aversão ou as vezes o ódio⁵ em relação às pessoas que pertencem a certo grupo racial que são identificadas por características observáveis. Ele se constitui, portanto, como resultado da crença na existência de humanos superiores e inferiores. Os pesquisadores que se dedicam ao estudo do racismo percebem que ele se expressa tanto de forma individual como de forma institucional (MUNANGA; GOMES, 2006).

⁵ O ódio se manifesta de diferentes formas: desde a predileção em alguns espaços e situações até agressões físicas e verbais. Um exemplo disso é a internet, meio de comunicação mais democrático, que tem sido utilizada para propagar discursos de ódio.

Seguindo esta compreensão, logo após o fim da segunda guerra mundial, os estudos realizados sobre a temática do racismo no Brasil lidavam enquanto sinônimo de preconceito, ou seja, o racismo era tratado como um fenômeno individual, dessa forma, as pesquisas realizadas tanto neste país quanto no Estados Unidos, por exemplo, em virtude dessa perspectiva, buscavam mensurar quantitativamente a discriminação e os preconceitos individuais. Esse preconceito que o indivíduo nutria por determinado grupo (nesse caso os negros) seria explicado por traços de sua personalidade ou pelo ódio (BARRETO, 2006).

Essa perspectiva passou a ser questionada pelos estudos da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) que, em um contexto marcado pelo nazismo, escolheu o Brasil como modelo para tentar “ensinar” ao resto do mundo como raças diferentes poderiam conviver harmonicamente. Nos estudos encomendados pela Unesco, os pesquisadores começaram a perceber a existência de disputa entre os grupos e questões de poder envolvendo grupos racialmente distintos (BARRETO, 2006).

Esses estudiosos documentaram dificuldades de ascensão por pardos e negros, mediram a distância social entre os dois grupos, recolheram ditados racistas, observaram limites entre as interações sociais de brancos e negros e como resultado seus estudos, como salientam os autores “evidenciaram que existia um abismo entre as posições normativas, de adesão aos valores igualitários, aceitos pela maioria dos entrevistados e as posições quanto à aplicação prática desses princípios” (OLIVEIRA; BARRETO, 2003, p. 190). A partir daí passou-se a associar o racismo não apenas às questões de cunho individual e sim com uma abordagem de um racismo institucional, que fazia parte da estrutura da sociedade brasileira. Essa perspectiva transformou-se em uma corrente que tem norteado os estudos sobre as desigualdades raciais desde a década de 80. Essa abordagem ganhou força com as pesquisas da escola Paulista, tendo um dos ícones Florestan Fernandes. Entretanto, apesar de várias pesquisas avançarem sobre o tema do racismo, racismo esse institucional que faz parte da estrutura social brasileira, ainda existe uma dificuldade muito grande em admitir a existência do racismo. Pesquisas demonstram que o racismo institucional ainda não é percebido pela maior parcela da população, que apesar de sentir os seus efeitos, ainda relaciona o racismo como uma tendência de preconceito individual (OLIVEIRA; BARRETO, 2003).

Uma outra característica importante na sociedade brasileira é que o brasileiro não assume enquanto racista, ele não reconhece o racismo em si, mas, contraditoriamente o reconhece nos outros. Segundo Barreto (2006, p. 2):

Quando perguntada, a população demonstra reconhecer que em geral há preconceito ou discriminação contra os negros, mas quando esses indivíduos são questionados sobre o possível preconceito que eles próprios teriam, a maioria, quase a mesma proporção, diz que não. Então, é como se reconhecesse de maneira geral, mas não admitisse em si próprio.

Schwarcz (2007) destaca que a percepção dos brasileiros é de que o racismo está presente nos outros e não no indivíduo que é questionado. Dessa forma, a autora afirma que “todo brasileiro se sente como uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados” (SCHWARCZ, 2007, p. 3). Há ainda um grande desconforto em falar de racismo no Brasil e “no caso brasileiro é sabido que a etiqueta ética/moral de relações raciais vigente na sociedade desaprova as manifestações flagrantes de estigmatização com base em distinções de cor (OLIVEIRA; BARRETO, 2003, p. 12).

Na pesquisa de Oliveira e Barreto (2003), em que foi analisada a percepção da população fluminense sobre o racismo, o resultado é um significativo descompasso entre a percepção do racismo e a identificação do preconceito racial. A percepção do racismo está relacionada a como os indivíduos percebem a sociedade de maneira geral, enquanto a identificação do preconceito racial refere-se a como o indivíduo percebe a si mesmo.

Esse descompasso entre a autopercepção – via de regra como um indivíduo sem preconceito racial – e a percepção acerca da sociedade – onde se reconhece que existe racismo – já foi objeto de análise em outras pesquisas sobre as atitudes raciais no Brasil, mas continua sendo uma questão mal compreendida ou não resolvida (OLIVEIRA; BARRETO, 2003 p. 5).

Esta auto percepção, assim como a percepção a respeito do racismo na sociedade, não são estáticas, mas variam de acordo com as proposições do “racismo à brasileira” ou do “preconceito de marca”, além de que estabelece estreita relação com a discussão dos espaços (NOGUEIRA, 2006; SANSONE, 2003).

[...] o que se observa é que existe um gradiente de percepção do racismo que acompanha o gradiente de cor, de maneira que se considerarmos o subgrupo formado por aqueles que têm alta percepção do racismo vemos que é maior a proporção de “pretos”, seguidos de perto por “pardos” e “indígenas”, vindo então os “amarelos” e, por último, os “brancos”. Isto significa que, quanto mais “escuro” o indivíduo, maiores são as chances de ele identificar a existência de racismo no Brasil. De modo inverso, considerando aqueles que têm baixa percepção do racismo, é maior a proporção de “brancos”, seguido por “pardos”, “indígenas” e, por último, os “pretos”. Vale ressaltar que, embora não exista uma oposição total entre a percepção de “brancos” e “negros” (considerando aqui o resultado do somatório de “pretos” e “pardos”), a cor é uma variável que interfere na intensidade com que o racismo é percebido. Em outras palavras, “brancos” e “negros” têm percepções distintas, mas não opostas, do racismo. Além disso, existem graus de percepção

distintos também entre os “negros”, ou seja, os “pretos” apontam existir mais racismo do que os “pardos”. Este resultado pode ser explicado pelas próprias características do racismo brasileiro que, sem excluir todos os negros em todas as situações, pretere alguns deles em determinadas situações e sob certas condições (OLIVEIRA; BARRETO, 2003, p. 17).

Caminhando para uma melhor compreensão, integração e convívio social, é importante que os brasileiros evitem expressões verbais racistas, mas a questão do racismo é maior que a dimensão individual, já que o branco⁶ tem privilégios sociais que extrapolam resultados desta dimensão. Este processo é resultado da dinâmica estrutural e a dificuldade na admissão deste fenômeno afeta o combate ao racismo além de isentar, de certa forma, o Estado, na formulação de políticas antirracistas (OLIVEIRA; BARRETO, 2003).

Nas definições que estão sendo popularizadas o racismo tem sido entendido como sinônimo de preconceito e discriminação, e não mais como sinônimo de segregação. Estamos diante, portanto, da percepção do “racismo de atitude”, mas restaria analisar até que ponto há percepção do “racismo de sistema” (ou “racismo institucional”). Isso é muito importante tendo em vista que a mudança das atitudes individuais – no sentido de menor verbalização dos estereótipos negativos associados aos negros e de maior aceitação da proximidade social – não tem sido acompanhada da diminuição das desigualdades raciais que continuaram a crescer durante as décadas de 1980 e 1990. Nesse novo contexto, é crucial que compreendamos melhor a relação existente entre as atitudes individuais e a dinâmica estrutural, evitando o reducionismo individualista ou estruturalista (OLIVEIRA; BARRETO, 2003, p. 22).

No Brasil, a realidade é distinta dos outros países, uma vez que por mais que as pesquisas apontem para a existência do racismo, uma grande parte da população tende a negar a sua existência enquanto suas práticas e, quanto mais a sociedade, o poder público e a escola neguem, mais o racismo se alastra, se amplia socialmente (MUNANGA; GOMES, 2006).

Ainda segundo os autores, o preconceito racial no Brasil é perpetuado e revela o sistema social racista que existe no país e produz desigualdades dentro da sociedade e, para reverter esse cenário, é necessário discutir formas de superação da discriminação do racismo e do preconceito. Esses conceitos, apesar de se alimentarem mutuamente, possuem significados um pouco diferentes. O racismo prega a supremacia racial e sua principal fonte é o preconceito racial. “A palavra discriminar significa distinguir, diferenciar, discernir. A

⁶ Ser branco no Brasil é ser cercado de uma série de privilégios, mas para explorar esse ponto seria necessário abrir uma discussão sobre branquitude utilizando os autores que tratam do tema e isso está fora do escopo dessa dissertação. Mas como fica evidente em alguns dados apresentados nesse texto, os brancos possuem maior renda, maior escolaridade e não sofrem com discriminação racial uma vez que representam o ideal vigente que foi forjado há séculos e continua operante nos dias atuais.

discriminação em virtude da raça pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 184).

O problema da desigualdade racial não é apenas herança de um legado histórico passado, mas perpetuado pela atual estrutura econômica e social que, sustentado na forma desigual de oferta de oportunidades sociais, ratifica as diferenças entre brancos e negros (HASENBALG, 1982).

Os negros sofrem uma desvantagem competitiva em todas as etapas do processo de mobilidade social individual. Suas possibilidades de escapar às limitações de uma posição social baixa são menores que a dos brancos da mesma origem social, assim como são maiores as dificuldades para manter as posições já conquistadas (HASENBALG, 1982, p. 98-99).

De acordo com Santos (2002), no século XIX as teorias racistas se alastraram inimaginavelmente, pois o desprezo pelos negros após a abolição só aumentou:

Ora, se não eram inferiores, por que não progrediram como os imigrantes que chegaram aqui tão pouco e logo tinham alcançado algum avanço? Somando-se um mito após o outro, inferioridade, vagabundagem, incompetência, foi-se esboçando o perfil do homem negro como anticidadão, como marginal. Essa visão racista buscava afastar negros e brancos para que não houvesse misturas, para que não houvesse maior enegrecimento do país – operava em várias esferas: 1) provar a todos de maneira sutil a inferioridade dos negros e a superioridade dos brancos; 2) atestar que no Brasil nunca houve barreiras raciais, todos eram tratados igualmente (estratégia contra possíveis revoltas); 3) gerar um sentimento de repulsa do branco pelo negro e de resignação do negro diante de sua própria inferioridade (SANTOS, 2002, p. 119).

Essa estratégia era ainda mais eficiente, pois, um grande contingente de imigrantes foi trazido para embranquecer a “raça brasileira”. Era uma tentativa de eliminar a presença negra no país por uma ou outra forma (SANTOS, 2002).

Existem dois focos que geram desigualdade no país. O primeiro, e que ele considera mais importante, é a desigualdade entre ricos e pobres, e o segundo é a desigualdade entre brancos e negros. Enquanto a desigualdade entre ricos e pobres seria a principal fonte de atraso e atrito na sociedade brasileira, a desigualdade entre negros e brancos gerava a manutenção das hierarquias de pertencimento racial. No Brasil, os indicadores sociais demonstram a confluência entre desigualdade racial e desigualdade econômica, ou seja, o mesmo grupo que é excluído em virtude da raça também é excluído economicamente, e a dimensão econômica consegue explicar apenas uma parte do problema, pois a outra parte foi

promovida e é explicada pelo racismo institucional, tendo historicamente o Estado como um legitimador (SILVÉRIO, 2002).

2.3 O LUGAR CONSTRUÍDO PARA O NEGRO NO BRASIL

O Brasil foi formado por diversos povos vindos do continente africano como os, nagôs, bantos e iorubas que possuíam diferentes valores culturais, mas que a escravidão reduziu a uma certa “igualdade” (GONZÁLES; HASENBALG, 1982). De acordo com Santos (2002), o continente africano era comparado à Europa na Idade média por uma compreensão “ecológica” em que o solo fértil e quente produzia abundância de alimentos e propiciava uma vida mais “tranquila” e familiar. Essa imagem contrastava com a sociedade industrial e sua produção e, os povos que não possuíam a mesma dinâmica eram inferiores.

Em 1976, 40% da força de trabalho era da participação do negro, entretanto o aumento do trabalho não significou mudança na qualidade de vida pois o arrocho salarial, imposto como condição para o país desenvolver economicamente, teve grande impacto para a classe trabalhadora (GONZÁLES; HASENBALG, 1982). Gonzáles e Hasenbalg (1982) destaca que no Brasil as condições da existência material da população negra remetem a ideia de condicionamento psicológico de um lugar natural de Aristóteles e uma separação do espaço ocupado por dominantes e dominados desde a época colonial.

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (GONZÁLES; HASENBALG, 1982, p. 15).

No que diz respeito ao racismo, uma das dificuldades da mobilidade social imposta por essa prática é a construção de uma imagem desfavorável que é assimilada pelos negros (tida como verdade). A visão negativa do negro acaba sendo incorporada na comunicação e nas representações populares, fazendo com que essas “verdades”, ou seja, as representações negativas, limitam o negro a aspirar ascensão, limita a motivação. O grupo dominante impõe, e isso é reforçado mutuamente um lugar apropriado para o negro, pois desde que o negro esteja no seu lugar ele não representa um problema (HASENBALG, 1982).

Consideramos que esse lugar (de periferia, de exclusão social, econômica e política) produzido socialmente para o negro é uma categoria política, pois implica relações de poder, é algo que pode ser observado na construção das representações do negro no país. Como afirma Munanga (2004, p. 52) acerca dessa problemática: “Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim a questão da identidade do negro é um processo doloroso”.

Ainda com relação à ideologia do branqueamento, a psicologia, por meio da teoria das representações sociais, favorece o entendimento das relações étnico-raciais no Brasil. Segundo Santos e Scopinho (2015), o Brasil possui particularidades culturais e sociais na forma como as relações entre diferentes grupos foram sendo instaladas. Não houve regulamentações que oficializassem regimes separatistas usado como critério de exclusão à raça, em vez disso criou-se no imaginário brasileiro a ideia que as terras tupiniquins eram templo da democracia racial e a convivência permitiu que essa concepção fosse construída, como a harmonia entre os grupos raciais divergentes que ocorreria em virtude da experiência de proximidade entre eles (SANTOS; SCOPINHO, 2015). Segundo as autoras:

[...] a representação social é uma das atividades psicossociais por meio das quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserindo-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas. As representações são, assim, mecanismos pelos quais os grupos sociais apreendem questões do mundo externo, cuja relevância esteja implicada diretamente às suas dinâmicas, ao passo que edificam este mesmo mundo (SANTOS; SCOPINHO, 2015, p. 172).

A dinâmica da teoria das representações sociais é importante para o entendimento da formação de conceito, ideias e opiniões, “Assim, quando alguém exprime uma opinião sobre determinado objeto é porque já (se) representou algo sobre ele” (SANTOS; SCOPINHO, 2015, p. 172). Os grupos hegemônicos produzem representações sociais e discursos que desqualificam e desvalorizam o diferente. Para os brancos, os negros divergem da norma “branca” tanto em características físicas quanto culturais e desqualificam o não pertencimento dos negros que estas características com base em uma produção ideológica, denominada na literatura de ideologia do branqueamento (SANTOS; SCOPINHO, 2015). A ideologia do branqueamento é fruto de uma organização racial desigual e, por conseguinte, pautada na eliminação do outro, ou seja, do negro:

Por meio da determinação de um padrão social branco eurocêntrico a ser perseguido, é estabelecido quem deve ser sujeito de direitos e privilégios sociais ou não, exaltando características brancas e inferiorizando aquilo que remeta a não-brancos.

Dada a difusão dessa ideologia na mídia, nas práticas sociais e nos comportamentos cotidianos, muitos negros veem-se por ela tomados, o que afeta sua identidade racial e pode levá-los à adesão de valores e práticas eurocêntricas (SANTOS; SCOPINHO, 2015, p. 173).

No fim do período colonial, e início do século XIX, na sociedade brasileira surge a ideia de embranquecer o negro, transformá-lo em branco. Essa ideologia é característica importante do racismo brasileiro. De acordo com abordagens sociológicas ou cultural antropológicas, a ideologia de branqueamento é uma teoria brasileira surgida no final do século XIX adaptando às teorias raciais e à cultura brasileira. Tratava-se de uma alternativa para o momento político e econômico de transformações. Essa ideia serviu como argumento para a elite política e econômica brasileira promover a “importação” de imigrantes europeus, brancos, para servir de força de trabalho. Isso, conseqüentemente, acarretou na marginalização dos negros na nova sociedade de classes que surgia nos centros urbanos brasileiros (HOFBAUER, 2003).

A ideologia do branqueamento surgiu em um momento de incertezas do sistema capitalista no mundo. O fim da escravidão mudava o modelo social e o contexto histórico-político brasileiro enquanto os EUA e a Europa prosseguiram condenando a miscigenação o que afetava o projeto de modernização brasileiro e a visibilidade do país (HOFBAUER, 2003). A elite brasileira na época almejava mudanças econômicas, mas tinha receio das mudanças sociais, sobretudo nas relações de poder.

A ideologia do “branqueamento” propõe negociações contextuais das fronteiras e das identidades. Desta maneira, contribui para abafar a construção de uma reação coletiva. Divide aqueles que poderiam se organizar em torno de uma reivindicação comum, e faz com que as pessoas procurem se apresentar no cotidiano como o mais “branco” possível (HOFBAUER, 2003, p. 14-15).

Há uma construção histórica bem elaborada do que é ser negro, um discurso que foi reforçado e propagado no intuito de garantir e justificar a exploração do negro pela classe dominante. No princípio da colonização, a cor da pele não era um dado objetivo para categorização biológica, e nem estava ligada a ideia de raça, mas sim de uma moral religiosa e, essa junção, provocou a dicotomia onde: de um lado estava a cor negra associada à escravidão e imoralidade enquanto, do outro lado, localizavam-se as pessoas de cor branca, frequentemente associada à liberdade e à moral religiosa (HOFBAUER, 2003).

A cor negra foi relacionada à ideia de moral inferior, e, muito antes de ser utilizada para distinção de raças, húngaros e suecos, apesar de brancos, já foram “xingados de pretos”

por serem povos bárbaros. Camões utilizou a cor negra para se referir a asiáticos e, até mesmo os indígenas brasileiros já foram chamados de negros pelos jesuítas, no período em que eles foram escravizados (HOFBAUER, 2003). Igualar o negro ao escravo foi uma ideia desenvolvida pelos árabes, e, antes deles, pelos judeus, utilizando uma interpretação da Bíblia que, no Velho Testamento, no livro de Gênesis, em que a palavra “servo” aparece na maldição que Noé joga em seu neto, filho do seu filho mais novo (que seria negro) (GOLDENBERG, 2016).

Apesar do texto bíblico não se referir a ninguém como negro, o filho mais novo de Noé, Ham ou Cão era tido como negro. E isso era tido como verdade para todos os norte-americanos no século XIX, fruto de uma ideia que foi criada baseada na interpretação bíblica para justificar a escravidão “porque Deus quis”. Ham era negro e todos os seus descendentes, começando com Caã, carregariam a maldição de ser servos, escravos dos descendentes de seus irmãos por toda eternidade⁷ (GOLDENBERG, 2016).

Retomando Hofbauer (2003), ele cita ainda os arquivos do Inglês Henry Koster que, em viagem ao Brasil entre 1809 e 1815, documentou com surpresa e incompreensão uma situação em que um capitão-mor, que Koster teria identificado como mulato, negava a própria cor, pois um capitão-mor não poderia ser mulato. Neste sentido, a afirmação é que ele fora mulato, mas já não o é mais. O mesmo espanto foi registrado por outro viajante, o alemão Rugendas, pintor que visitou o Brasil entre 1822 e 1825. Ele afirma que os negros que não são de um tom muito pronunciado, aqueles que não revelam incontestavelmente fenótipo africano, podem não ser considerados homens de cor e podem ser até considerados brancos, havia uma mobilidade de acordo com as circunstâncias, origem, riquezas, alianças ou mérito pessoal (HOFBAUER, 2003).

Segundo Hofbauer (2003) esses documentos revelam um ideal que hoje seria chamado de ideologia do branqueamento:

⁷ A maldição de Noé a Cam, Ham ou Cão é uma interpretação de um trecho bíblico Gênesis 9:22-27, Noé teria se embriagado com vinho e ficado nu. Cam debocha da nudez do pai e chama os irmãos mais velhos que cobrem o corpo do pai. Noé fica irritado com Cam e joga uma maldição em seu filho Caã (neto de Noé que nem estava presente) e em todos os seus descendentes: eles estariam condenados por toda a eternidade a serem servos (escravos) dos descendentes de seus irmãos. O texto bíblico original não fala que Cam seria negro em momento algum e não há na redação da bíblica nenhum trecho que crie a correspondência dos três filhos de Noé com o mito das três raças, cada um dos filhos seria de uma raça diferente. No entanto a ideia que Cam seria o filho negro, seu filho ser amaldiçoado pelo avô Noé era conveniente para os povos europeus, justificar e naturalizar a escravidão dos negros.

Estamos, portanto, falando de um ideário historicamente construído que podemos chamar, em sentido lato, de “ideologia” ou de “mito”. De qualquer forma, trata-se de uma “produção simbólica” que servia como interpretação do mundo (das relações sociais), e que, conseqüentemente – queiramos ou não – deve ser vista também como um “fenômeno cultural” (HOFBAUER, 2003, p. 13).

O autor argumenta que essa produção simbólica da ideologia do branqueamento foi sendo desenvolvida em paralelo com o regime escravagista e as relações patrimoniais de poder (HOFBAUER, 2003). Nesse regime, a carta de alforria não rompia com as estruturas de dominação e, conseqüentemente, não era a garantia de uma vida livre, mas significava caminhar na direção de uma redução na exploração direta.

Mesmo assim, podemos afirmar que, a instituição da “alforria” cumpria uma função-chave no sistema escravista: ela garantia a ordem social, pacificava o cotidiano porque criava a ilusão de uma melhora possível, de uma superação do status de “escravo”, de uma superação do “status” de “negro” (HOFBAUER, 2003, p. 14).

Obter a alforria dava a esperança de uma redenção, o negro deixaria de ser escravo e deixaria de ser negro. Havia uma falsa ideia, uma falsa esperança de adesão à sociedade que ele fora excluído o que levava os negros a trabalharem em função desse ideal que não se realizava com a obtenção da alforria da mesma forma que não se realizou com a abolição da escravatura. Mais do que uma questão legal, a escravidão e o lugar do negro e maneira como se deu as relações raciais no Brasil ganhou um outro contorno (HOFBAUER, 2003).

De acordo com Rosa (2014), na década de 1870, várias pesquisas foram realizadas com o objetivo de comprovar a inferioridade do negro na sociedade e buscar uma solução para o problema de degeneração que a miscigenação poderia trazer ao país. O período colonial lidava com a raça como uma categoria biológica, de forma que decorriam de diferenças naturais, as diferenças de inferioridade e superioridade das raças humanas. Esse diagnóstico era interessante para a coroa portuguesa, uma vez que propiciava ter dimensão do potencial de recursos passíveis de exploração que as colônias dispunham. Para este fim, a coroa dispunha de naturalistas viajantes que, utilizando de “métodos científicos”, catalogavam recursos vegetais, minerais e animais e nesses últimos incluíam-se os homens (ROSA, 2014).

A ideia de raça endossada pelo caráter científico dos naturalistas viajantes, *homens de scientia*, que possuíam vínculos mercantis com as cortes, serviu para legitimar a expansão das potências europeias no território coloniais. Esses “homens da ciência”, no que tange o futuro do contexto racial do Brasil, se dividiam em duas correntes distintas e oscilavam entre elas: a segregação e a extinção (ROSA, 2014).

Enquanto o discurso segregacionista via a miscigenação de forma ameaçadora do povo brasileiro se constituir como nação devido à degeneração ocasionada pela mistura das raças, os que defendiam a tese da extinção acreditavam que a miscigenação seria a “salvação” do povo brasileiro, uma vez que promoveria o desaparecimento de mestiços de pele escura e de negros com o passar do tempo, em um processo que levaria paulatinamente ao embranquecimento. Revertendo o quadro racial brasileiro, o mestiço seria uma categoria transitória passível de regeneração que seria alcançada por cruzamentos sucessivos com a raça superior, a raça branca (ROSA, 2014).

Há um discurso, uma visão negativa com relação à raça negra, mas essas relações eram importantes para conservar a hierarquia, permitindo que os colonizadores mantivessem os negros e seus descendentes em condição subalterna (ROSA, 2014). Rosa (2014, p. 248), ao analisar a obra de Gilberto Freyre, identifica a posição ambígua do autor a respeito do negro no Brasil, sinalizando que “... se, de um lado o autor denuncia o maniqueísmo do racismo científico, de outro constrói a imagem de um país livre de tensões raciais”.

Essa imagem freyreana foi ponto de partida para estudos elaborados pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), para criar políticas internacionais que visavam o combate ao racismo. Os Estudos da Unesco polarizaram a argumentação, em que, de um lado apresentava-se a democracia racial e de outro a desigualdade racial. Por um lado, a democracia racial apresentava um discurso que as diferenças entre os brasileiros eram decorrentes não da raça, mas de questões econômicas. Já os que defendiam a desigualdade racial, tentavam validar empiricamente que as desigualdades raciais eram também econômicas. Essas duas interpretações resultaram em diferentes paradigmas sobre o racismo no Brasil e como combatê-lo. Ao contrário do que se imaginava, o Brasil, em termos raciais, não era uma excepcionalidade de ausência de discriminação e preconceito racial. Ele existe, mas sua intensidade é diferente da dos EUA (ROSA, 2014).

Na experiência brasileira, a cor teve maior importância nas diferenças entre os grupos ao longo da história. Ou seja, para os brasileiros, a cor da pele representa uma marca que identifica quem é quem não é negro no Brasil. Diferente dos EUA, que privilegiou a origem étnica por meio da hipodescendência (Rosa, 2014, p. 252).

As relações raciais no Brasil podem ser reconhecidas em três paradigmas principais cada um com seu autor de destaque que defendeu academicamente um diferente ponto de vista acerca das relações raciais no Brasil. São eles: o paradigma da Morenidade de Gilberto

Freyre, a Escola paulista de Florestan Fernandes e o Hasenbalg (ROSA, 2014; MOTTA, 2000).

O paradigma da Morenidade, cujo representante era Gilberto Freyre, possuía influência de autores norte-americanos como Carl Degler e Marvin Harris (ROSA, 2014). Esses autores, destaca Rosa (2014), tomam como ponto de partida a interseção da categoria moreno no Brasil, como forma de reduzir a importância da classificação racial na sociedade brasileira, pois a desigualdade estava mais determinada pela região e classe social do que, propriamente pela raça. O moreno era a “saída de emergência”, pois não era nem branco e nem negro e, logo, a raça não seria reconhecida como um fator de desigualdade, pois gozavam de um outro tipo de status, um status meta racial ou seja: intermediários entre o preto e o branco (ROSA, 2014).

O autor Florestan Fernandes, da escola paulista, marco do segundo paradigma, faz oposição à Freyre. Segundo o autor, a situação de desvantagem dos negros, historicamente, reproduziu uma situação de desvantagem tanto econômica como racial, assim o racismo viria de uma inércia cultural e da sobrevivência de ideologias residuais vindas do passado escravocrata que se mantem vivas na atualidade (ROSA, 2014).

O terceiro paradigma, cujo representante é Hasenbalg, defende o fato de que a desigualdade racial ocorre pelas vantagens competitivas dos brancos e pela desqualificação dos não brancos, onde a sociedade acaba criando mecanismos discriminatórios em que, mesmo que atuem sutilmente, acabam resultando em maiores oportunidades de ocupação, ganhos e renda para os brancos. O elemento racial seria mecanismo central da desigualdade entre não brancos e brancos (ROSA, 2014). O autor não faz distinção entre os negros e os morenos, tratando todos como não brancos, pois em uma competição com um branco o mestiço também apresenta as mesmas desvantagens que o negro e, portanto, pertence ao mesmo grupo. O recorte do autor é racial, segundo apresentado por Rosa (2014).

Ainda na perspectiva do recorte racial para a compreensão da sociedade brasileira, Nogueira (2006) desenvolve diferentes conceitos para distinguir o preconceito brasileiro do Norte Americano. O Brasil possui uma situação racial diferente dos Estados Unidos e de todos os outros países. Enquanto no segundo país existe o preconceito racial de origem, em nosso país temos o preconceito racial de marca. No preconceito racial de origem, independente da aparência, ou qualquer evidência física visível, é necessário a simples suposição que determinado indivíduo descende de um grupo étnico, para ele sofrer preconceito. O preconceito racial de marca é exercido em relação à aparência do indivíduo, traços físicos, gestos, sotaque, tudo aquilo que pode ser percebido (NOGUEIRA, 2006).

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem (NOGUEIRA, 2006, p. 292).

O preconceito racial de marca hierarquiza a discriminação de acordo com o número de características (marcas) o indivíduo apresenta, cor da pele, cabelo crespo e o nariz achatado (NOGUEIRA, 2006). São marcas da raça negra que Gonçalves (2006), em trecho de Carta à mãe África, música mais conhecida pelo seu refrão “a carne mais barata do mercado é a negra, a carne mais marcada pelo estado é a negra” ilustra bem essa hierarquia baseada em marca:

*Nos mergulharam numa grande confusão
Racismo não existe e sim uma social exclusão
Mas sei fazer bem a diferenciação
Sofro pela cor, o padrão e o padrão
E a miscigenação, tema polêmico no gueto
Relação do branco, do índio com preto
Fator que atrasou ainda mais a autoestima:
-Tem cabelo liso, mas olha o nariz da menina.*

E em outro trecho da mesma música o cantor reforça a ideia. Muitos negros, tendo em vista o padrão de beleza eurocêntrico, manipulam a aparência para apresentar menor número de características que façam com que eles sejam reconhecidos e identificados como negros:

*A maioria da população tem gueto fobia
Anomalia sem vacinação.
E o pior, a triste constatação:
Muitos irmãos, patrocinam o vilão...
De várias formas, oportunistas, sem perceber
Pelo alimento, fome, sede de poder
E o que menos querem ser e parecer...
Alguém que lembre, no visual você.*

A construção da categoria raça baseada na descendência (preconceito racial de origem) apresenta forte correlação com a regra criada no Estados Unidos por escravocratas que é a base da construção da identidade Afrodescendente nos Estados Unidos. Conhecida como princípio da hipodescendência ou *one drop rule*, os filhos de relações inter-raciais e todos os seus descendentes em uma herança *ad infinitum* seriam pretos automaticamente. Eles

herdariam do progenitor de menor prestígio sua identidade social ficando confinados eternamente no mundo dos pretos e sujeitos a todos os prejuízos (ROSA, 2014).

Todavia, importante ressaltar que a construção da categoria raça com base na descendência – ou seja, todos os mestiços vistos como afrodescendentes – segue o princípio da hipodescendência, que é a base para a construção da identidade afrodescendente. Trata-se de uma regra criada pelos escravocratas (ROSA, 2014). O quadro 1 ilustra as diferenças entre os preconceitos raciais de marca e de origem de acordo com diferentes proposições.

Quadro 1 - Diferenças entre Preconceitos raciais de Marca (Brasil) e Origem (EUA)

	Preconceito de Marca (Brasil)	Preconceito de Origem (EUA)
Modo de atuar	Determina preterição de acordo com a posição social e a relação com o grupo discriminador.	Determina exclusão incondicional dos membros do grupo discriminado.
Definição dos membros do grupo discriminador e membros do grupo discriminado	A classificação é feita de acordo com o fenótipo ou aparência racial e pode variar bastante no caso dos mestiços.	A classificação é feita de acordo com o genótipo, independentemente da aparência ou grau de mestiçagem.
Carga afetiva	A atribuição de inferioridade depende dos traços negroides e não se traduz em ódio racial, mas em tratamento diferenciado. Tende a ser mais estético e intelectual.	A atribuição de inferioridade é irrefletida e traz consigo o ódio racial que justifica a segregação entre os grupos. Rende a ser mais emocional e integral.
Efeito sobre as relações interpessoais	Relações pessoais de respeito e amizade cruzam com facilidade as fronteiras estabelecidas pela cor.	Relações entre indivíduos do grupo de discriminador e do grupo discriminado são severamente restringidas por tabus e sanções.
Ideologia	Assimilacionista e miscigenacionista.	Segregacionista e racista.
Distinção entre diferentes minorias	A cultura prevalece sobre a raça, as minorias menos endogâmicas e menos etnocêntricas são favorecidas.	O oposto, há maior tolerância com as minorias mais endogâmicas e mais etnocêntricas.
Etiqueta	Há ênfase no controle do comportamento dos indivíduos do grupo discriminador com a finalidade de evitar que indivíduos do grupo discriminado sofram humilhações.	Há ênfase no controle do comportamento dos indivíduos do grupo discriminado com a finalidade de conter agressividade contra elementos do grupo discriminador.
Efeito sobre o grupo	A consciência da discriminação tende a ser intermitente.	A consciência da discriminação tende a ser contínua, obsedante.
Relação do grupo discriminado	Tende a ser individual. O indivíduo do grupo discriminado procura “compensar” suas marcas pela ostentação de aptidões e características que impliquem aprovação social.	Tende a ser coletiva pelo esforço da solidariedade grupal, pela redefinição estética e etc.
Efeito da variação proporcional do contingente minoritário	A tendência é se atenuar nos pontos onde há maior proporção de indivíduos do grupo discriminado.	A tendência é se agravar nos pontos onde há maior concentração de indivíduos do grupo discriminado.
Estrutura social	A ascensão social é inversamente	Há uma separação rígida e permanente

	proporcional a intensidade das marcas (características) que o indivíduo é portador, ficando o preconceito de raça disfarçado sob o de classe, com o qual tende a coincidir.	entre os grupos discriminador e discriminado como se fossem duas sociedades paralelas.
Movimento político	A luta do grupo discriminado tende a se confundir com a luta de classes.	O grupo discriminado atua como uma “minoridade nacional” coesa e, portanto, capaz e propensa à ação conjugada.

Fonte: adaptado de Rosa (2014)

O conceito de marca proposto por Nogueira (2006), aliado aos estudos de Sansone (2003), demonstram que a percepção de cor, longe de ser uma marca fixa, está sujeita ao lugar, à posição do sujeito entre outros fatores.

Assim, temos no Brasil um tipo de classificação racial bastante dinâmico e difícil de ser visto e analisado a partir de um ponto fixo. Ser negro no Brasil, depende sempre de um conjunto de fatores e vai bem além da simples aparência física, mesmo que esta esteja bastante nítida como no caso dos negros retintos (ROSA, 2014, p. 253).

A dinâmica do ser negro, como indivíduo, também o acompanha nos espaços organizacionais, seja pelo silenciamento das questões raciais, seja por demarcar o “lugar” dos negros na área de Administração a partir da “negação da raça” nos Estudos Organizacionais, por exemplo, conforme discute Conceição (2009). Sendo assim, na próxima seção deste projeto, apresento debates sobre questões raciais em nossa área de pesquisa, especialmente relacionadas às questões organizacionais.

2.4 A RAÇA, OS ESPAÇOS SOCIAIS E ORGANIZACIONAIS

De acordo com Sansone (2003) o Brasil é um país multicultural e, talvez, multiétnico, mas, em um discurso bastante difundido é sustentado e celebrado o mito da democracia racial que, ilustrado por um indivíduo mestiço, moreno, tenta “maquiar” as distinções raciais, especialmente de base política, que existe no país. No Brasil, a distinção racial não foi formalmente declarada. A nossa segregação não chegou a ser instituída legalmente como a estadunidense, o que acabou resultando em uma relação diferente. “Nos Estados Unidos, os negros que estão à margem da sociedade tendem a antagonizar muito mais a cultura dominante do que os negros baianos e, até certo ponto, os de Amsterdã” (SANSONE, 2003, p. 229).

O mito das três raças em que explicita que o Brasil foi resultado da mestiçagem entre negros, indígenas e brancos é base desse entendimento do mito da democracia racial, pois demonstraria que a existência de um grande número de mestiços no país, evidenciaria a tolerância brasileira com as diferenças raciais. Este mito é reproduzido cotidianamente e reflete uma complexa realidade, uma vez que ele não é imposto de forma vertical para ocultar o racismo, mas é ratificado por aqueles que sofrem de preconceito também (SANSONE, 2003).

O mito ainda coexiste com práticas sociais para a minimização de diferenças raciais e, em algumas situações, os indivíduos a fim de ter um prestígio social, manipulam sua aparência física, alisam os cabelos, por exemplo, partindo de um pressuposto que na sociedade brasileira a aparência negra é incompatível com prestígio social (SANSONE, 2003). Segundo a reflexão de Sansone (2003, p. 256) “No Brasil, a cor é ainda mais determinada pelo cabelo crespo do que pelo tom da pele, e os cabelos lisos ou alisados são essenciais para permitir que o indivíduo passe de preto a pardo ou mulato”.

Esse *continuum* de cores produzidos no Brasil entre negros e brancos, onde estão alocados os pardos, morenos, mulatos, se fortalece na medida em que a cor é um dispositivo utilizado para tentar minimizar e silenciar as relações de poder que estão em jogo em termos raciais no Brasil, uma vez que “O que é considerado negro é desvalorizado e possui conotação negativa...até dentro da família, os membros com traços negroides mais acentuados costumam ser considerados mais feios” (SANSONE, 2003, p. 19).

Nos estudos realizados por Sansone (2003), os entrevistados ao invés de dividir/classificar seu mundo entre pessoas brancas e negras, levavam em consideração o momento e o lugar. Nesse cenário a cor orienta relações sociais e de poder, definindo posições nos espaços sociais. Sobre isso, o autor busca a partir das relações sociais, classificar os espaços sociais no Brasil e os estrutura em três tipos distintos: as áreas pesadas, as áreas leves e espaços negros.

As áreas são classificadas, inicialmente, em dois polos - áreas leves e áreas pesadas. As áreas leves são aquelas que os indivíduos não destacam problema em ser negro. A rua, a igreja que frequentam, a partida de futebol, o samba o carnaval e as festas de São João, esses são os espaços de interação social do ciclo mais íntimo do indivíduo e que ele dispõe de liberdade e de horas de lazer. Esses espaços são aqueles onde as características físicas do indivíduo ou a identificação dele como branco, negro, preto, amarelo ou pardo não é importante. Áreas leves são os espaços sociais em que os indivíduos não estão, ou estão menos sujeitos, ao preconceito e discriminação racial (SANSONE, 2003).

Já as áreas pesadas, ao contrário das leves, são espaços onde o negro é preterido, sofre discriminação e tem dificuldade de inserção. Para a população negra o mercado de trabalho, as relações com a polícia, a política, os shoppings centers e outros estabelecimentos comerciais, são exemplos de áreas pesadas, ou seja, espaços onde ser negro, ser socialmente reconhecido como negro ou apresentar características negroides pode ser um problema levando o indivíduo a sofrer discriminação, preterido, marcado, excluído (SANSONE, 2003).

As articulações entre estas diversas áreas produzem os espaços, pois é onde as posições sociais determinadas pelas áreas “jogam” entre si, portanto o espaço: resulta da combinação de fatores “pesados” e “leves”. Um exemplo dos primeiros é a estrutura demográfica da população; exemplos destes últimos são a presença/ausência negra tradicional em certos setores e nichos do mercado de trabalho, e os discursos concomitantes que dão um caráter de naturalidade à diferença racial (SANSONE, 2003, p. 213).

De acordo com Sansone (2003), existem espaços onde é “vantajoso” ser negro. Estes são espaços de cultura negra, onde ideias racistas são evitadas. Nesses espaços são desenvolvidas atividades atribuídas tipicamente ao seu povo e território. E que eles foram considerados bons e incentivados, sentem-se bem nesses espaços, geralmente não são espaços exclusivos para negros, mas fala-se de negritude e são eles, os negros, que estão no comando. Esses espaços são as rodas de capoeira, religiões de matriz africana e espaços de cultura negra.

[...] a “cultura negra” é um momento/espaço em que o indivíduo pode sentir-se à vontade como preto, comunicar-se com não pretos a partir de uma posição sólida, e até tentar seduzir os não pretos com uma negritude brincalhona e sensual, mas não se associa, como tal, com o confronto com os não negros (SANSONE, 2003, p. 148).

O mercado de trabalho é tido como um espaço pesado e, com racismo acentuado, principalmente se a busca por emprego for fora do bairro em que reside e exigir “boa aparência”, pois há uma preferência por brancos de olhos claros (SANSONE, 2003). Oliveira e Pimenta (2016, p. 394) argumentam que “Os corpos dos negros foram associados com as trevas, com a escuridão, como se a cor da pele revelasse a da alma; eles eram associados à sujeira, ao mau cheiro, eram considerados feios”.

De acordo com Oliveira e Pimenta (2016), ao realizarem análise crítica do discurso de 20 anúncios de emprego do início do século XX, deixam clara a preferência pelo fenótipo europeu. O Brasil foi o último país das américas a abolir a escravidão, não integrando o negro à sociedade e, ainda substituiu a mão de obra negra por imigrantes europeus brancos em uma

política de Estado sustentada no branqueamento⁸. Os jornais discriminavam os negros, além de os vender como objetos, relatava fugas e ocorrências policiais retratando os negros como feras. Isso além de propagar crenças discriminatórias e textos que atentassem contra a moral da população negra. Os estereótipos do negro e as associações que foram feitas a eles, saídas do imaginário da elite paulistana, foram moldadas às crenças de toda a sociedade: o negro era símbolo da barbárie, selvageria, primitivismo (OLIVEIRA; PIMENTA, 2016).

Isso influenciou a indústria e o comércio fazendo com que os estereótipos fizessem parte de critérios de contratação, criando um lugar para o trabalho do negro, o trabalho de característica mais braçal, precário, de menor visibilidade e rendimento financeiro (OLIVEIRA; PIMENTA, 2016). Dessa forma os negros ficaram expostos ao racismo, à exclusão econômica e social.

Além de seleções subjetivas com refinados métodos de exclusão da população negra, como temos presentes até nos dias atuais, o critério “cor” já fora adicionado em anúncios de empregos promovendo injustiça para com a população indígena e negra (OLIVEIRA; PIMENTA, 2016). Na prática desses anúncios encontram-se preconceitos enraizados, ideologias racistas que se propagam e se estruturam na sociedade, como salientam Oliveira e Pimenta (2016, p. 389).

A discriminação racial do século XIX e XX, em São Paulo, ocorria não apenas de modo direto ao se preferir brancos a negros, nos anúncios de emprego, mas quando a elite simbólica (patronato) determinava quais valores morais e comportamentais eram os mais “adequados” para compor o quadro de empregados. Promovia-se uma segregação racial a distância, feita, portanto, por meio desses gêneros e, posteriormente, por outros critérios de seleção para efetivar a contratação.

Com o fim da escravidão, do período Imperial, e o início da República, o desejo vigente era formar uma nova nação, mas as práticas racistas ultrapassaram os séculos fazendo-se presentes na sociedade e, em seus jornais, entre outros meios de comunicação, a discriminação era propagada (OLIVEIRA; PIMENTA, 2016).

Era por meio de diversos gêneros, inclusive o de anúncios de emprego, que a cor de pele branca era tida como sinônimo de civilidade, bom comportamento, inteligência, bom gosto etc. Na esfera econômica, essa predileção também era visível nos anúncios de ofertas de mão de obra. A cor é mencionada como qualidade de mão de obra, o que reforça a prática de haver seleção subjetiva, não apenas objetiva e profissional, como deveria acontecer (OLIVEIRA; PIMENTA 2016, p. 390).

⁸ Política de Estado que bancava, financiava o processo do colonato europeu no Brasil como forma de mudar os tons do país, apagando o negro da história

Os anúncios de emprego que evidenciam a cor branca como qualidade são frutos da elite simbólica que atuavam como mecanismo de manutenção do status quo, pois quem contratava com base na cor branca geralmente era branco e se promovia no mercado pelo mesmo sistema. Esse critério parcial beneficiava os brancos garantindo a essas melhores oportunidades, afinal, a característica branca é um adjetivo valorizado. Esse critério, discriminatório, perpetuava as desvantagens de ordem econômica e social dos não brancos. A situação se agravava, pois, os negros acabavam “comparando” o discurso dos brancos e aceitando o tratamento diferenciado, desvantajoso, que os colocava como mão de obra bruta. A religião teve um papel importante na adesão dessa ideologia por parte dos negros, levando muitos a acreditar que as coisas são assim porque “Deus quis”. A moral religiosa contribuía para que os negros se mantivessem dóceis (OLIVEIRA; PIMENTA, 2016). Assim, a classe dominante branca, usando de todos esses recursos, conseguiu dominar a população negra sem fazer uso da força, pelo contrário, contando com seu consentimento,

Somadas aos critérios de cor e origem estrangeira estavam as exigências comportamentais, que aumentavam a desigualdade entre brancos e negros, pois estavam relacionadas a estereótipos que se atribuíam aos negros, perdurados por décadas após a abolição. Dessa forma, exigia-se nos anúncios de emprego que o candidato tivesse um comportamento servil, disciplinado, fiel às ordens do patrão, fiel ao progresso paulista (OLIVEIRA; PIMENTA, 2016, p. 393).

Os anúncios de emprego evidenciavam o uso da estética como um critério discriminatório e subjetivo que, ao associar o embranquecimento da sociedade à civilização, perpetuava estigmas preconceituosos que puniam aqueles que não possuíam “boa aparência”, a aparência desejável, a aparência da classe hegemônica. A avaliação da capacidade profissional estava condicionada à estética o que acabava deixando muitos às margens do progresso da sociedade. Anúncios em jornais, revistas, e em outros meios de comunicação que explicitavam o racismo passaram a ser condenados pela Lei Afonso Arinos, Lei 1390/51 que punia a discriminação racial explícita em instituições como escolas, empresas e no serviço público. As punições, no entanto, eram raras e, em 1989 foi criada a Lei Caó, Lei 7716/89 que instituía o crime de racismo como inafiançável (OLIVEIRA; PIMENTA 2016).

Entretanto, o conjunto das Leis não se convertem instantaneamente em novas práticas. Elas não impedem o racismo, da mesma forma que a lei Áurea não integrou o negro à sociedade (OLIVEIRA; PIMENTA, 2016).

O fato de essas leis existirem não significa que práticas racistas deixaram de existir. Apesar de as leis auxiliarem a criar uma consciência de novas regras sociais, tendo

um caráter punitivo mais prático que teórico, e passarem a reger as práticas cotidianas, elas não impedem que discursos e atos racistas existam de modo mascarado. No caso de nosso estudo, estava por trás da “boa aparência”, critério esse admitido como algo natural, normal na sociedade (OLIVEIRA; PIMENTA 2016, p. 396).

De acordo com Santos (2015), mesmo com a existência das leis e a queixa junto à justiça por parte daqueles que sofrem racismo, há uma tendência do judiciário pela não punição e descaracterização dos crimes de racismo. Por mais que exista uma lei formal que deveria ser cumprida, existem leis não escritas, leis informais que continuam garantindo a preservação das hierarquias⁹ e o mito da igualdade racial ainda é muito forte no imaginário popular tanto por parte dos que discriminam quanto pelos discriminados:

O desejo de que a raça “não conte”, quando parte dos que estão na base das estruturas de poder – os negros–, indica a esperança de que sejam tratados como iguais, humanos, respeitados. Ou seja, revela o desejo de que não haja discriminação. Por outro lado, o desejo de que a raça “não conte” quando parte de quem está no topo das estruturas sociais e de poder indica o oposto: a ocultação de privilégios que se associam à cor da pele. Esse mecanismo camufla e aliena da situação presente na qual a raça importa muito e favorece o papel de quem oprime e discrimina (SANTOS, 2015, p. 205).

Segundo Barbosa (2011), o racismo atua também nas interpretações jurídicas, o autor identifica a falta de equiparação entre negros e branco ao procurar a justiça e a aplicação das leis, as representações sociais e interpretações jurídicas. Barbosa (2011) identifica uma falta de equiparação entre negros e brancos:

Essa falta de isologia entre os negros e os brancos faz com que os iguais perante a lei, tornem-se desiguais na sua aplicação, acesso à justiça e garantia dos direitos. A desigualdade gerada por essa falta de isologia torna as denúncias dos negros racializados menos confiáveis do que as versões apresentadas pelos seus algozes porque transforma os relatos desses últimos, ou as interpretações jurídicas que lhes são favoráveis, em verdades inquestionáveis por terem conteúdos narrativos mais compatíveis, por exemplo, com os postulados da ideologia da democracia racial (BARBOSA, 2011, p. 138).

Um caso importante, pois ilustra bem as práticas discriminatórias que são praticadas contra os negros no mercado de trabalho no Brasil ainda no séc. XXI, e ganhou repercussão internacional, é o caso Simone André Diniz, considerado “o primeiro caso contencioso internacional contra o Brasil, que analisa, à luz do Direito Internacional dos Direitos

⁹ Na sociedade brasileira o racismo é sutil, mas eficaz. Não existe nenhuma norma legal instituída, mas o modelo de sucesso e perfeição presente no imaginário coletivo ainda é eurocêntrico branco. Nas melhores vagas de emprego, os melhores salários, o negro acaba sendo preterido quando comparado com o branco *ceteris paribus*.

Humanos, a discriminação racial” (ARANTES, 2007, p. 128). A sentença do tribunal internacional condenou o estado brasileiro, em 2006, por discriminação racial e impôs uma série de sanções ao reconhecer que, o racismo individual que a vítima sofreu na verdade faz parte de um padrão institucional presente na sociedade brasileira. Simone, enquanto procurava por uma vaga de emprego de doméstica, depara-se com um anúncio de jornal na data de 02/03/1997, oferecendo uma vaga para esse cargo. Contudo, no anúncio estava escrito que a preferência era por uma mulher branca. Simone se interessou pela vaga e, ao entrar em contato por telefone, escuta a declaração categórica que ela não servia por ser negra. Ela procurou a polícia, registrou a ocorrência e em um inquérito policial foi instaurado. Em seguida, algumas testemunhas foram ouvidas, dentre elas a anunciante e seu esposo que declararam abertamente, em seus depoimentos, que desejavam uma empregada branca. Assim, a polícia em conjunto com o juiz decidiu engavetar o caso por entenderem que não ocorreu o crime de racismo e o caso foi arquivado. Como a justiça brasileira havia fechado as portas para Simone, ela procurou ajuda de ONGs que lutam pelos direitos de pessoas negras e eles ingressaram com uma ação internacional que como desfecho, quase dez anos depois, é a condenação do Estado brasileiro na indenização de Simone e promover ações de combate ao racismo institucional (ARANTES, 2007). Para Barbosa (2011 p. 140).

O Caso prova que há regiões (semi)periféricas na Carta de 88 e no atual sistema legal brasileiro, nas quais estão positivados os direitos humanos e os direitos dos negros. Essas regiões são os “locais” onde estão (concentrados e confinados) os direitos e garantias que, embora válidos e vigentes, não têm efetividade devido à falta de empoderamento dos seus titulares, um fenômeno que decorre, dentre outras razões, da histórica posição sócio-econômica menos privilegiada da população negra do Brasil – um dado bastante divulgado pelo IPEA e o IBGE. Ao lado dessas regiões, contribuindo ainda mais para a inefetividade e a pouca aplicabilidades dos direitos e garantias dos negros, estão os (semi)periferismos constitucionais: as práticas jurídicas, os hábitos, os costumes, as concepções de justiça/justo, hermenêuticas legais e usos práticos dos direitos que fomentam a produção de rotinas institucionais que negam e/ou dificultam o acesso à justiça e a garantia dos direitos de certos indivíduos e grupos, historicamente excluídos do universo da cidadania.

A partir deste caso, consideramos que o Estado, que deveria zelar pelos direitos de seu povo, uma vez que se trata de uma instituição política e legal, acaba legitimando a discriminação e fazendo uso de mecanismos ideológicos em várias instituições, como na educação, na comunicação e no mercado de trabalho traçam uma hierarquia de relações sociais e de trabalho onde o negro tem seu espaço bem demarcado, a mais baixa posição da pirâmide social (BARBOSA, 2011). O racismo no Brasil é velado, mas eficiente, como atestam os dados (mostrar eles) de institutos de pesquisa que evidenciam a imensa

desigualdade entre negros e brancos no país, como a desigualdade de acesso à educação, a desigualdade no mercado de trabalho e na renda.

A análise do Caso SAD prova que o acesso à justiça no Brasil é (e sempre foi) muito sensível à raça e a cor dos negros – quanto mais branco é o agente, mais acesso à justiça e garantia de direitos ele tem, ou tende a ter. Para os membros da comunidade negra, o acesso à justiça é muito restrito porque no conteúdo das denúncias de racialização, que eles apresentam às autoridades da justiça, está uma realidade que o Brasil e os brasileiros não querem admitir que exista: a prática de ação humana ou comportamento institucional que macula as ideias e mitos da ideologia da democracia racial, em especial, a crença em uma suposta cordialidade dos nossos racismos institucionais e práticas racializadoras (BARBOSA, 2011 p. 141).

A questão da cor, devido a sua produção e contorno políticos, tem uma dimensão situacional e subjetiva para classificação dos sujeitos sociais a partir dessa variante:

A terminologia popular inclui conjuntos diferentes de termos, usados em diversos contextos sociais: na vida familiar, no grupo de amigos, nas situações de galanteio e namoro e na vida religiosa. Nas brincadeiras ou nas brigas, usam-se certos termos que não seriam empregados fora desses contextos. A escolha dos termos utilizados é determinada pela idade, pelo grau de instrução e pelo nível de renda dos falantes (SANSONE, 2003, p. 67).

Nessa construção da identificação o lugar é de suma importância. “Uma mesma pessoa negra pode ser designada por uma multiplicidade de termos raciais como negro, preto, escuro, moreno, escurinho e neguinho. Tudo depende do contexto, da posição de quem fala, do sexo, do horário e do campo abordado (lazer, trabalho ou vida familiar)” (SANSONE, 2003, p. 216). É por isso que a concepção de raça é um marcador e um posicionar social. A raça determina quem pode, onde deve e, como vai ocupar determinados espaços sociais. Pensemos isso a partir da dinâmica das cidades e das relações de trabalho (SANSONE, 2003).

Osório (2003) faz um exemplo hipotético onde dois irmãos gêmeos idênticos/univitelinos são separados e um é criado no estado da Bahia e o outro é criado em Santa Catarina. Os dois, em virtude dos traços fenóticos poderiam ser identificados originalmente como mestiços ou pardos, mas o irmão que foi criado na Bahia, levando em consideração a cor da pele da população desse estado, poderia ser considerado branco e assim ser tratado ao passo que o irmão que fora criado em Santa Catarina teria grandes chances, seguindo o mesmo critério, de ser considerado preto e ser tratado como “negão”. Nesse caso a percepção da cor varia em virtude da região do país uma vez que os irmãos possuem a mesma aparência, o que é considerado negro em uma região pode não o ser em outra (OSÓRIO, 2003).

Em outros espaços e horários isso ocorre de forma diferente no contexto das cidades, destacando que as relações raciais determinam quem pode e onde deve passar pelos espaços da cidade:

À noite e nos fins-de-semana, nas horas de descanso ou diversão, os termos raciais podem ser usados com mais liberdade, expressando amizade — “meu preto” ou “meu branco” — ou agressividade — “seu preto” ou “branco”. Mesmo nos momentos de maior liberdade em relação à terminologia da cor, costuma-se ter o cuidado de manter a cordialidade com os vizinhos, os amigos e os parentes, não usando termos ofensivos (SANSONE, 2003, p. 69).

Esse *continuum* de cores produzidos para melhor funcionamento das relações de poder pautadas em questões raciais no Brasil também determina quem são os “mais próximos” e quem são os “mais distantes” (SANSONE, 2003). De acordo com Sansone (2003), é mais fácil classificar como negra, preta ou branca pessoas que estão mais distantes:

As respostas referentes à cor são tão influenciadas pela preferência somática quanto pelos discursos sobre a democracia racial e a celebração da mestiçagem. As relações de amizade, assim como o medo de ofender, podem levar o indivíduo a classificar a família de um vizinho com um termo considerado positivo (SANSONE, 2003, p. 69-70).

Os termos considerados positivos são termos que levam o embranquecimento. Isso fica ainda mais evidente na descrição das pessoas que o indivíduo tem mais afeição e respeito como namorados, o chefe, amigos e parentes próximos, especialmente as mães. Nesses casos é comum o indivíduo declarar que as pessoas são mais claras do que elas realmente são. Ao declarar que sua família possui pessoas de todas as cores, ou que convive (mora, namora, trabalha) com pessoas claras o indivíduo pode estar tentando ganhar status, apesar do pesquisador reconhecer a possibilidade de uma mesma família ter indivíduos de diversas cores. O mais comum e observado pelos pesquisadores era que as famílias ditas mistas, na maioria das vezes, eram compostas por negros ou negros mestiços. O negro acaba se auto excluindo de lugares que são percebidos como anti-negros. Em alguns lugares, o corpo negro carrega o estigma de mendigo, prostitutas e pessoas pobres, menos favorecidas. Diante da resistência de conviver em certos espaços, os negros acabam se excluindo de espaços que “não são para eles” (SANSONE, 2003).

Colaborando com o conceito de espaços duros para o negro proposto por Sansone (2003) deixam evidente essa prática de exclusão de espaços ao analisar o discurso sobre o

perfil de usuários de *shoppings centers* em Belo Horizonte-MG e dois aspectos são importantes: as relações raciais e a segregação dos espaços.

Os *shoppings centers*, além de espaços que são símbolos de consumo, carregam consigo outras significações (símbolos, sentidos, significados), pois é um espaço de segregação socioespacial dentro dos espaços urbanos (NASCIMENTO et al., 2015). Para cada *shopping center* é atribuída uma imagem representativa que funciona como uma espécie de seleção natural. A separação nas grandes cidades é tamanha que é possível prever que “tipo de grupo” será encontrado. Na postagem em uma rede social analisada pelos autores, a questão racial é foco principal das discussões, já que o *shopping center* é representado simbolicamente pela imagem de um jovem negro é, geralmente, socialmente vinculado à favela e criminalidade (NASCIMENTO et al., 2015).

A cor, para os autores, é entendida como uma construção social e os *shoppings centers* são ambientes hostis, de exclusão, para os grupos que são socialmente desprezados (negros e pobres). Trata-se de um espaço que deixa evidente (de forma gritante) o preconceito de marca, são áreas duras onde não há lugar para o negro, onde o preconceito é operacionalizado na forma de discriminação. A formação das cidades e a existência de espaços de segregação racial são herança da sociedade brasileira do período colonial que delimitava claramente um espaço para o negro. Essa segregação ainda ocorre hoje, não só por fatores raciais, mas também por renda, classe social, gostos e interesses pessoais (NASCIMENTO et al., 2015).

De acordo com Nascimento et al (2015), os *shoppings centers* tem sua localização de acordo com o público alvo desejado e “sacralizam” o consumo hegemônico com grandes marcas, sobretudo marcas internacionais e, embora possuam lojas populares, há um direcionamento que segrega os frequentadores sendo uma área muito dura para os negros.

Ainda segundo os autores, o *Shopping* é uma nova centralidade urbana de caráter seletivo que favorece a convivência de grupos homogêneos. Eles deslocam o centro de atividades comerciais e serviços, alterando a estrutura socioeconômica das cidades. O *shopping* é vitrine, é um ambiente visual que segrega os sujeitos de acordo com a cor, roupa e outras expressões visíveis. O negro é associado à favela, pois as maiores parcelas dos moradores das favelas brasileiras são negros, e esses são associados ainda à criminalidade e, essa associação com o público negro, acaba descaracterizando um *shopping center* pois, se ele é frequentado por um público que não pertence a esse espaço, esse *shopping center* deixa de ser *shopping center* (NASCIMENTO et al., 2015).

O “negro padrão” permitido a frequentar os shoppings é o “negro xiquetérmino”, o “negro escovado”, o negro que seria melhor visto, o negro da moda que se aproxima do

consumo da classe hegemônica. Em virtude do nosso preconceito de marca e da dificuldade de admitir esse preconceito, ele surge muitas vezes revestido de humor, provocando risos e suavizando agressões e críticas (NASCIMENTO et al, 2015).

Para Sansone (2003), as diferenças em termos de relações raciais variam de acordo com a geração estudada, ou seja, existe um aspecto de tempo para além de país, território e espaço, mas sobretudo, há uma ideia que não é algo fixo, mas sim mutável. “As ideias de raça e do que define “negro” e “branco” longe de ser simplesmente universais — também são específicas e derivam de um espaço, um território ou um País particulares” (SANSONE, 2003, p. 211). Os indivíduos estão sujeitos a diversas abordagens racistas no cotidiano e é comum comentários pejorativos sobre negros ou, na presença deles, quando um grupo misto se reúne, mesmo quando o grupo compartilha da mesma posição social. Em outras vezes, o racismo tende a ser reduzido, quando se lida com pessoas de posição social mais alta (SANSONE, 2003).

As empresas estatais acabam tendo uma importância especial no Brasil, pois a cor tem pouco peso na contratação e carreira no serviço público. Este setor torna-se, portanto, uma alternativa para o trabalho do negro. O racismo tem ditado boa parte das oportunidades de trabalho dos negros. Entretanto, isso não apaga questões de discriminação racial no contexto das organizações públicas em termos de carreira, o que pode ser pensado a partir dos debates sobre racismo institucional (SANSONE, 2003).

O racismo institucional se caracteriza por práticas discriminatórias sistemáticas que possuem apoio indireto do Estado ou são fomentadas por ele, como afirmam Munanga e Gomes (2006). Elas manifestam na forma de isolamento dos negros em escolas, bairros e empregos específicos, bem como nos meios de comunicação, quando esses retratam personagens negros estereotipado, retratando-o de uma forma e equivocada ou, há a completa ausência de personagens negros. O mais marcante e terrível ato de racismo institucionalizado foi o extermínio físico do povo judeu na Alemanha nazista, esse mesmo pensamento é aplicado ao povo negro justificado pelo termo raça como conceito biológico usando-o para discriminar outros povos (MUNANGA; GOMES, 2006).

No Brasil, apesar da existência do racismo ser uma realidade, pesquisas realizadas apontam para a negação da existência do racismo por uma grande parte da sociedade e, quanto mais a sociedade, o poder público e a escola neguem, mais o racismo se alastra, conforme afirmam os autores (MUNANGA; GOMES, 2006).

Ninguém nasce com preconceitos: eles são aprendidos socialmente, no convívio com outras pessoas. Todos nós cumprimos uma longa trajetória de socialização que se inicia na família, vizinhança, escola, igreja, círculo de amizades e até na inserção em instituições enquanto profissionais ou atuando em comunidades e movimentos sociais e políticos. Sendo assim, podemos considerar que os primeiros julgamentos raciais apresentados pelas crianças são frutos do seu contato com o mundo adulto. As atitudes raciais de caráter negativo podem, ainda, ganhar mais força na medida em que se convive em um mundo que coloca as pessoas constantemente diante do trato negativo do negro, do índio, da mulher, do homossexual, do velho e do pobre (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 182).

Ainda segundo os autores, o preconceito racial no Brasil é perpetuado e revela o sistema social racista que existe no país e produz desigualdades dentro da sociedade e, para reverter esse cenário é necessário discutir formas de superação da discriminação racial e do racismo, além do preconceito. Esses conceitos, apesar de alimentarem mutuamente, possuem significados distintos, enquanto o racismo prega a supremacia racial, sua principal fonte é o preconceito racial. “A palavra discriminar significa distinguir, diferenciar, discernir. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 184).

Nas pesquisas realizadas por Sansone (2003), os mais velhos e pobres tendem a se auto identificarem como pretos em virtude de uma conformação com a falta de mobilidade social. Aqueles que se auto declaram como morenos, pardos e escuros, apesar de não apresentarem diferenças físicas do primeiro grupo, são sujeitos que ainda buscam ascensão social. Já o termo negro aparece nas autodeclarações de pessoas mais jovens e com maior escolaridade, e é o termo utilizado pelo IBGE (SANSONE, 2003).

O termo *negro* tem conotações muito diferentes da palavra *preto*; em linhas gerais, o primeiro se refere ao fenótipo negroide e o segundo, à cor negra propriamente dita. No último século, o significado do termo *negro* passou por uma inversão, que também ocorreu, nas décadas de 1970 e 1980, com os termos *bicha* e *bruxa*, que foram apropriados pelos movimentos gay e feminista brasileiros e receberam deles uma associação positiva (SANSONE, 2003, p. 73).

E essa terminologia de identificação como negro tem sido adotada pelos jovens, pois:

Os jovens têm uma tendência muito maior a se definir como “negros” e conseguem verbalizar melhor o que é a discriminação racial. É entre os filhos, no entanto, que se encontra a percentagem mais alta de desemprego e um sentimento mais intenso de insatisfação com o status quo. Para esses filhos, a identidade negra, o fato de serem jovens e a posição fraca no mercado de trabalho aliam-se a expectativas mais elevadas que as de seus pais (SANSONE, 2003, p. 155).

A identificação como negro ocorre com maior facilidade quando associada à música, cultura e religiosidade pois são espaços que ele é mais facilmente aceito e consegue extrair uma vantagem por ser negro. Apesar da incorporação dos debates sobre questões raciais pela mídia, especialmente no Brasil, esse processo tem atuado, em geral, como forma de reforçar o racismo, por vezes, colocando “cada qual em seu devido lugar”, ou seja, “colocando o negro em seu devido lugar” (SANSONE, 2003). Lugar esse que é representado inclusive em nossa MPB Música Popular Brasileira por Gilberto Gil (1984) e participação de Chico Buarque:

*“Mesmo depois de abolida a escravidão
 Negra é a mão
 De quem faz a limpeza
 Lavando a roupa encardida, esfregando o chão
 Negra é a mão
 É a mão da pureza.”*

De fato, o negro após a abolição concentrou-se no setor de serviços, entre eles o trabalho doméstico é o mais comum. De acordo com Davies (2009, p. 78):

[...] o trabalho doméstico inflaciona a participação de pretos, pardos e mulheres entre seus ocupados; por outro, os empregadores condensam, por sua vez, homens (71%) e brancos (68,3%), e apenas 26,1% deles são pardos, e 4,2% são pretos, ou seja, só 30,3% dos empregadores são negros, de acordo com a Pnad de 2007.

Em comerciais, o negro é associado ao vigor físico e é africanizado, mas nunca com artigos de luxo como iates e lanchas, enquanto os mestiços mulatos são associados à sensualidade, humor e brasilidade e, o que representa luxo e poder também é associado aos brancos, sendo comum candidatos às eleições embranquecerem suas fotos (SANSONE, 2003).

[...] quanto mais alta é a posição no mercado de trabalho, menor é o número de negros nela encontrado e mais alva tende a ser a cor de sua pele. Historicamente, o trabalho pesado ou sujo costuma ser associado à tez mais escura e aos traços negroides, enquanto a pele clara se associa aos cargos administrativos e de colarinho branco (SANSONE, 2003, p. 214).

Dessa forma as relações raciais e o mercado de trabalho no Brasil possuem uma estreita relação. O tom da pele e o número de traços negroides (marcas) que o indivíduo aparenta influencia a posição que ele ocupa no mercado de trabalho. Essa dinâmica pode ser percebida empiricamente, já que em nossa sociedade, poucos são os negros em posições de poder e prestígio (SANSONE, 2003). No entanto, assim como falar de racismo em uma

sociedade que não o admite em si, os existem poucos estudos acadêmicos na Administração sobre o tema.

2.5 EMPREENDEDORISMO

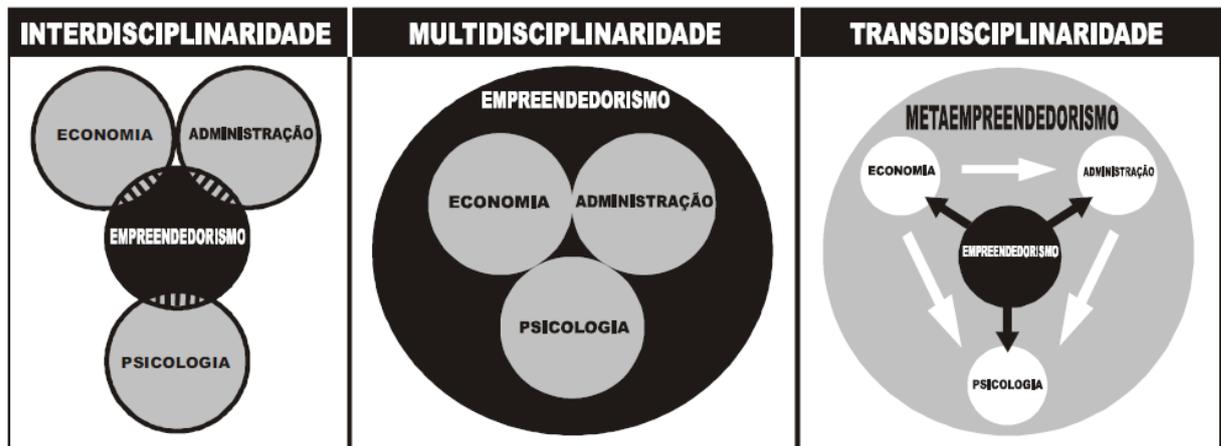
Se o mercado de trabalho é um espaço ou área dura para os negros (SANSONE, 2003), pois é o local onde o racismo se manifesta institucionalmente de forma muito perversa, quando discutimos sobre empreendedorismo como relação de trabalho, a raça também se configura como importante fator social nesse contexto.

De acordo com Boava e Macedo (2006, p. 1), “o estudo do empreendedorismo adquire grande destaque, posto que é um fenômeno capaz de provocar profundas transformações sociais, políticas, culturais, econômicas e psicológicas”.

Existe uma certa penumbra na definição de empreendedorismo. A palavra empreender deriva da palavra francesa *entrepreneur* que tem origem no latim e aparece nos anos de 1253 e 1289 com o significado relacionado à alguma pessoa que constrói algo, ou seja, que empreende, que organiza derivando de *enteprende*. A palavra *entrepreneur* aparece de forma literal no vocabulário inglês em 1475 utilizada para designar um gerente, alguém que se responsabiliza por algo ou campeão de batalhas. A palavra possui sentido de liderança e coragem. Em 1828 ela é utilizada para se referir a administradores de entretenimentos musicais. Em 1934 surge a palavra *entrepreneurship*, qualificando a atividade administrativa de lidar com riscos de um negócio, organizar e controlar uma empresa e essa foi a palavra traduzida para a língua portuguesa como empreendedorismo (BOAVA; MACEDO, 2006).

Ainda de acordo com os autores, para melhor compreensão do empreendedorismo, é importante ressaltar sua interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridades. Ele é interdisciplinar uma vez que estabelece contato com outras esferas do conhecimento, outras disciplinas. Multidisciplinar pois envolve várias pesquisas e outras disciplinas e transdisciplinar pois busca outras respostas para além de seu campo como na Figura 1:

Figura 1 – O campo de estudo do empreendedorismo, exemplos de abordagem



Fonte: Boava e Macedo (2006, p. 3)

De acordo com Boava e Macedo (2011), a partir de tantas confusões sobre o termo empreendedorismo e as áreas que a tangenciam, o empreendedorismo passou a formar ismos (reducionismos) principais sobre a temática empreendedora: 1. Economicismo; 2. Organilogismo. 3. Sociologismo. 4. Psicologismo.

O economicismo leva em consideração apenas os aspectos econômicos enquanto exclui os demais fatores. O organilogismo reduz o fenômeno à organização, ou seja, um conjunto de estruturas, processos e sistemas. O sociologismo reduz o fenômeno do empreendedorismo ao contexto social. O psicologismo que reduz à psique do empreendedor e sua subjetividade (BOAVA; MACEDO, 2011).

A Abordagem economicista do empreendedorismo reduz esse à questão econômica, ao que Boava (2006) chama de “fluxo circular”, o empreendedor produz e vende em um ciclo contínuo em que há a geração de riquezas em ambiente de risco no processo de comercialização no qual o empresário busca o saldo positivo na relação de compra e venda (CANTILLON, 2011). Ideia essa que é contraposta pela ótica da destruição criativa, onde além da geração de riqueza o empreendedor se transforma no processo, esse aspecto inovativo rompe o “fluxo circular” (SCHUMPETER, 1982; SAY, 2002). A vertente economicista também aborda o empreendedor como tomador de decisão e gestor dos limitados recursos, marginalizando a atuação deste ator enquanto gerador de lucro (CASSON, 1982).

Com relação aos demais “reducionismos”, tanto o psicologismo quanto o sociologismo apresentam foco no indivíduo, o conjunto de valores do indivíduo reverbera em seu comportamento (WEBER, 1989) e colabora para a construção da cultura organizacional (RAY, 1993). E, dessa forma, o comportamento do empreendedor está sujeito à interferência

das relações sociais e psicológicas, em que as “vidas sociais” do empreendedor se entrelaçam e influenciam-se (FILION, 1991), e estas acabam por impactar no desenvolvimento econômico (MCCLELLAND, 1961). Esta abordagem comportamental apresenta o empreendedorismo como um conjunto de atitudes que colaboram com a redução e superação dos ambientes de risco e com a aprendizagem, movendo o indivíduo para inovação (COLLINS; MOORE, 1964; DRUCKER, 1987; TIMMONS, 1989).

Ainda sobre a questão do economicismo, Souza (2014) elogia os dados estatísticos de dois renomados economistas brasileiros que publicaram trabalhos sobre a desigualdade social brasileira, mas crítica a ausência de um esforço para explicar com maior profundidade os fenômenos analisados. De acordo com o autor, é preciso ir além da realidade explicada de forma superficial e limitada pelo capital econômico para entender de fato a realidade brasileira.

Para o autor a realidade social, as classes sociais são explicadas de maneira economista principalmente voltado para a variável econômica como se essa por si só explicasse a dinâmica das classes contaminando desde as hipóteses até as conclusões. De acordo com Souza (2014, p. 36) “[...] o capital econômico não é única determinação importante da vida social. Ao contrário, sem por exemplo, a percepção dos capitais cultural e social, o próprio capital econômico se torna incompreensível”. O autor faz uma analogia com o corpo humano para contrapor essa percepção unilateral do determinismo econômico. O capital social e cultural seriam como se fosse o corpo em comparação com o espírito, corpo esse que seria um emissor de sinais interagindo com a variável econômica e preenchendo as lacunas dos significados sociais (SOUZA, 2014).

Souza (2014) explica que a classe média mantém a reprodução dos privilégios para seus filhos, como empregos que garantam a eles maiores salários e prestígio, através da educação e do financiamento de outras atividades e do tempo livre de seus filhos. Isso não ocorre com a classe popular onde os filhos começam a trabalhar muito cedo. Dessa forma, os filhos das famílias de classe média adquirem um capital cultural mais sofisticado que os favorece. Outra característica importante para explicar a desigualdade é o estímulo afetivo. De acordo com o autor:

“...a competição social não começa na escola. Para que possamos ter tanto o “desejo” quanto a “capacidade” de absorção de conhecimento raro e sofisticado, é necessário ter tido, em casa, na socialização com os pais ou quem ocupe esse lugar, o estímulo “afetivo” – afinal, nos tornamos “seres humanos” imitando quem amamos” (SOUZA, 2014, p. 37).

Os filhos das famílias de classe média possuem maiores chances de receber esses estímulos o que garante a reprodução do privilégio uma vez que eles chegarão como vencedores tanto na escola quanto no mercado de trabalho alcançando assim espaços que os filhos da classe trabalhadora não alcançam.

Esse é o problema do economicismo, a classe média acoberta os meios de reprodução de seus privilégios e tudo o que conquistam aparece como “merecido” é “mérito pessoal” e isso legitima a desigualdade. O próprio capital econômico passa a ser uma justificativa vazia e um problema de economicismo “A “cegueira” do economicismo é portanto, dupla: ela é cega em relação aos aspectos decisivos que reproduzem todos os privilégios e é cega, também, em relação à falsa justificação social de todos os privilégios” (SOUZA, 2014, p. 37).

Segundo o mesmo autor, mesmo um rico sem capital social acaba não possuindo o mesmo respeito e prestígio em seu meio

Ao “rico bronco” estão vedadas não apenas as importantes relações entre o capital econômico e o capital cultural, o qual possibilita a “naturalidade”, a “leveza”, o “charme pessoal”, tão importantes no mundo dos negócios como em qualquer outro lugar” (SOUZA, 2014, p. 37).

De acordo com Oliveira, Pereira e Souza (2013), o estudo do empreendedorismo possui ainda visões diferentes vindas de abordagens econômicas, comportamentalistas (psicológicas) e sociais. Porém, é de comum acordo que, ainda que existam vertentes que explorem mais a figura do empreendedor, o contexto social exerce influência sobre o empreendedor. Dentre as categorias sociais de análise, encontram-se questões étnicas e sociais.

As raízes do empreendedorismo encontram-se primeiramente nas teorias econômicas (perspectiva econômica), conforme observa-se nos trabalhos de Schumpeter (1982) e Drucker (1987). De acordo com esta abordagem, o “perfil” empreendedor é definido a partir de um indivíduo que assume riscos para superar obstáculos e promover inovação. Essa perspectiva ignora as questões sociais de construção da economia.

Seguindo às teorias comportamentais, o “perfil” empreendedor é determinado a partir de traços de personalidade e comportamentais (OLIVEIRA; PEREIRA; SOUZA, 2013). Já as teorias críticas o “perfil” empreendedor é construído a partir do ambiente social e do histórico de vida das pessoas. Elementos como sociedade, economia, política são importantes para compreender a “perfil” do empreendedor.

Os autores Shane e Venkataraman (2000) argumentam que o empreendedorismo é um campo científico por si só e não pertence a administração, economia ou psicologia. Os autores definem empreendedorismo como uma área de estudo que envolve a fonte de oportunidades; o processo de descoberta, avaliação e exploração de oportunidades; e o conjunto de indivíduos que descobrem, avaliam e exploram tais oportunidades.

Oportunidades empreendedoras são aquelas situações nas quais novos bens, serviços, matérias-primas e métodos de trabalho são introduzidos e vendidos a um preço mais elevado ao seu custo de produção. Essas oportunidades existem devido à assimetria de informação. Mudanças tecnológicas, políticas, sociais, regulatórias dentre outras existem continuamente e isso gera um constante fluxo de informação que determinará novas formas de usar recursos e gerar riquezas. Conseqüentemente, algumas pessoas obtêm informação antes de outras. Se eles se antecipam, eles conseguem comprar recursos para serem recombinaados e, em seguida, vendê-los (SHANE; VENKATARAMAN, 2000).

A partir do momento que a informação se difunde mais, os fornecedores de materiais cobram mais pelo produto do empreendedor. Porém, a duração da oportunidade pode demorar para “morrer”, pois, primeiramente, a informação pode se difundir pouco. Além disso, podem haver proteções (ex. Patentes, direitos de monopólio). Ademais, a própria difusão de informação pode ser lenta. Por fim, a própria falta de habilidade de imitar por parte de outros pode aumentar a duração da oportunidade (SHANE; VENKATARAMAN, 2000).

Sendo assim, Shane e Venkataraman (2000) discutem o empreendedorismo a partir de quatro pontos principais:

a) A existência da Oportunidade Empreendedora: Para que ocorra o empreendedorismo é necessário que exista uma oportunidade empreendedora que são fenômenos no mercado e que podem ser aproveitados.

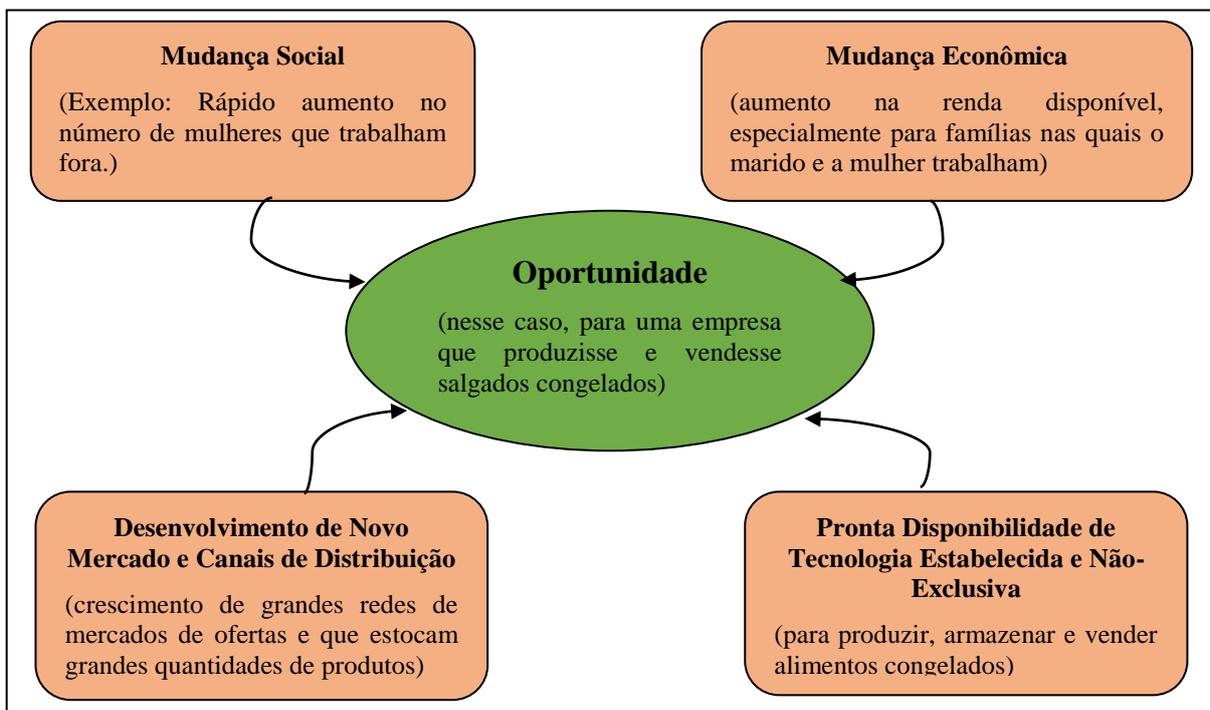
b) Descoberta da Oportunidade Empreendedora: A descoberta de oportunidades empreendedoras depende de informação prévia à identificação de oportunidades; propriedades cognitivas.

c) A decisão de explorar oportunidades empreendedoras depende de vários fatores, dentre eles a natureza da oportunidade. A cura do câncer de pulmão tem um apelo bem maior que o problema do lanche nas escolas. Há também fatores individuais. As pessoas diferem na percepção de quanto recurso (tempo, dinheiro, esforço, aceitação de risco) deverão investir para explorar uma oportunidade.

d) Modos de exploração: a exploração pode se dar de duas formas – criação de uma nova empresa ou venda das oportunidades a empresas que já estão no mercado (SHANE; VENKATARAMAN, 2000).

De acordo com Baron e Shane (2015), a existência dessa oportunidade empreendedora e a descoberta dessa oportunidade (letras A e B) do estudo de Shane e Venkataraman (2002) ocorrem quando há o reconhecimento de criar algo novo no mercado e podem gerar algum valor econômico. Essas oportunidades surgem por uma interação complexa de diversos fatores: Mudanças Sociais, Mudanças Econômicas, Desenvolvimento de Novo Mercado e Canais de Distribuição e a Pronta Disponibilidade de Tecnologia Estabelecida e Não-Exclusiva (BARON; SHANE, 2015). A Figura 2, resume e exemplifica esses fatores:

Figura 2 – Oportunidades Surgem da Confluência de Fatores



Fonte: Adaptado de Baron e Shane (2015)

De acordo com Baron e Shane (2015) identificar uma oportunidade ou descobrir essa oportunidade é um passo importante, mas é necessário explorar essa oportunidade e tomar a decisão de ir em frente com o empreendimento. Segundo os autores, para entender todo o processo é necessário, antes de mais nada, entender quais são as motivações dos empreendedores, o que os leva a empreender. Identificar uma oportunidade no mercado e pensar em abrir um negócio é uma decisão, colocar o plano em prática é outra completamente distinta. Essa fase envolve o planejamento e reunir os recursos necessários para começar a

empreitada. Nessa fase, os empreendedores normalmente formalizam um plano de negócios onde planejam detalhadamente como irão desenvolver esse empreendimento e onde irão buscar suporte financeiro (BARON; SHANE, 2015).

Com relação aos modos de exploração, nos estudos de Baron e Shane (2015) ele entra em consonância com o lançamento da empresa e uma série de decisões que o empreendedor deve formar. O empreendedor deve definir os formatos das constituições da empresa, constituir os contratos básicos e atender as questões de ordem legal do seu negócio (BARON; SHANE, 2015).

É possível definir empreendedorismo como o processo de identificação de oportunidade para o desenvolvimento de um empreendimento que pode ou não ter objetivo principal as questões econômicas (BARON; SHANE, 2015). Esse conceito de Baron e Shane (2015) é relevante pois, para os referidos autores, não basta identificar a oportunidade, sendo necessário explorá-la para que efetivamente se caracterize como empreendedor, o que está em consonância com a definição de empreendedorismo de Shane e Venkataraman (2000) que adoto de base nesse estudo.

De acordo com Baron e Shane (2015) o empreendedorismo é um processo:

Acreditamos que, recentemente, o empreendedorismo passou a ser visto mais como um processo em andamento do que como um evento único (por exemplo, a fundação de uma empresa ou o reconhecimento de uma oportunidade (BARON; SHANE, 2015, p. 16).

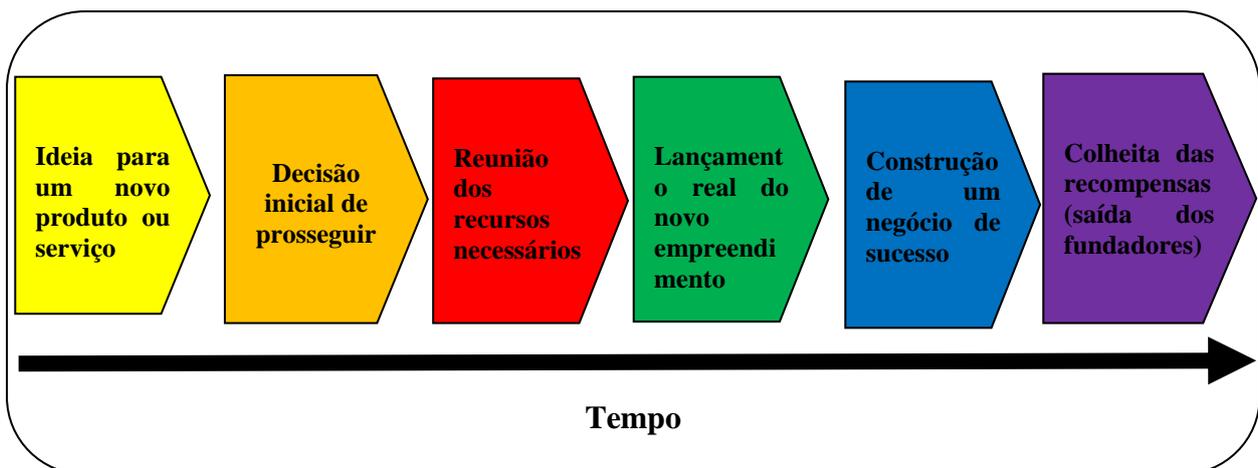
Baron e Shane (2015) destacam, basicamente, três pontos essenciais para avaliar o empreendedorismo que são: (1) reconhecer uma oportunidade (ou gerar uma ideia para uma empresa nova); (2) reunir os recursos necessários para o desenvolvimento dessa oportunidade (recursos humanos, financeiros, computacionais); e (3) lançar o empreendimento novo administrando o seu crescimento e colhendo as recompensas.

Esse processo de exploração das oportunidades deve ser pensado não somente em termos individuais, mas como a relação estabelecida com o mercado, fornecedores, clientes e Estado, por exemplo, se articulam para a efetivação da oportunidade identificada pelo empreendedor (BARON; SHANE, 2015). Este se caracteriza pelo indivíduo que identifica uma necessidade do mercado e atua para a efetivação dessa proposta de um novo empreendimento (LONGENECKER et al, 2007). Ainda sobre os debates da figura do empreendedor, tanto Fillion (1999) quanto Birley e Muzyka (2001), destacam a necessidade de

contextualizar socialmente a atuação do empreendedor como forma de entendimento sobre como esse processo ocorre (SHANE; VEKATARAMAN, 2000).

De acordo com Baron e Shane (2015), o processo empreendedor sofre influência de três níveis de variáveis: variáveis de nível individual, variáveis de nível grupal e variáveis de nível social. As variáveis de nível individual são as características dos próprios empreendedores, suas técnicas e suas motivações. As variáveis de nível grupal resultam da interação dos empreendedores com outras pessoas, com clientes, com funcionários com capitalistas, etc. As variáveis de nível social são as condições econômicas, a tecnologia, as políticas governamentais, entre outras. Essas últimas estão localizadas no macro ambiente (BARON; SHANE, 2015). De acordo com os autores o empreendedorismo segue o caminho apresentado na Figura 3:

Figura 3 – Fases importantes para o empreendedorismo



Fonte: Adaptado de Baron e Shane (2015)

Entretanto, quando os debates sobre empreendedorismo e empreendedores são contextualizados, as questões raciais são aspectos ainda não discutidos na área de Administração, especialmente no Brasil. Categoriais sociais como gênero (MACHADO; GAZOLA; AÑEZ, 2013) empreendimentos solidários (GAIGER; CORRÊA, 2010), ou mesmo “países em desenvolvimento” (NOGAMI; MACHADO, 2011), são temas mais afetos e discutidos na área, sendo a categoria raça ainda pouca discutida.

Apesar de no campo da administração como explicitado como Conceição (2009) não ser um espaço tão adepto as discussões raciais, existe um movimento que está mudando aos poucos. A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD),

que organiza o EnANPAD (Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração), um dos principais congressos da Administração no Brasil, está aderindo aos poucos à essa temática. Desde de o ano de 2007, na área de Estudos Organizacionais, aparece como tema de interesse Identidade e Diversidade. Nos anos de 2011 a 2015, ainda dentro da área de estudos organizacionais, aparece o tema Gênero e Diversidade nas organizações e, já nos anos de 2016 e 2017 o tema é substituído por Gêneros, Raças-Etnias, Sexualidade e Diversidade. A produção acadêmica nesse campo no Brasil ainda não é extensa, mas a presença dessa temática em um evento desse porte já é um indicativo de mudança, de quebra desse silenciamento.

Algumas instituições como o SEBRAE têm publicado pesquisas com essa temática (SEBRAE, 2015, 2017) e organizações como o Instituto Adolpho Bauer – IAB têm apoiado afro empreendedores e conseguido ganhos na esfera política como a lei 19.392 de 11/07/2016 que incentiva políticas de Afro empreendedorismo em Goiás.

2.5.1 Empreendedorismo e questões raciais

No Brasil, os trabalhos que discutem a categoria raça em empreendedorismo são recentes, mas um movimento semelhante aconteceu/ acontece nos Estados Unidos. O primeiro empreendimento negro nos EUA data de 1736. Já em 1920 é tido como a década de ouro dado o crescimento de empreendimentos criados por negros. Havia cerca de 103,872 empreendimentos, sendo a maioria dependente de clientela negra (FLOURNOY, 1973).

Em 1930 houveram muitos problemas nos empreendimentos em virtude da grande depressão. A partir de 1940 negros passam a experimentar menos desigualdade devido à política Executive Order 8802 que determinava mais igualdade na contratação de funcionários. Entre 1950 e 1960 houve avanço de direitos civis para os negros. Com isso, empreendedores que haviam nascido sob a cortina da segregação (negros comprando de negros) começaram a competir diretamente de empreendedores brancos maiores já estabelecidos há mais tempo (FLOURNOY, 1973).

Em 1959 é lançado uma política de investimento em pequenos negócios em Manhattan. Um dos objetivos específicos era atender minorias de áreas segregadas. Porém, a maioria das empresas de investimentos que se filiaram a esta política pública já estava focando em negócios de longo prazo com viés tecnológico (FLOURNOY, 1973).

Desde meados da década de 60, existem programas desta natureza nos EUA tanto no governo quanto em empresas privadas. Exemplos de programas: cotas de fornecedores para

empresas de minorias, cota de financiamento público para minorias. Estes programas abrem um bom caminho de oportunidades que outrora não estavam acessíveis que torna o crescimento e sobrevivência mais factível. Para participar destes programas, as empresas devem ganhar uma certificação: MBE (Minority Business Enterprise) (SHELTON; MINNITI, 2017).

Entre 1997 e 2000 o número de negócios abertos por brancos cresceu em 8% enquanto que de negros foi de 25%. Porém, as taxas de falência dos negros são maiores. O percentual de empreendedores negros nos EUA é de 4% se comparado com 20% de brancos (FAIRCHILD, 2008). A taxa de iniciação de empreendimentos dos negros é de três vezes maior que brancos. No entanto, negros tem probabilidade menor de sucesso que brancos isso se deve a questões de ordem social como a educação (CRUMP et al., 2015).

O estudo de Shelton e Minniti (2017) demonstra que o acesso ao mercado é um dos elementos principais para o sucesso de um novo empreendimento. E por esse motivo surgem alguns programas de compras preferenciais com a intenção de alavancar o acesso ao mercado para minorias empreendedoras (incluindo questões de gênero, etnia e classe), criando oportunidades de comprar e vender produtos e serviços para um determinado grupo de consumidores (SHELTON; MINNITI, 2017).

Colaborando com esse estudo, o SEBRAE Rio desenvolveu um trabalho nas feiras étnicas cariocas, nas feiras Afro. Essas feiras são oportunidades para que empreendedores que possuem pequenos negócios comercializem seus produtos e ganhem visibilidade. Elas também são oportunidades para que outros negros encontrem produtos voltados para suas necessidades e seu perfil, esse tipo de consumo é conhecido como Afroconsumo, mercado que já movimenta bilhões (SEBRAE, 2017).

Os Empreendedores com maior acesso a mercado possuem rede de relacionamento maiores e acesso facilitado a gatekeepers. Minorias tendem a ter menor acesso a mercado por exclusão das redes de relacionamento e gatekeepers devido à discriminação. Ter acesso a redes de relacionamento é algo primordial para negócios. Porém, como minorias são excluídas de redes valiosas devido ao “baixo status social”. Os programas facilitaram o acesso das minorias a redes e gatekeepers uma vez que estabeleceram cotas de empresas de minorias como fornecedores. Outros programas incentivaram empresas que mantivessem relações com empresas de minorias (SHELTON; MINNITI, 2017).

Outro estudo sobre empreendedorismo negro é o de Fairchild (2008). Este estudo busca compreender o aumento do número de empreendimentos tocados por negros a partir da segregação residencial racial. Assim como compreender o impacto da segregação na

possibilidade de negros e brancos serem empreendedores. De acordo com o autor, é comum e todas as cidades haver segregação de diferentes grupos. Pessoas com renda similar, por exemplo, tendem a viver juntas. Os mais elevados graus de segregação ocorrem entre pessoas de diferentes grupos raciais. Ainda que este cenário tenha mudado um pouco (negros e brancos morando em lugares próximos), ainda há muita segregação de acordo com dados do censo americano (FAIRCHILD, 2008).

Uma das formas construídas no campo do empreendedorismo para se discutir a questão étnica-racial é o denominado empreendedorismo étnico. Empreendedorismo étnico é um conjunto de conexões e padrões de interação entre pessoas que compartilham um passado comum ou experiências de imigração. Cabe salientar que o termo pode ser usado tanto para um imigrante como também para um afro-americano, aborígine ou judeu, pois estes se constituem como um grupo étnico (WALDINGER; ALDRICH; WARD, 1990). Grupo étnico é um segmento que possuem origem comum e compartilham uma cultura em comum e que, além disso, participam de atividades em que a origem comum e cultura são ingredientes significantes (YINGER, 1985).

O empreendedorismo étnico é uma reação aos bloqueios do mercado de trabalho. Aqueles que não possuem nenhuma chance de serem empregados acabam caindo no auto emprego. Mercados dominados por empreendedores étnicos geralmente são caracterizados por baixas barreiras de entrada em termos de capital financeiro e qualificação educacional, baixa produção de escala, alta intensidade de trabalho e baixo valor agregado. Ao mesmo tempo, a competição elevada reina. Isso culmina em um alto número de empresas nascentes e, conseqüentemente, altas taxas de falência (VOLERY, 2007).

Para se manter competitivo, muitas vezes estes empreendimentos vivem na informalidade, aplicando práticas contrárias à arrecadação de impostos, regulação de trabalho, salário mínimo e emprego de crianças e imigrantes sem regulamentação (VOLERY, 2007).

Outro estudo sobre o empreendedorismo negro é o artigo de Davies (2009) que teve como objetivo verificar se os elementos da identidade negra acompanham o indivíduo em sua ascensão socioeconômica pessoal quando ele torna-se empresário. Ele propõe um debate entre a identidade de classe, a conduta empresarial e a questão racial e as possíveis implicações para a elaboração e o self. O recorte de estudo de Davies (2009) é em empresas de médio porte. Esse recorte é estratégico pois além de elementos da burocracia e personalidade combinados com o *habitus* racial essa escala de análise permitiu a Davies (2009) o contato com negros mais experientes no *ethos* empresarial no mundo dos negócios.

Nesse estudo, o autor, utilizando como base o texto de Figueiredo (2002), classifica quatro formas diversas do “ser negro”: os radicais que priorizam a raça e desigualdade em seus discursos; os alternativos que apesar de reconhecerem o preconceito e a desigualdade racial, se relacionam com esses problemas de forma individual, em seus discursos está presente a ideia que através do esforço individual as barreiras sociais e o preconceito de cor podem ser minimizadas; os assertivos que, deixam de lado a questão de caracterizar suas identidades, não negam o preconceito mas o discurso é que o preconceito racial não acontece com eles; os democráticos são aqueles que a cor desapareceu por completo do discurso como se a sociedade brasileira vivesse em harmonia racial (DAVIES, 2009).

Como resultado de seu estudo, Davies (2009) identifica outras formas de identidade que são construídas em outros contextos. Com relação às identidades, a classe média negra, esses indivíduos que ascenderam socialmente, possuem identidades diferenciadas (identidades híbridas) tanto em comparação ao segmento social que pertencem quanto ao grupo de origem. Com relação à autoclassificação racial eles se consideram pretos, mulatos e negros. Eles se reconhecem como negros, mas quando questionados sobre a condição do “ser negro” a maior parte só se refere a raça para relatar discriminação e buscam ressaltar a mobilidade social ao invés da questão racial, demonstrando que a identidade não é somente um espaço onde estão depositados valores culturais. Na vida dos empresários negros de classe média os símbolos negros existem apenas em determinados espaços, o negro de classe média transfigura a ideia essencialista de que ser negro é equivalente a ser pobre “embranquecendo socialmente”. Seu novo estilo de vida promove assimilação e incorporação de novos símbolos na vida desses negros. (DAVIES, 2009).

O estudo mostra que nenhum dos empresários negros de classe média manifestou em seu discurso a identidade radical e quanto maior é seu status na pirâmide social mais os negros tendem a elaborar identidades assertivas ou alternativas. Isso pode ser justificado porque o discurso radicalista representa um entrave para os negócios e que a conduta empresarial faz com que o indivíduo conviva com vários agentes exigindo uma capacidade extrema de diálogo (DAVIES, 2009).

Apenas dois sujeitos entrevistados na pesquisa apresentaram o discurso democrático, enquanto os outros sete da pesquisa variavam entre a percepção de identidade alternativa e assertiva. Apesar de concordarem que o preconceito existe na sociedade, eles divergiam na importância do mesmo nas suas trajetórias de vida acreditando que os obstáculos raciais poderiam ser contornados por esforços pessoais ou seja, acreditavam na ascensão social por mérito. Esses negros adotam o discurso da “ideologia do sucesso” onde o esforço pessoal

persistente é recompensado e deslegitimam as reivindicações por igualdade pois para eles é possível crescer na vida sem ancorar em uma negritude que sirva como empecilho a seus projetos, eles acabam adotando identidades estranhas aos valores da negritude (DAVIES, 2009).

Na pesquisa de Davies (2009), os entrevistados eram ligados a grupos e redes de contatos privilegiadas no mundo dos negócios, o que fortalecia seus contatos profissionais. A composição desses grupos era predominantemente branca e eles, os empreendedores negros entrevistados na pesquisa, transitavam em um mundo com valores brancos.

O discurso pouco afeito aos argumentos da negritude tem sido preenchido por identificações em outros aspectos, ao que parece, mais interessado no convívio e sob os valores do seguimento branco, médio e empresarial brasileiro. Vale ressaltar, entretanto, que a maioria dos empresários observados gesta um discurso que mistura essas duas vertentes, a da raça e a do pertencimento a um grupo socialmente muito prestigiado, assim transitando entre mundos que parecem distantes (DAVIES, 2009, p. 90).

O estudo de Oliveira, Pereira e Souza (2013) teve o objetivo de discutir a influência de fatores étnico-raciais no perfil dos empreendedores brasileiros. O estudo focou os empreendedores negros e suas atividades no período de 1990 a 2008, e resultou no entendimento de que as relações étnicas são obstáculos para esses empreendedores estabelecerem e manterem os seus empreendimentos uma vez que essas influenciam suas relações com clientes, funcionários, concorrentes e fornecedores (OLIVEIRA; PEREIRA; SOUZA, 2013).

Para as referidas autoras, esses grupos étnico-raciais se diferenciam do grupo hegemônico (brancos) em oportunidades oferecidas pelo seu meio social e os estudos da Administração ainda são voltados para o grupo hegemônico, apesar de mais da metade da população brasileira ser de negros e pardos. Paixão apud Oliveira, Pereira e Souza (2013) destacam que alguns estudos em Administração focam o mercado de trabalho, mas poucos o empreendedorismo dos negros.

Os empreendedores negros estão sujeitos a discriminação racial nas relações com clientes, concorrentes, funcionários e fornecedores. Outra dificuldade marcante apresentada no estudo é o acesso ao crédito bancário e capitalização própria tendo em vista que a grande maioria dos empreendedores negros possui uma origem de baixa renda (OLIVEIRA; PEREIRA; SOUZA, 2013).

De acordo com Arman (2015), uma vez que a lei áurea não foi acompanhada de política pública ou de equiparação de cidadania, o empreendedorismo negro surge como uma

estratégia tanto de sobrevivência como de inserção social usando do que sabiam fazer ainda no período escravocrata, pois não existia muitas opções para esses novos trabalhadores. É por isso que ranços dessa dinâmica podem ser observadas em relação aos empreendedores negros, a exemplo do racismo nas relações sociais necessárias para o desenvolvimento de suas atividades, conforme discutem Oliveira, Pereira e Souza (2013).

Com a abolição, muitos negros livres se tornaram empreendedores como forma de lutar pela inserção social. Sem muitas alternativas para garantir o sustento próprio e de suas famílias, ex-escravos ofereciam serviços de culinária, costura e lavagem de roupas (ARMAN, 2015, p. 68).

Segundo Davies (2009), o grupo de negros encontrou brechas em espaços que foram abertos pelo fenômeno industrial, comércio, serviços e na construção civil. Essas brechas proporcionaram uma ascensão social. Tais atividades mais comuns aos lócus negros são os espaços de maior porosidade na economia de mercado, após a escravidão foi o setor de serviços que absorveu os ex-escravos. Eles participavam da economia das cidades por meio de prestações de serviços técnicos e pequenos comércios (DAVIES, 2009).

Estudos relacionados ao empreendedorismo no Brasil devem levar em conta a estratificação social que marca o país, pois ela influencia na área do estudo em questão, que aborda o tema com base nas diferenças dos empreendedores negros. Utilizando como base secundária de dados o estudo de Paixão (2003), é possível identificar um silenciamento acadêmico, no sentido em que “alguns silenciamentos de categorias de análise de pesquisas sobre empreendedorismo podem refletir a dinâmica social do Brasil” (OLIVEIRA; PEREIRA; SOUZA, 2013, p. 10).

O estudo de Paixão (2003) foi importante nesse debate sobre raça, racismo e empreendedorismo, pois além de agregar à categoria dos empreendedores negros ao que é discutido e trabalhado sobre empreendedorismo, o autor também destacou a importância de políticas públicas voltadas para esse público. Além das dificuldades comuns do próprio negócio, o negro tem que superar/lidar com as desigualdades étnicas e sociais do país, além do racismo. Utilizando dos dados da Ancebra e do IBGE, apesar da população negra ser equivalente a 50,7% da população, os negros correspondem a apenas 3,8% dos empregadores (PAIXÃO, 2003).

O empresário negro tem uma condição dupla, por um lado ele convive com a conduta empresária e, por outro, a questão racial, de modo que sua identidade acaba tornando-se um *mix* das duas que interagem:

[...] a satisfação dos interesses econômicos não acontece de forma alheia aos fatores extra econômicos que participam das interações indivíduo-sociedade, mas se combinam e se acomodam às questões culturais, políticas, familiares, associativas, tradicionais, e portanto, identitárias (DAVIES, 2009, p.77).

A empresa é o espaço onde ocorre a interação entre o instrumental, posto que é uma unidade de produção, planejamento, hierarquia e mediação, e outros aspectos da vida em sociedade (DAVIES, 2009):

Ao estudar os empresários, são revelados maiores limites do *homo economicus* e constatada a possibilidade de participação da identidade racial em uma esfera de ação importante da vida em sociedade, que envolve produção de trabalho e emprego, circulação de mercadorias e serviços, gerenciamento de pessoal, planejamento produtivo e satisfação de necessidades coletivas (DAVIES, 2009, p. 77).

O negro capitalista é representante inverso daquilo que é percebido de forma majoritária na sociedade e não só questões de ordem econômico administrativas como de poder e hierarquia. Davies (2009), ao citar Paixão (2003) e o relatório sobre os “empreendedores negros” brasileiros, divide os mesmos em duas categorias: os autônomos e os empregadores. Os autônomos são aqueles que trabalham sozinhos, por conta própria, enquanto os empregadores são aqueles que, sob seu comando, possuem ao menos um empregado remunerado. Essa divisão é a mesma adotada pelo SEBRAE (2015) no relatório com recorte racial. O estudo de Davies (2009) mostra que:

Sete dos nove entrevistados relataram a experiência de uma infância difícil, sendo eles de origem bastante pobre. Viviam em meio a muitos irmãos, sob condições precárias, e precisavam colaborar desde cedo trabalhando, prejudicando, assim os estudos regulares. Somente dois participantes da amostra relataram a condição de herdeiros: um soteropolitano do comércio e um empresário da construção civil do Rio de Janeiro. Em ambos os casos, os pais transmitiram seus capitais cultural (o traquejo da prática empresarial), social (a rede de relações que sustentavam os hábitos consolidados) e econômico (DAVIES, 2009, p. 85).

A questão do ser negro e de pertencer à classe média, mais do que a minoria sociodemográfica, apresenta uma dinâmica de questões de classe diferente. Geralmente, essas pessoas são de origem pobre, e procuram um emprego público para subsidiar outras práticas profissionais, ou seja, não se identificam com a “classe média”. Após ascensão social é comum o casamento inter-racial, que surge como mecanismo para consolidar o status, evidenciando os debates de Sansone (2003) sobre como as relações amorosas se constituem como áreas duras para os negros no Brasil. Esses indivíduos, possuem pouca relação com uma

identidade negra, enfrentam em determinados ambientes da classe média reações de desconfiança e surpresa, mas, frente a esse tipo de situação, procuram amenizar conflitos em situações discriminatórias (DAVIES, 2009).

Davies (2009), analisando os dados da PNAD (de 1990 até 2007) e comparando com outras pesquisas, destaca que as desigualdades raciais no Brasil continuam estáveis, apesar das transformações sociais e econômicas. Esse quadro só se alterou muito timidamente a partir do governo Lula, aumentando significativamente o número de representantes negros empregadores de 20,9% em 1999 para 30% em 2007 (DAVIES, 2009). A pesquisa apresenta ainda alguns dados que evidenciam as diferenças entre empreendedores negros e brancos:

Em 1999, apenas 17% dos empregadores negros possuíam empresas com mais de cinco empregados, ao passo que esse número quase dobrava entre os brancos (31%). Do outro lado da pirâmide, são 83% das empresas com até cinco profissionais remunerados comandadas por negros e, entre brancos, 69%. Em 2007, o número proporcional de empresas com mais de cinco empregados reduz para ambos os grupos, o que pode significar um avanço na sobrevivência das micro e pequenas empresas a partir das novas políticas econômicas e fiscais implantadas a partir da segunda metade dos anos 1990. Em 2007, somente 9,9% dos empregadores negros contavam com mais de meia dezena de subordinados, enquanto isso, entre os brancos, foram 13,7% (DAVIES, 2009, p. 81).

Outro fator importante apontado pelas pesquisas é a média de anos de estudo, o que compromete ainda mais o preparo dos negros como empreendedores. O estudo de Greatti e Previdelli (2007) mostra que as empresas que tem maior longevidade são aquelas que os gestores possuem um maior nível de escolaridade. Decompondo os dados de empreendedores no Brasil, há uma grande discrepância entre os anos de estudo de negros e brancos, essa discrepância ocorre não só no Brasil, como também nos Estados Unidos. De acordo com Hisrich e Peters (2004), os empreendedores negros também possuem menos anos de estudos e, enquanto a maioria dos negros possui apenas um funcionário, 39% dos brancos possuem em média mais de 5 funcionários. 31% dos negros atuam principalmente na prestação de serviços, enquanto os brancos são maioria no comércio geral¹⁰ (OLIVEIRA; PEREIRA; SOUZA, 2013).

As políticas universalistas são ineficazes no combate aos desníveis entre brancos e negros no Brasil. Neste sentido, conforme Oliveira, Pereira e Souza (2013, p. 23)

Faz-se necessário que esses estudos avancem não somente em termos de gênero ou da influência da cultura para oportunidades empreendedoras, mas também

¹⁰ Leia-se comércio formal pois no comércio informal “venda de muamba” e feiras, os negros representam a grande maioria.

relativamente às discussões sobre como aspectos socioculturais brasileiros influenciam a dinâmica de empreender no Brasil, como questões étnicas e raciais.

De acordo com Vale (2014), grupos minoritários estão sujeitos à marginalidade. Marginalidade esta que inclui, além de grupos minoritários e imigrantes, a população inserida em estratos sociais inferiores, desprovidos, muitas vezes, de condições de escolaridade, renda e trabalho. O empreendedorismo não é um fenômeno de elite, já que esta daria preferência a carreiras de estado ou emprego em grandes organizações. O empreendedorismo seria uma prática dos grupos marginalizados, pois esta seria uma possibilidade de inserção e mobilidade social. Ao mesmo tempo, há autores mais contemporâneos, como Martinelli (2009) que propõe que existe chance maior do empreendedor vir de grupos centrais ou dominantes (VALE, 2014).

O empreendedorismo é uma avenida de mobilidade social vertical para muitos empreendedores. A mobilidade está associada ao estrato de origem do indivíduo. Existe associação entre o estrato de origem do empreendedor e a mobilidade social. O estudo mostra que o empreendedorismo não está associado à elite, já que a atividade empreendedora derivou-se principalmente de estratos médio e médio-baixo da população (VALE, 2014).

Quanto maior o estrato de uma geração, mais o empreendedorismo tende a funcionar como uma via de preservação do mesmo estrato da próxima. Quanto menor o estrato de uma geração, mais o empreendedorismo tende a funcionar como um mecanismo de mudança de estrato. Estes resultados sugerem que o empreendedorismo pode ajudar na democratização da sociedade, reduzindo desigualdades (VALE, 2014).

O empreendedorismo recebe grande influência da estratificação racial e econômica que são negligenciados por esses estudos principalmente na área da administração (OLIVEIRA; PEREIRA; SOUZA, 2013), lacuna de pesquisas que este estudo pretende discutir. Assim, na próxima seção deste projeto de pesquisa, apresento como o estudo foi desenvolvido metodologicamente durante a realização da pesquisa de campo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2002). A escolha dessa natureza de pesquisa ocorreu, pois, o objetivo que delimitar foi compreender as influências raciais no empreendedorismo desenvolvido por negros na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Para a produção de material empírico nesse estudo, utilizei a técnica de entrevistas semiestruturadas. A entrevista semiestruturada permite lidar com imprevistos explorando as questões com maior amplitude proporcionando aos entrevistados (e também ao entrevistador) maior liberdade para expor opiniões e expressar pontos de vistas. De acordo com Lüdke e André (1986) na entrevista semiestruturada:

Não há imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo é a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que ocorre um estímulo por parte do pesquisador as informações fluirão. A grande vantagem dessa entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33-34).

O roteiro de entrevistas (APÊNDICE A) foi estruturado com base nas duas grandes categorias temáticas dessa pesquisa: raça e empreendedorismo. Deste modo, primeiramente, questionei aos entrevistados sobre suas origens e formação estabelecendo um diálogo para entender a construção de seus negócios, seu entendimento enquanto empreendedor e como eles avaliam o empreendedorismo no Brasil e, especialmente, na localidade onde residem e trabalham. Logo em seguida perguntei como eles se classificavam de acordo com os critérios raciais e quando eles se “descobriram” negros, como eles avaliam as questões raciais no Brasil, bem como os entendimentos dos entrevistados sobre como as questões raciais influenciam a seu cotidiano de trabalho. A partir desse caminho de questionamentos, espero compreender as relações entre raça e empreendedorismo no Brasil.

O escopo de realização da pesquisa foi delimitado a região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. A região metropolitana do Rio de Janeiro, conhecida como grande Rio, é composta pela Capital, o Município do Rio de Janeiro, e os municípios circunvizinhos: “Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Japeri, Magé, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São Gonçalo, São João de Meriti, Seropédica, Tanguá, Itaguaí, Rio Bonito e Cachoeiras de Macacu” (CEPERJ, 2014). Nesse estudo, além de alguns bairros do Município do Rio de Janeiro São citadas as seguintes cidades da baixada fluminense: Nilópolis, São João de Meriti e Belford Roxo.

Não foi delimitado uma atividade econômica em específico, pois, conforme foi apresentado ao longo deste trabalho, ainda não há estudos que façam o tipo de relação entre raça e empreendedorismo, conforme é proposto nessa pesquisa, portanto configurando esse estudo como de natureza exploratória.

As entrevistas semiestruturadas foram gravadas em gravadores de voz (em um total de 618 minutos) e depois transcritas integralmente após algumas sessões de audição. Os empreendedores foram convidados a participar voluntariamente da pesquisa.

Os empreendedores foram escolhidos de acordo com dois critérios: ser negro e empreendedor. Foi levado em consideração à acessibilidade do pesquisador e empreendimentos de segmentos diferentes. Esse último, pois, empreendedores que possuem atividades diferentes entre si possibilitam obter respostas diferentes em virtude da atividade da empresa, obter maior variação e uma visão mais ampla da realidade. Com relação à acessibilidade, acredito que acessibilidade no Rio de Janeiro não seja bem a palavra mais adequada, ao menos não geograficamente falando, pois, cada empreendedor estava em um ponto bem distante da cidade e todos eles em lugares periféricos. Para me aproximar desses empreendedores contei com a ajuda do SEBRAE, da CPIR (Coordenadoria Especial de Promoção das Políticas de Igualdade Racial) da prefeitura do Rio de Janeiro, do Instituto Black Bom, do Instituto Federal do Rio de Janeiro (instituição em que sou docente) e de vários amigos, ou melhor dizendo, irmãos que fiz nesse processo, algumas pessoas que conheci ao vivo e outras só virtualmente. Fui a feiras, eventos, exposições, cine debates. As diferenças de idade e tempo de negócio não foram propositais, mas foram fundamentais para me dar uma compreensão melhor da dinâmica Carioca e Fluminense. O fato de eu ser reconhecido socialmente como negro (mesmo com a pele mais clara) foi, ao meu ver, fundamental para conseguir as entrevistas. Fui recebido em muitos casos com um certo “ar festivo”, tratado como um filho ou como um irmão no sentido mais amplo e significativo da palavra. O Quadro 2 apresenta a relação dos entrevistados e seus negócios:

Quadro 2 - Apresentação dos empreendedores que fizeram parte da pesquisa.

Nome	Gênero	Idade	Formação	Ramo do Negócio
Zunduri	Feminino	24	Técnico em Gestão Ambiental	Reciclagem
Tenkamenin	Masculino	35	Ensino médio	Comercio varejista
Daomé	Feminino	38	Superior em Letras	Acessórios
Shamba	Masculino	42	Ensino Médio	Bebidas
Hatshepsut	Feminino	32	Superior em Administração	Produtora cultural
Zacimba	Feminino	28	Tecnólogo em Gestão de Eventos	Feiras e produção de eventos
Nzinga	Feminino	70	Superior em Pedagogia	Confecção de roupas
Ayo	Feminino	62	Superior em Economia	Alimentação
Saeed	Masculino	31	Ensino Médio	Barbearia

Fonte: elaborado pelo autor

Confeccionei uma outra tabela para facilitar o entendimento sobre a interação dos empreendedores entrevistados e o território, os lugares onde moram (ou moraram), onde estudaram, trabalharam e onde possuem seus negócios.

Quadro 3 – Empreendedores negros e espaço geográfico

Nome	Espaços (Nascimento, trabalho, educação e localização das empresas)
Tenkamenin	São João de Meriti, Pavuna, Coelho da Rocha
Zunduri	Jacarepaguá e Maracanã
Daomé	Belford Roxo, Madureira, Irajá, Tijuca, Méier, Rocha Miranda e Santa Tereza
Zacimba	Nilópolis, Méier, Pavuna, Ricardo de Albuquerque, Guadalupe, Costa Barros, Barros filho, Pavuna, Anchieta, Vaz Lobo, Tijuca, Jardim América
Shamba	Complexo do Alemão, Bangu e Vila da Penha
Nzinga	Madureira, Guadalupe, Méier, Tijuca, Centro
Ayo	Méier, Pavuna e Praça da Bandeira
Hatshepsut	Tijuca, Rio Comprido, Centro e Praça 11
Saeed	Nilópolis, Pavuna.

Fonte: elaborado pelo autor

Cada entrevistado, a fim de preservar a identidade, recebeu um nome fictício baseado na minha percepção/ leitura de característica de cada um. Esses nomes são nomes de figuras importantes na história do continente africano ou carregam algum significado para os povos da África. Acredito que os nomes carregam significados, então ao “rebatizar” os empreendedores que fazem parte da pesquisa tomei o cuidado de observar as características, o comportamento e o discurso de cada um para dar a eles o nome mais apropriado possível. Dessa forma, há uma justificativa para que cada entrevistado tenha recebido o nome que será utilizado nesse estudo.

A empreendedora que trabalha com confecção de roupas recebeu nesse estudo o nome de Nzinga, rainha de Angola que Séc. XVI que se revoltou contra o domínio português e lutou pela liberdade de seu povo. Ela era reconhecida pela astúcia, inteligência, força e diplomacia. Ela se “converte”, adota um nome cristão e negocia a liberdade de seu povo falando em português fluente, características bem marcantes e presentes na entrevistada.

A dona da marca de acessórios recebeu o nome de Daomé Mino, assim eram conhecidas um exército formado só por mulheres que chegou a ter seis mil guerreiras no Século XVII e que permaneceu invicto por cerca de 200 anos. Essas mulheres viviam para a guerra e não podiam casar e nem ter filhos, elas eram fortes e treinas para superar qualquer

homem. Isso lembra muito todas as histórias contadas por nossa empreendedora que apesar de ser dona de uma sensibilidade, marejar os olhos com algumas histórias e me fazer marejar os meus também, ela é uma mulher muito forte. Muito vaidosa, magra e alta ela com toda certeza tem o porte de uma dessas amazonas africanas e sabe disso pois desde pequena não pensava duas vezes para trocar socos com um rapaz que que a humilhava.

A dona do restaurante, mas que ela prefere chamar de bar, nos seus 62 anos de idade (idade que ela não revela por nada – tive que perguntar para outras pessoas e fazer continhas para descobrir) gosta de deixar o bar sempre impecável, adora cozinhar e receber as pessoas. Ela tem uma fala mansa, os olhos serenos e adora fazer festa. Com um ar de leveza ela consegue ver sempre o lado bom em tudo e fala de episódios sofridos com um sorriso no rosto e por isso ela recebeu o nome de Ayo, um nome de origem nigeriana que significa felicidade. Ayo em nigeriano geralmente é um nome masculino, mas não nesse estudo, Dona Ayo é a senhora felicidade e não teria nome mais adequado. Há também uma cantora alemã que tem ascendência nigeriana que possui esse mesmo nome que significaria “prazer” em Yorubá.

A empreendedora que tem o negócio de reciclagem é uma figura bem focada, muito magra e alta ela é tímida e um pouco retraída, mas possui uma voz forte e muito bonita. Ela já é de outra geração, sempre foi de classe média e seus pais só conheceram a pobreza na infância. Ela sempre soube que era negra, mas foi se descobrindo negra com o passar do tempo. Ela acredita que o que impacta mais na sua vida seja ou fato dela ser mulher e não o fato de ser negra, diferente dos outros entrevistados ela é uma estrategista. Todos os seus passos no negócio e também na sua fala são milimetricamente calculados. Ela evita falar de racismo e consegue enxergar o racismo atuando em pessoas muito próximas da sua família, mas ela nunca ou dificilmente fala dela. Ela é meio ostra, mas é muito inteligente e tem uma fala muito lúcida, mas em alguns momentos preserva “ares” de menina. Nesse estudo ela recebeu o nome de Zunduri que na tradução é o nome do livro que foi tão significativo para ela na infância, Menina Bonita (do laço de fita).

A Empreendedora que tem uma empresa de eventos e organização de feiras será conhecida nesse estudo como Zacimba Gaba. Ela não tem o foco principal do seu negócio no ganho financeiro e é avessa à ideia de trabalhar para pessoas brancas e ricas da Zona Sul. Ela segue uma seita espiritualista japonesa, é pequena, criativa, muito inteligente e possui muito da princesa angolana. Reza a lenda que Zacimba clamava proteção para seu povo aos deuses africanos nas noites de lua cheia e como ela veio escravizada para o Brasil, se viu obrigada a trabalhar para brancos ricos na cozinha da casa grande. Ela envenena o seu senhor lentamente com um pó feito da cabeça torrada e moída de uma cobra que, todos os dias, colocava em sua

comida. Com a morte do Senhor ela liberta outros negros e funda um quilombo que trava muitas lutas contra a escravidão no Brasil, seus liderados, a bordo de canoas, atacavam em alto mar embarcações que traziam negros e libertavam os escravos.

O empreendedor que é dono de uma loja de artigos para festa é alto, forte, possui a voz grave características que somadas à sua cor, de acordo com as suas próprias palavras, fazem com que ele tenha “a cara da dura”. Apesar de ser um cara gentil e muito amigo ele tem o porte de “chefão do morro” e por isso sente o racismo bater forte no seu dia a dia. Ele teme os encontros com a polícia e fica chateado porque alguns clientes não o reconhecem como dono da loja. Ele tem uma consciência racial apesar de não ter curso superior ou participar de algum grupo de discussão. Ele literalmente sente todas essas questões na pele e sabe disso. Nesse estudo ele recebe o nome de Tenkamenin, rei de Gana que fez com que o país crescesse economicamente e se tornasse uma potência no comércio de ouro no Saara em sua época (1037-1075) e o sucesso desse negócio foi alcançado não só pela sua aparência, mas sobretudo pela política que Tenkamenin tinha de ouvir o seu povo. Ele fez disso uma prática diária e não negava a ninguém um momento de conversa com ele, nenhuma audiência. O Rei de Gana era conhecido pela justiça e essas são características presentes nesse empreendedor.

O empreendedor que trabalha com bebidas recebe nesse estudo o nome do saudoso Rei do Congo Shamba Bolongo (1600 – 1620) ele ficou conhecido na história como o rei africano da paz, esse rei era um diplomata, amante da vida e das artes. Ele era contra matar pessoas e utilizava uma espada de madeira, não só ele como todo o seu exército. Ele tem um modelo de administração muito bem departamentalizado. O empreendedor do nosso estudo é acostumado a dar entrevistas e representar o Rio e o Brasil em eventos internacionais, afinal de contas ele é o empreendedor do ano e ganhou vários concursos por ter um negócio (de sucesso) improvável em um lugar improvável e ter a aparência improvável. Ele é o único negro do meio que trabalha, mas evita falar de racismo. É dono de uma fala mansa, simples e um jeitão de malandro carioca. Ele gosta de conforto, de coisas boas e sempre leva para o seu negócio eventos artísticos e culturais. Nosso empreendedor tem uma habilidade ímpar de relevar qualquer “brincadeira” racista, se dá ao trabalho de tentar educar quem ele vê fazendo esse tipo de “brincadeira” com ele. Muitas dessas “brincadeiras” fariam o sangue de qualquer bom cristão de hoje ferver e por isso não há nome mais adequado para ele que Shamba, o rei da paz.

A empreendedora desse estudo que é dona de uma empresa, de uma banda de Hip Hop e trabalha como produtora cultural recebe nesse estudo o nome de Hatshepsut (1503 – 1482 A.C.) rainha da África antiga que ficou no poder por 33 anos, seu pai a coloca no seu lugar

para governar e ela resiste a todos os homens que atentam contra seu governo, ela foi a primeira governante da Antiguidade e fez isso com muita habilidade. Para demonstrar seu poder e demarcar território ela ergue vários templos e pirâmides em seu nome e muitos desses monumentos existem até hoje. Esse é o nome mais adequado para a nossa empreendedora porque ela sente na pele o que é ser a chefe em uma sociedade machista, mas ganha território estabelecendo alianças e tornando-se cada vez mais visível entre os empreendedores cariocas negros, sem sombra de dúvidas ela é tão estrategista quanto a primeira rainha africana da antiguidade.

O empreendedor que é dono da barbearia é pequenininho (em estatura), tem os olhos serenos e a fala mansa e inocente. Ele é muito humilde, evangélico, morre de medo de entrevista e ficamos horas conversando antes. Como a barbearia tem um aplicativo de marcar o horário ele pediu para eu reservar um horário como se eu fosse um cliente e me daria até duas horas, mas eu não achei justo e preferi fazer a entrevista depois que o último cliente foi embora. Ele teve a infância mais pobre de todos os entrevistados, se reconhece como negro, mas acha que o racismo é algo individual como se a culpa fosse da vítima que não sabe se portar bem. Ele é músico da igreja e é muito feliz, corta cabelo cantando e dançando... É um figurão. Fiquei mais de duas horas olhando ele trabalhar e nesse tempo o fluxo de gente e o dinheiro que entrou em caixa foi bem grande. Lá só entram, praticamente, pessoas negras vi o arquivo de fotos com clientes (um arquivo enorme) e dentre eles apenas duas pessoas não negras e uma delas era do exterior. Ele não percebe o racismo afetando a sua vida, com a fala simples ele tem dificuldade com vários termos da entrevista e em minha percepção ele ignora muito do que acontece à sua volta, mas é uma pessoa feliz o que me faz pensar que o caminho da felicidade é realmente a ignorância. Nesse ele será conhecido sob o nome de Saeed, nome africano da região da Tanzânia e que significa feliz e afortunado.

As entrevistas foram gravadas em formato digital e transcritas para a realização das análises de conteúdo das mesmas. A técnica utilizada no estudo é a análise interpretativa de Minayo (2012) para análise qualitativa em estudos que possuem base empírica. De acordo com Minayo (2012, p. 623):

O verbo principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento. Para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. Mas também é preciso saber que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere.

Existem dez passos para a análise qualitativa. Em primeiro lugar é necessário conhecer as estruturas da pesquisa qualitativa para interpretar, compreender e dialetizar. O segundo passo consiste em definir a pergunta (o problema da pesquisa) e teoriza-lo. O terceiro passo é traçar as estratégias de campo que devem sempre levar em consideração a teoria, o marco teórico inicial. O quarto passo consiste em ir à campo informalmente para sondar o campo e redesenhar as hipóteses e perguntas de acordo com as percepções do campo. O quinto passo consiste em ir com as teorias e hipóteses prontas, em um segundo momento à campo, mas sempre disposto a questioná-los (MINAYO, 2012).

No sexto passo, organiza-se o material secundário e o empírico impregnando-os com as observações de campo. Nessa fase são separados os textos que compõem a base teórica, o material de observação, documentos geográficos ou históricos e as entrevistas em áudio. O sétimo passo consiste em realizar a transição entre o material empírico e a teoria tentando não contaminar os dados com conclusões precipitadas, mas buscando o sentido e valorizar ao máximo os achados de campo. A autora entende que o pesquisador não parte de uma mente vazia ou um campo neutro, mas é necessário não deixar que as teorias e ideologias influenciem. Nessa etapa, depois de várias leituras, o material deve ser reorganizado em torno de quatro ou cinco tópicos de acordo com os achados relevantes para o estudo buscando o significado expressado pelos entrevistados (MINAYO, 2012).

No oitavo passo o pesquisador faz uma interpretação de segunda ordem nas categorias ou unidades de sentido que foram anteriormente estabelecidas. Nessa etapa o pesquisador tece o texto enriquecendo com as falas e observações dos entrevistados com suas percepções e outros elementos coletados em campo. Essa construção deve ser fiel às percepções dos entrevistados de tal forma que eles compartilhassem o resultado da análise ao mesmo tempo que deve surpreendê-los com o resultado do trabalho pois anteriormente eles só tinham consciência apenas de seus depoimentos, de suas histórias e interpretações. No nono passo produz-se um texto com informações concisas, acessíveis e fidedignas, um texto que leve à outros questionamentos e que o autor relate as dificuldades encontradas na pesquisa pois elas fazem parte da objetivação tanto da realidade quanto do pesquisador (MINAYO, 2012).

O décimo e último passo o autor deve assegurar a validade e dos critérios de fidedignidade usando de recursos como o auxílio de outros pesquisadores, comparando as entrevistas com suas percepções e suas próprias questões além de se desligar da ideia de uma verdade absoluta uma vez que, além da teoria, da metodologia e das estratégias de coleta de dados “a qualidade de uma análise depende também da arte, da experiência e da capacidade

de aprofundamento do investigador que dá o tom e o tempero do trabalho que elabora” (MINAYO, 2012, p. 622).

Sobre as questões relacionadas aos critérios de validade e de confiabilidade da pesquisa, é preciso destacar que estes não são equivalentes aos aplicados nos estudos quantitativos (CHO; TRENT, 2006). De acordo com Roulston (2010) a confiabilidade nas pesquisas qualitativas é construída a partir da capacidade de teorização do pesquisador a partir da temática proposta. Ou seja, em pesquisa qualitativa, não há como mensurar a confiabilidade dos resultados, mas compreender o alcance teórico obtido com a realização do estudo, o que será realizado nessa pesquisa na articulação da construção teórica com os resultados do trabalho de campo.

Outro ponto relevante a se destacar, é que, de acordo com Cho e Trent (2006), dois enfoques podem ser considerados em relação as questões sobre validade das pesquisas qualitativas, sendo estes o enfoque transacional e o enfoque transformacional. A validade transformacional em pesquisa qualitativa se refere ao processo de transformação social alcançado pelo trabalho do pesquisador. Esse processo é decorrente da relação estabelecida com o campo de pesquisa, onde os resultados do estudo podem ser “validados” pelo campo pesquisado. Nesse estudo, essa validação decorrerá do retorno das entrevistas transcritas aos entrevistados para que eles possam “validar” os resultados das entrevistas.

Sobre a validade transacional, Cho e Trent (2006) discutem que decorre do nível de certeza dos fatos, sentimentos, experiências ou valores coletados e interpretados da pesquisa de campo. Ou seja, é um tipo de validade decorrente da relação das interpretações que o pesquisador realiza com o contexto social pesquisado, o que será apresentado com os resultados do estudo.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Para a apresentação dos resultados da pesquisa, essa seção está dividida em quatro subseções: (1) A oportunidade para abrir uma empresa, que contém o relato dos entrevistados sobre o planejamento, visão de negócio e como/quando eles decidiram empreender; (2) Espaço, empreendedorismo e raça, que trata da dinâmica dos empreendedores entrevistados nos espaços fluminenses (tanto físicos quanto sociais) e questões demográficas; (3) Empreendedorismo, mercado e raça, apresenta a percepção dos entrevistados sobre o empreendedorismo e o mercado de trabalho e o racismo nesses espaços; (4) Estado,

empreendedorismo e raça, que trata da percepção da atuação do estado e políticas públicas que afetam os negros empreendedores.

4.1 A OPORTUNIDADE PARA ABRIR A EMPRESA

Para discutir as relações entre raça e empreendedorismo, utilizo como base as discussões de Sansone (2003), Nogueira (2006), Munanga (2003a, b), Munanga e Gomes (2006), Hall (2003), Oliveira e Barreto (2003), Santos (2002), Hofbauer (2003), Hasenbalg (1982), Gonzáles e Hasenbalg (1982), Santos e Scopinho (2015), Nascimento, et al., (2015), entre outros sobre raça. Em relação aos debates sobre empreendedorismo, a base das discussões está centrada na proposição de Shane e Venkataraman (2000). Conforme discutido na seção teórica desse estudo, os referidos autores realizam uma discussão sobre empreendedorismo, considerando esse fenômeno social como caracterizado pela identificação, avaliação e desenvolvimento de uma oportunidade empreendedora. Para os referidos autores, esse processo tem relação com o contexto e o setor de atuação dos empreendedores.

Sendo assim, a minha opção para a construção da análise não será o passo a passo indicado por Shane e Venkataraman (2000) sobre empreendedorismo, mas as narrativas dos entrevistados sobre como foi o processo de construção do empreendedorismo em suas vidas. Deste modo, início de uma perspectiva microssocial para uma dimensão macrossocial, ou seja, da identificação dos indivíduos como empreendedores para como as condições sociais mais amplas, a exemplo da atuação do Estado, influenciam suas atividades empreendedoras.

A criação das empresas para os entrevistados ocorreu enfaticamente por necessidades diversas como sociais, econômicas e culturais. A criação surge para inserir outros negros em espaços que antes não era “para eles” ou “deles”.

[...] eu sempre tive vontade de ter o meu próprio negócio. E eu como negro me via naquela dificuldade porque aqueles lugares eram lugares elitizados e mal tinha pessoas de baixa renda naqueles locais experimentando aquele tipo de segmento então era meio que um paradigma para quebrar e chegar nesses lugares (Shamba, 2017).

Eu não nasci empreendedora, eu me tornei empreendedora como pessoa que precisava de alguma forma, dar uma resposta para tudo aquilo que eu tinha passado e a minha resposta foi trabalhando com a indumentária afro-brasileira e trabalhando com workshops e oficinas de identidade, autoestima e estética. Então é isso. Bom, meu nome é Nzinga, eu tenho 70 anos, eu sou pedagoga por formação, estudei na UFRJ em 1968. Eu venho de uma família muito pobre, muito carente. Para você ter uma ideia, com 12, 13 anos na minha casa não tinha nem luz elétrica e nem fogão a gás. Eu sou oriunda do Rio de Janeiro, vivi, fui criada e passei a minha infância e

metade da minha adolescência no bairro do Grajaú. Você não conhece, mas o bairro do Grajaú é um bairro aqui do Rio de Janeiro na Zona Norte, mas é como se fosse um bairro da Zona Sul porque é um bairro, ainda hoje, muito elitista e na época que eu nasci era muito mais elitista ainda porque era um bairro onde a maioria dos coronéis morava. Então a minha família era uma família... Parece que eram três famílias negras nesse bairro e minha família era uma delas. Não é necessário dizer que nó, como família negra, éramos os serviçais daquele povo, daquela família que tinha uma outra condição social que não fosse a nossa. Meu pai era mineiro e veio na época de 30 para o Rio fugindo da revolução e se instalou lá e enfim, a nossa família vivia como se fosse um quilombo dentro daquele lugar. E eu fui criada ali e isso bateu muito forte em mim (Nzinga, 2017).

Mais que uma necessidade de ordem econômica, o empreendedorismo surge na vida de Nzinga que com toda sua experiência relata que seu trabalho surge como uma resposta social. Ele funcionou como uma espécie de “*fight back*” de sua luta por auto afirmação enquanto mulher negra e como uma forma de auxiliar outras mulheres como ela.

Já Zunduri, em toda sua juventude, gosta da ideia de liberdade que o empreendimento pode proporcionar ao empreendedor. Essa liberdade está muito ligada à gestão do tempo.

[...] eu não sei explicar exatamente o porquê, mas me interessa muito essa questão de ter o meu próprio negócio... De conseguir fazer o meu horário que, nossaaaaa, é um grande sonho. Mas eu gosto de estar à frente de algumas coisas, de planejar... que acho que é pouco permitido em alguns ambientes de trabalho. Então, assim, por enquanto, é isso que me chama mais atenção, sabe?! [...] não quero me obrigar a estar em uma empresa oito horas por dia, sentada tipo... Não é mais o que eu quero. E eu, eu, eu me ancoro muito em ser nova então essa é a minha grande chance de realmente tomar esse tempo para mim entender, de fortalecer algumas coisas e ganhar conhecimento. Entende!? Eu acho que não me sentir obrigada a estar em uma empresa durante oito horas por dia é porque eu não tenho uma família pra criar, entende!? (Zunduri, 2017).

Zacimba compreende seu empreendimentos coletivamente, foi pensado em conjunto com outros jovens negros. Ela apresenta em sua fala a orientação sexual de seus colaboradores e em outras passagens. Isso acaba ratificando a exclusão, ela prefere trabalhar com as minorias dentre as minorias. Além de negros e periféricos, gays.

Então, a grande ideia da agencia foi... O Faustine, o Marcos Faustine uma vez falou isso para mim e isso é muito claro porque eu já estava no Rolê de final da juventude, esse ano é meu último ano de jovem, eu faço 29 anos ano que vem então ainda tem uma rebarbazinha, mas... ele falou: - você antes trabalhava para os outros e agora você trabalha para você, você potencializa a sua ideia! Então essa foi a sacada da agência para a minha vida e aí eu criei essa feira com na verdade 4 jovens, todos negros. Um gay, não, três gays, duas meninas e um menino eu e outra menina hétero, todos negros e todos moradores daquela região e cada um queria falar de alguma coisa. Um queira falar de moda, o outro queria falar de cabelo e eu queria fazer uma... A minha primeira ideia era fazer uma coleção de bolsas relacionadas aos orixás (Zacimba, 2017).

Analisando a motivação dos entrevistados para empreender, podemos perceber que em alguns casos esse desejo aparece desde a juventude ou infância, outros não sabem precisar de

quando vem o desejo de empreender, desejo esse que se relaciona com as variáveis de níveis individuais apontada nos estudos de Baron e Shane (2015). É possível notar a percepção de alguns dos entrevistados sobre o racismo institucional como abordado por Munanga e Gomes (2006) na ausência de negros em espaços como na televisão, aliada à teoria dos espaços sociais proposta por Sansone (2003).

Meu pai tinha uma maquininha em casa e raspava a cabeça de todo mundo, não tinha dinheiro. Ai ele comprou uma máquina né!? E minha mãe zerava a cabeça de todo mundo, e raspava a cabeça de todo mundo de qualquer forma. Ai um amigo meu pediu para eu raspar o cabelo dele. E eu: - Bora lá, lá em casa a gente... E eu molequinho né!? E eu peguei a máquina e sai zerando a cabeça dos moleques e depois chegou uma mãe: - O que que você fez na cabeça do meu filho? E eu disse: - Eu pedi eles e foi de graça, então vai embora! Segue seu rumo ai! Eu era marrento pra caramba. Ai ela foi, pegou o moleque e tal e levou para o barbeiro. Ai o meu amigo: - Pô cara, vamos cortar cabelo! E eu: - Bora! E ele sentou lá: - Eu corto o seu e tu corta o meu! E começamos um a cortar o cabelo do outro e a gente fazia uns caminhos de rato, era uma porcaria, mas ficava bacana no final da história. Ai dali a pouco a gente cismou e falou: - Cara, o coroa ali de baixo tem um dinheirinho lá que ele cobra pra cortar cabelo. Você não quer cobrar nada não dos menininhos que tá afim de cortar? E eu já estava bom na máquina, já tava maneirinho, tava zerando bonitinho, não ficava mais caminho de rato... E eu falei: - Vou começar a cobrar dois reais dos meninos! Ai eu comecei a cobrar, dois mi reis, um real quando não tinha, um e cinquenta... Eu era mais novinho ai por bem.... (Saeed, 2017).

Eu decidi empreender desde criança, eu sempre quis ter o meu próprio negócio. É engraçado e até falava pra galera e o povo achava que eu tava zuando, quando eu via na televisão e as vezes eu falava: - Ow, eu quero um dia criar uma tv só pra preto! Porque eu nunca me enxerguei na televisão, eu nunca me enquadrei porque não tem nada para gente e eu sempre quis ter algo que eu envolvesse as pessoas e que eu fizesse e que estivesse no meu controle e que não gerasse renda para alguém, mas sim que gerasse renda mim por ter o próprio negócio, isso ai já vem desde criança (Tenkamenin, 2017).

Desde nova eu tenho a sensação que eu tenho uma veia para ter alguma coisa só que eu sempre tive muita insegurança, muita insegurança porque eu sempre fui aquela pessoa que lida bem com grupos porque eu tive um bom contato com liderança porque eu participava de grupo de jovens na igreja que eu frequentava e... Que eu frequentei durante uns cinco anos, então eu estava sempre à frente de muita coisa, sabe? Então, de alguma forma, aquilo ali também vai te moldando não só para religião, mas para a sociedade também. Isso me ajudou muito (Zunduri, 2017).

O empreendedorismo é associado por Daomé à ideia de vendas, para ela foi muito natural empreender pois desde criança gostava de vender itens para as outras crianças para ter renda. O empreendedorismo surge em decorrência disso e de sua busca por profissionalização.

Foi muito natural, sempre foi muito natural, porque eu sempre vendi de tudo, eu vendia de tudo. Vendia de tudo, tudo que você pode imaginar. Eu vendi chocolate, eu vendi pirulito, vendi lápis, vendi lapiseira, vendi chaveiro... Então tudo o que eu achava que era vendável eu arriscava e vendia. Tudo, tudo o que você puder imaginar, bolsa, sandália, tudo que você puder imaginar eu arrumava uma forma de vender só que isso de empreender para mim sempre foi muito natural. O que não foi

natural foi quando eu resolvi me profissionalizar. Porque até então era tudo muito amador: - Vou vender, então vou vender (Daomé, 2017).

Uma das entrevistadas resolveu abrir o negócio como alternativa para a aposentadoria, pois entende ser importante se manter trabalhando e proporcionar um emprego aos seus filhos. Em seu empreendimento, ela emprega quatro dos cinco filhos (sendo duas “filhas do coração”). Seu negócio é bem diversificado e funciona como uma espécie de guarda-chuva que abraça a formação acadêmica de boa parte de seus filhos.

[...] esse momento meu de dizer que eu ia abrir um negócio, que eu ia abrir um bar, já tem muitos anos. Meus filhos, depois que eu perdi então minha mãe, eles ouviram eu falar muito nisso eu nem sei eu acho que, eu posso até perguntar minha filha [...]Eu já estava naquela, não sei se é predestinação mas eu já tava assim achando que eu ia ter um negócio, um bar eu acho até porque são alternativas e eu depois que eu trabalhei na área financeira da empresa eu passei para a área de fundo de pensão e então eu trabalhava muito com aposentado e era diretora de seguridade e então eu tinha... Então eu via muita coisa e eu vi que era importante para mim e eu achava também que era importante para as pessoas que se aposentavam (Ayo, 2017).

Uma empreendedora justifica a abertura de sua empresa como extensão do processo de autoafirmação de identidade. Ela, enquanto mulher negra, decidiu nesse processo começar a empresa, pois:

Então meu ponto zero de recomeço foi em 2014 que daí eu desenvolvi a feira Zacimba's que é a feira de empoderamento feminino, de valorização da mulher... porque naquela época eu estava passando pela transição capilar porque eu ainda usava química no cabelo, eu usava permanente e o meu cabelo sempre cai. Não adianta, qualquer tipo de química que eu passo ele cai. Minha mãe sempre falava assim: - Zacimba, passa alguma coisa! E eu: - Mãe, eu não quero, eu e ainda quero cortar mais! (Zacimba, 2017).

Outra empreendedora justifica o fato de abrir o negócio como uma espécie de militância ou resposta social. Esse discurso de militância está presente em muitas pessoas que eu conheci, mas, essa empreendedora, em especial, justifica a abertura de seu negócio a partir de uma perspectiva de engajamento racial nele.

Eu não nasci empreendedora, eu me tornei empreendedora como pessoa que precisava de alguma forma, dar uma resposta para tudo aquilo que eu tinha passado e a minha resposta foi trabalhando com a indumentária afro-brasileira e trabalhando com workshops e oficinas de identidade, autoestima e estética. Então é isso (Nzinga, 2017).

Outra empreendedora também traz a militância para dentro do seu negócio como uma motivação muito importante.

[...] a nossa ideia é ser um espaço de acolhimento e desenvolvimento de projetos de empreendedores negros e periféricos de diversos segmentos a um custo acessível para esses empreendedores entendendo a desigualdade de oportunidades históricas causadas pelo racismo. E com a minha vivência enquanto empreendedora também eu senti a necessidade de um espaço como esse para que outros, que como eu querem empreender, mas que veem essa dificuldade de desigualdade social mesmo por conta do racismo (Hatshepsut, 2017).

Entretanto, a ideia de ligar o negócio à militância do movimento negro ou do movimento feminista ou relacionando o empreendimento com um discurso de feminismo negro não possui uma aprovação unânime. Isso fica explícito na fala de uma das entrevistadas.

[...] eu não sou militante, não me considero militante e não me interesso em ser porque eu acho que tem alguma coisa, uma coisa muito pesada ligada à imagem do militante. Tem gente que acha que o militante é aquela pessoa que bate muito de frente com algumas coisas e eu não sou assim, eu não sou essa pessoa, eu respeito muito a opinião dos outros e eu acho que tudo é uma construção. Então se aquele cara que tá numa parada super torta é porque em algum momento foi imposto a ele aquela questão, mas eu acho que, enfim, isso é um papo para um outro momento (Zunduri, 2017).

Essa diferença pode ter ocorrido em virtude de um entendimento divergente sobre o que é ser militante talvez ocasionado pelo lugar de fala e a pluralidade de experiências de cada um. Mas, como essa mesma entrevistada advertiu, esse não é o cerne da questão, trata-se de um debate não afeto, diretamente, a criação de seu negócio.

[...] quando meu pai estava quase para aposentar, ele acabou arranjando um jeito de juntar os anos que ele tinha de técnico para aposentar, enquanto ele estava à disposição, em casa sem receber ele vendia salgadinhos na porta da escola para comprar material de construção aí, onde ele trabalhava. E então, até para vender na escola, não era só de rosas para vender na escola porque todos os diretores que trabalhavam na escola perseguiam minha mãe, não deixavam que ela vendesse, mas ela era teimosa e vendia assim mesmo. Então tipo foi resistência total e aí, quando meu pai ia para a porta da escola e eles falavam que não podia vender na porta da escola, meu pai atravessava a rua e vendia do outro lado da rua. Então assim, fácil não foi. Foi bem difícil, mas é uma coisa, quando a gente tem um objetivo, a gente vai atrás dele independente (Daomé, 2017).

Esses exemplos possuem como figura materna como central. A mãe que trabalha e reinventa maneiras de ganhar dinheiro para garantir o sustento da família e o conforto e segurança dos filhos, familiares e outras pessoas da comunidade. Na fala de uma das entrevistadas: “A mulher, dentro da tradição ancestral ela é a ama, ela é a mãe de tudo e ela cuida dos seus e cuida dos do vizinho” (Zacimba, 2017). A mãe, nas tradições africanas, é

referência e a grande responsável por manter a família de acordo com os estudos de Sansone (2003) e sustentado por Santos e Scopinho (2015). Existe uma série de imagens negativas associadas ao negro e como o negro é associado como ruim, a maior parte das pessoas entrevistadas no estudo de Sansone (2003) descrevem a mãe negra como sendo mais clara do que ela realmente é por questões afetivas.

A minha mãe era uma mulher muito esforçada e ela conseguiu depois de... parar de trabalhar, ela conseguiu... Eu pedi para ela parar de trabalhar ai ela montou um barzinho para ela que era uma birosquinha e ela conseguiu o maior sucesso porque ela gostava de cozinhar e ela era muito esperta. Ela já tinha dela aquele feeling de empreendedorismo, né!? Então ela fazia pagode, ela fazia angu à baiana então ela conseguiu dar a volta por cima e não era para ficar rica e ter muito dinheiro, era mais uma sobrevivência. E ela tinha um negócio também que ela era rezadeira então o dinheiro que ela ganhava era para emprestar para um monte de gente que ia lá (Ayo, 2017).

Minha mãe, quando eu era criança, ela começou a mexer com salão de cabelereiro. Era Zacimbasister's cabelereiro que é o meu nome e o nome da minha irmã e promovia desfiles, era nessa região aqui, subúrbio mais pra perto do Norte Shopping, era piedade ali. E era um arraso assim, para a época todo mundo da comunidade negra... Era estiloso, você só trançava o cabelo para o desfile e daquela forma você só andava para o desfile. Você não andava naturalmente na rua como a gente vê hoje (Zacimba, 2017).

Um dos entrevistados colabora em sua fala com a ideia que a mulher é o esteio da família e, no caso dele a ausência da figura materna no lar, acabou desestruturando toda a família:

[...] depois que minha mãe adoeceu e dentro de um ano e meio ela ficou doente ai veio a falecer, e veio a falecer e tal... Ai a família, quando eu perdi a minha mãe a família se desestruturou... A família que eu falo é parente, não meu pai e meus irmãos, mas parente. Quando minha mãe morreu parece que eu não existia mais, e foi um dos pontos da minha vida que eu decidi sair de casa (Saeed, 2017).

Nos outros lares, a figura materna presente amparava não só as questões emocionais e psicológicas, mas determinava o rumo da família e dos negócios como grandes empreendedoras:

[...] a minha mãe, desde que eu me entendo por gente ela empreende porque ela já fez de tudo nessa vida, ela já deu aula em casa, ela fez o curso de letras também, então ela começou a trabalhar em casa, passou pra um concurso de inspetor de alunos que não ganhava muito e no meio horário ela vendia roupa, vendia salgado, ela dava o jeito dela. E, em casa, meus pais vendiam cerveja. Então meu pai ia no CEASA pegar cerveja no final de semana e durante a semana a gente vendia cerveja e refrigerante, a gente vendia bebida em casa. Quando os dois estavam em casa, à noite, vendia-se bebida. Então, é aquele empreender na necessidade porque meus pais precisavam sustentar duas crianças, pagar aluguel, pagar as contas e ainda pagar

a escola porque quando eu era criança a educação não era fácil. Não vou dizer que hoje seja fácil e nem acessível, a educação pública era de qualidade só que tinha muita greve, tinha muita greve e a minha mãe tinha medo de me deixar em casa sozinha, de deixar eu e minha irmã sozinhas (Daomé, 2017).

Uma das formas de manifestação do racismo no Brasil é nas relações afetivas (SANSONE, 2002). Essas relações são consideradas como “espaços duros” para os negros no Brasil, pois são espaços onde também há a constituição da submissão dos negros no país. Essa manifestação estrutural do racismo produz efeitos na constituição das relações familiares. De acordo como Pacheco (2008), enquanto as mulheres brancas são consideradas mulheres “para casar” no país, as mulatas ocupam a posição para as relações sexuais e as mulheres negras são mulheres para o trabalho. Nas narrativas dos entrevistados, foi possível observar que as “mães negras” são mulheres construídas a partir da representação da “mulher trabalhadora”. Essa representação não ocupa somente o campo simbólico, mas, também o campo material da existência, pois estas mulheres são as responsáveis pelo “sustento” da família.

Deste modo, a identificação de um negócio para trabalhar ocorre de forma relacionada a essa memória da “mãe negra trabalhadora”. Nesse ponto, é possível observar a intrínseca relação entre empreendedorismo e raça, pois a dinâmica estrutural do racismo no país está presente no entendimento da construção da categoria trabalho.

Outra relação importante entre empreendedorismo e raça na identificação de uma oportunidade para empreender se refere a militância no combate ao racismo, não necessariamente engajado ao movimento negro organizado, mas, também, no entendimento sobre como as práticas econômicos dos entrevistados podem atuar, de alguma forma, como resistência frente a estrutura racial do país. Então, negociar, comprar ou vender para outros negros é entendido como uma forma de combate ao racismo estrutural no país e uma das formas de materializar essa luta é por meio do planejamento dos negócios desenvolvidos pelos empreendedores negros.

4.1.1 Planejamento

O planejamento, como proposto por Shane e Venkataraman (2000), é importante para a empresa e decorre da descoberta da oportunidade empreendedora. Nos estudos de empreendedorismo, como apresentado Baron e Shane (2015) focam na estruturação de um plano de negócios detalhado e na busca de recursos materiais, financeiros e de recursos humanos a fim de estruturar o negócio. No entanto, como fica evidente na fala de uma das

entrevistadas, o brasileiro é um bom empreendedor (por questões psicológicas ou sociais) mas carece de ferramentas, carece de planejamento. É possível observar nas falas dessa sessão a existência de pouco ou de nenhum planejamento.

Eu acho que o brasileiro é muito empreendedor por si só e aí a gente está vivendo em uma época que todo mundo acha que é bonito empreender, que é legal, que tá na moda mas não é legal. Muita gente empreende para se sustentar, para sobreviver mesmo. É tipo, eu vou inventar uma parada aqui para vender sem a mínima noção de capital de giro, caixa, de entrada e saída, nada. Sem a mínima noção de nada. Eu tiro isso pelos meus sogros por exemplo que nunca tiveram uma noção de nada disso e conseguiram criar três filhos e a neta e ter um a puta casa onde eles moram e só com um bar, sabe!? E eu vejo eles fazerem coisas erradas, que também já são pessoas mais velhas e criaram um método, dá certo aquele método, e eles vão continuar fazendo. E eu enxergo de uma maneira geral que a gente tem essa característica (Zacimba, 2017).

Nas palavras de outra entrevistada o brasileiro, especialmente os negros, são muito bons em trabalhar, em “colocar a mão na massa”, mas carentes de metodologia e mais que isso são displicentes deixando a parte administrativa para depois. Essa carência de metodologia pode ser resultado da dificuldade de acesso à educação que os negros possuem, essa dificuldade de acesso à educação é um dos fatores que demarcam a posição do negro na base da pirâmide social (BARBOSA, 2011).

[...] a gente vai fazer cinco meses de forma independente e meio que sem planejamento porque surgiu a oportunidade de estar naquele espaço, inicialmente uma parceria que não deu certo e a gente teve que alugar. Eu penso muito em trazer também a ideia desse espaço principalmente para dar acesso aos empreendedores negros e a todos em geral às metodologias, né!? Eu acho que a gente sabe muito fazer, realizar, meter a mão na massa, mas a parte técnica é uma coisa ainda mais distante, essa coisa aprofundada dos mecanismos, é uma coisa que a gente vai sempre deixando para depois (Hatshepsut, 2017).

[...] como eu comecei cedo eu me aposentei cedo aí eu falei: - não tá ainda na hora de eu parar. Eu até queria trabalhar mais e achava que era capaz de fazer ainda algumas coisas aí eu pensei “eu queria fazer um bar, eu queria fazer um bar um bar assim de comida africana e que a gente fizesse as mesmas brincadeiras que a gente fez ao longo do tempo que a gente fizesse nesse bar com o Jongo, o samba, alguma coisa assim”. E foi aí que veio a ideia de ter esse tipo de atividade dentro do bar e eu já fazia dentro de casa e eu faria até mais coisas mas só não faço por causa dos vizinhos, eles iam se incomodar mas a gente já tinha... Eu me aposentei, eu tenho um filho que está ligado à gastronomia e outros tipos de administração de bar e de... Um filho que está fazendo na Rural, aí eu falei com ele e eu falei: - A gente podia estar fazendo alguma coisa dentro da sua área porque a gente... eu não vou ficar porque eu também quero descansar, mas eu não estou preparada para ficar dentro de casa. Aí ele: - Ah, então tá bom. E foi rápido, foi assim em questão de meses, em janeiro eu tirei férias já pensando na aposentadoria, a gente procurou um espaço para poder abrir um bar e quando foi em março a gente já estava com esse bar e quando foi abril eu me aposentei (Ayo, 2017).

E esse planejamento, esse “plano de negócio” pode surgir em um guardanapo de papel, em uma mesa de bar, depois de algumas garrafas de bebida como nos relata o empreendedor.

[...] já estávamos na terceira ou quarta garrafa de alguma cerveja diferente né!? Na curiosidade para trocar de estilos e aprender a gente brincou com a ideia: - Pô cara, é tão legal, a gente gosta de curtir isso aqui, porque que não tem uma dessas no complexo do alemão? a gente podia fazer... podia mesmo, bora fazer. Ai eu peguei o guardanapo e comecei a rabiscar, desenhar como é que seria um Shamba's dentro da favela, ai a gente começou a brincar, botava umas mesinhas assim e riscava que botava que... Ai eu fui com essa ideia para casa. Foi quando, chegando em casa, no outro dia acordando e tava os guardanapos lá na mesa e eu falei: - E ai, maneiro né!? bora botar pra frente? (Shamba, 2017).

Em outro caso, o planejamento não existe nem no guardanapo, é aprendido com o sócio que também é um familiar como relata um dos empreendedores que abriu o seu negócio em parceria com o primo que tem uma loja semelhante em outro bairro, mas o empreendedor entrevistado tenta conseguir mais alguns fornecedores.

Meu primo já entendia do ramo, já tinha uma expertise de trabalhar com isso porque ele começou com um buffet, aqueles buffets de montar festa e como o buffet toma muito tempo e quem trabalha com esses buffets não tem final de semana não tem nada. Ele estava com outras pessoas para promover a festa e ai acaba não tendo tempo. Ele para poder ter um pouco mais de tempo ele montou a loja que é um negócio que tinha uma procura boa e é dentro de um bairro de São João e já está lá vai fazer uns seis anos, praticamente. [...]os fornecedores praticamente meu primo já tinha quase todos, alguns eu busco na internet, vejo o contato de um representante mesmo e negócio. Faço o pedido e tal... CNPJ, mas tem muita dificuldade ainda com empresas porque como você é novo tem uma grande dificuldade de fazer o pedido porque eles colocam o pedido muito alto e além disso tem empresas que nem te atende. Eles já têm os que fazem pedidos e tem que persistir (Tenkamenin, 2017).

Para uma empreendedora, o planejamento, o conhecimento de empreendedorismo e sua profissionalização só ocorreu bem mais tarde quando ela passou por uma incubadora de empresas, fez um curso na área de seu negócio e se profissionalizou.

[...] ai fui para a incubadora e eu já tinha o meu empreendimento e eu sempre escolhi trabalhar com indumentária afro-brasileira. Fui para a incubadora, a incubadora me ajudou muito, eu ganhei uma bolsa no Senai que é um curso profissionalizante que fala de roupa e cuida tudo sobre roupa ai lá eu comecei a fazer criação de figurinos, cartela de cores... Eu fazia tudo por intuição, eu nunca tinha feito curso. Cartela de cores, criação livre, tendências de moda enfim, aquilo que a incubadora me deu como suporte lá eu tive como suporte para a criação e aquilo abriu a minha mente. Tem roupas que eu faço e o pessoal fica: - Você é louca! E eu: - Não oh, é isso mesmo! (Nzinga, 2017).

Eu tinha quatro mesas só. Quatro mesas. Abri a Demoiselle e eu mexendo no condicionador aqui, ai ele mexeu no telefone e dali a pouco encheu, as quatro mesas

estavam tomadas. E gente lá fora, e gente aqui dentro e eu fiquei super feliz porque naquele dia eu vendi mil reais. Perdi dois mil porque eu não sabia como funcionava bar, Bistrô como é que funcionava e vendi. Abri garrafa pra caramba e no final da noite eu tinha mil reais, eu ganhava mil e quinhentos por mês. Ai eu fale: - Meu deus, eu tô rico! Eu pensei né!? [...] Pensei né, ai meu Deus eu ganhei mil reais em um dia! Se todo dia eu fizer isso... E comecei a fazer os cálculos malucos, mas não é assim, de acordo que o negócio foi incrementando eu fui aprendendo a empreender, as dificuldades vieram a aparecer. Eu tive que me especializar em algumas coisas. Tive que estudar o que que era um estabelecimento, fiz um Canvas pra poder funcionar porque na realidade a gente veio meio que chutando, uma quinta-feira lotado de gringo ai e eu não falo inglês?! E eu tive que dar o meu jeito, aprender a falar (Shamba, 2017).

E não dá para eu exigir que uma produtora que ainda é MEI consiga estar em um nível de excelência sem um mínimo de formação administrativa, sabe!? Que eu não tenho, eu não sou nem um pouco disciplinada com contas, que eu levo porrada na cabeça toda hora. O Willian: - Zacimba, não é assim. tem que separar o dinheiro da empresa, tem que pagar o não sei o que... E as pessoas pagam coisas para a feira, coisas para a Zacimba's e eu estou aprendendo mesmo porque não é fácil, não está fácil [...] Eu vou tentando fazer o meu cronograma do dia ai a gente tem projetos agora que estão estourando para acontecer ai o meu foco é voltado para eles e a gente vai dividindo assim. Tem hora que eu piro mas... porque não tem um método, não tem uma coisa que deu certo ainda, sabe!? Eu não sei, eu vou fazendo tentativa e erro (Zacimba, 2017).

Eu acho que foi na década de 80, de oitenta, 88 aquela coisa que o movimento negro estava aguerrido e o instituto de pesquisa de cultura negra, o teatro, enfim, aquela passeata que a gente fez, né!? Em 88 que ficou famosa e a gente já fazia, mas era uma coisa muito tímida ainda, era uma coisa tímida. Os blocos começaram a me chamar para fazer desfile e eu comecei a produzir para desfile e você sabe, você faz desfile e as vezes vende e as vezes não vende, mas eu tinha assim um orgulho. Se me chamava para um desfile eu produzia, e produzia e produzia e ai sempre trabalhando no colégio, né!? E levando para a escola e usando as minhas roupas até que nos anos noventa eu falei “não, tá na hora que começar a fazer disso uma profissão”. Ai eu entrei em uma incubadora, a primeira incubadora afro-brasileira, eu fui uma das primeiras alunas da incubadora para estudar empreendedorismo e eu não tinha noção nenhuma do que era isso, como fazer, como fazer preço, estoque e essas coisas eu não sabia (Nzinga, 2017).

Em alguns casos, o plano (ou a ausência dele) é tentar a sorte na rua (com muitos riscos e também oportunidades) e ir se entendendo enquanto empreendedor a medida que as oportunidades e parcerias vão acontecendo. Isso pode ser observado no relato de uma empreendedora que largou a estabilidade do emprego de assistente em administração para viver de Hip-hop e produção cultural.

[...]eu tenho essa banda desde 2002, já tem 15 anos, sempre fazendo esse trabalho em paralelo com a minha rotina normal né!? É um trabalho de contestação social através da música, é uma banda de hip hop misturando elementos de todos os gêneros da Black Music desde o Soul até o Samba. Então esse trabalho cultural foi crescendo e chegou uma hora que eu não conseguia mais conciliar o trabalho formal e o trabalho artístico. Foi ai que eu comecei a empreender de fato, larguei o trabalho e eu e meu atual marido cantamos juntos nessa banda e fundamos a nossa produtora. E então começamos a nós mesmos criar os nossos espaços para apresentar o nosso trabalho artístico. A nossa produtora foi crescendo, a gente começou a ganhar vários festivais importantes dentro da cena musical independente e a gente foi se

entendendo enquanto empreendedor mesmo, enquanto produtor cultural. A nossa arte nos levou a isso. Em 2013 a gente criou... Bem, com a banda a gente fez coisas incríveis, viajamos para fora do Brasil, participamos do Super Star da Globo, ganhamos muitos festivais aqui no Rio e em outros estados e em 2012 apareceu um empresário e deixou a gente na geladeira, um ano sem tocar e saiu deixando um prejuízo enorme pra gente. Nesse ano a gente deu a nossa última cartada, a gente estava muito chateado com essa questão do empresário e a gente resolveu ir pra rua, foi pra rua tocar na rua e aí foi quando a gente... Foi a decisão mais importante da nossa vida e que criou tudo o que a gente é hoje (Hatshepsut, 2017).

Uma das entrevistadas participou de uma ONG que, com uma metodologia própria, fomentava o empreendedorismo em comunidades de baixa renda e criou o seu negócio dessa forma.

A minha primeira ideia era fazer uma coleção de bolsas relacionadas aos orixás, porque minha linhagem paterna tem toda essa ancestralidade umbanda e tal. E a Messiânica não te priva disso, ainda tem essa relação aberta espiritual e aí o Faustine chegou e a gente tem uma metodologia e um dos métodos é fazer a feira de ideias. A feira de ideias é quando você vende sua ideia para os outros e existem pessoas coringas. Você tem o universitário, o coordenador, você tem o produtor local, que são pessoas que vão assessorando esses jovens. Eles conduziram para que esse grupo fosse formado para que a gente criasse essa feira Zacimba's, já que era uma coisa que tinha tudo e a gente queria vender, a gente queria mostrar, a gente queria fazer desfile e virou a feira Zacimba's (Zacimba, 2017).

Na história de um dos entrevistados, o negócio surge como uma alternativa apenas para a sua subsistência, ele não planeja nada na sua fala identificamos apenas uma sequência de acontecimentos que culminam em seu empreendimento ele passa um ano vivendo de favor em uma igreja e abre seu negócio por incentivo de um amigo:

Meu irmão, foi um bagulho muito doido aí todo mundo me via lá tocando e fazendo e acontecendo, mas não sabiam como eu tava e o que eu passava. E eu decidi, eu escolhi aquilo e ninguém falou na minha cabeça eu que escolhi aquilo e eu tomava banho com detergente e quando eu falei pro meu amigo: - Amigo, pega o detergente. E ele: - Tu vai lavar o chão? E eu: - Não, é pra eu tomar banho! E ele: - Tu não vai tomar banho de detergente não! E eu: - Ok. E teve um período ruim na minha vida depois que eu sai de casa e eu comecei a morar sozinho dentro da igreja e ele: - Cara, tu não vai tomar banho de detergente não, calma eu vou ali comprar sabonete aí que tá muito sinistro. Ele é um grande amigão meu e por sinal ele foi um dos meus cobaia também e ele falou: - Cara, você corta cabelo véio! Porra, porque você está assim? Você é louco!? Você vai cortar cabelo e vai se dar bem cara! E você vai cortar o meu cabelo agora! Aí eu: - Ah! Meu irmão, esse negócio de cabelo de novo? Depois de muitos anos e a gente vai cortar cabelo de novo? E eu falei: - Cara, então vamo embora! E eu comecei a cortar daqui, cortar dali e: - Pô não ficou maneiro mas tudo bem, fechado! Ele era o meu cobaia, aí foi passando o tempo, foi passando o tempo e eu fui melhorando e ele: - Ow, tá bacana heim!? E ele falou: - Cara, agora que já tá maneiro e tu não tem salão e nem nada... Faz o seguinte, eu vou te dar uma máquina. E ele pegou uma máquina e me deu, a máquina dele. Eu comecei a cortar cabelo na casa dos outros e eles me chamavam e aí com a grana que eu fazia eu peguei um maquinário maneiro e comecei a fazer um curso profissional e tive ajuda de muita gente mesmo (Saeed, 2017).

Já outra entrevistada, a mais jovem da pesquisa, com um negócio que ainda que ainda está na fase de formação, afirma que já fez alguns cursos e possui um pouco mais de leitura sobre empreendedorismo e o processo empreendedor. Ela tem uma fala diferente dos demais sobre esse ponto por ser de classe média e, por isso, conforme propõe Davies (2009), já apresenta uma dinâmica totalmente diferente. Ela desfruta do que Souza (2014) chama de sistema de reprodução de privilégios da classe média, pois sua família pode pagar pelo seu tempo ocioso, seu sustento e seus estudos não dependem do sucesso do seu negócio e isso faz com que diferente dos outros entrevistados ela possua um maior tempo para se organizar e planejar. Ela não cita um plano de negócio, mas já possui uma preocupação ou uma percepção voltada para o futuro principalmente para a questão financeira.

Você tem que projetar, tem que confiar que tudo aquilo ali vai dar certo e então o dinheiro que você está tirando do seu bolso vai valer a pena para aquilo andar e começar andando bem também. Isso é muito importante [...] pretendo continuar na empresa que eu estou, efetivada e pretendo manter em paralelo durante um bom tempo porque um lema que eu tenho é: Empresa Rica dono Pobre. Nesse início eu acho que é importante porque a empresa precisa se manter, se construir, investir nela mesma. Então eu não vou conseguir tirar o dinheiro nem que eu quero agora e nem me interessa isso por enquanto e também, como eu sou muito nova, só tenho 23 anos e acabei de sair da faculdade não seria válido nem para mim fazer algo desse tipo. Eu acho que o mais inteligente seria continuar me especializando em algumas coisas que também influenciam na Zunduri's e, né!?, porque eu tive essa sorte de conseguir manter os dois e é aprendizado, um complementa o outro e por enquanto não é minha renda e nem quero que seja. Acredito que daqui uns dois anos só que eu vou conseguir tirar alguma coisa de dentro da Zunduri's, como é que eu posso dizer... que seja uma renda realmente... Boa (risos) (Zunduri, 2017).

Outro entrevistado também possui preocupação com o planejamento financeiro da empresa, mas como ele não goza do mesmo status de classe que Zunduri, ele busca como alternativa uma outra fonte de renda para que ele tenha capacidade de investimento na empresa.

[...] eu tenho o meu negócio e além disso, eu me esqueci de te falar, eu rodo de UBER aqui no Rio. Eu rodo de Uber para não ter necessidade me mexer na renda da empresa. O que a empresa gera, eu praticamente não mexo. Eu só pago o que tem que pagar e não mexo (Tenkamenin, 2017).

Outro entrevistado demonstra preocupação com a questão financeira aliada aos impostos e o governo. Mas, em sua fala a questão do empreendedor ou o seu sucesso depende do seu esforço individual. Ele incorpora o discurso da ideologia de sucesso identificada por Davies (2009), ideologia que prega que o empreendedor cresce como fruto do seu trabalho e

esforço pessoal. Esse discurso nele é tão forte que em outras falas apagam a percepção de qualquer influência das relações raciais tanto na sua vida pessoal como profissional.

Cara, se hoje eu não tô afim de trabalhar hoje não tem. Amanhã eu tô afim de trabalhar, vai rolar. E a parte ruim... Essa é a parte ruim que tem ou não tem, a parte boa nisso é dinheiro toda hora velho ai tu tem que ser organizar porque o dinheiro vai tá na mão, na tua mão e ai tu tem que se organizar ai tu tem que fazer o que? Pensar o que? Pensar no INSS, pensar no Micro Empreendedor Individual no MEI né!? Que é uma parada que te segura também que você tem que estar contribuindo lá direitinho, bonitinho e... O negócio de dar dinheiro pra governo é a maior doidera cara, mas faz parte da nossa vida. Isso daqui a gente tem agarrado no pescoço, mas se a gente não tiver a gente perde isso, a gente perde isso, infelizmente mais ai o cara tem que absorver isso ai. O ruim não tem o ruim, é só o cara ter cabeça e ir aprendendo. Se o cara é um bom empreendedor o cara vai longe e se ele é um mal empreendedor o cara vai quebrar (Saeed, 2017).

Essa questão financeira aparece na fala de outra entrevistada que, apesar não ter passado por uma incubadora ou de não citar ao longo da entrevista um plano de negócio ou ter feito qualquer tipo de planejamento, sempre se controlou financeiramente, pois aprendeu com a mãe a “arte de apertar o cinto”.

[...] ela falava: - Vamos apertar o cinto um pouquinho que a mãe quer comprar um não sei o que. E a gente era tão acostumada a viver no vermelho que pra mim apertar o cinto um pouquinho não é problema. Então, desde então, a gente sempre foi dando um passo de cada vez e eu comecei a fazer as minhas coisas também. A gente estava lá no salão pequeno e hoje esse espaço é nosso (Daomé, 2017).

E, de fato, ao que tudo indica, a metodologia/estratégia de “apertar o cinto” aparentemente deu certo. Essa entrevista foi feita no salão de beleza da família, seu atelier fica dentro do salão. É um espaço grande, com cerca de oito pessoas trabalhando. Ambiente muito bem decorado e climatizado. Ao visitar a feira que ela organiza e passar um tempo conversando com ela enquanto ela trabalhava com as questões administrativas da feira, pude perceber uma grande preocupação com o financeiro. Chamou-me atenção a sua organização com a contabilidade do evento e, também, por ela fazer parte da prestação de contas à sua sócia na minha frente manipulando uma grande quantidade de dinheiro e falando sobre negócios, coisas que não se falam na frente de qualquer um. Percebi que a minha relação com os entrevistados logo ganhava outro status. Tamanho era a acolhida, ao chegar em casa tinha uma mensagem dela no meu *facebook* agradecendo minha presença e ficamos conversando um pouco sobre looks para usar no dia da defesa da dissertação. Durante a feira, ela usava uma espécie de “pochete” estilizada que combinava com a sua roupa e as tranças prateadas

que ela estava usando. Nessa “pochete”, além de uma grande soma de dinheiro, ela possuía várias anotações em muitos compartimentos.

Fiquei refletindo sobre isso, a organização e segurança com que ela administrava o negócio. Eu não percebi em outros empreendedores negros esse mesmo controle. Acredito que exista uma distinção por geração empreendedora, se é que eu posso escrever assim. A figura do negro como empreendedor é uma “novidade” assim como ele em qualquer posição de poder e prestígio. Por uma questão histórica os negros possuem menos acesso à educação, menos recursos financeiros e são menos ligados às questões de controle e planejamento que fazem parte do *ethos* empresarial.

Os negros empreendedores que entrevistei vão aprendendo com o passar do tempo no decorrer do negócio, eles amadurecem e se desenvolvem por tentativa e erro. Essa empreendedora como já veio de uma família de empreendedores e trabalhou desde criança, apresenta traços mais maduros de controle financeiro, apesar da pouca idade à frente de seu próprio negócio. É como se ela herdasse parte do capital cultural do negócio de sua mãe

Alguns empreendedores destacaram a relevância da religião no processo empreendedor empreendido pelos mesmos:

[...] eu fui crescendo, bem fervoroso, evangélico desde molequinho, eu sou cristão e tal, criado no berço evangélico e minha vida sempre foi ali com aquela doutrina e bonitinho e tal. Meio que tava me doutrinando, era muito robotizado e tal aí eu fui crescendo e fui criando os meus próprios caminhos [...] um tio meu que era diretor da igreja e ele: - Pô cara, você podia meio que virar o Zelador aqui da casa. E o meu pai estava transtornado e a família... E eu: - Não, eu vou embora e vazei e morei um ano dentro da igreja eu eu orava para Deus mandar pregador de fora para ter janta porque não tinha isso. Foi um período que eu tive uma experiência com Deus, literalmente (Saeed, 2017).

Uma das entrevistadas relata que a igreja, além da sua função social, foi importante para sua construção de liderança, característica que ela acredita que hoje a auxilia no seu negócio pois faz parte do perfil empreendedor:

O que acontece, na realidade, não é uma formação de liderança. Eu acho que o que foi bom na formação dentro da igreja foi, além da questão espiritual, assim, a religião, todas elas, tem a questão de deixar você biruta então tem muita gente que acaba se perdendo e ficando muito bitolada ali dentro. Eu fazia parte da igreja católica, não era da evangélica, mas tem bitolado em todos os lugares. Hoje em dia em frequente centro espírita e tem bitolado também, então não tem essa. Falam tudo isso dos evangélicos, mas para ser bitolado com religião é só querer, tem essa questão, mas também tem a questão de te formar como cidadão. Entendeu!?! E eu acho que foi fundamental nesse ponto (Zunduri, 2017).

Outra entrevistada me explica que a questão religiosa é muito forte ao longo de toda a sua vida e é essencial para as relações que ela estabelece com as outras pessoas e até mesmo o seu empreendimento. A sua militância possui aspectos de ordem religiosa tanto da doutrina japonesa, que hoje ela segue, como por sua linhagem paterna da Umbanda:

Quando a gente voltou a se relacionar, ele morou em São Paulo, voltou também por conta da nossa doutrina espiritual, nós somos messiânicos que eu não sei se você conhece, é um espiritismo japonês, já ouviu falar de Johrei? (fiz sinal de sim com a cabeça). É a mesma coisa. Johrei é uma oração dentro dessa doutrina que é a igreja messiânica que tem no Brasil, Moçambique, Indonésia, tem em vários lugares do mundo. [...] é a mesma linhagem só que é como se fosse como uma igreja evangélica que se dividisse em várias doutrinas. É mais ou menos isso, é o espiritismo japonês, para simplificar, eu explico dessa forma. Ai ele foi estudar para ser Sacerdote, um líder espiritual. Também não ficou, ai ele voltou e a gente se reencontrou e estamos juntos nesse rolê até agora, vai fazer cinco anos (Zacimba, 2017).

Outra entrevistada revela sua crença com uma conexão ancestral que a ajudou a superar alguns obstáculos ao longo de sua trajetória. Essas dificuldades, ao menos parte delas, grande parte, ocorreram em virtude de uma dupla exclusão social: em primeiro lugar, por ser uma das poucas negras em espaços de prestígio e, em segundo lugar, por uma questão geográfica. Isso tudo ilustra e dialoga com os espaços sociais de Sansone (2003).

[...] Mas isso também dessa ausência, eu acredito que..., mais tarde eu fui ver que era já a minha espiritualidade que estava aflorando porque eu sou Ebomi de Oxum, sou iniciada no santo no candomblé na nação de Keto e eu acho que isso já era um pouco, acho que já era um pouco ou meu orixá me tirando daquela.... me tirando daquele... daquele lugar né, daquela dor. Bom, acabei a faculdade e para acabar a faculdade eu tive que também trabalhar e ai não tinha como, não tinha como. Eu não tinha dinheiro para comprar livro e a faculdade só tinha meninas da Zona Sul, éramos, parece que do subúrbio, e nessa época eu já morava em Guadalupe, eu acho que eram duas meninas ou três e ai eu tive muita dificuldade. Dificuldade em formar grupo porque eu não ia para a Zona Sul e elas não iam para a Zona Norte que era além do túnel, né!? Então eu tive muita dificuldade, mas eu acho que isso tudo que eu passei e que eu estou te contando me fez crescer como pessoa, me fez crescer como mulher (Nzinga, 2017).

E, de fato, se o negro já sofre discriminação hoje (MUNANGA; GOMES, 2006), convive diariamente com expressões racistas (OLIVEIRA; BARRETO, 2003), tem sua imagem associada à inferioridade (SANTOS, 2002), à estigmas ruins (MUNANGA, 2003), sofrer com representações sociais negativas (SANTOS; SCOPINHO, 2015), ser preterido ou ocupar algumas posições inferiores em alguns espaços (SANSONE, 2003) e, até mesmo em momentos de lazer, no shopping (NASCIMENTO, et al., 2015) sofrer com o racismo institucional mesmo em tempos de “leis” (SILVÉRIO, 2002), é preciso destacar como essa

estrutura racial impacta na construção dos espaços sociais dos entrevistados no mercado em que atuam.

4.2 ESPAÇO, EMPREENDEDORISMO E RAÇA

Quando trata-se do empreendedorismo negro, a dinâmica do espaço assume um novo significado e, como uma das entrevistadas afirmou, é preciso retomar o passado e conhecer a história. Essa relação do negro com o espaço tanto físico quanto o lugar que foi criado socialmente para o negro foi abordado por vários autores e podem ser percebidas nas falas dos entrevistados. Gonzáles e Hasenbalg (1982) e Hasenbalg (1982) em seus estudos mostram o lugar de inferioridade para os negros, eles foram deixados na periferia, nas favelas, sempre às margens da sociedade. Essa condição aparece desfavorável ratificada nos estudos de Oliveira e Pimenta (2016), Nascimento et al (2015), Hofbauer (2003) e Santos (2002). Todas esses autores e suas percepções juntamente com a teoria dos espaços sociais de Sansone (2003) montam o quadro que podemos observar nas falas dos entrevistados:

Toda aquela região portuária e parte desse território aqui também faz parte, toda essa parte do centro era conhecida na época do Brasil colônia como Pequena África e era o território onde desembarcava os negros que viam escravizados e daqui eles eram distribuídos para o resto do Brasil. Então boa parte dessa população se concentrava por aqui, os que eram forros, os que se libertavam acabavam morando por esse território e então, o Cais do Valongo que era esse cais por onde eles entravam, ele foi soterrado por várias vezes na história. Quando veio a imperatriz, né!? Quando a família real portuguesa veio para o Brasil eles soterraram esse cais e fizeram o cais da imperatriz e tornaram tudo muito lindo, “higienizaram” essa região, entendeu!? Pereira Passos que foi um prefeito da república higienizou, retirou os negros e foi ai que começaram a se formar as favelas porque tiraram os negros dessa região central e começaram a jogar para o interior da cidade. Então essas são histórias que não eram contadas nas escolas, que a gente não conhecia. Eu mesmo passei a conhecer depois que começaram a obra de revitalização aqui da região e ai com as obras eles escavaram e veio à tona de novo esse cais. E ai, a partir disso, vários historiadores começaram a fazer seminários e ai que a gente começou a entender e a gente começou com o nosso projeto lá, nessa região da Pedra do Sal. Então eu acho que o diferencial máximo pra mim, assim na minha vida e acho que de muita gente dessa geração é o acesso. A gente só começa a se entender a partir dai, a partir do conhecimento. Todo o contexto que a gente vive é sempre aquele de querer deslegitimar a sua identidade, é a única arma, é a arma que sempre funcionou só que quando você tem conhecimento essa arma já se torna mais fraca porque você tem argumento para rebater, para mostrar que não é bem assim (Hatshepsut, 2017).

Os empreendedores entrevistados estão situados geograficamente na Região central, Zona Norte e Baixada Fluminense, para ter dimensão de como os empreendedores negros cariocas entrevistados nessa pesquisa ocupavam o espaço, elaborei uma tabela com os lugares mais relevantes para os entrevistados. Lugares onde eles nasceram, estudaram e foram

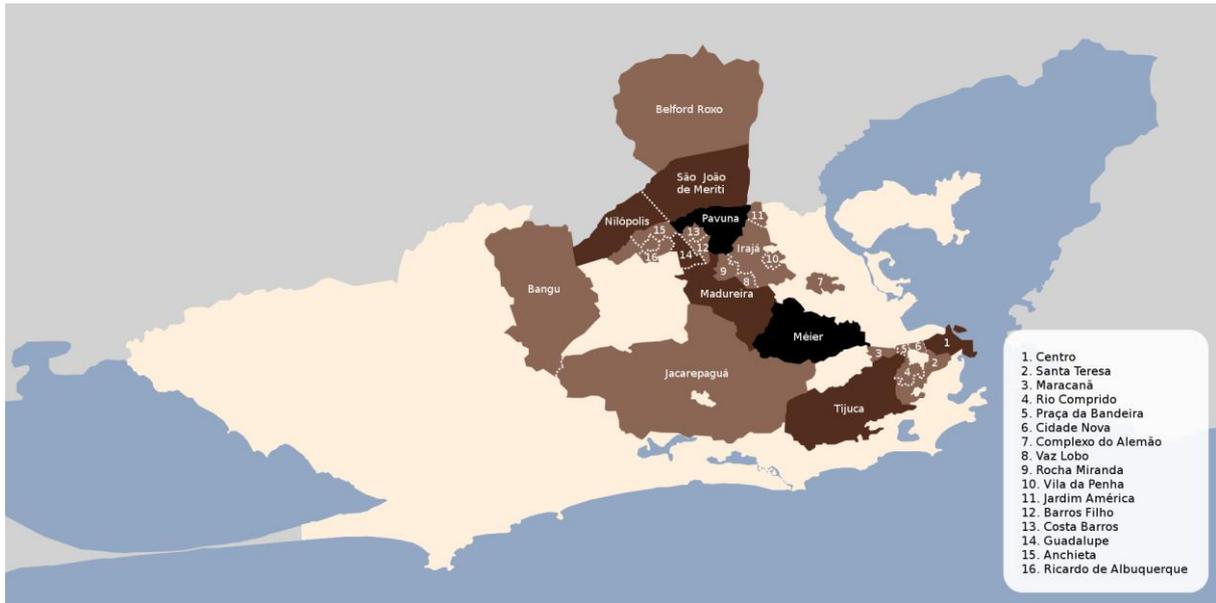
criados, trabalharam e que possuem seus negócios. Uso o termo relevante, pois exclui um *free lance* que uma empreendedora fez em Ipanema e um evento de um dia (que visitei e não considero relevante) na Lagoa Rodrigo de Freitas. Os lugares citados durante as entrevistas foram pesquisados na internet e acabei confeccionando um mapa antes mesmo da fase de análises dos dados. A cidade é nova para mim e tive que estabelecer essa organização para me situar e me locomover até os locais onde as entrevistas foram realizadas.

Foram escolhidas as cores do mapa para lembrar os tons da pele negra, as áreas não citadas estão pintadas em cor de pele (branca) que é vendido comercialmente. Quanto mais a área/região é citada por diferentes entrevistados, mais escura ela foi colorida. Dessa forma, os bairros do Meier e Pavuna foram, de longe, os mais citados.

O bairro do Méier é considerado por muitos dos entrevistados como um dos melhores bairros da Zona Norte, “a Zona Sul da Zona Norte” e aparece nas falas dos empreendedores negros principalmente quando esses falam sobre educação. Boa parte dos entrevistados estudaram em escolas particulares do Meier e por isso boa parte das histórias se passa no Meier.

A Pavuna (apesar de ser um bairro é mais conhecida como região, por isso o artigo A) aparece nas falas dos empreendedores principalmente relacionada à moradia e trabalho. Muitos dos empreendedores negros entrevistados trabalharam, moraram por um determinado tempo ou ainda moram na Pavuna. A Pavuna é uma localização estratégica, é o último ponto da linha 2 do Metrô e é a porta de entrada (usando transporte público) para os municípios da baixada fluminense como Nilópolis e São João de Meriti. Essa região possui um intenso comércio informal e uma grande concentração de pessoas negras.

Figura 4 – Os negros e o local



Fonte: elaborado pelo autor

Observando os lugares onde estão os negros empreendedores no Rio de Janeiro nota-se uma faixa. Essa faixa contorna áreas consideradas nobres e em sua maioria segue os ramais de metrô e trem, fiz algumas tentativas de localizar, pois ficaria mais fácil de executar o trabalho por questões geográficas, empreendedores negros na Zona Sul, mas até o momento não obtive sucesso. Uma das minhas ultimas entrevistadas me presenteou com um catálogo de Afro empreendedores Cariocas com mais de trinta empreendedores negros de “sucesso”, catálogo esse idealizado pela CPIR da prefeitura do Rio no ano passado e não há nenhum endereço na Zona Sul. Existe um Afro empreendedor na Zona Sul, no Leme, com uma empresa no Morro da Babilônia. Isso me leva a crer que minha tabela e consequentemente minha imagem está significativamente próxima da realidade.

Em minhas andanças pela Zona Sul, especialmente as praias (Ipanema, Copacabana, Arpoador, Leme, Botafogo e Flamengo), vi muitos vendedores ambulantes que eu classificaria como negros.

Outro ponto que chama atenção está no número de entrevistados que citam o bairro da Pavuna. Esse bairro é a estação terminal da linha do Metrô e faz divisa do Município do Rio de Janeiro com os Municípios de São João de Meriti, Duque de Caxias e Nilópolis. As histórias mais improváveis dos empreendedores que, aparentemente não possuem nenhuma ligação, sempre acabam passando pela Pavuna, o que me leva a suspeitar que em algum momento, mesmo os empreendedores que não citaram essa região, direta ou indiretamente passaram por ela. A política higienista citada pela entrevistada Hatshepsut e promovidas por Pereira Passos findaram em 1906, ou seja, estamos muito pouco distantes em sentido

temporal (111 anos) da expulsão dos negros do que hoje é a “Zona Nobre” da cidade e próximo à Pavuna. Mais especificamente, em São João de Meriti existiu um Quilombo que resistiu por muito tempo e até hoje a região possui uma concentração de pessoas negras, além de vários terreiros do Candomblé e tendas Umbandas.

Infelizmente, essa é uma conclusão que não conseguirei alcançar, ao menos não com esse estudo. De qualquer forma, independentemente de possuírem uma região geográfica em comum, as histórias de vida são bastante semelhantes. Seguem alguns relatos onde podemos observar o “lugar” de cada um. Uma das características que chama atenção é que alguns entrevistados (dois de nove) e boa parte de seus pais (cinco de nove) são ou foram funcionários públicos o que de acordo com os estudos de Sansone (2003) é uma estratégia adotada por muitos negros pois as instituições públicas não segregam pela aparência (ao menos não no acesso) e por isso muitos negros tentam o concurso público.

Eu sou de 81, já tenho uns 35 anos. Faço 36 esse ano. Meu pai é funcionário público, minha mãe é do lar. Tivemos grandes dificuldades, mas sempre tive um pouquinho de tudo. Mas em relação aos meus familiares... Tive uma dificuldade, normal porque minha família é eu meu pai, minha mãe e meu irmão. De pagar aluguel e tal. É uma família grande. A família dos meus primos por parte da minha mãe já, a maioria chegou na faculdade, outros não. Poucos que não chegaram na faculdade e por parte do meu pai é a parte mais pobre. O meu pai é ele e cinco irmãs. Então ele de cinco então ele meio que sempre ajudou todo mundo. Lá só tem ele de homem e ele sempre ajudou as irmãs dele e tal, mas aí minhas tias, a maioria não terminou nem o segundo grau. E lá a maioria já teve filhos mais novos, antes de completar 18 já teve filho e os filhos também... A maioria dos meus primos, tudo já é avô já. E isso a maioria da minha idade, as vezes até um pouquinho mais velhos, mas todos seguiram a mesma trajetória [...]eu nasci no Rio, mas nasci só de nascer, mas eu sou natural mesmo, de morar, desde que eu nasci é em São João de Meriti. Nasci no município do rio, mas eu nasci, fui nascido e criado em São João. (Tenkamenin, 2017).

[...] minha estrutura familiar ela nunca foi essa estrutura linear de família padrão. Eu fui criada pela minha madrasta e pela minha avó porque minha mãe tem distúrbio bipolar então quando ela se separou do meu pai, meu pai casou de novo e eu fui criada pela minha madrasta. Morava em Vaz Lobo, que é subúrbio aqui do Rio, mas me mudei para a Tijuca que é um bairro um pouco mais elitizado, também Zona Norte. E aí eu sempre estudei em escola particular, sempre tive... meus pais sempre tiveram esse olhar de a formação melhor é em escola particular, minha avó por parte de Mãe ainda mora no Méier e minha vó por parte de pai morava em Engenho de Dentro, é aqui próximo (a entrevista foi feita no Méier). Aí eu fui criada pela minha madrasta na Tijuca né!? Desde os cinco anos para cima, então eu estudei nos colégios mais conceituados do Rio, primeiro no Martins, Martinzinho depois eu estudei no colégio Palace, sempre bolsista e depois quando eu cheguei no final do ensino médio eu voltava muito para a casa da minha Avó, meu pai havia se separado da segunda esposa e eu continuei morando com ela e aí eu voltava muito para estar com ele nos finais de semana (Zacimba, 2017).

Você não conhece, mas o bairro do Grajaú é um bairro aqui do Rio de Janeiro na Zona Norte, mas é como se fosse um bairro da Zona Sul porque é um bairro, ainda hoje, muito elitista e na época que eu nasci era muito mais elitista ainda porque era um bairro onde a maioria dos coronéis morava. Então a minha família era uma

família... Parece que eram três famílias negras nesse bairro e minha família era uma delas. Não é necessário dizer que nós como família negra éramos os serviçais daquele povo, daquela família que tinha uma outra condição social que não fosse a nossa. Meu pai era mineiro e veio na época de 30 para o Rio fugindo da revolução e se instalou lá e enfim, a nossa família vivia como se fosse um quilombo dentro daquele lugar [...]eu sou órfã de mãe desde um ano e três meses. Minha mãe faleceu logo após o meu nascimento, eu tinha um ano e pouco. Ela ficou doente eu devia ter seis ou sete meses e foi indo até que com um ano e três meses ela faleceu e eu tinha uma irmã mais velha por parte de pai, meu pai casou duas vezes, e eu tinha 21 irmãos dos dois casamentos do meu pai e uma das minhas irmãs mais velhas me adotou. Então eu fui adotada, me adotou tipo assim, me levou para a casa dela para tomar conta de mim e ela era uma mulher... Ela nunca teve filho, era casada e nunca teve filho e a vida dela foi sempre pautada em relação a mim, tudo para mim (Nzinga, 2017).

Somado à questão geográfica, uma das entrevistadas relata que a família teve que regrar as despesas, inclusive os gastos com alimentação, para que sua mãe conseguisse o sonho da casa própria.

Quando eu fiz dez anos, minha mãe, assim... Durante muitos anos, além de pagar as contas... Eles não viviam só de pagar conta e pagar as contas, minha mãe sempre teve o sonho da casa dela e ela disse que um dia ela ia ter a casa dela. Então eles já tinham um... No dia que ela falou que iria comprar a casa dela, que ela iria ter a casa dela com quintal que era o sonho dela, ela começou a diminuir as compras, começou a fazer cortes, para sobrar mais dinheiro. Tipo besteiras, a gente comia só extremamente o necessário... Ah!, passava fome? Não, não passava fome, mas era uma comida bem regrada, era bem regrada. Ela não comprava nada de marca, era só o que dava (Daomé, 2017).

Nasci em São João de Meriti e fui criado em Nilópolis, até hoje sou criado em Nilópolis vim pra cá muito criança e a minha família no início, quando a gente mudou para Nilópolis, teve uma questão assim... Uma questão de finanças né!? Era bem pouquinho, meu pai morava de aluguel na época e meu pai, o trabalho dele, o trabalho que ele tinha era um trabalho de biscate... O dinheiro era bem regrado como no início de toda família. Ele me adotou, meu padrasto. Ele começou a namorar com minha mãe... Eu não fui criado pelo meu pai, fui criado pelo meu padrasto, que é meu pai. A gente, a gente, como é que fala!? Quem cria é que é o pai na parada. Eu estudei no colégio Nogueira, o Nogueirinha em Nilópolis até a minha segunda série e foi bem mais para o subúrbio de Nilópolis. A gente ganhou um terreno, minha vó tinha falecido já, vinte anos atrás e ela deixou um terreninho pra gente e a gente construiu uma casa. Saímos do aluguel e a vida deu uma melhoradinha, meu pai começou a fazer outros cursos e veio a ser segurança. Ele começou a ser segurança e a nossa vida já deu uma melhorada e a gente começou a andar de chinelo havaiana, porque a gente não usava havaiana. O sonho da minha vida era usar havaiana, mas não tinha, não tinha como comprar havaiana e a gente usava aqueles chinelos de pano... lembra!? Aquelas tirazinhas? Pô era uma loucura... (Saeed, 2017).

Não, eu não faço a menor ideia do que venha a ser um chinelo de pano. Saeed ao meu ver, mais que um empreendedor de sucesso, ele é resultado de tudo que os teóricos que utilizei nesse estudo falam a respeito de construção do lugar do negro, não só o lugar dos espaços sociais de Sansone (2003), mas a construção mais ampla de lugar como apresentado por Gonzáles e Hasenbalg (1982), Hasenbalg (1982), Hofbauer (2003), Oliveira e Pimenta (2016), Santos (2002) e Nascimento et al, (2015). Quando ele me perguntou sobre os chinelos

de pano, meu primeiro impulso foi dizer “Não, eu não faço a menor ideia do que você está falando”. E, de fato, no meu registro de memórias, por mais que a condição financeira de minha família não fosse das mais favoráveis, eu não conseguia visualizar nada nem próximo do ambiente carente e das dificuldades que ele me descrevia. E optei por ficar calado.

Outra entrevistada relata como foi sua infância, conta como seu pai (negro) acessa certo conhecimento e prestígio e relata a ligação que ele tinha com a África, ligação que ela também compartilha:

[...] falando de infância eu fui privilegiada porque eu tive uma infância maravilhosa. Família pobre, mas o meu pai ele tinha... Ele já era um negro naquela época que tinha obtido destaque dentre os irmãos que ele tem, eu acho que a mãe dele tinha nove filhos então ele se destacava. Ele já tinha um emprego, trabalhava em uma empresa multinacional como... fazia transporte de óleo diesel e isso possibilitou que eu tivesse uma infância, assim, mais confortável e então eu tive acesso a algumas coisas que para a época era bem complicado. Inclusive eu tive acesso com meu pai à essa parte cultural porque ele era uma pessoa que gostava de fazer pesquisa, ele era um negro interessado. O meu pai, para você ter uma ideia, ele conseguiu fazer na época, antes mesmo de eu nascer, ele conseguiu fazer o segundo grau. Ele conseguia falar inglês fluentemente, não porque ele tinha frequentado curso de inglês, mas que dentro da empresa que ele trabalhou que foi em uma multinacional, ele procurava ter contato com estrangeiro e procurava aprender e ele tinha uma fascinação pela África e ele fazia pesquisa de tudo sobre a África, principalmente a parte de guerras porque na época tinha muitos conflitos, guerra civil, tinha tido guerra pela independência e então ele me passou muita coisa. Por isso que eu sou muito ligada à África e também sou muito apaixonada por ela. Ai depois os meus pais se separaram e eu tive uma vida um pouco mais diferente, aí minha foi morar em um lugar... E eu morava no Méier e ai fui conhecer, fui morar mais perto de São João de Meriti, Pavuna e então ai eu tive um outro tipo de vida porque eu tive que viver de acordo com minha mãe porque eu era a pessoa que estava ali com ela, ela tinha saído de casa [...]. Minha mãe na ocasião era analfabeta, ela teve uma infância muito difícil, quase que uma vida escravizada porque ela era do interior de minas e então ela foi dada porque acontecia muito isso antigamente (Ayo, 2017).

É possível ficar no mínimo pensativo sobre o que seria de fato a leitura que os entrevistados possuem de privilégio, ou de uma infância boa. A fala de uma das entrevistadas evidencia que o que era bom para a época provavelmente seria questionável na atualidade.

Eu sou a caçula em uma família de apenas dois. Eu tenho uma irmã só. Meus pais, eles... Minha mãe vem de uma família de seis só que meu avô tinha uma situação financeira que não era muito ruim, ele era mestre de Obras. Era assim, não era rico, mas nunca faltou nada. E na época que minha mãe nasceu, você ter comida, ter tudo era bom. Meu pai não, meu pai já vem de uma família que tinha mais dificuldade, também eram seis e tinham muita dificuldade. Assim, o nível social dos dois era diferente, era diferente. Mas aí eles se casaram só que eles não tinham uma casa. Meu avô emprestou uma casa para eles morarem em Belford Roxo, mas lá em Belford Roxo tá muito distante então eles vieram pra cá morar em uma casa alugada (Daomé, 2017).

Uma entrevistada, assim como outros entrevistados que foram citados acima, precisou assumir responsabilidade muito cedo, mas em virtude de questões familiares. Aliás, muitos dos entrevistados se encontram nesse ponto: assumir responsabilidade muito jovens. Isso, de acordo com Souza (2014), contribui para que eles e seus filhos continuem na classe trabalhadora e/ou tenham mais dificuldade em ascender socialmente pois os filhos da classe trabalhadora começam a trabalhar mais jovens para ajudar na economia doméstica ou assumem responsabilidades muito cedo. Hatshepsut, única negra com a pele mais clara, é filha de retirantes que vieram “tentar a sorte” no Rio de Janeiro:

Eu tenho 32 anos e nasci em La Rochelle em uma cidade da França porque (gargalhada) meu pai trabalhava na marinha. Meu pai é um paraense chamado Samuel e minha mãe é Terezinha, uma piauiense, ambos vieram para o Rio tentar uma vida melhor, né!? Meu pai foi trabalhava na marinha e foi para a França construir um navio porque ele era engenheiro de máquinas, ele levou minha mãe e eu acabei nascendo lá. Voltaram para o Brasil, eu era bebê ainda, cresci aqui na Tijuca, um bairro do Rio de Janeiro, estudei em escola pública durante todo o meu ensino primário e ginásio, o segundo grau também. Comecei a trabalhar aos 18 anos no DETRAN. Eu estudava e trabalhava para pagar a minha faculdade, eu mesma paguei a minha faculdade. Minha mãe ficou doente, ela começou a ficar doente eu tinha uns 13 anos então desde os 13 anos eu me tornei responsável pelos afazeres de casa, por cuidar da minha irmã mais nova e eu sempre fui uma pessoa que nunca aceitei determinadas coisas, assim dentro de casa. Família vinda do Nordeste então a gente ainda tem aquela questão do racismo ainda muito latente, do auto ódio, de culpar a família essas coisas assim (Hatshepsut, 2017).

Uma entrevistada, a mais jovem do grupo, pode desfrutar de uma melhor condição socioeconômica, pois seus pais já tinham conseguido uma estabilidade financeira e isso permitiu que ela tivesse acesso a um maior capital social e cultural além de tempo para planejar o futuro, como é descrito por Souza (2014) em sua pesquisa:

Eu nasci aqui no Rio de Janeiro mesmo, sou carioca, estudei em uma escola particular até os 13 anos de idade e logo depois eu fiz prova pra FAETEC que é a estadual de técnico aqui no Rio, passei, fiz o médio junto com o técnico lá. Fiz edificações, não tinha certeza do que eu queria só sabia que os meus pais são técnicos em química então, e por eles serem técnicos e também fazerem aquela pressãozinha para eu fazer porque tem muito aquela coisa de técnico já ser uma profissão [...] meu pai, ele é técnico em química, mas assim que eu nasci ele passou a ser taxista. [...]eu entendo que a maioria negra no Brasil é de pessoas pobres e isso é uma verdade, é um fato. Entende!? Só que quando a gente mistura as coisas, a gente elimina uma parcela da comunidade negra, a qual eu faço parte e conheço outras pessoas que fazem também, que são pessoas de classe média. Entendeu!? Então assim, eu tenho muito essa consciência, quando eu estou num círculo de pessoas negras e que as pessoas começam a falar de pessoas pobres eu tenho consciência que eu não posso bater no meu peito porque eu não sei que realidade é aquela. Entende!? (Zunduri, 2017).

De acordo com Sansone (2003), as posições sociais são resultado da interação e disputa dos espaços sociais, mas de acordo com estudo de Rosa (2014) o racismo sistêmico dificulta a mobilidade social, a ascensão dos negros. No estudo de Vale (2014) o empreendedorismo é citado como alternativa para a mobilidade social dos negros. Outra variável para que isso ocorra é a educação. De acordo com Hasenbalg (1982), as posições sociais se perpetuam, pois, as oportunidades sociais são desigualmente distribuídas e entre essas oportunidades sociais a educação é muito importante.

Estudei no colégio Bento Ribeiro no Méier, fiz o segundo grau com professores de ponta, professores que davam aula na faculdade Gama Filho que era uma faculdade Chiquíssima né!?, uma das poucas, e ali eu consegui ter uns professores maravilhosos e eu era muito estudiosa. A minha mãe dizia assim: - Eu quero que você aproveite o que eu tenho pra te dar. E as patroas dela, ela sempre foi doméstica, e as patroas dela ficavam falando para ela: - Por que você não trás a Nzinga para te ajudar? você trabalha tanto e tem aquela menina lá já com uma idade que pode te ajudar. E ai minha mãe dizia: - Não, a minha filha não. Eu tô trabalhando para que ela não precise fazer isso que eu faço até hoje a minha vida toda. E assim foi, até que em 65, em 66, eu tava terminando o segundo grau. Eu devia estar com 18 para 19 anos e fiz o concurso para a UFRJ, para pedagogia e passei em sétimo lugar, passei em sétimo lugar na faculdade. Era a primeira pessoa da família a entrar na faculdade, da família toda, e olha que a minha família era muito grande. A primeira pessoa a entrar na faculdade e foi uma festa, foi assim o auge. Ninguém esperava, a minha mãe jamais sabia o que era faculdade e minha mãe não tinha noção do que era, ninguém da minha família tinha noção do que era e eu fui (Nzinga, 2017).

Depois que minha mãe fez a faculdade dela, ela percebeu o tanto que a educação era importante e que a gente precisava de uma boa educação. Que se nós ficássemos em escola pública a gente não teria porque não teríamos aulas, então eles se sacrificaram para pagar uma educação de qualidade pra gente. Não era a melhor escola, não, mas era uma escola boa. Então a gente sempre estudou em escola particular, sempre estudou em escola particular, mas devido a esse esforço que eles faziam, eles se esforçavam para dar o melhor pra gente (Daomé, 2017).

Para mim ainda tinha essa coisa de faculdade pública, não poderia ser particular e ai eu passo para o Instituto Federal que na época era a federal de química, meu curso ainda era tecnólogo, produção cultural. E ai, meu pai não sabia muito bem o curso que eu tinha escolhido e meu pai era muito contra essa coisa de eu ter me envolvido com a escola e eu ter pego tudo. Ele votava muito na escola, ele era do círculo de pais, ele se envolveu também e acabou tendo esse outro olhar para essa coisa da escola da perifa, da perifa, da perifa (Zacimba, 2017).

Como apontado por Barbosa (2011), a desigualdade de acesso à educação é uma importante engrenagem do racismo à brasileira, do racismo velado. Por reconhecer isso, de certa forma, uma das entrevistadas fala sobre educação, mas sob outro ponto de vista, ela fala como mãe sobre as oportunidades que ela teve e as oportunidades de seus filhos. Ela fez um esforço para elevar o nível de seus filhos proporcionando a eles maior acesso ao capital cultural, social e fortalecendo o aprendizado com o próprio exemplo afetivo, de acordo com

Souza (2014) as crianças se desenvolvem melhor quando possuem bons exemplos dentro de casa.

[...] antigamente era muito difícil passar tanto para um colégio de nível médio como para a faculdade em uma federal porque você ia competir com pessoas que estavam se preparando e dentro de casa tinham o suporte, tinha, ainda mais na minha época as vezes as pessoas já falavam inglês e eu não sabia inglês. Já tinha professores, cursinho e aquela coisa toda e a gente que tinha que trabalhar fora não tinha essa possibilidade e então antigamente era muito difícil o negro passar para uma faculdade federal, ele tinha que estudar muito, mas muito mesmo e ainda sim ficar na casa de amigo, na casa do amigo de amigo de amigo para poder estar ajudando para poder passar em uma federal que hoje graças a Deus meus filhos todos passaram pela federal. Uma federal porque aí eu já tinha dado uma outra estrutura para eles e nivelei, consegui nivelar eles com as outras pessoas que estão indo para competir porque não tinha cota naquela época. Então aí eu estudei, fiz economia e eu estudei muito. Como eu te falei, matemática financeira eu adoro e aí eu fiz, trabalhei em uma empresa, em uma multinacional e também tive a sorte de trabalhar dentro de uma empresa grande e eu vi que era a minha chance e então eu abracei essa chance com tudo, fui com tudo (Ayo, 2017).

Cada região possui uma configuração distinta, um modo operante e isso influencia na relação com as pessoas, sobre os espaços que frequentou enquanto estudava uma das entrevistadas coloca que essa condição econômica/social frente aos outros. As relações sociais e as relações de poder nesses espaços é o que Sansone (2003) chama de espaços duros, essa dinâmica fica evidente na fala da entrevistada:

Quando eu fui para o Miguel Couto então, pior ainda porque aí eu fiz o pré-vestibular no Miguel Couto que é na Tijuca, aí todo mundo lá usava roupa de marca mesmo, mas não ficava usando Cantão não. Usavam Equatore, M office, Felipe Martin, Bolsa da Victor Hugo, lá você via gritante quem tinha e quem não tinha. Nem todo mundo era rico, mas quem era rico era rico de verdade. Não era que nem os meus coleguinhas do Méier que tudo bem, todo mundo era filho de empresário e tal, mas que não tinha o mesmo poder financeiro do que quando eu fazia o pré-vestibular. Não tinha, não tinha meeeeesmo, não tinha mesmo e quando eu estudava lá com esse pessoal que tinha mais eu era muito melhor tratada do que quando eu fazia o ensino médio todo mundo lá era empresário, o pai era dentista a irmã era médica, o pai era médico aí tinha uma rede de padarias, não tinha uma padaria, o pai era dono de uma rede de padarias. Então lá no Miguel Couto a discrepância era muito maior porque o pessoal era rico de verdade, era rico de verdade. Eu!?! Eu estava ali fazendo figuração porque minha mãe eu vou falar uma coisa para você, ela sempre investiu em educação porque minha irmã ela tinha feito lá então eu tinha que fazer lá também, o pré-vestibular lá porque minha mãe queria que eu passasse em uma faculdade federal e eu passei. Ela pagou cara, mas economizou lá na frente (Daomé, 2017).

Essa mesma empreendedora ilustra na sua fala a construção desse espaço de menor prestígio para o negro, como afirma Santos (2002). Essa discussão tem relação com os debates sobre os espaços sociais de Sansone (2003) e as representações sociais do lugar

construído para os negros evidenciado nos estudos de Santos e Scopinho (2015), como fica evidente nesse outro trecho de sua fala:

[...] então eles tinham essa coisa de achar que, por eu ser negra, eu tinha que ser pobre e periférica eu não podia estar junto deles em momento algum ai quando tinha festinha eu não era convidada.... Eu fui muito excluída de um grupo, mas de outro grupo das meninas que estão morando por aqui e não tinha essa coisa de... Esse pessoal que mora no Méier acha que é a Zona Sul da Zona Norte. Dois bairros: Tijuca e Méier, as pessoas que moram na Tijuca e no Méier acham que moram na Zona Sul só que elas precisam acordar que elas moram na zona norte, tão na zona norte quanto eu (Daomé, 2017).

Essa condição social da “Zona Sul da Zona Norte” contrasta muito com o cenário descrito pelo entrevistado que passou a vida na baixada fluminense, na periferia de uma das cidades da baixada no município de Nilópolis:

[...] eu lembro assim que quando a gente começou a construir, a gente morava em um barraco que era só um quadrado e não tinha banheiro. Era só uma estrutura, aquela coisa toda, mas não tinha vaso. O vaso, tu vai rir... Era uma lata véio!? Era um buraco, a gente botava uma latinha lá e um saco de plástico e metia bronca, e metia bronca. E tinha um barranco assim que a gente amarrava o bagulho e mandava para o outro lado e aquilo foi nossa vida. E ai quando meu pai terminou o curso em formação de serviços gerais ai começou a ganhar mais grana e foi bacana de mais e foi seguindo e tal. Eu tenho dois irmãos, André e Iago um que tá com 22 anos e o outro com 17, o mais novo e na época era bem pequeno e como meu pai trabalhava eu era o pai da parada, eu cuidava (Saeed, 2017).

Esse empreendedor, como filho mais velho de uma família pobre (economicamente), assume a responsabilidade por seus irmãos desde muito cedo o que é comum em famílias de pessoas negras e de baixa renda de acordo com os estudos de Souza (2014) e esse fator diminui as chances de mobilidade social dos negros. Outro trecho do mesmo entrevistado ratifica a dimensão da pobreza que sua família vivia e colabora para que possamos entender a dinâmica do espaço social (e até mesmo demográfico) fluminense estabelecendo diálogo da teoria dos espaços sociais de Sansone (2003) e o lugar marginal do negro apontados nos estudos de Gonzales e Hasenbalg (1982) e Santos (2002).

[...] Ai eu fui crescendo mais e com os meus vinte e poucos anos... Ai eu vim morar em outro bairro de Nilópolis, meio que andarilho de mais porque a gente... a gente ganhou aquele terreno da minha vó e depois que a minha vó morreu os parentes: - Não, porque aquele terreno lá é nosso! E a gente foi deixando a casa guardadinha lá e meu pai conseguiu um terreno e a gente construiu uma outra casa, e dessa vez não tinha latinha não! A primeira coisa que a gente construiu na casa foi a casa e o banheiro, o quadrado do banheiro meu irmão, com vaso! E a uma descarga porque a gente não tinha lugar para rodar a bolsa e não podia jogar do outro lado do vizinho porque era um do lado do outro e lá não tinha essa parada não! (Saeed, 2017).

Ainda falando sobre o território, a política de estado higienista (ou o que restou dela), que explica o lugar marginal do negro (SANTOS, 2002; HOFBAUER, 2003) e o próprio surgimento das favelas (GONZÁLES; HASENBALG, 1982). Favelas essas que são um lugar marginal para grupos minoritários (VALE, 2014).

Minha mãe era lavadeira, passadeira, enfim... E o que que acontece, nós fomos obrigados a sair porque eles fizeram uma reserva florestal e essa reserva florestal existe até hoje e toda a reserva florestal foi criada com as árvores que minha família plantou, eles não tiveram intervenção quase nenhuma na reserva porque era uma área de mata e era um oásis com a nossa casa e a casa de outra família que tinha do outro lado e então a reserva... Na verdade, nós fomos um pouco empurrados para sair. Ninguém falou sai daqui, mas nós não tínhamos mais espaço lá e então cada um foi comprando suas casas no subúrbio, meus irmãos que moravam lá e já estavam casados e a minha mãe e o marido dela comprou uma casa lá em Guadalupe que é onde nós temos até hoje uma casa lá, uma casa que eu tenho porque eu herdei dela e, enfim, meu irmão ficou resistido. Ai eles colocaram meu irmão como guarda florestal, mas sem nenhum aporte. Ai houve um problema, eu não sei bem o que aconteceu e eles deram uma casa para o meu irmão em Antares que era um lugar para onde mandavam as pessoas das comunidades... Muito longe, muito longe, muito longe. Aliás, era uma pratica que existia no Rio de Janeiro que era de tirar as pessoas de seu lugar de origem e mandar para bem longe (Nzinga, 2017).

Alguns dos entrevistados moram até hoje em Morros ou na baixada fluminense, por mais que sua situação econômica permita viver em outras regiões. A questão geográfica não é determinada apenas pela condição econômica, mas, como Sansone (2003) explica, a construção dos espaços sociais é muito mais complexa e os sujeitos acabam criando um vínculo de pertencimento, o convívio em um lugar que lhe é familiar é uma área leve para os negros:

O que a mídia chama hoje de grande Pavuna é Ricardo de Albuquerque, Guadalupe, Costa Barros, Barros Filho, Pavuna, Anchieta... que são onde tem os dois complexos de favela: O complexo Chapadão e o Complexo da Pedreira. Eu moro do lado do Complexo do Chapadão, em frente a uma das favelas que é da pedreira, então são rivais. De um lado da rua é uma facção e do outro lado da rua é outra e eu moro bem no centro do Caô. E eu costumo dizer que a gente não mora em uma favela, você vive o resíduo de tudo (Zacimba, 2017).

Meu nome é Shamba, eu tenho 42 anos, eu nasci aqui no Rio de Janeiro, morador do Complexo do Alemão há mais de 25 anos. Sou criado aqui no Complexo estudei no colégio Liberdade aqui no complexo do alemão. Tenho o segundo grau completo, sou técnico formado em telecomunicações. Trabalhei 12 anos na Oi como técnico em telecomunicações (Shamba, 2017).

O espaço de trabalho pode ser também um espaço para a contestação social, se tornar um movimento de ocupação e também um negócio. Também pode se constituir como alternativa para o combate aos preconceitos que foram aprendidos ao longo do tempo, que

foram propagados socialmente. De acordo com Munanga e Gomes (2006), trata-se de um espaço para uma disputa por espaço, um espaço para estabelecer um contra fluxo ao lugar que foi naturalizado para o negro, como discutido nos estudos de Santos (2002) e todas as ideias negativas que são associadas à figura do negro apontadas no estudo envolvendo raça e a teoria das representações sociais realizado por Santos e Scopinho (2015).

[...]que criou tudo o que a gente é hoje que foi o Baile Hatshepsut's, o Baile Hatshepsut's era uma ocupação cultural do espaço urbano que acontecia no Quilombo Pedra do Sal, região portuária do Rio e que tem dois pilares esse baile: a *black music* através da nossa banda e o Afro empreendedorismo, uma feira de Afro empreendedores. Esse movimento com o passar do tempo, esse baile se tornou um grande movimento de valorização e de afirmação para a comunidade negra do Rio reunindo em média cinco mil pessoas por edição, era um evento que acontecia mensalmente (Hatshepsut, 2017).

Ainda sobre o território, espaço geográfico e o trabalho os empreendedores entrevistados deram as seguintes respostas:

Trabalhei em Madureira que era classe média porque eram comerciantes, algumas crianças de comunidade, mas o maior número era de crianças filhas de comerciantes de Madureira. Depois eu fui trabalhar em um bairro onde eu moro, onde eu morava na época (Nzinga, 2017).

[...] fomos para o parque das ruínas, em Santa Tereza porque lá atinge Zona Norte, Zona Sul, o Centro do Rio, Lapa, Fátima, o Catete... Zona Sul, Largo do Machado, Botafogo... Santa Tereza é caminho para esses lugares. E as pessoas que moram nessas redondezas, sem contar os turistas que visitam por lá, gostam desse tipo de produto. Então nós fomos para lá e a partir daí nós ficamos fixos em Santa Tereza. O gerente do parque gostou da nossa feira, da nossa proposta e ele deixou que nós ficássemos lá. E depois que nós fizemos a primeira edição ele gostou e deu várias datas para a gente fazer no restante do ano (Daomé, 2017).

Essa última empreendedora deixa evidente a importância da localização para que o negócio prospere. O bairro de Santa Tereza é um ponto importante para a economia criativa, mas alguns outros espaços podem ser estratégicos por outros motivos como explicado por outro empreendedor. E realmente as comunidades formam verdadeiras “irmandades”. Nas duas vezes que subi o morro, eu pude sentir isso. Na minha primeira experiência, eu estava razoavelmente perdido em uma sexta-feira à noite no Complexo do Alemão e uma moça desconhecida, ao ver eu perguntado pelo estabelecimento comercial do meu entrevistado, praticamente me pega pela mão e me leva até o local correto. Na segunda vez, fui convidado para uma mesa com vários jovens que eram lideranças do movimento negro no Rio e, além de ser bem acolhido, notei discursos e posturas improváveis. Eles preferem comprar de pequenos comerciantes e evitam comprar qualquer tipo de item fora da comunidade. Eles consomem na

comunidade para fortalecer os “irmãos”. Na comunidade, não entra táxi, nem sobe Uber e nem polícia, mas a organização, o pensamento das pessoas e a forma como tudo acontece são bem diferentes do que eu estava habituado em Goiás.

Durante uma feira que visitei no Parque das Ruínas, fiquei conversando com uma jornalista negra que conheci durante um evento produzido no Instituto Black Bom. Comentei sobre minhas experiências no morro e ela ficou surpresa: “Mas você mora aqui a pouco tempo e já subiu no morro? Eu nunca fui. Minha família tem medo e dizem que é perigoso.”. Ela é fluminense, mas mora no Rio de Janeiro há pouco mais de 12 anos. Fiquei refletindo no poder da mídia na construção do imaginário coletivo, na construção das representações sociais como aborda Santos e Scopinho (2015).

Ainda na feira do Parque das Ruínas em Santa Tereza, o lugar respirava a economia criativa e o parque das Ruínas fica em uma propriedade que antes era da realeza e possui uma visão privilegiada do Rio de Janeiro. Como boa parte dos lugares menos favorecidos economicamente o bairro fica no morro, faz tempo que o bondinho deixou de circular em boa parte dele e os taxistas e alguns motoristas do Uber são muito criativos em justificativas para não subir o morro, o que confirma a operacionalidade das representações sociais abordada no trabalho de Santos e Scopinho (2015) que auxilia na manutenção do racismo à brasileira, o racismo velado proposto por Nogueira (2006).

4.3 EMPREENDEDORISMO, MERCADO E RAÇA

De acordo com Sansone (2003), o mercado de trabalho é um espaço duro para os negros e há vários relatos dos entrevistados que confirmam isso. Aqui, apenas para ilustrar, trago o relato de uma das entrevistadas.

Então, desde a base, desde o começo minha mãe começou a investir na minha educação e ela investia na minha educação porque ela sabia que com isso aqui eu poderia chegar onde eu quisesse e mesmo que as pessoas falassem que eu era negra, que isso não queria dizer nada. Que com inteligência e força de vontade eu posso fazer o que eu quiser, eu posso chegar onde eu quiser, mesmo que as pessoas digam que não então, desde criança eu sempre soube que eu podia chegar onde eu quisesse, na hora que eu quisesse independente da minha raça, da minha cor e de ser mulher. Porque eu posso fazer o que eu quiser e acabou e eu vou fazer, mesmo que digam que eu não consiga, então desde o berço eu já sabia disso e quando eu entrei no mercado de trabalho eu já botei a venda e fui. Eu sei que eu posso e acabou, e fui, bora. Entrei no mercado de trabalho e fui, e por mais que tinham pessoas que atentavam contra o meu trabalho... (Daomé, 2017).

A educação sempre aparece nos relatos das entrevistadas como ferramenta de superação, mas a cor da pele pode gerar uma cobrança excessiva e um peso para quem frequenta um espaço de privilégio.

De alguma forma, a minha madrasta direcionou os nossos olhares, eu minha irmã e a filha dela que é minha irmã mais velha, ela é falecida, para que nós enquanto negras nós tínhamos que ser as melhores, as com as maiores notas, nós éramos bolsistas, o nosso comportamento não poderia ser equivocado ou vergonhoso, nesse padrão. E aí, nessa coisa de voltar para a casa da minha avó no final do ensino médio eu tava no primeiro ano do ensino médio e eu falei que eu iria largar o Palace que era um colégio caríssimo daqui, super renomado e eu falei: - Vou largar! Virei para minha madrasta e para o eu pai e falei: - Não quero ficar mais nessa escola, não me sinto dentro disso, eu quero estar em alguma coisa que eu tenha conseguido (Zacimba, 2017).

Essa fala é de uma organizadora de feiras e outros eventos na cidade do Rio de Janeiro e representa muito o que as feiras são para os empreendedores negros entrarem no mercado, divulgarem seus produtos e conseguirem clientes. A feira é uma alternativa, é um, literalmente, dar as “caras na rua”.

Eu planejo eventos, invento eventos para a gente estar dentro do mercado porque a gente, além da gente ser pobre, eu trabalho com um segmento de galera elitizada que tem dinheiro. Então quem trabalha com cerveja, o dono de cervejaria tem grana para investir, tem um investidor por trás, o cara faz copo e camisa, o cara faz comercial e eu aqui não... Aqui é sangue e suor meu e da Gabriela, você me viu chegar aqui agora, mas logo eu tô saindo para fazer outra coisa, eu tô montando uma estrutura (de evento) para amanhã e assim vai (Shamba, 2017).

Fui a uma de suas feiras, aliás, na fala acima seria melhor trocar a palavra evento por feira, não que a feira não possa ser um evento, mas é que um evento pode ser um show, uma apresentação. As feiras organizadas por esse empreendedor têm como ponto forte a gastronomia e a economia criativa embaladas por uma “boa música”.

Atualmente a questão das feiras é fundamental, a nossa ideia é começar com gente que também está na mesma vibe que a gente, de começar pequeno. É a galera que, reconheceu que tem algum talento e que quer botar isso para o mundo e que tá cansando de trabalhar 8 horas por dia... Então essa galera você só encontra nas feiras. Sabe!?! É olhar o produto da pessoa ali e falar: - Cara tem uma coisa ali que não é só um produto, tem um cuidado, tem um carinho ali e eu acho que isso é fundamental: Colar com gente que quer a mesma coisa que você. E, essa é a grande importância das feiras porque pela internet você vê o produto, mas você não vê quem tá fazendo, você não ... É um papo meio maluco. Você não sente o que aquela pessoa está querendo com aquilo ali então eu acho que a relação travada nas feiras é diferente de quando você conhece o material das pessoas só pela internet. E eu acho que essa é a grande importância das feiras. Porque divulgar pela internet é até um pouco mais... Não, não, até a divulgação pelas feiras é mais fácil porque você também tem a oportunidade de colocar o seu produto, de falar o seu propósito com

aquilo ali. Então até divulgar pelas feiras é fundamental. E, cara, tem muita feira de rua que a gente vai e foram tantas que eu nem vou saber te dizer. Mas, sei lá, Lavradio é uma delas. Lavradio é uma ótima feira pra você. É uma feira conhecida, grande, e é uma ótima feira pra você conhecer gente e ver como faz. Enfim, tem muita coisa bacana mas tem muita feira de rua por ai e eu não vou nem saber te dizer (Zunduri, 2017).

Outro ponto de encontro na fala de alguns dos entrevistados é a feira da Lavradio que pode, inclusive, como propõe uma das entrevistadas, ser objeto de pesquisa sobre o Afro empreendedorismo.

[...] eu tô até agora para fazer uma pesquisa que eu vou nas principais feiras da cidade que tem aqui a de Lavradio e várias feiras nessa região e vou contar mesmo, vou fazer uma pesquisa de campo mais aprofundada porque acaba que essas que são mais superficiais já não estão mais me servindo então eu vou lá e vou contar quantas barracas são e quantas dessas barracas estão sendo ocupadas por pessoas negras ou com produtos voltados para a negritude (Hatshepsut, 2017).

E acabei recebendo um convite para ir conhecer a Feira da Rua Lavradio, localizada na região central do Rio, no centro, próximo à Santa Tereza.

Eu faço o evento da feira Africanidades da prefeitura e faço ONGs que fazem aniversário, faculdades que fazem feira Afro, agora vem novembro e eu devo trabalhar bastante porque eu sempre sou convidada pra falar ou pra... Se sair o meu projeto eu vou trabalhar novembro todo e ele vai sair, já saiu. E faço a feira do Rei antigo que é uma feira maravilhosa, não sei se você conhece que é o segundo sábado do mês na rua do lavradio, convido você dia sete para ir me visitar lá, tah!? (Nzinga, 2017).

Fui visitar a feira da Lavradio e lá encontrei bancas de artesanato, roupas, antiguidades e muitos produtos voltados para pessoas negras ou com esse recorte étnico. Isso porque, de acordo com Nzinga:

[...] eu vendo para negros e brancos, pobres e ricos. Gostou da minha roupa, tá perfeito. Eu não tenho essa coisa de... Ah eu vou vender só para negro, eu não quero minha roupa no corpo do branco, isso é bobagem. Eu sou empresária, eu sou empreendedora, eu não posso ... A minha roupa tem um recorte racial claro né!? Com o tecido africano, com imagens africanas, mas qualquer pessoa pode usar basta querer e basta respeitar. Não vendo como fantasia, se ligar lá pra casa: - Ah, tem uma festa a fantasia você tem alguma roupa? eu: - não, eu não tenho não. não vendo fantasia não. Porque acontece, mas eu vendo para todos (Nzinga, 2017).

O que me chamou mais atenção foi o preço dos produtos. Preço astronomicamente mais caro do que qualquer feira que eu conheça em Goiânia, mas com muita coisa bacana e diferente das que eu estava habituado. Em outubro desse ano de 2017, a feira completou dez anos. É uma feira com música e muitos expositores voltados para a economia criativa, mas

não tem uma praça de alimentação. Não observei nenhuma “banquinha” vendendo comida. Em um primeiro momento olhei para esse fato com certa estranheza pois as feiras que eu tinha como referência, as feiras das ruas de Goiânia, possuem sempre uma praça de alimentação. A alimentação e a econômica criativa são “gêmeas siamesas”. Depois de um tempo, e de algumas idas e vindas em diferentes horários nessa mesma feira, a minha percepção mudou um pouco e entendi que as necessidades de alimentação são supridas pelos bares da Lapa que ficam ao redor da feira e há venda de alguns alimentos (e principalmente bebidas) por parte de alguns poucos vendedores ambulantes.

Outra entrevistada readaptou o seu negócio e hoje também organiza feiras em uma região encostada à Lavradio e compartilha da mesma percepção que tive com relação à valorização do seu tipo de produto.

[...] Madureira não é um lugar que as pessoas, as pessoas até gostam, mas elas não valorizam o artesanato. Não valorizam, que a proposta da nossa feira é a seguinte: Economia criativa e sustentável. E as pessoas não valorizam isso, não por aqui. Mais para o centro e para a zona sul, as pessoas compram e valorizam esse tipo de material, e foi assim que nós fizemos. Fomos para lá e ai eu falei: - Não amiga, a gente não tem como mais ficar aqui, por mais que as pessoas tenham gostado a grana poderia ser melhor. As vendas poderiam ser melhores, então vamos para um lugar aonde os nossos expositores sejam mais valorizados! Aí nós fomos para o parque das ruínas, em Santa Tereza porque lá atinge Zona Norte, Zona Sul, o Centro do Rio, Lapa, Fátima, o Catete... Zona Sul, Largo do Machado, Botafogo... Santa Tereza é caminho para esses lugares. E as pessoas que moram nessas redondezas, sem contar os turistas que visitam por lá, gostam desse tipo de produto (Daomé, 2017).

Essa empreendedora conseguiu “sentir” o mercado e agir estrategicamente e em tempos de crise relata como tem reinventado o seu negócio.

Então nós fomos para lá e a partir dai nós ficamos fixos em Santa Tereza. O gerente do parque gostou da nossa feira, da nossa proposta e ele deixou que nós ficássemos lá. E depois que nós fizemos a primeira edição ele gostou e deu várias datas para a gente fazer no restante do ano. Então a agenda tá toda marcada no restante do ano pra fazer lá com gente do mundo inteiro. E acabou que o meu plano B que era fazer feira, acabou virando o meu plano A. Porque com a crise, as pessoas até compram acessórios, mas elas compram muito menos. Comida as pessoas compram, mas acessórios as pessoas pensam duas vezes. [...] elas continuam minhas clientes e continuam consumindo o meu produto só que de forma indireta porque hoje meu outro produto é a feira. E eu coloco os meus acessórios lá e elas continuam me consumindo da mesma forma. Então o que era para ser meu plano B, acabou virando o meu plano A. Porque a minha intenção agora não é continuar fazendo evento, fazer feira e roda de samba. As rodas de samba começaram a ficar fracas não está tendo mais. Então uma forma de readaptar o meu negócio e não deixar ele morrer (Daomé, 2017).

Outra empreendedora destaca outras feiras e o seu trabalho de inserção de outras mulheres negras, ela faz essa fala em um tom muito animado de quem escolheu isso para a vida.

Todos os meus projetos estão voltados para o empreendedorismo Afro, basicamente das mulheres, basicamente das mulheres negras e coordenei pelo conselho do direito do negro por muito tempo e criei, junto com a coordenadora da época uma feira chamada Africanidades que acontece na prefeitura, no pátio da prefeitura até hoje. Hoje não sou mais coordenadora, sou apenas uma pessoa que participa, participo como empreendedora da economia solidária no Rio de Janeiro e enfim, tudo que diz respeito a empreendedorismo no Rio de Janeiro e que eu posso estar colocando outras mulheres e também participando eu estou. E é um pouco assim, eu tô aposentada, tô curtindo a vida, tô fazendo roupa (gargalhada) (Nzinga, 2017).

Uma das empreendedoras recorda quando surgiram esse drástico aumento de feiras com recorte étnico na cidade do Rio de Janeiro.

[...] no ano de 2015 que foi o grande Bum das feiras étnicas aqui no Rio porque em 2014 só existiam: As meninas Black Power, que é um coletivo da PUC. E ai vendo elas e me inspirando na feira preta de São Paulo, a Adriana acabou de ser reconhecida né!? Está lá em Nova York lida e maravilhosa, ela é meu espelho eu falei: - Não, a gente tem que ter uma feira preta aqui no rio só que na periferia. Ai em 2015 a gente fez três edições, que a ideia da feira era ser trimestral e a gente começa a entender várias coisas (Zacimba, 2017).

A feira proporciona reflexão. É mais que um ponto de encontro e um local onde as pessoas vão para promover o seu trabalho. Trata-se de uma construção e o trabalho assim vai adquirindo outros contornos e significados.

Todo o meu trabalho hoje ele veio do meu início de trabalho artístico, que a gente começou com a música como forma de contestação social e a partir dessa música foram se criando outros braços desse trabalho de contestação social que para além da música veio para a prática com trabalho social em escolas, com eventos de rua, em feiras culturais e agora com o Hatshepsut's que é onde a gente consegue aglomerar as pessoas. Então assim, não tem como separar a questão racial do nosso trabalho. Principalmente a gente que trabalha com arte né!? (Hatshepsut, 2017).

Eu fiquei muito feliz porque essa semana eu fui chamada para fazer um workshop na UNISUAM receber o reconhecimento da feira africana que fala sobre a Angola e então eu gostei muito, então para mim foi uma realização. Os projetos que a gente vai montando dentro do bar, eu estou feliz porque a PUC vai vir aqui para a gente estar falando sobre essa comida africana e então isso tudo... eu estou feliz porque você veio aqui... (Ayo, 2017).

Um dos empreendedores entrevistados afirma que para o pequeno empreendedor que está iniciando seu negócio as feiras acabam sendo muito caras e ele está desenvolvendo uma alternativa tecnológica.

[...] para você participar, para o cara que está iniciando as vezes sai muito caro. As vezes para você participar de uma feira é 100, 150, 200, 300 reais. Ai o cara vai lá, vai oferecer o produto dele, paga esse valor e vende e as vezes ele nem consegue pagar... Vender os produtos dele para pagar o investimento dele de estar ali na feira. Ai com essa ideia, em cima disso, desse problema com tem, tem pessoas que podiam fazer só uma feira por mês e com essa ideia de concentrar tudo num só lugar, a pessoa vai ter o produto oferecido 24h em um só lugar sem precisar investir tanto. E há a possibilidade ainda dela participar da feira que é de interesse dela então daí que partiu a ideia do negócio (Tenkamenin, 2017).

Outra questão com o mercado que é vivenciado pelos negros está ligada à questão econômica uma vez que os negros ainda a população que tem menos recursos financeiros por uma questão histórica e isso agrava a percepção de racismo.

O racismo é mais na classe média para a alta, na classe que a gente vive que é a classe C... É mais... A gente administra mais. A gente nem vê muito isso aqui na favela. Tem também, tem também. Tem aquela familiazinha que acha que é o bam bam bam mas aí não é a questão racial, é questão social agora média alta tem cara. E a vida toda vai ter porque a gente é negro e a gente não teve herança, a gente tá criando herança agora então vai demorar um pouquinho pra gente equilibrar a balança (Shamba, 2017).

Quando questionados se já tentam alguma vez obter crédito no banco e se já tiveram dificuldade, os entrevistados falam que já tiveram ou que nunca tentaram. A grande maioria afirma que não tentou “A gente nunca tentou, é um plano futuro tentar daqui a um ano algo desse tipo, mas por enquanto a gente não tentou nada então sobre essa pergunta eu vou ter que te deixar na mão (risos)” (Zunduri, 2017) Outra entrevistada também respondeu de uma forma bem sucinta: “Bom, na verdade a gente não tentou porque a gente está com o nome sujo (risos) então a gente não tentou. É, nem tem como...” (Hatshepsut, 2017).

Outro empreendedor já estabeleceu uma relação diferente com instituições bancárias. Ele reclama da burocracia, mas contratou um empréstimo em uma agência de fomento. De qualquer forma, ele adverte que empréstimos bancários nem sempre podem ser uma boa alternativa.

Claro, todo mundo tem, eu tive muito! Hoje, como sempre, eu procuro trabalhar na base de parcerias, então os bancos só querem vantagem, né!? E quando eu vi a Age Rio que era uma empresa de fomento no Rio de Janeiro com juros de 0,25% eu achei muito legal. A única dificuldade era que você tinha que mostrar aquilo que você queria comprar com o dinheiro, que eles te emprestavam. É um empréstimo, então se eu queria comprar um toldo ou um freezer eu tinha que levar a nota fiscal disso para eles e eles me emprestavam o dinheiro e a gente ficava cinco anos pagando. Isso me ajudou muito, mas o banco até hoje é uma dificuldade, os juros são muito altos então se você for pensar em banco para abrir um negócio você tem

que pensar bem para pegar um dinheiro no banco porque os juros é muito alto e de repente você vai trabalhar para o banco, para pagar só o banco (Shamba, 2017).

Outro empreendedor deu uma respondeu que não teve dificuldade, mas sabe que essa limitação existe.

Eu não tive tanto por já ter há muito tempo conta no Bradesco, então foi fácil, mas assim não senti tanta dificuldade porque até o presente momento, assim, a gente não buscou crédito ou empréstimo. O que a gente tem é só um cartão de crédito, um cartão de crédito pré-pago por conta da maquininha de cartão de crédito. Normalmente a gente financia do próprio bolso, a gente não pegou nada externo no banco ou empréstimo para investir na loja porque a gente acha melhor crescer devagar e sólido do que ficar fazendo um empréstimo sem necessidade, apostar e as vezes ficar com uma dívida. Mas quando tu vai procurar, e amigos meus passam por isso, eles vão querer pegar um empréstimo e fazer um investimento nos negócios deles eles sentem dificuldade por não ter tanto tempo de conta ou ser logo novato no negócio. É novo e as pessoas acabam tendo uma grande dificuldade, até mesmo para comprovar renda, se ele for empreendedor individual e não tiver uma renda fixa fora do empreendimento dele ele tem uma grande dificuldade mesmo, que é real (Tenkamenin, 2017).

Uma entrevistada fala da dificuldade que empreendedores negros possuem para ter um espaço de venda de seus produtos, uma dificuldade de políticas voltadas para investimento para empreendedores negros e fala que já foi até discutido a ideia de um Shopping Afro Brasileiro:

Mês passado, Mês retrasado, tem uma baiana maravilhosa, que tem um acarajé maravilhoso e a mulher estava na porta de casa vendendo acarajé e eu falei: - Mas seu acarajé é muito bom. E eu trouxe ela aqui para o centro e ela já está vendendo ali no centro então a gente tem essas dificuldades. Muita dificuldade, eu acho que não existe investimento no Brasil para o Afro empreendedorismo, não existe porque se eles quisessem, se o poder quisesse, faz o shopping afro brasileiro pra gente com lojas. A gente não quer de graça não, a gente ia pagar os impostos, mas dá essa possibilidade, cria isso, cria esse shopping. Já teve duas iniciativas que não deram certo, a primeira foi no governo da Benedita da Silva que diz que ia transformar a Galho da Leopoldina que está lá jogada fora em Shopping afro brasileiro e não aconteceu. Teve um... que diz que ia fazer um Shopping na Lapa e não aconteceu, então a gente tem essa dificuldade. É por aí (Nzinga, 2017).

Outra entrevistada reclama da burocracia e diz que sua relação com o banco é só para o necessário, mas ela não pretende utilizar empréstimo bancário

[...] eu tô tentando controlar essa coisa toda e então eu não tive muitos momentos assim que eu precisasse recorrer para fazer um empréstimo para a empresa, né!? É uma coisa nova também e graças a Deus ainda não foi preciso, a gente vai tocando, mas eu sei que se eu fosse pedir um empréstimo com certeza eu iria ter que provar mil coisas, mil coisas mesmo porque as vezes... para o banco a gente tem que estar sempre provando muita coisa. Agora minha relação com o banco não é aquela relação de tapinha nas costas, vamos sentando, um cafezinho, aquela coisa não... que

eu até vejo em alguns casos. É curto e grosso o que eu converso e não tem muito, não tem muito... Talvez também porque eu não peça muita coisa, é o mínimo (Ayo, 2017).

Fala essa que é reforçada por outra empreendedora entrevistada que ainda não solicitou um empréstimo, mas que não descarta a possibilidade que possa vir a fazer isso no futuro. No entanto, ela acredita que terá uma condição facilitada (ou não) por ser servidora do estado do Rio de Janeiro.

Ainda não, eu ainda trabalho com recurso próprio. Porque assim, como acessório não é uma coisa muito custosa, é uma coisa que por enquanto... pelo menos a demanda no momento, os meus recursos estão suprindo. Só que como eu tava fazendo o curso de empreendedorismo, eu sei que eu preciso separar o meu dinheiro do dinheiro do meu empreendimento e esses dias eu abri uma conta para mexer e colocar tudo lá para tentar sobreviver com o dinheiro que eu ganho. Mas tá no meu plano não precisar mas se precisar eu não farei de rogada e vou pedir dinheiro emprestado. Eu quero focar em fazer cursos e os cursos são caros eu quero trabalhar com ourives, trabalhar com joia e é um curso caro e se eu não tiver como tirar do meu bolso para bancar eu vou ter que pedir um empréstimo e eu acho que eu consigo porque, por ser servidora, ainda, não é difícil conseguir, mas também não consigo muito porque servidor do estado você já sabe né!? (Daomé, 2017).

Outra entrevistada afirma ter negado o microcrédito porque ainda possui dificuldades na área administrativa e também não sabe ao certo o que esperar do mercado.

[...] o microcrédito me procurou e eu neguei que era uma parada do estado e tal porque a gente não tava preparado para isso e eu ainda acho que a gente não está preparado para isso. Porque eu acho que a gente não está organizado, não tem uma questão administrativa organizada o suficiente para me dizer que com esse crédito que entrar eu vou conseguir produzir mensalmente algo que vai me trazer um retorno até para eu pagar isso que eu peguei emprestado. Então eu ainda não entendi um meio de fazer isso. Talvez seja fazendo edições da feira Zacimba's, mas será que as pessoas estão dispostas a pagar? A ir na feira Zacimba's? Eu não cheguei ainda a cogitar esse... Já passou pela minha cabeça, mas eu acho que a gente não tá no momento (Zacimba, 2017).

Mesmo com acesso a linhas de crédito uma das entrevistadas reclama, pois as linhas de microcréditos disponíveis não são o suficiente para abrir uma loja.

A gente não consegue porque o capital que nos é dado, até tem alguns projetos, alguns bancos que emprestam cinco mil. Com cinco mil você não mantém uma loja e você não pode pegar mais de dez mil que o material... Nós estamos vivendo uma época muito difícil no Brasil, a gente tem uma decadência financeira muito ruim (Nzinga, 2017).

Uma das entrevistadas fala das características dos empreendedores brasileiros negros, mas possui uma preocupação com a ausência de informação de natureza técnica o que segundo a entrevistada influencia nos negócios.

[...] eu acho que a nossa sociedade é muito criativa, nós somos muito criativos, nós... eu acho que a gente sabe fazer, né!? Acho que a gente sabe ser empreendedor por natureza até por conta das condições em que a gente está inserido, o contexto e tal mas tecnicamente eu acho muito atrasado. Com relação ao acesso à informação, às ferramentas, aos processos, eu acho que isso ainda tá muito limitado a quem tem recurso financeiro para poder acessar essa informação. A dinâmica empreendedora é uma novidade né, a gente está em um momento em que as pessoas estão de fato entendendo que é possível parar o trabalho formal, não trabalhar para os outros e trabalhar para si mesmo e o crescimento da economia criativa eu acho que está intensificando e fazendo as pessoas acreditarem que é possível porque há um tempo atrás isso era muito distante, né!? Para você ser alguém você tinha que estar em um bom emprego, em uma boa empresa e hoje, com o crescimento do empreendedorismo, eu acho que a gente vê novas possibilidades. Isso já entra como uma opção, porque antes isso não entrava como uma opção, isso não era uma opção. A opção era só o trabalho formal ali dentro da empresa. Eu acho isso (Hatshepsut, 2017).

Os empreendedores entrevistados trabalham bem com novas tecnologias, especialmente a internet, aplicativos e redes sociais. Alguns possuem site, outros realizam vendas on-line e divulgam seus negócios pelo *Instagram* ou *Facebook*. Todos eles, independentemente da idade ou da região, estão presentes com seus negócios em pelo menos uma rede social. A internet auxilia na criação de novos negócios.

Isso, o portal, a ideia partiu de... Você não tem um lugar que concentre a venda de tudo quanto é tipo de produto com recorte negro ou para a área do samba ou do hip hop tudo num lugar só. Essas ligações com o movimento negro. E as pessoas que trabalham, e na maioria das vezes quando você quer comprar um produto com esse perfil, com esse recorte, você tem que ir em uma feira (Tenkamenin, 2017).

Essa questão do espaço sempre foi complicada para os empreendedores negros, dos mais antigos aos mais jovens. Já falamos nessa discussão sobre a importância das feiras para muitos dos entrevistados. A feira é um espaço mais acessível e requer um investimento menor e isso fica claro na fala de uma das entrevistadas.

[...] aí você poderia me perguntar: - E AI? Eu nunca tive uma loja. Por que eu nunca tive uma loja? Eu até tive vontade, ensaiei, mas quando fui ver a minha condição financeira e o que eu precisava para ter uma loja atuante e eu sou muito exigente, eu não queria uma lojinha, eu queria uma magazine... Então não, melhor não (risos). Não deu, então hoje, já há alguns anos eu sou uma empreendedora que tem uma palheta de clientes exclusivos que só vestem comigo, eu trabalho em algumas feiras voltadas para a cultura afro, eu faço alguns eventos, os seminários que me convidam eu vou e enfim, hoje eu sou uma referência, tem outras, claro, mas das mais antigas

eu sou referência em indumentária afro-brasileira no Rio de Janeiro enquanto produtora de arte e de moda afro (Nzinga, 2017).

E de fato, essa foi uma das dificuldades de acesso aos entrevistados, poucos deles possuem um espaço físico. Na cidade do Rio de Janeiro há muitos empreendedores negros, mas poucos empresários, poucos deles possuem empresas. Para driblar a crise e a falta de espaço físico uma das entrevistadas recorre à tecnologia, à internet.

Então uma forma de readaptar o meu negócio e não deixar ele morrer, o que é que eu vou fazer!? Eu vou trabalhar com venda online, não preciso mais fazer evento, não preciso mais de deslocamento, sair de carro, carregar estrutura, ter estresse, eu não vou precisar mais disso. Eu até posso fazer um evento ou outro, mas antes eu fazia evento todos os finais de semana (Daomé, 2017).

Essa fala é reforçada por um outro empreendedor que também usa a internet para movimentar o seu negócio e a considera vital para a manutenção do seu comércio.

Se eu ficar aqui parado no Shamba's esperando o meu cliente vir até mim o meu negócio não duro seis meses ou qualquer outro negócio que esteja se iniciando então hoje você tem que usar todas as ferramentas possíveis que você puder usar e usar mecanismos diferentes para atrair clientes. Eu uso a feira, eu uso também a ferramenta que é a internet, mas eu uso, vou buscar, eventos... (Shamba, 2017).

A internet tem sido importante não só para a construção e manutenção dos negócios, mas para a construção pessoal e reconhecimento enquanto negro como relata uma das entrevistadas que foi, de certa forma, privada da cultura negra pois cresceu cercada por brancos e com poucas referências negras por ser de classe média a vida toda.

[...] dentro de casa na internet e depois e aí eu comecei a ir muito na Feira da Lavradio aí na feira da Lavradio... É isso tudo sozinha sabe!? Teve um ano, há uns dois anos eu passei andando muito pelo Rio de Janeiro sozinha e aí descobri a feira da Lavradio e na feira da Lavradio encontrei um roda de Jongo. Na roda de Jongo eu vi várias pessoas pretas e eu fiquei alucinada e aí eu fui há vários sábados na feira, em várias feiras seguidas só que eu ficava sem graça de entrar na roda porque eu não sabia dançar e daqui a pouco eu me vi dentro de uma dança E, enfim, tem sido uma eterna descoberta. Tem sido muito gostoso ver isso tudo. Tem muita coisa por trás da cultura negra, é tudo muito rico, muito simbólico. Então tem muitos detalhes, é uma eterna busca e um eterno encontro, mas foi esse caminho até agora (Zunduri, 2017).

Uma das entrevistadas ratifica sua presença na internet, redes sociais e no mercado.

Eu hoje tenho uma página na internet chamada Nzinga's, eu tenho face, o site tá desativado, mas eu tenho contatos, eu tenho folders que eu faço, quando acaba cinco

mil eu mando fazer mais cinco mil e distribuo. Enfim, hoje eu já sou conhecida, sou conhecida e então...(Nzinga, 2017).

Outro empreendedor possui um aplicativo para que os clientes agendem seus horários, o que facilita muito a sua rotina de trabalho, mas que não é perfeito por causa do nível de exigência de alguns clientes, mas esse empreendedor entrevistado sabe contornar bem isso:

[...] eu te falei eu tenho um aplicativo e já sei como vai ser o meu dia. Eu sei como vai ser no dia seguinte que eu pego a agenda no dia anterior e já sei como vai ser meu cotidiano, é o que você viu hoje você viu que você passou... é um pouquinho do que você viu hoje. É um pouquinho do que você viu aqui e o meu cotidiano é esse, o dia todo e todos os dias. Não tem dia ruim pra mim! Eu sei lidar com o público e cada dia é uma coisa nova que vem pra mim. Eu sei lidar com criança, adulto é totalmente diferente... E a questão de eu ter um aplicativo, pode dar ruim a questão de horário? Tem cara que é impaciente e tem cliente meu aqui que é cinco minutos pra ele, mas se tem um cara que eu posso fazer em dois minutos um corte, uma parada e se eu fizer e segurar um ou dois minutos desse tempo dele... Rapaz... Eu nem coloco (Saeed, 2017).

As redes sociais são importantes para esses empreendedores, uma das entrevistadas, ao ser inserida em um grupo do *WhatsApp* percebeu a oportunidade de promover o seu negócio no *Instagram*.

Ai um dia eu falei: - Gente, se eu estou em um grupo desses, cheio de pessoas que são criadoras de opinião, são influenciadoras, cada uma num *Instagram*... Se eu apareço em um *Instagram* desses daqui o meu *Instagram* entope. vou ficar de olho nessas pretinhas aqui e ver quem eu posso abordar. Aí eu fiquei vendo quem eu podia abordar. Ai a Li Borges perguntou se não tinha ninguém que pudesse ceder roupas e acessórios porque ela estava fazendo uma peça e a peça não tinha patrocínio, era tudo do bolso deles e ela queria saber se não tinha ninguém que pudesse emprestar acessórios para colocar na peça (Daomé, 2017).

Na fala de outra entrevistada o *Instagram*, especialmente postagens de pessoas que são formadoras de opinião no Rio são importantes não só pela publicidade, mas por um reconhecimento do trabalho:

Então isso tudo me... eu me sinto bem realizada, não é? Porque eu podia estar muito bem no meu cantinho fazendo o meu dia a dia e de repente em dois anos assim eu vejo com algumas pessoas influenciando o nosso trabalho. A Thais Araújo foi no *Instagram* e falou bem da gente, de Ayo, especialmente a Milna que ela conheceu ai eu acho que isso ai é tudo o que eu poderia esperar. Acho que é isso (Ayo, 2017).

As redes sociais também possuem outras vantagens para esses empreendedores como me confia, em um tom traquina, a entrevistada que descobriu, mesmo distante a

arrumação para sua festa de aniversário surpresa que foi promovida em sua empresa, na ocasião ela completou 62 anos de idade.

Fiz, na verdade o meu aniversário é dia 11, eu viajei ai eles resolveram fazer festa surpresa né!? E não era muito surpresa porque com face book hoje mais nada vira surpresa (risos) (Ayo, 2017).

4.4 ESTADO, EMPREENDEDORISMO E RAÇA

As falas dos entrevistados destacam a relevância das questões políticas e econômicas de atuação do Estado. O estado e o município do Rio de Janeiro não estão remunerando os servidores públicos de forma regular. Os constantes atrasos salariais têm afetado muito o comércio carioca e fluminense. Até os aposentados estão sem receber os salários. Acredito que essa preocupação apareça na fala dos entrevistados, pois eles possuem uma proximidade com servidores públicos. De acordo com os estudos de Sansone (2003), o serviço público é atrativo para os negros uma vez que não discrimina por aparência quando selecionados via concurso público. Essa fala também é recorrente, pois os negócios dos empreendedores negros estão sofrendo uma vez que, de acordo com Hasenbalg (1982), os não brancos (leia-se negros, em boa parte) tem mais dificuldades de ascensão, possuem maiores chances de uma mobilidade social descendente, ou seja, de perder postos conquistados. De fato, como podemos observar (não só nas falas dos entrevistados) vivemos tempos “temerosos”.

Alguns empreendedores se favoreceram de uma condição política anterior e de um melhor cenário para empreender o que ajudou a alavancar o negócio.

Era 2012, então, na realidade eu abri em 2012 e eu demorei um ano fazendo essa obra porque tinha um foco no complexo. O complexo tava em alta porque teve a novela Salve Jorge que deu bastante visibilidade. Teve a inauguração do teleférico e eu vi que ia ter bastante evento no rio de janeiro tipo Copa do Mundo, Olimpíadas... Então estava tudo ao meu favor e a economia estava boa, na época estava todo mundo gastando muito, o Lula estava bombando, lembra!? Então a galera... O preço da cerveja também baixou e muitas pessoas começaram a ter acesso a um segmento que ninguém tinha, que ninguém conhecia e ai eu me aproveitei disso e inaugurei o Shamba's (Shamba, 2017).

Outra entrevistada também relembra a figura do ex-presidente Lula como um agente público que iria facilitar a vida dos micro e pequenos empreendedores.

É tudo muito difícil. É muito complicado, não tem moleza pra gente. O empreender, aqui no Brasil... Em outros lugares do mundo não, mas aqui no Brasil eles não colaboram para que a gente empreenda, o governo Lula estava com a pretensão de facilitar a nossa vida porque ele criou uma lei que estimulasse a economia criativa e a Dilma viria para poder acabar e dar um respaldo para a economia criativa, para os empreendedores da economia criativa. Só que é o Temer que está lá né!? (Daomé, 2017).

Com a mudança de governo muitas políticas públicas, especialmente as que davam assistência a empreendedores, à população negra e grupos socialmente marginalizados, deixaram de existir como pode ser observado na fala de uma das entrevistadas. E para driblar a “crise” que a afetou diretamente pelo fim dessas políticas públicas ela procura atuar em outra atividade.

[...] eu fiz turismo, não atuo com turismo e não gosto. É uma área que hoje, até por conta da “crise” eu tô tentando voltar a atuar para ter uma entrada de grana mais garantido porque as políticas públicas que até então me atingiam e eu conseguia trabalhar em cima, hoje não existem mais, bem dizer então hoje a gente está tendo que se reinventar. É da crise que a gente se reinventa, então o turismo hoje é importante, mas eu não atuei assim, trabalhei com algumas coisas de turismo, fui fazer escola de produção cultural no ensino superior e quando o meu pai descobriu o que que era o curso ele falou que ele não iria mais me ajudar financeiramente (Zacimba, 2017).

As entrevistas foram gravadas apenas em áudio, mas a palavra crise está entre aspas porque a empreendedora entrevistada fez questão de chamar a minha atenção e fazer o sinal de aspas com as mãos, destacando que não se trata de uma crise de fato, mas algo que foi planejado. Uma outra entrevistada usa a palavra Golpe com todas as letras e demonstra uma preocupação com a economia para o seu negócio.

Antes da Dilma sair... A previsão, a gente fez um estudo para saber quando o mercado de acessórios melhoraria. A previsão era de melhorar em 2018. Isso com a Dilma no poder ainda, pré -fora Dilma, pré-Golpe. Então a previsão era de melhorar em 2018 agora, em tempos temerosos de reforma da previdência e tudo mudando, e as coisas vão todas mudando, a previsão já mudou. Assim que ele entrou a previsão mudou para 2020. Eu estou falando sinceramente para você que eu estou com medo de pesquisar mais uma vez e saber qual é a nova previsão porque a previsão já mudou, a previsão já mudou (Daomé, 2017).

Uma terceira entrevistada teme por seu negócio e observou nos últimos meses estabelecimentos comerciais semelhantes ao seu fecharem as portas. Ela chama atenção para dificuldades políticas que, especialmente no caso do Rio de Janeiro, não se encontram apenas na esfera federal.

Por exemplo, de dois meses para cá, dois amigos meus já fecharam bares entendeu!? Pessoas que inclusive participam do comida de boteco e que tem aquele movimento todo já fecharam bares então é muito complicado o empreendedorismo aqui no Brasil. Muito complicado, você tem que estar com os pés no chão e uma coisa que eu também vejo é você se conhecer e não achar que porque um mês foi muito bom vai ser sempre, ainda mais no ramo que eu estou. Os professores não estão recebendo, os funcionários públicos de uma forma geral também tá com problema, estadual tá com problema, as empresas estão com problema e então isso tudo reflete no seu negócio. Pode ter certeza. Hoje em dia empreendedorismo aqui no Brasil é uma coisa muito incerta (Ayo, 2017).

Um dos entrevistados de certa forma aproveitou o fechamento de um estabelecimento concorrente, o que aumentou a sua cartela de clientes, estabelecimento esse que antes ele era funcionário.

[...] nesse período ai eu tava sem grana, eu tava ruim de grana e eu fui trabalhar em uma barbearia aqui próxima, e conhecer a área e tal e eu já estava cortando pra caramba e o cara: - Pô velho, eu vou te dar tanto e ai você fica com 40% e me dá 60. E eu não quis. E ele o seguinte: - Então não tem espaço aqui pra você. E quando eu sai de lá um outro amigo meu deu linha na pipa e saiu também e o cara fechou o troço, fechou a barbearia. E ele ficou P da vida (Saeed, 2017).

A crise não atinge apenas os empreendedores do comércio e da prestação de serviço. Atualmente o Rio de Janeiro, tanto o estado quanto o município, passam por uma crise. Como boa parte dos funcionários públicos e aposentados estão sem receber salários, isso acaba afetando os outros setores.

Para você vê, quem compra, por exemplo nas feiras, quem compra são os aposentados, as senhoras, o pessoal que está estabilizado, mas esse pessoal não está recebendo. O estado está sem pagamento, as faculdades, o pessoal terceirizado e até quem não é terceirizado está sem pagamento então caiu muito a venda e não dá para eu fazer uma dívida de empréstimo para investir com o pouco retorno que a gente está tendo. Esse é o grande problema (Nzinga, 2017).

Retomando a problemática do não pagamento por parte do estado, Nzinga que se formou na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em uma época que só haviam três negros na instituição, e que foi professora do estado por mais de vinte anos também se encontra sem salário.

Nós estamos vivendo uma época muito difícil no Brasil, a gente tem uma decadência financeira muito ruim. Para você ter uma noção, eu sou aposentada e com 70 anos fiquei quatro meses sem receber, recebi os quatro meses e estou a dois sem receber e não sei quando é que vou receber, então é uma decadência. Se a gente tivesse um suporte financeiro capaz de poder suportar o comércio, com todas as dificuldades, a gente teria condição e temos material, e temos qualidade para bancar, mas a gente não tem capital. Então eu avalio o empreendedorismo no Brasil de quem tem

dinheiro e pode e daquele que não tem, faz coisas boas, bonitas, vendáveis, mas não tem como escoar, não tem nem onde mostrar (Nzinga, 2017).

Em um outro momento, Nzinga complementa ratificando a dificuldade financeira, demonstrando como a dificuldade afeta o seu negócio além de informar que outros empreendedores negros (a incubadora era apenas para Afro-empresendedores) que tiveram acesso à crédito tiveram dificuldades.

[...] quando nós estávamos na incubadora, houve um grande incentivo para buscar crédito e muita gente buscou, dez mil, quinze mil, mas teve problema. Eu nunca busquei não. Por que que eu não pegava crédito? Porque o dinheiro que eu tinha do estado e do município dava para cobrir algumas despesas da Nzinga's e eu podia adiantar, por exemplo, vai ter um evento grande, eu pegava parte do meu salário, comprava pano, pagava a costureira e tinha o retorno porque as pessoas iam comprar. Agora não, eu não posso pegar porque primeiro eu tinha dois salários e agora eu só tô com um, o do estado não sei quando, ele está voando por ai. E segundo que eu vou botar do meu salário e o retorno não vai vir como vinha, até vem, mas não dá para cobrir. Esse é o pé atrás que está todo mundo tendo (Nzinga, 2017).

A fala de outra entrevistada serve para ilustrar bem o que é empreender sem dinheiro ou auxílio de uma política pública:

A gente já desenvolvia uma roda de rima que era a roda cultural em Vilage que começou em 2012 que é uma área da Pavuna no pé mesmo, próximo dos prédios que cobrem a entrada do Chapadão, com os amigos mesmo a gente desenvolvia lá. Por falta de grana acabou, era tudo emprestado, equipamento queimava, era lâmpada queimada, era dinheiro do bolso, ninguém tinha emprego fixo, era todo mundo um monte de louco e queria fazer a roda para promover o Rap para promover e eu era a produtora, mas não tinha entrada de grana. Era produzir uma parada totalmente sem grana, totalmente sem grana e ai a gente não sabia mais como levantar grana e eu sabia escrever para financiamentos tipo lei Rouanet mas a gente não tinha estrutura para isso e nem um CNPJ existia para isso. E isso tudo veio acompanhando as mudanças de políticas que aconteceram no nosso país tipo, em 2014, eu abri o meu MEI porque eu já tinha um outro olhar mercadológico e de empreendedorismo também que até então a juventude não se apropriava disso (Zacimba, 2017).

De fato, alguns dos entrevistados possuem um cadastro no MEI, o que facilitou por um lado, mas ainda não é o ideal.

Muito difícil, por mais que no SEBRAE você vai lá e faz o seu MEI, não é só isso. Não é tão simples como as pessoas acham que é ai se você tiver uma matrícula do estado você não pode ser MEI ai você não pode ser MEI porque se você tiver uma renda acima de cinco mil reais mensais você não pode ser MEI e a taxa de MEI é 43 reais eu acho, era 43 reais para você... 43 reais mensais para você ser MEI e pode ter um funcionário e o seu negócio não pode fazer mais que cinco mil reais no mês, se você fizer cinco mil reais e um você passa a ser micro empresa e a miro empresa, as taxas mensais, são beeeeeem altas. Você pode ter mais de um empregado, pode ter sócio. No MEI não pode ter sócio, mas na microempresa, pode. Você pode ter sócio,

mas você tem umas taxas muito altas para pagar e se você não pagar uma taxa, como qualquer outro serviço... que não é facilitado, entendeu?! Não é facilitado. Não tem facilidade. As pessoas, eles dizem que... Hoje em dia tem facilidade sabe pra que? Para pegar uma maquininha de cartão de crédito. Você vai no banco, pega a maquininha e a maquininha é a hora da morte, tem juros altíssimos. Para isso você tem uma “certa” facilidade entendeu? Mas para você empreender, para você fazer, para você criar o seu negócio é muita burocracia (Daomé, 2017).

De qualquer forma, para o pequeno empreendedor, continua sendo mais vantajoso ter um MEI do que um CNPJ para dar segmento ao trabalho.

E assim, mas está caminhando, está caminhando. Eu tinha CNPJ, eu ainda tenho, mas vou dar baixa porque o CNPJ você tem que pagar imposto de renda toda vez, tem que declarar imposto, tem que pagar imposto e eu não estou produzindo para isso. Eu tirei CNPJ porque eu precisei em uma ocasião, mandar para fora algumas coisas e aí eu precisava de nota fiscal e nessa época não existia o MEI e aí eu tive que fazer o CNPJ com conta bancária e com tudo mas agora dei baixa na minha conta bancária, paguei tudo. Imagina, tive que pagar alguma coisa que estava atrasada aí para trás e eu vou dar baixa no CNPJ para fazer um MEI (Nzinga, 2017).

Zacimba destaca a importância do MEI para os pequenos empresários. Ela relembra também a história das mulheres negras. O MEI é apontado como uma alternativa para solução de muitos problemas (ou um paliativo).

A gente teve esse momento até essa coisa do MEI por exemplo que foi uma grande sacada porque a política é feita para os grandes empresários ganharem em cima, mas que agora a gente está se reinventando, a gente está fazendo de outras formas. Sabe!? Aí todo mundo que tem MEI hoje e essas coisas em relação por exemplo a previdência social, você precisa ser MEI pra sempre conseguir trabalhar e com o tempo conseguir a aposentadoria, você não pensava mais nisso e agora não pensa mesmo, o MEI é a solução, você trabalhar cada vez mais novo é a solução. Aí você estuda em uma escola técnica, no ensino médio com uma formação já direcionada para isso. Então eu acho que a gente está vivendo um novo momento, eu acho que a criação do MEI e as políticas voltadas para o MEI foi o estopim de “chegamos nessa máxima, mas agora a gente está vivendo um novo processo de criação de coisas para esse MEI que está aí, para esse cara que é MEI, para essa mulher que é MEI, para esse cara que é mais velho e agora quer criar um MEI. Que contribuiu não sei quantos anos de aposentadoria trabalhando de carteira assinada e agora não tem mais, foi demitido e criaram um MEI para ele continuar a fazer aquilo que ele aprendeu a vida toda”, sabe!? (Zacimba, 2017).

E é isso que as pessoas ultimamente têm feito. Muitos jovens negros têm aberto negócios, mas creio que é preciso olhar para essa questão com um pouco de cuidado. Qual será o motivo para que esses jovens abram negócios? Se a resposta for uma alternativa aos espaços sociais de Sansone (2003), como uma outra opção para o serviço público (já que os concursos não estão ocorrendo e o estado não está pagando), isso não é um bom indicador, pois é só mais um sintoma de que as coisas não andam bem. Uma das entrevistadas está

especialmente otimista com relação a isso pois ela percebe uma melhora em comparação com o passado:

[...] eu acho que é uma questão que agora está mais forte e eu fico até feliz de ver o movimento dos jovens que estão lutando contra essa questão racial, lutando pelos mesmos direitos. Na minha época era diferente. De uma família de nove filhos o meu pai foi o destaque, ele sempre na educação dele, naquela coisa toda e no final ele conseguiu como eu te falei a falar uma língua pela educação dele por que se não talvez essa questão batesse forte. É igual minha mãe fala: A gente tem que ficar igual gato no quiabo, pula quando escorrega e vamos que vamos. Para essas questões todas. Eu fico assim, eu acho que a gente está em um momento incrível de direitos, de igualdade. Antigamente tinha menos apoio, acho que as coisas eram mais soltas e não tinha essa visão que vocês têm hoje e eu fico muito feliz. Aqui então é um bar que a gente recebe muitos negros e a maioria dos negros são estudantes, são formadores de opinião, são instituições, são empreendedorismo também... Tem muita gente abrindo o seu negócio. Hoje eu fico muito feliz com isso, entendeu!? (Ayo, 2017).

Uma outra entrevistada, uma das mais jovens, concorda de certa forma com a Ayo. Ela percebe essa atuação mais forte, mas para ela existem outros motivos que não só os políticos para que isso ocorra.

Estamos vivendo um momento de um novo olhar e reconhecimento, e auto reconhecimento. E acho que é um pouco do que eu falei, a gente está buscando estar nos lugares que a gente pode e que são de direitos nossos, independente de nossa questão racial ou de classe para que a gente possa construir esse novo âmbito, essa nova geração. Então a gente está fazendo revolução, bem dizer né!?. Eu acho que existiram muitas pessoas antes de nós que fizeram, mas a nossa geração é bem pé na porta. Acho que a galera antes era mais calma e nós somos mais acelerados e para mim tem total relação com o espiritual isso, com a era que a gente está vivendo, com a transmissão cósmica então a intensidade da luz é maior e então as coisas são mais rápidas mesmo (Zacimba, 2017).

Outra empreendedora discorre sobre a mudança nos últimos anos no posicionamento político e nas oportunidades para os negros. Essa empreendedora ressalta o aspecto legal, no entanto, como apresentado por Santos (2015), a existência de leis não eliminou o racismo. Da mesma forma que como abordado por Oliveira e Pimenta (2016), a lei Áurea não fez com que os negros fossem integrados à sociedade. Barbosa (2011) afirma que mesmo com as leis, o racismo continua atuando eficientemente e um exemplo disso, como conta Arantes (2007) sobre o caso Simone André Dinis e a condenação do estado brasileiro em um tribunal internacional no ano de 2006 por discriminação racial.

Eu acho que nos últimos cinco anos houve uma grande evolução, não sei qual é o fato pontual que trouxe isso mas eu acho que a geração agora, a juventude que está vindo agora já é uma que nasceu dentro dos direitos, das leis, dos direitos que foram conquistados pelo movimento negro dos anos 80, elas já nascem com um empoderamento maior só que isso não faz com que o racismo diminua, só faz com

que a gente esteja mais preparado para encarar o racismo e tudo o que ele gera: as desigualdades de oportunidades, as desigualdades de tratamento, as desigualdades... gerais (Hatshepsut, 2017).

Uma outra empreendedora não possui uma avaliação tão otimista e evidencia a existência de uma política de governo, uma política pontual e paliativa, mas que não passa “da lição de casa”.

A minha avaliação não é muito boa não. Porque olha só a questão racial com relação aos negros, foi criado ai pelos diversos governantes no passado, alguns órgãos de promoção, de elevação, de valorização, de mais não sei o que, de qualquer coisa que você queria falar com relação ao negro só que eram órgãos que não passavam de uma atuação pontual que não abrangia a juventude e que saindo o governante eles saiam. Aja vista CPIR da vida, os PIR da vida e ai, ai, o que que esses órgãos fizeram? O que que eles fizeram? Eles fizeram o seu trabalho de casa ali naquele momento porque precisavam mostrar trabalho, mas isso ai não impactou, não elevou, não, não... Sabe!? Lamentável, eu acho lamentável, até porque as pessoas que tiveram lá, na época, no poder, eram pessoas amigas minhas... Matilde... Enfim, mas foi uma coisa que eu acho que foi pontual e não é isso que a gente quer (Nzinga, 2017).

Para essa entrevistada pouca coisa mudou na trajetória histórica do Brasil em relação as questões raciais e os negros ainda tem sido objeto de estudo de acadêmicos brancos.

As questões continuam, quem tá morrendo são as crianças negras, quem tá na prisão são as mulheres e jovens negros, quem tá no crack na avenida Brasil ou em qualquer outro lugar são os adolescentes negros. Enfim, por falta de políticas públicas para essas questões. A relação dos jovens e a relação racial no Brasil está longe de ser reconhecida, tá longe de ser valorizada, tá longe de dizer assim: - Tá tudo bem. E existem trabalhos ai maravilhosos e eu acho que a academia tem que produzir esse trabalho e esse trabalho tem que ser extramuro, sabe!? Eu acho que mais negros tem que estar dentro dessa instituição, eu vejo muitos acadêmicos brancos falando de nós e por nós e isso me incomoda. Isso me incomoda, e não é que eu seja racista as avessas como algumas pessoas costumam dizer, não é isso, jamais fui e jamais serei mas eu acho que a gente tem que tomar pé da nossa história, tem que tomar pé do nosso presente e do nosso futuro. Por que o que que acontece com os acadêmicos brancos que pesquisam sobre nós? Produzem livros, sabem mais de nós do que nós. Entendeu!? E isso eu fico muito incomodada, estou feliz por você estar fazendo isso, ainda mais trabalhando com alguma coisa que eu estou inserida que é o empreendedorismo (Nzinga, 2017).

A entrevistada em questão terminou sua fala olhando fixamente para mim e tocando minha mão. Isso evidencia que não há como rejeitar o fato de eu ser reconhecido socialmente como negro influenciou a pesquisa, especialmente no que diz respeito ao acesso e a participação dos entrevistados. Ao olhar para mim, e eu não sei explicar ainda muito bem isso, muitos empreendedores simplesmente largavam tudo que estavam fazendo para conversar comigo. Eles deixavam de vender e trabalhar para me dedicar atenção sem pensar

duas vezes em prejuízos financeiros. Notei isso logo nas primeiras entrevistas e tive que fazer um esforço para minimizar esses efeitos realizando minhas entrevistas antes ou no final do expediente. Eu realizei, em outra oportunidade, um trabalho acadêmico com entrevistas e análise de discurso, mas eu nunca tinha parado para pensar sobre esse contra fluxo, o olhar que o entrevistado direciona para o entrevistador.

Eu dentro de casa tinha essas duas coisas: eu tinha o meu pai que tinha um perfil e tinha minha mãe que tinha outro perfil. Minha mãe na ocasião era analfabeta, ela teve uma infância muito difícil, quase que uma vida escravizada porque ela era do interior de minas e então ela foi dada porque acontecia muito isso antigamente. Ela foi dada para as famílias para “cuidar” e no final eles pegavam as crianças mesmo era para serem empregadas da casa então tinha aquelas famílias que ela considerava, mas na realidade ela estava sendo explorada, bem explorada, foi muito explorada e então ela tinha outro tipo de vida (Ayo, 2017).

Os empreendedores cariocas e fluminenses negros, como exposto na sessão Condições Demográficas, moram, estudam e trabalham na Zona Norte do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense, alguns tem o seu negócio em Regiões mais centralizadas como o Bairro de Santa Tereza, a Pedra do Sal e o próprio centro.

Eles compartilham de uma infância pobre ou fazem parte de uma classe média, pois os pais tiveram uma infância pobre e conseguiram uma ascensão por meio do trabalho, da educação e vários outros fatores.

[...] meu irmão ficou resistido ai eles colocaram meu irmão como guarda florestal, mas sem nenhum aporte. Aí houve um problema, eu não sei bem o que aconteceu e eles deram uma casa para o meu irmão em Antares que era um lugar para onde mandavam as pessoas das comunidades... Muito longe, muito longe, muito longe. Aliás, era uma pratica que existia no Rio de Janeiro que era de tirar as pessoas de seu lugar de origem e mandar para bem longe. Assim aconteceu ali na Zona Sul, com o morro do pinto, com vários nomes do Rio de Janeiro. E ele foi embora para lá, mas também não ficou lá, não gostou e nós perdemos aquele espaço no Grajaú (Nzinga, 2017).

Trata-se de uma herança muito recente, uma herança histórica, uma herança pelo conceito que foi socialmente construído e cotidianamente propagado, a raça. Raça essa que, de acordo com Munanga (2003), está ligada a uma ideia de poder e, de acordo com Hall (2003), é uma construção político-social uma vez que não existem marcadores estáticos para definir quem é e quem deixa de ser negro.

[...] eu me declaro como uma pessoa negra e é engraçado porque a minha infância foi toda com pessoas brancas porque eu estudei em escola particular então os meus melhores amigos são brancos é difícil eu não sei exatamente o que acontece. Eu sempre me vi como uma pessoa negra, mas a cultura negra eu não conhecia, e eu

acho que essa é a grande diferença. Tanto que eu nunca fui de usar escova e sempre usei meu cabelo crespo mesmo e eu usava muita trança quando eu era pequena e aos 15 anos eu comecei a usar Black e uso até hoje só que agora eu cortei o cabelo e tá um pouco mais curto, enfim, mas o contato com a cultura negra, com outras pessoas negras e aí sim entender o que é ser negro é... Foi ali no ensino médio porque eu fui para uma escola técnica então entrei em contato com muito mais gente e no final do ensino médio, já saindo mesmo da escola, eu comecei a ler coisas sobre negros. Porque vinha a curiosidade de onde eu vim? Porque isso? Por que aquilo? (Zunduri, 2017).

Um dos entrevistados se reconhece como negro e afirma que nunca teve dúvida com relação a essa identificação. Porém, ele não conseguiu expressar esse processo de identificação, pois, de acordo com sua narrativa, “não há tantas diferenças assim entre os negros e não negros”. Ele, de acordo com as pesquisas de Davies (2009), assume um discurso racial “alternativo” e em alguns momentos chega a ser um discurso racial “assertivo”.

Eu sou negro vei! Eu sou negão, eu sou negão saca!? E ponto final, não tem dessa não. [...] Quando eu percebi... caramba, quando eu percebi isso aí eu acho que não teve esse lance de Caraca, desde de 1900 e... eu descobri que eu sou negro, eu não tenho. Eu não consigo responder essa questão. Se teve um “Sou negro!” Pô, não teve... Eu não sei, eu não sei, eu não sei... (Saeed, 2017).

De uma forma geral os entrevistados não têm dificuldades de reconhecimento. Eles são muito seguros com relação aos critérios raciais (e isso não é só por conta dos critérios de escolha dos entrevistados). Isso é importante, segundo Munanga (2004), para preservar valores, a identidade e autoafirmação. Os entrevistados são bem enfáticos em dizer e ratificar a identificação como negro, mas diferente do último entrevistado, o empreendedor seguinte demonstra um incomodo com a ausência de negros em alguns espaços, ele já tem essa percepção:

Eu sou negro, negro, eu sou negão! [...] cara, eu nasci negro e sou negro a vida toda, mas teve... eu vou confiar para você, eu vou te falar isso porque é uma parada que me incomoda porque eu faço muito evento em vários lugares e você sabe que nesses eventos a quantidade de negros é minoria ou quase nula, então isso me incomoda. Se eu faço evento na Urca, amanhã mesmo eu vou estar no Lagoon e você pode contar nos dedos quantos negros tem (Shamba, 2017).

E realmente eu fui no dia seguinte na Feira da Carioca que aconteceu no Lagoon e contabilizei oito negros contando comigo. Apesar de ter consciência do quanto é difícil definir quem é negro no Brasil em virtude da mestiçagem (FREYRE, 1965), fiquei frustrado, pois esperava conhecer outras pessoas para minha pesquisa. Desses oito, nenhum estava à frente de nenhuma marca, exceto na empresa que eu já havia entrevistado, e desses negros três eram bem mais claros do que eu, de forma que talvez nem eles se reconhecessem enquanto negro.

Como exposto por Munanga (2003), essa questão de reconhecimento possui contornos políticos. Talvez a questão se resolvesse se fosse adotada a estratégia de uma das entrevistadas que, segundo ela, é como funciona nos Estados Unidos, ela relembra o conceito de *one drop rule* ou regra da hipodescendência apresentada nesse trabalho em um quadro organizado por Rosa (2014) utilizando o trabalho de Nogueira (2006). Segundo esse conceito, a classificação racial é de acordo com a origem e, independente da aparência, se alguém na família ascendente é negro todos os seus descendentes também são.

[...] tem muita gente que não se identifica como negro. Olha só o pastor Marcos Feliciano, ele mesmo, ele é negro! Ele alisa o cabelo e fala que o negro é uma praga. As pessoas são negras, mas não se identificam como tal e agora tem o tal do afro conveniente, aquele que nem negro é mas quer ser negro só para estar incluído em alguma coisa, em alguma causa. Tipo a Geise Arruda, ela falou que ela é negra esses dias, tem gente que não vê a vergonha que ela quer passar lá na frente então aqui é muito complexo porque tem muitas pessoas que são negros, mas que não se identificam como negros e são chamadas de moreno, que gosta de ser chamado de moreno, - Ah, preto é o fulano. Como assim preto é o fulano gente? Só porque é um pouquinho mais escuro? Gente, passou de bom dia, boa noite! Nos Estados Unidos, nos estados unidos... [...] Nos Estados Unidos, lá eles não têm nenhuma dificuldade de identificar os negros, lá eles não têm porque a visão de negritude lá é diferente da daqui. Lá se cair alguma gota de sangue negro na sua corrente sanguínea você é negro (Daomé, 2017).

No entanto, como proposto por Nogueira (2006), o preconceito no Brasil é bem diferente dos Estados Unidos e a discriminação ocorre pela aparência. Esse conceito racial de *Marca* proposto por Nogueira (2006) é conhecido pela ideia de colorismo que uma ideia mais popular. Uma outra entrevistada discorda um pouco dessa percepção e prefere a ideia de auto declaração, e de auto reconhecimento:

Eu sou negra. E eu não tenho... não tenho muitas dúvidas... Mulher Negra, eu entendo que existe o colorismo, eu entendo que existem outras formas de se reconhecer e eu acho isso importante porque a gente tem que se reconhecer e não o outro tem que apontar para gente e dizer o que a gente é e o que a gente deixa de ser. Talvez pelo meu tom de pele ser mais escuro isso pra mim nunca foi motivo de dúvida mas eu também não sou daquelas que chega para as minhas amigas que de repente são mais claras e falo: - Olha, você é negra! Eu não, vai ter um momento que vai te acontecer alguma coisa que vai te dizer que você é (Zacimba, 2017).

Como explica Santos e Scopinho (2015), de acordo com a teoria das representações sociais, já existe uma ideia formada sobre o negro. As pessoas são condicionadas a rotular e classificar e, de acordo com Munanga e Gomes (2006), além de perceber as diferenças entre as pessoas passamos a tratar os diferentes de forma desigual. Dessa forma, como afirma uma das entrevistadas, em alguns casos a sociedade aponta e lembra para pessoas que tem a pele

mais retinta que ela é negra, e não só isso, mas todo um estereótipo negativo que é associado à imagem do negro (OLIVEIRA; BARRETO, 2003). Independentemente dela se reconhecer como negra ou não, se ela for socialmente lida como negra vai acontecer algum episódio que vai deixar evidente, vai dizer que ela é negra. Um dos entrevistados apesar de ter a consciência racial que é negro e não ter dúvidas com relação a isso, é lembrado a todo momento pela sociedade que ele é um cara negro:

Eu me classifico como negro mesmo, preto. E assim, até hoje mesmo aconteceu. Eu fui com o meu pai no banco, sai do banco e tal e aí meu pai falou: - Ih eu tenho que tirar xerox aqui do depósito. Como ele fez o depósito ele queria tirar xerox daquele canhoto porque o canhoto apaga né!? Aí ele entrou em uma loja de fotografia que tirar xerox e tal ai nisso ele entrou e eu fui chamar: - Pai vamo bora... tá não sei o que.... Rapidamente já parou o segurança na porta e ficou me olhando. Ai depois o meu pai saiu, o segurança falou com ele... Ele falou: - ih, eu acho que o segurança... Eu falei: - Eu acho não, eu tenho certeza. O segurança conhecia o meu pai, mas quando ele me viu, preto, barbudo, parando na porta para esperar o meu pai ele ficou preocupado. Eu falei: - Pô, é foda. Mas isso é direto, isso acontece comigo direto. E eu falo com os meus amigos que a gente tem cara de “dura”, que a gente é a cara da “dura” (Tenkamenin, 2017).

Na primeira vez que eu escutei, eu não tinha entendido direito o conceito de “Dura” e, então, esse mesmo entrevistado me explicou desenhando o conceito:

DU-RA. Tipo quando vai passar pela PM ai a gente toma uma “dura”. Quando a gente tá passeando com o carro, é certo de tomar uma “dura”. Essas coisas a gente fala que é a cara da “dura”. [...] É complicado. Mas já tô acostumado já. No Rio aqui é direto. Por exemplo, se tu tiver de carro e tiver de boné, vá tomar dura. Eu gosto de boné pra caramba, me amarro em boné, tenho vários. Ai toda vez que eu tô, eu tiro, boto no colo da minha namorada. Tô sozinho, eu tiro e coloco no banco porque eu sei que vou tomar dura. A última agora foi indo viajar para Parati. Eu estava indo para Parati agora e fui parado pela federal. Tava eu, minha namorada que também é negra e um amigo meu que também é negro (Tenkamenin, 2017).

A fala desse entrevistado é bastante significativa para o conceito de espaço social de Sansone (2003). Segundo o autor, a relação com a polícia é uma área dura para os negros.

Enquanto outra entrevistada, a única do grupo que tem a pele mais clara, fala um pouco do processo de ser negro o que de acordo com Munanga e Gomes (2006) envolve uma percepção social, política, cultural.

Eu me entendo como mulher negra, como fruto também desse processo de embranquecimento que quase todos nós sofremos. Eu me entendo em um meio também, assim, minha cor... como é que eles falam? O tipo de cabelo... A curvatura, como se eu enquadrasse naquele estereótipo então eu fico meio que em cima do muro, né!? Como boa parte dos brasileiros estão, né!? Antigamente podia-se falar moreno, mas a gente entende que esses nomes foram criados para nos dividir e eu me entendo como parte disso, parte de todo esse processo de racismo como também

um agente da transformação a partir do que eu sei fazer que é arte e mobilização de pessoas no campo do empreendedorismo agora (Hatshepsut, 2017).

E essa entrevistada, ao ser questionada sobre desde quando se reconhece como negra, responde:

Desde sempre minha mãe falou (risos), desde sempre. Desde sempre minha mãe falou e quando eu era adolescente, quando eu tinha 14 anos eu passei um ano no sul, fui morar em Santa Catarina e é obvio que lá ficou muito claro, muito escuro né!? Vamos escurecer as coisas? Ficou muito claro que eu era negra porque lá o pessoal só me chamava de neguinha e aqui no Rio, né!?, não é assim. A pessoa da minha cor é morena, passa batido, mas lá era bem separado e ai os meus amigos eram todos negros porque lá é bem... É bem polarizado, de fato. Nessa época, há vinte anos atrás... Se descobrir a gente não se descobre, né!?, a gente já nasce sendo. A gente se torna enquanto comportamento, enquanto atuação social e ai é a questão do tornar-se negro enquanto um sujeito ali atuando enquanto negro. A gente é ensinado a negar essa negritude toda vida e quando você percebe, cai a máscara e você entende que isso é só mais um método de controle, enfim. Ai você se torna, você passa a estudar historicamente e vê que as questões que a gente vive diariamente, dependendo da sua consciência social, você vai fazer algo ou não para mudar isso (Hatshepsut, 2017).

O exemplo dela é basicamente o exemplo utilizado por Osório (2003) para explicar que a percepção de raça no Brasil difere de região para região. Diferentemente de todos os outros entrevistados, se essa última empreendedora tivesse me afirmado que era branca eu não discordaria, não faria nenhuma objeção. Mas, como afirma Munanga (2003), ser negro envolve uma questão social e política. Como os critérios raciais no Brasil são de auto identificação e ela não é branca. Por um tempo fiquei reflexivo e sobre essa empreendedora. A questão do ser negro é complexa e espero me manter bem longe de qualquer posição que eu tenha que definir quem é e quem deixa de ser negro. No caso dessa empreendedora em específico, eu não excluo os elementos emocionais apresentados por Sansone (2003). De acordo com seus estudos, nós temos uma tendência em identificar as pessoas que estabelecemos vínculos afetivos como mais claras do que realmente são e isso acontece especialmente com as mães e essa empreendedora é extremamente parecida com a minha mãe não só pela aparência, mas pela história. Ela é filha de nordestinos e possui a pele clara e os cabelos ondulados. Apesar de ter um pai preto, ela nasceu com a pele clara e seu filho (eu) possui os traços do avô, resultado de uma grande miscigenação que torna complexa a classificação e, principalmente, a aferição das categorias raciais em mestiços. Posso afirmar com todas as letras que tanto essa empreendedora quanto minha mãe não são brancas, mas defender essa “negritude” delas, eu não teria tanta segurança. E talvez a grande questão seja minha, tanto emocional quanto psicológica, talvez eu as enxergue mais claras do que

realmente são. O fato é que com o passar do tempo estou cada vez menos convencido que exista alguma congruência entre o que todos olham e o que eles veem.

Uma das entrevistadas fala um pouco da questão de ser reconhecida na escola e do apoio dos pais.

Mesmo na infância? Não, assim, a gente foi criado em uma família negra com essa consciência, com essa consciência toda. Agora com relação ao racismo, a sofrer algum tipo de racismo, na infância, foi logo no tempo da escola. Logo quando entrava, na primeira série, ali já começa, ainda mais na minha época. Tinha alguns conflitos raciais, mas você tinha que aprender a conviver com aquilo, chegar em casa e conversar aquela coisa toda. Mas como negro a gente tá ali, né!? Tá na pele e a gente tem que enfrentar essas coisas (Ayo, 2017).

Apesar de sempre se reconhecer enquanto negra desde a infância, uma das entrevistadas relata que foi sentir essa diferença ao ser preterida nos relacionamentos afetivos que se estabeleciam na escola e, de fato, os relacionamentos amorosos e o matrimônio são áreas duras para os negros, como identifica Sansone (2003).

Eu acho que essa coisa das relações afetivas na escola, dos meninos sempre escolherem as meninas brancas e nunca a mim... Não que eu não me reconheça enquanto negra mas eu entendi que existia uma diferença ali. Minha irmã, ela é um pouco mais nova que eu e no Pallas ela era a única negra do ensino infantil e tinha um menino que passava a mão nela assim para ver se saía a tinta. Mais o que!? Eu não sei porque antes de ir para a Tijuca eu vivia no subúrbio então os meus amigos eram de todas as cores e não tinha esse lance de... porque todo mundo era fudido de grana, todo mundo era de perifa e não tinha esse Caô. Mas eu acho que quando a gente começa a crescer, a gente acaba sendo chamado atenção, mas dentro de casa eu sempre tive muito esse... Olha vocês são negras e vocês tem que ser melhores por isso, eu brincava com boneca preta e brincava com boneca branca (Zacimba, 2017).

Outra entrevistada relata ter vivido uma situação parecida somada com um bullying na sua turma da escola.

[...] quando eu fiz dez anos eles começaram, aí eu era a galinha preta de macumba, eu era a Buiula, eu era um monte de coisa, eu era um moooonte de coisa tudo o que era apelido de coisa preta era eu, tudo de coisa preta era eu e eu ficava irritadíssima com aquilo, irritadíssima, mas eu não podia... Eu nunca... Bati, eu nunca, eu nunca me excedi com isso, eu via que o pessoal tava aprontando comigo. Aí teve um dia que fizeram uma musiquinha pra mim, era um menino que eu gostava, que ódio, e depois e descobri que ele também gostava de mim mas era aquela coisa de tipo vamos acompanhar o bando? Que me zuava... (Daomé, 2017).

Um dos entrevistados descreve situação semelhante, mas não atribui isso à raça ou classe econômica. Ele não observa de maneira crítica o seu relacionamento com a esposa, que foi sua única relação afetiva-amorosa na vida. Ele a conheceu, namorou, noivou e se casou

com ela em seis meses. De acordo com Davies (2009), esse empreendedor assume um discurso assertivo assumindo uma postura de não enxergar o preconceito que acontece com ele ou ao menos não externalizar isso:

E a gente começou a namorar! E minha sogra não me suportava: - Como é que você vai namorar com um cara que não tem nada, que não tem nem casa... Você é maluca?! Ai quando começou a passar o tempo né!? Ai chegou um amigo nosso que... o pastor Isaque que chegou e falou: - Amigão, tem que reconciliar... e eu falei: - Pastor Isaque, vai demorar, a mulher me odeia e eu não tenho nem casa e como dizia a minha avó quem casa quer casa. E ele: - Não, pode ficar tranquilo que vai dar bom. Aí eu falei pra ela: - Vamos noivar? E ela: Oi!? E a gente tinha dois meses de namoro e ela: - Vamo! Ai eu dei o primeiro beijo nela porque a gente não podia aparecer na porta da esquina dela que a mãe dela já vinha e eu voava. Ai a gente vamo noivar e vamo noivar e a gente fomos e noivamos dentro da Rommannel, uma loja de semi joia e ela vendia e a gente noivou dentro de uma loja de bijuteria, de bijuteria não, de folheados ai passou mais quatro meses e a gente deu entrada no casamento e tinha uma casa que ninguém queria alugar ou vender ou alugar por nada, nada, nada e a mulher falou: - Pra você eu alugo. E ai nós fomos lá embaixo também e pegava chuva pra caramba que chovia mais dentro que fora da casa, mas sai da igreja e fui morar lá e lá foi bacana. E eu sai da igreja e fui morar lá e ela me ajudava em tudo, tudo que você imaginar de roupa a alimento ela que me sustentava. E depois tinha um grupo na igreja e ela morando lá e eu na casa que a gente tinha alugado, que ela tinha alugado e eu fazia umas paradinhas de cabelo né!? Mas o dela era o mais pesado, eu comprava alguma coisa e a gente pediu... Como é que fala pra casar? Atestado de pobreza. E é uma enrola isso pra você dar uma entrada em um casamento e pintou uma vaga no final do ano bem no fim de dezembro, era dia 26 de dezembro um dia depois do natal e ninguém ia viajar e ela: - Tem uma vaga aqui, você está afim? E eu: - Oi!? E em seis meses a gente casou. Namoro, noivado e casamento foram seis meses (Saeed, 2017).

Quando questionados se essa construção de raça impacta nas relações com as pessoas, os entrevistados foram unânimes em falar que impactavam cada um por um diferente motivo, mas todos falam que impactam:

Sim, muito. Como eu te falei as relações são complicadas, as pessoas são complicadas e isso aí vem de berço né cara!? Isso atrapalha de mais, e isso atrapalha demais, mas isso aí eu vô te falar que isso não vai mudar. Isso não vai mudar. O respeito, a classe, essa galera aí... os brancos, os negros, os pardos, os caboclos, os loiros não vai mudar. O respeito é que vai, que vai determinar quem é quem, que vai determinar quem é quem e é isso. É isso, não tem muito o que falar (Saeed, 2017).

Muito, muito. Elas impactam pela cor da pele, elas impactam pelo cabelo, elas impactam pela indumentária, elas impactam pela nossa alegria, pelo nosso riso... Você sabe que eu, e tem muitos anos isso, nós fomos em um encontro e eu acho que era uma conferência e as mulheres brancas ficaram: - Como elas (elas porque eram um grupo de mulheres) riem, como elas comem, como elas são alegres. Nós somos pessoas diferentes no sentido da nossa alegria, do nosso riso, dos nossos corpos, entendeu!? Isso impacta muito. Um grupo de negros que chega em um lugar de brancos ele causa impacto. Eu acho que é pelo impacto do ser negro, pelo impacto do ser negro, a gente impacta. Eu entro em todos os lugares que eu quero entrar (Nzinga, 2017).

Essa mesma empreendedora continua o relato de uma experiência que viveu em um conhecido shopping carioca, experiência essa que ratifica o trabalho de Nascimento, et al., (2015) na percepção (e recepção) que esses espaços possuem para os negros. O shopping é um espaço social, uma área dura para os negros (SANSONE, 2003), um espaço pouco amigável para os negros.

Existe aqui no Rio de Janeiro o Shopping chamado Rio Sul e eu não gosto muito de shopping, mas quando eu era mais nova eu ia em Shopping. E as vezes eu tenho que ir à shopping para fazer pesquisa, pesquisa de tendências. Não que eu vou fazer aquelas roupas, mas eu preciso ver as tendências, se é longo, a cor, se é cavado, se é sem manga para eu fazer a releitura para minha indumentária e isso aí eu aprendi na faculdade. Então, o que acontece, eu fui pra lá e comecei a olhar as lojas, as vitrines e tal e eu entrei em uma daquelas butiques lá do shopping e aí a vendedora foi lá dentro chamar um rapaz e ele veio e começou a falar comigo em inglês. Aí eu tava vendo lá um negócio e continuei vendo e ele lá falando. Eu sei inglês, mas falo pouco, mas eu entendo. Aí ele falou inglês, depois falou em francês e eu olhei pra ele e falei assim: - Vem cá, eu sou brasileira, eu falo português! - A mais a senhora, não é possível! a senhora é uma americana a senhora parece uma americana, uma negra americana. Nessa época eu usava trancinha e eu estava com três cores, loira, branca e eu estava de óculos, eu adoro óculos grandão e toda colorida. Aí eu fiz a seguinte pergunta para ele: - Me diz o seguinte, nessa loja, nesse shopping não tem pessoas negras querendo comprar? e ele: não, dificilmente. só estrangeiros, a senhora é uma raridade. E você veja o que é isso, aí você observa no shopping e onde está o negro no shopping? Limpando o banheiro, nem nas butiques eles estão (Nzinga, 2017).

De fato, algumas pessoas negras que conheci, especialmente pessoas negras que moram no morro, por mais que possuam um bom poder aquisitivo, não costumam frequentar os shoppings, pois gastam seu dinheiro na comunidade. Pude observar discursos extremados de pessoas que não consomem praticamente nada fora da comunidade.

De acordo com uma das entrevistadas, as questões raciais impactam nas relações com as pessoas desde que você traz à tona a palavra racismo e, como abordado por Oliveira e Barreto (2003), há um desconforto no Brasil quando se fala de racismo. Ele existe e é bem atuante, mas sua principal característica, do nosso “racismo à brasileira” é que ele é velado (NOGUEIRA, 2006).

Totalmente, totalmente, elas sempre se tornam um fator, principalmente quando você fala delas. Se você não falar delas, ok. Elas vão continuar sendo veladas como são veladas, no Brasil não existe racismo né!? Não existe, é uma coisa da nossa cabeça que foi totalmente velada e então quando você traz à tona a palavra proibida, racismo. Isso se torna sempre o fator de crucificação (Hatshepsut, 2017).

Outra entrevistada chama atenção para a construção histórica do racismo e ressalta a importância de ocupar os espaços independentemente da cor como resistência a toda construção racista sedimentada socialmente durante anos.

Eu acho que a raça está ligada a tudo né!?, as questões econômicas, questões de classe porque, bem dizer, a gente veio de uma formação histórica de que o negro ele forma toda a parte pobre da sociedade e se a gente não consegue identificar que isso vai impactar em tudo, né!? A gente é negro e precisa saber muito bem o nosso lugar, eu acho que tá na moda mas é importante. Eu quero ocupar qualquer lugar que eu quiser e que eu puder porque independe da minha cor, é o meu potencial. Eu posso ser negra, mas eu tenho todas as condições possíveis para estar no mesmo lugar que qualquer outra pessoa e aí impacta, impacta na relação com o policial, impacta na relação com o cara do banco, no shopping, dentro de uma loja... você vai estar andando e por mais bem vestida que você esteja e você vai sofrer racismo então é a construção de um comportamento em larga escala (Zacimba, 2017).

Já um dos entrevistados tem uma fala que destoa dos demais. Para ele, o racismo é individual e de certa forma “culpa da vítima”, pois, segundo ele, a incidência do racismo está relacionada com a postura que o indivíduo negro adota. Ele só não descarta a existência do racismo velado, mas acredita que sua postura é exemplar e o protege de sofrer discriminação. De acordo com Oliveira e Pimenta (2016), o discurso religioso mantém os negros mais dóceis, ele é importante para a manutenção do status quo e é um dos responsáveis para perpetuar o sistema de desvantagem social e econômica, durante a entrevista ele cita em vários momentos que é evangélico, que é cristão.

Eu sempre me posicionei e se o povo se posicionar e parar de se sentir coitado, aí que isso, aí que não sei o que bla bla bla... Que o sangue é vermelho de todo mundo então se todos se posicionassem era igual a mim. Se acontece tá atrás de mim porque na minha frente tem que me respeitar, o negro, o branco, o pardo o preto... o que eu seja. Sexual!? Pô, eu não tô nem aí! Morra! Tem que me respeitar! (Saeed, 2017).

Apesar da fala soar um pouco agressiva para qualquer leitor, acredito que ela destoa muito da prática. Enquanto eu passei em sua barbearia, observei o entrevistado trabalhar por quase duas horas. O movimento da barbearia era intenso, era uma sexta-feira à noite e ele atendeu muitos homens negros. Lembro-me que pelo menos dois deles falaram que tinham gostado dos desenhos que ele fez em alguns cabelos, mas que iriam raspar mesmo ou no máximo fazer um degradê por conta da igreja. Um deles até citou o pastor. Eles tinham um diferencial de identidade e o cabelo era um dos pontos mais importantes. Os entrevistados com um discurso cristão eram mais contidos, discretos e raspavam o cabelo (inclusive uma mulher).

Uma das entrevistadas afirma que por ser negra e de classe média, apesar de saber da existência do racismo velado no Brasil, ela não consegue perceber o racismo a afetando diretamente. Ela adota um discurso racial alternativo, de acordo com Davies (2009). Ela tem consciência do racismo, mas afirma não ser afetada. De certa forma, ela faz uma leitura de Schwarcz (2007) e Barreto (2006), não que ela entenda o racismo, mas não aceita que ela seja racista. Ela percebe a existência do racismo, relata em alguns momentos da entrevista que ele incide sobre outros membros da família, mas não sobre ela. Ela não descarta a possibilidade de sofrer um racismo velado, como abordado por Barbosa (2011) e Nogueira (2006).

Tem aquela questão do Brasil com o preconceito velado e ai não tem como eu saber em alguns momentos mas eu nunca... eu, foram muito raros os momentos que eu senti o racismo me afetando diretamente. Muito raro mesmo. Mesmo no trabalho, enfim, mas afeta. Sabe, a gente sabe que afeta e, E eu sou uma minoria, uma minoria que não sente esse racismo no Brasil diariamente falando porque eu sempre fui classe média. Sempre circulei com amigos brancos e também, sei lá, são pessoas um pouco mais esclarecidas e então assim... Não sinto, não sinto mesmo. Mas eu sei que existe e, as vezes, eu acho que posso até ser vítima e não percebo tanto mas... Eu nem sei o que te falar nessa questão não. Eu acho que tem muitas coisas que são veladas e, enfim, não sinto mesmo. Só que falando no geral a gente sabe né que é só olhar ai fora que tem, tem pra caramba (Zunduri, 2017).

Outra entrevistada, mesmo sendo de classe média e estudando em escola particular relata, muitas agressões verbais, agressões que em sua infância, sua mãe ensinava estratégias para minar.

Eu não lembro agora, mas eles criaram uma música que me ofendia, falava que eu era preta, que eu era não sei o que lá, que eu era macaca, que eu comia banana... E ai eu aprendi e no dia.... Mas primeiro eu cheguei em casa chorando e minha mãe: - Aprende a música e canta ela, eu quero ver se eles vão repetir. E foi dito e feito, eu aprendi a música e no que eu aprendi a música eu comecei a cantar e a dançar com eles e eles pararam na hora de cantar, e eles nunca mais cantaram. Então a partir desse momento eu comecei a ignorar e na real, eles falavam: - Ah macaca. E eu: - Oi!. Tipo, como não estavam mais me afetando, eles começaram a parar de tentar me agredir porque eles queriam me agredir. Eu não contava pra ninguém, eu ficava aguentando, eu falava com todo mundo, as pessoas gostavam de mim na escola mas a minha turma, a minha turma, eu não digo as outras turmas mas a minha turma era muito agressiva (Daomé, 2017).

E, algumas entrevistadas relatam ter em algum momento revidado agressões de forma agressiva:

Eu não consigo estar na Zona Sul por muito tempo, eu me sinto incomodada e ai eu acabo me tornando uma pessoa pedante porque “ah eu sou negra e estou aqui também” e eu acabo usando de força e eu não gosto eu gosto de ser uma pessoa mais... Como eu te falei, eu já fui muito extremista (Zacimba, 2017).

Sobre discriminação, eu me lembro que duas vezes, quando eu era pequena eu, pela questão do cabelo e tudo mais. Então, eu acho que você escolheu a pessoa errada. Porque eu é... foi muito assim, porque eu era pequena e então eu reagi. E eu sempre reagi com muita violência então na primeira eu acho que eu empurrei a menina e na segunda eu peguei o joelho do garoto e esfreguei na parede de chapisco. Mas depois disso não lembro de ter passado por nenhum tipo de discriminação. Assim, minto, uma questão que é muito forte para a mulher negra é... não sei se você já ouviu falar sobre esse tema... é... a Solidão da mulher negra porque é muito complicado pra gente, na adolescência, aquela questão de encontrar um parceiro para namorar e, enfim, tem muito disso (Zunduri, 2017).

[...] na sexta série, fazendo prova e ele com um espaço desse tamanho e eu falei: - Alex, chega um pouquinho mais para frente porque eu quero sentar e minha colega também, se você ficar assim vai ficar ruim pra gente. Ai ele ai não sei o que: - Você está achando que é mais forte que eu? E ele batia aqui: - Eu não acho não, eu tenho certeza. E quando ele foi me socar eu segurei ele e dei um soco na barriga dele e acabou. E eu falei: - Agora eu quero que você vá lá na coordenação e fale para o Jorge que eu te bati porque se você falar pra ele que eu te bati eu vou dar um soco no outro olho. E eu dei um soco no olho dele: - Ai eu vou dar um soco no outro olho para os dois ficarem iguais e combinar.. Quando foi no sétimo ano ele aprontou comigo de novo, no sétimo ano ele foi e cuspiu depois de eu ter discutido com a prima dele, ele cuspiu no meu rosto. [...] Ai quando ele olhou que eu estava na sala ele ficou assim, levantou os braços e falou: - Você tá achando que é mais forte que eu? E eu: - Ah, lá vem você de novo com isso, eu acho não amor eu tenho certeza. E ele fez a mesma burrice, foi me dar um soco na barriga e eu segurei a mão dele mais uma vez só que nisso eu peguei a cabeça dele e soquei, soquei, soquei, soquei, soquei e nisso todo mundo: - Briga, briga, briga! [...] ele era extremamente ofensivo, ele agredia todo mundo, agredia verbalmente todo mundo, ele colocava apelido em todo mundo, ele ... Todo mundo tinha apelido para ele, ele xingava todo mundo, ele era o cara (Daomé, 2017).

Toda essa construção acaba afetando muito o negro na nossa sociedade e isso refletiu na trajetória de vida de cada um dos entrevistados, em diferentes proporções ou em níveis de consciência, mas o racismo está presente em cada fala.

Eu já sofri em vários lugares. Hoje em dia eu acho que lido mais de boa. Mas sempre teve muito isso por eu ser a única negra, por estudar em colégio particular e tal e eu também não entendia direito, mas hoje em dia eu não sei... Mesmo eu trabalhando no shopping e eu era promotora sênior, uma das tops, negra e ainda em um lugar que é super elitizado e as pessoas tinham que ser atendidas por mim e tinham pessoas que não queriam ser atendidas por gente negra e dava volta e no final tinha que ser atendida por mim. Eu acho que hoje em dia eu lido melhor com isso, por já estar calejada. Mas não tem nada de recente que eu fale olha eu sofri isso e me impactou não, é uma coisa batida pra mim (Zacimba, 2017).

E as histórias de racismo são mais complexas quando se trata de uma pessoa negra para outra negra, pois, segundo Munanga (2004) e Hofbauer (2003) há pessoas que introjetam, que compram a ideologia do branqueamento. Isso pode ser evidenciado quando os entrevistados destacam que, por vezes, outros negros não os reconhecem como empreendedores:

Um dia desses eu sai da praia com uma amiga, a gente estava em Ipanema e a gente passou em um restaurante, no Garota de Ipanema ai a gente estava passando e o segurança olhou pra gente com cara feia. A gente passou olhando o cardápio e o segurança olhou com cara feia pra gente e eu não podia deixar passar. E o segurança NEGRO. Depois que minha amiga falou – Daomé olha para aquilo ali. quando eu olhei, a cara dele era de tipo: - Ah, que tá olhando!? Vocês não vão entrar aqui ai eu falei: - não, não, não como é que aquele preto ele pode... como é que ele pode... nós vamos voltar porque a gente vai comer ali. Nós voltamos e almoçamos pleníssimas no restaurante, pedimos o churrasco misto para duas pessoas que comiam três (risos) E comemos felizes, lindas, o nosso churrasquinho e o segurança ficou olhando para a gente com cara de bunda. Gente o segurança negrooooo ficou olhando para a gente com cara feia como se nós não fossemos capazes de entrar, julgando. Entendeu?! (Daomé, 2017).

E é difícil no Brasil o cara ser negro e lidar, não escutar as piadinhas, tanto para estudar quanto para trabalhar o preconceito acaba travando até mesmo para o próprio negro querer tentar uma oportunidade. [...] no meu cotidiano de trabalho as vezes o cliente chega e não sabe e perguntam: - Você trabalha aqui? As vezes não acreditam que eu sou o dono da loja, entendeu!? A pessoa já chega assim: - Ah, quando o seu chefe chegar tem como verificar se ele pode me dar um desconto? Isso acontece direto. Ou quando perguntam eu poderia falar com o... ou alguma coisa do tipo aí quando eu falo que eu sou o dono a pessoa: - Ah tah... E isso no lugar onde eu moro, em uma loja que é no bairro onde eu moro. [...] Mas isso acontece até do negro com o negro. Até acontece com pessoas brancas também, mas até o próprio negro não acreditar que uma pessoa preta pode ser o dono do negócio (Tenkamenin, 2017).

Essa última fala dialoga com o trabalho de Sansone (2003) e a teoria dos espaços sociais ao mostrar que o negro começa acaba percebendo espaços que “não são para ele”. Essa percepção faz com que o próprio negro se ocupe alguns lugares e, ao fazer isso ele provavelmente reproduz o discurso da ideologia de branqueamento. Outra entrevistada, ao ser questionada se a raça influencia o seu cotidiano de trabalho responde:

[...] eu acho que agora porque eu só quero trabalhar nos rolês de preto. Eu não quero trabalhar nos rolês de branco. Se eu tiver que trabalhar, ok. Ah, tem uma coisa, antes de abrir a empresa eu trabalhei no Mariana Park que é um hotel lá em Ipanema e ai era tipo muito complicado porque existiam outras pessoas negras, segurança e da limpeza e eu era a Hosters que recebia todo mundo e alguns hospedes chegavam e ficavam meio confusos se era para falar comigo ou não porque eu era a única preta ali na porta e eu: - É pra falar comigo mesmo. Hotel francês, eu falo o mínimo, muito pouquinho de francês e falo o espanhol e o inglês por causa do turismo e o cara ficava na dúvida se era comigo mesmo para falar. Já teve gente de trocar de língua para ver se eu iria acompanhar, sabe!? Lá no hotel era bizarro por isso e eu acabava tendo que educar alguns olhares. – Ah, olha a moreninha... E eu: - Não gente, eu não sou morena eu sou preta e não vai... se me chamar de morena tá me ofendendo. E aí eu sai porque eu discuti com meu chefe francês que ele achava que o navio negreiro ainda estava aqui, mas foi um rolê de aprendizado legal porque eu tive que trabalhar para branco com um salário legal todo mês e eu fazia produção e era Hostes de umas festas privadas no Hoof top lá e era isso. Eu trabalhava com uma galera que tinha um outro olhar e tinha hora que eu saia cansada, mas quando eu tenho opção eu escolho muito trabalhar com a galera preta (Zacimba, 2017).

Outra entrevistada, nos seus 70 anos de idade, responde que não sofre discriminação diretamente, mas se emociona (e a mim também) com a percepção que tem sobre a discriminação indireta. Hoje, ela sente menos o racismo incidindo sobre ela diretamente, mas sofre pelos outros:

[...] discriminação a gente vê em todo lugar e eu tenho por meta o seguinte, toda vez que o meu irmão, uma pessoa sofre discriminação, eu também me sinto discriminada. Mesmo que não seja diretamente comigo porque o que machuca o meu irmão me machuca também porque eu sou a imagem dele e ele... nós somos a semelhança um do outro, eu vejo assim. Então dizer que eu não sofro discriminação? diretamente não. Indiretamente todos os dias porque todos os dias a gente vê histórias de pessoas que são insultadas e todos os dias a gente tem que sair à rua e todos os dias a gente tem que ir para a internet e todos os dias a gente tem que brigar por aquela pessoa que não necessariamente precisa ser eu, mas que é uma pessoa que se reflete em mim e isso me dói, eu choro, eu fico triste. Porque parece que esse trabalho todo que a gente tem feito e tem tido e eu já estou com 70 anos e fico pensando “Meu Deus, tanta luta, tanta coisa, tanto embate e eu ainda preciso conviver com isso do lado de uma pessoa que está passando por isso!” (Nzinga, 2017).

A mesma entrevistada continua o diálogo que retoma o conceito de espaço de Sansone (2003). Segundo o autor, as pessoas reafirmam que o indivíduo negro não pode escapar da condição social do trabalho braçal. Nossa entrevistada tem essa percepção e ela sofre porque isso atinge um membro da família próximo, o filho. Afinal existe toda uma construção social muito forte e operante que o negro deve realizar trabalho braçal como aponta o estudo de Oliveira e Pimenta (2016). Isso tudo fica evidente na fala da empreendedora:

E eu tenho neto, eu tenho filho, meu filho é músico e as pessoas chamam de vagabundo: - Pô o teu filho não trabalha? Sabe, é racismo puro porque o cara lá que é de classe média alta que pega uma guitarra e vai tocar ele é um máximo, mas o negro... Pô tem que trabalhar. Negão tem que pegar na enxada, negão não pode viver de música né!? O que é isso né? Pobre, isso dói, isso machuca. Eu acho que essa coisa que as pessoas têm de desqualificar o negro é muito ruim, é desqualificar, desqualificar. Nós somos desqualificados pela própria imagem. Se eu entrar em uma butique, sair daqui e entrar em uma butique, eu vou ser atendida? Vou ser atendida, mas jamais, e eu tenho certeza absoluta, jamais ela vai achar que eu sou capaz de comprar um sapato bonito, uma bolsa e tal. Ela já vai vim dizendo o preço e se eu sou mais gordinha e entro em uma butique: - Não tem do seu tamanho. Ela não sabe se eu vou comprar para mim, sabe aquela coisa? (Nzinga, 2017).

Uma das entrevistadas vê essa percepção de raça influenciar diretamente no cotidiano do seu estabelecimento comercial. Segundo ela, algumas pessoas que passam pela rua olham e nem entram ou entram e percebem que é uma casa de negros e vão embora. O trecho selecionado revela como o racismo velado no Brasil é operante e eficiente como propõe Barbosa (2011), esse é o racismo à brasileira de acordo com Nogueira (2006).

Tem gente que... Eu acho que quando as pessoas entram aqui já... Só aquele que entra aqui sem olhar muito, mas já sabe que é uma casa de negros porque os meus filhos vão estar aqui e eu vou estar também e então são pessoas que vão já pisando manso. Pode ser que olha e não percebe, olha e vai embora... aqueles que vão achar que esse não é lugar, não é ambiente para eles ou então o que acontece muito de passar aqui na porta, olha, vê como é o esquema e nem entra (Ayo, 2017).

E, ao ser questionada sobre como ela lida com alguma discriminação, ela responde:

[...] discriminação a gente vai sofrer sempre mesmo. Aqui dentro é difícil sofrer porque... tem e vai ter só que, existe assim, por exemplo, aqui dentro... É difícil falar. Aqui dentro, vamos dizer, tem um cliente e trás os amigos e as vezes os amigos não estão esperando um bar de negros, mas os outros já sabem então de repente pode surgir uma discriminação dessas pessoas que as vezes no olhar, não vão falar, é aquela coisa toda, eles vão ficar na deles e eu vou ficar na minha. Eles estão na minha casa né!? Então eles vão ter que respeitar isso, se não gostar pode ir embora. Já teve gente aqui que já entrou e eu falei: - Olha, se o senhor não quiser pagar a conta o senhor nem precisa pagar. Porque eu já tive gente mesmo que... eu não faço muita questão que..., que venha. Eu tenho isso comigo. De vez em quando acontece, semana passada aconteceu isso também. Um grupo, uns patricinhos, você vê que não era o perfil do bar porque que tem isso né!? Ai daqui a pouquinho começa a reclamar e tudo reclama ai chegou uma hora que eu falei: - Se você não quiser pagar a conta, não paga, não precisa. eu tiro do meu bolso e pago a sua conta. Já pra pessoa ver e seguir o caminho dele e então eu sempre faço isso, eu falo grosso, a gente tem uns desentendimentos, mas eu falo que eu não preciso daquele dinheiro entendeu!? Porque a gente trabalha, e a gente vai estar trabalhando então é um dinheiro que eu não... que não vai nem me fazer bem (Ayo, 2017).

Na fala da entrevistada fica evidente que a questão racial supera a questão econômica típica do ethos empresarial. O empresário (ao menos como foi nos ensinado) é uma figura que visa o lucro, mas ela prefere arcar com o prejuízo material do que tentar relevar alguma discriminação. Na fala de outra entrevistada, o respeito está muito ligado ao poder em bens materiais e títulos. Daomé, apesar de negra, possuía o mesmo poder aquisitivo das outras crianças e também viajou para a Disney.

No ensino médio, apesar de estar em uma escola de classe média onde o pai de todo mundo era dono de alguma coisa. Dono da farmácia, dono da padaria, dono de uma loja, todo mundo era dono, todo mundo lá tinha dinheiro, todo mundo lá tinha dinheiro, todo mundo foi para a Disney nas férias, todo mundo viajava, então quando eu estudava lá, lá eu não fui destrutada, as pessoas até me olhavam com reserva porque elas não sabiam de onde eu vinha e não sabiam de onde vinha o dinheiro, do conforto que eu tinha... Mas elas me respeitavam, porque o dinheiro tem dessas coisas, as pessoas respeitam o dinheiro, elas podem não te respeitar mas se você tiver um título ou um dinheiro... Não porque eu sou um mestrando, a pessoa não te olha diferente quando você fala que está no mestrado? Então as pessoas têm muito dessa coisa de não respeitar o ser humano, mas elas dão valor às coisas (Daomé, 2017).

Outra entrevistada fala que as pessoas estão mais propensas à sofrerem situações de discriminação por uma questão de poder. E essa construção de raça é também uma construção, uma relação de poder como afirmam Munanga (2003) e Hall (2003), um poder que perpassa as questões sociais e de raça:

[...] eu acho que elas são mais propensas quando são de classe mais baixa, mais propensas, não quer dizer que não aconteça. E não é só falando de mais pobre, quando você coloca em vários cenários uma pessoa que tem poder sobre outra que não tem, quando essa pessoa que tem poder ela não tem esclarecimento, ela faz questão de pisar. E ai não tem cor, não tem gênero e não tem nada. Entende!?! E o poder ele se dá de várias formas, não é só o dinheiro... enfim, as pessoas só não podem ter poder nessa vida. Eu acho que é uma parada muito complicada. É, eu acho que está muito ligada a isso a parada da discriminação (Zunduri, 2017).

Outro ponto que aparece nas falas das entrevistadas e que dependendo da ocasião é tão significativo quanto ou as vezes que a questão racial é o ser mulher, a questão de gênero. Apesar de não fazer parte do escopo do referencial teórico, a questão do gênero foi muito presente nas falas das entrevistadas e, somadas à questão racial, impacta no processo empreendedor.

Uma das entrevistadas destaca a importância histórica das mulheres empreendedoras negras. Mas, as falas das outras entrevistadas mostram que nem todas as valorizam, respeitam ou reconhecem essa importância e talvez, tão presente quanto ou mais que o racismo que está amarrado intimamente na nossa estrutura social, a mulher negra percebe o peso do machismo, o peso do gênero, o ser mulher “E” negra:

[...] as primeiras mulheres empreendedoras para mim foram as negras libertas do porto, que eram as quituteiras e a gente cria um método assim. As mulheres, para sustentar os seus lares, passaram a cozinhar para fora e sobreviver, sustentar. Então, por mais que existem políticas hoje voltadas, a gente teve uma grande melhora, teve pessoas que lutaram muito para isso, eu ainda acho que a gente ainda está passando por um novo ponto, um novo momento do empreendedorismo no Brasil (Zacimba, 2017).

Para mim pelo menos, pesa muito mais o fato de ser mulher do que de ser negra. Eu acho que nós mulheres nós somos muito... eu não vou dizer diminuídas..., mas somos preteridas. A gente chega nos lugares tendo que se provar e aí ser negra também.... Porque é uma escala né!? É aquela questão do homem branco, da mulher branca, do homem negro e da mulher negra. Então ser mulher já é um passo a trás, mas quando você é mulher negra é dois a mais. Só que isso, em alguns lugares, se você é mulher não tem essa de ser branca ou negra, você é mulher. Então você tem que estar sempre se provando. E tem umas questões que estão tão... Eu acho que tem umas questões em ser mulher que estão tão entranhadas na sociedade, tão entranhadas que a gente não percebe e eu acho que é isso, a gente não percebe. Diferente de ser negro. Porque quando você é negro e tem essa questão do racismo as pessoas estão ligadas no que elas não podem dizer e no que não fica legal você falar. Agora quando você é mulher não, porque as coisas estão naturalizadas e eu acho que é por isso que as mulheres têm vindo com tanta força em alguns discursos

e alguns temas porque são coisas inadmissíveis que acontecem todos os dias cotidianamente (Zunduri, 2017).

[...] eu acho que por conta dessas leis raciais, essas leis que agora pode ser preso, de injúria, as leis antirracismo, acho que as pessoas hoje estão mais cautelosas com esse tipo de coisa. Hoje não é que eu não sofra racismo, é claro que eu sofro, a gente sempre passa por algum comentário idiota, sempre tem alguém que faz algum comentário idiota, sempre tem alguém que faz um comentário idiota... Se não racista, sexista que um dia eu escutei de um homem, preto, que é claro que eu ia passar de ano na graduação com umas pernas desse tamanho, com a bunda desse tamanho então era claro que eu ia passar. Eu falei: - Meu amor, na minha faculdade só tem veado... e sapatão, mas só tem veado! Você quer mesmo falar para mim que eu passei em literatura portuguesa que foi uma matéria cascuda por causa do tamanho da minha bunda? Você presta atenção! Você presta atenção! As pessoas ainda são sexistas ainda, porque ser preto no Brasil é difícil agora ser mulher preta é pior ainda porque além de ter a dificuldade racial ainda tem a questão do gênero (Daomé, 2017).

[...] quando a gente fala de empreendedorismo, a gente sabe que as estatísticas são assim: 80, 90% são mulheres. A maioria são mulheres que sustentam as suas famílias, mas quando você vai levar isso para o ramo empresarial, quando é a mulher que está à frente, sempre tem olhares diferentes. Quem é a chefe? Ah, é ela! Sempre rola meio que uma barreira, eu não sei, eu sou por exemplo de uma banda que só tem homem e as vezes eu falo e ninguém escuta entendeu!? E isso é normal no dia a dia. Você fala e as pessoas passam por você e cagam para o que você está falando. Então é uma dupla aí, porque essa questão de gênero nesse país, ela é muito forte também (Hatshepsut, 2017).

Um dos entrevistados é casado com uma mulher branca há 22 anos e relata que em alguns espaços que eles frequentam é ela também sofre com a discriminação. É ela que é apontada como oportunista e interesseira, destacando um dos efeitos das intersecções entre gênero e raça, especialmente nas relações afetivas.

Bem, hoje a minha esposa, ela é branca, a gente tem 22 anos juntos. Hoje, hoje, nós temos um problema em alguns lugares porque as pessoas se referiam a ela como se ela fosse uma aproveitadora. Eles não sabem que ela tá há 22 anos comigo. Não é agora que eu tenho um negócio e eu arrumei uma branca. Entendeu!? Mal sabem que eu tenho 22 anos com ela e ela... Na verdade foi tudo construído nós dois juntos. Então hoje, a gente tem essa dificuldade que no caso, na realidade ela sofre mais do que eu porque é como que tá aproveitando agora que o cara.... (Shamba, 2017).

Outra entrevistada que também sente o peso de ser mulher e negra se mostra preocupada com a educação das crianças para no futuro romper com esse padrão que hoje se perpetua:

Eu falo que tem muitas amigas minhas que tem filhos e eu falo: - Cara, educa o teu filho homem porque as meninas pretinhas não tão aí de bobeira não! E as mulheres que tem filhas estão cada vez mais entendidas que elas precisam empoderar mais essas crianças desde cedo porque eu acho que a mulher é a base de tudo então se a gente não souber como lidar com as coisas, como levar as coisas, como conduzir, a

gente não vai conseguir ocupar todos os espaços e é educar, construir um novo olhar mesmo (Zacimba, 2017).

Um dos entrevistados, que é casado e tem um filho com uma mulher branca, afirma levar “brincadeiras racistas” na esportiva e já educa o filho, na idade de três anos, para que ele tenha uma consciência de raça o que está ligado com os estudos de Munanga (2003) quando ele afirma que raça é uma postura política. Essa postura do pai, essa preocupação, pode ser entendida como uma tentativa de fazer com que o filho não “compre” o ideal de branqueamento como exposto por Santos (2002), Hofbauer (2003), Rosa (2014), Oliveira e Pimenta (2016). Provavelmente um negro com maior consciência racial não tente manipular seu corpo e sua imagem para parecer menos negro, como é comum ocorrer e essa atitude foi identificada nos estudos de Sansone (2003).

[...] eu levo isso na brincadeira. Se pisar fora da água ai eu mostro também que o pretinho... Eu não dou mole não. A gente tem que ter orgulho da nossa raça, o meu filho, a gente fala primogênito né!? É da sua cor negra (apontando para o meu braço) e a gente fala pra ele: - Você é o que? E ele responde: - Negão! (Shamba, 2017).

Outra empreendedora entrevistada possui a mesma preocupação com a educação de meninas e mulheres e faz dessa preocupação parte do seu ofício e uma militância. Ela traz isso para o seu trabalho:

Eu acho que eu me reafirmei enquanto uma pessoa que produz moda Afro e eu não produzo só moda, eu trabalho com esse universo porque eu sou capacitadora de oficinas. Ministro oficinas de identidade para que as pessoas se conheçam e se reconheçam, Identidade, autoestima para que as pessoas se aceitem e se gostem e estética para que as pessoas se aceitem esteticamente como ela é. Se é com o nariz, se é com os lábios grossos, se é com a bunda grande, se é com o peito farto mas que as pessoas se reconheçam e todo o meu trabalho é pautado por essa questão. Eu trabalho com a questão de gênero, eu trabalho mais com meninas, com mulheres... Não que eu não trabalhe com homens, mas meu universo é mais feminino e a minha indumentária é unissex, é homem e mulher. Quando eu trabalho com oficinas eu prefiro trabalhar com as meninas e mulheres porque eu acho que elas têm mais dificuldade de enfrentamento. O homem tem uma coisa de, sei lá, mais vigor para enfrentar, sai logo na porrada, mas as meninas choram, as mulheres choram (Nzinga, 2017).

Para essas mulheres negras empreendedoras que entrevistei, era importante referências negras e ter contato com algo que elas pudessem estabelecer algum tipo de identificação. Isso, de certa forma, dialoga com a teoria dos espaços sociais de Sansone (2003), pois, uma vez que existam mais pessoas negras em um espaço, ele se torna de certa forma mais familiar e acolhedor.

[...] eu ganhei quando tinha uns seis anos de idade chamado Menina Bonita do Laço de Fita, hoje tem muitos livros com a temática negra para o infante, né!? Para as crianças, mas na minha época não tinha, então esse livro pra mim foi um marco e me marcou tanto que eu tinha ele até, sei lá, os 12 anos, 13 e eu fiz questão de dar para minha prima agora quando ela fez seis anos de idade e ela adora esse livro. Ela ama ler aquela história porque é uma história que reforça o ser negro e o quanto aquilo é geracional. Porque é uma criança que está num ambiente... no meu pelo menos, de pessoas brancas e você não sabia porque você era diferente então uma tia minha teve esse tino de me dar um livro voltado para crianças negras e ai foi o único momento da minha infância que eu me vi num nicho e entendi que aquilo não me fazia menor porque meus pais sempre colocaram isso pra mim mas na questão da cultura e de conhecer eu não tive muito isso porque não era prática dentro da minha casa (Zunduri, 2017).

[...] meu aniversário de 30 anos eu quero que seja das Spice Girls e eu não entendo porque que eu gostava tanto de Spice Girls na minha adolescência. Era o único grupo que eu via uma mulher preta ali e eu falava: - Caraca, eu quero aquilo ali! E hoje pra mim isso é mais claro do que quando eu era adolescente. Tem coisas que a gente só reconhece agora (Zacimba, 2017).

E eram raros os momentos em que os entrevistados encontraram negros em posições de certo prestígio e isso é fruto da construção do que é ser negro como abordado por Santos (2002), Munanga e Gomes (2006) Hofbauer (2003) e Rosa (2014). Professores negros mesmo foram pouquíssimos ao longo da formação dos empreendedores entrevistados. Uma das entrevistadas relembra o conceito de preconceito racial “de marca” proposto por Nogueira (2006), conceito que também (em uma releitura de trabalhos baseados no autor) é conhecido como colorismo. Esse conceito aliado ao conceito dos espaços sociais de Sansone (2003) explica a ausência de negros em posições de prestígio (apesar de que afirmar hoje que professor é uma posição de prestígio pode ser problemático), e quando há um negro nessas posições, geralmente, ele tem a pele mais clara, os cabelos mais lisos e menos traços negroides. O negro em posições de prestígio é geralmente um negro mais claro pois está mais próximo do ideal de beleza eurocêntrico.

Olha, professores negros tinha o Marcelo que eu lembro, funcionários negros tinha o inspetor de aluno, não tinha muitos... Madureira tinha o Edson, o Marcelo voltou para Madureira também, era a mesma pessoa porque era uma rede. O Marcelo... bem não tinha, no Miguel Couto então eu nem me lembro se tinha professor negro no Miguel Couto, Miguel Couto professor negro? Funcionário negro? Eu não lembro..., mas lá não tinha, lá não tinha. Eu, eu, era muito difícil, eu não me via era engraçado porque eu não conseguia me identificar com os professores, eu não conseguia ver nenhum professor que fosse parecido comigo era todo mundo muito distante, todo mundo muito distante (Daomé, 2017).

Eu tinha uma professora negra no IF e ai entraram mais dois agora, apesar de ter vários professores voltados para a linguagem negra mesmo sendo brancos e agora tem mais lá no IF. No ensino médio não me lembro a não ser a minha madrastra que era professora de lá, mas que não me deu aula. Na escola técnica não, não tinha. Eu

até já pensei em ser professora, mas eu acho que não dou pra isso não eu até pensei em fazer um mestrado voltado para a lei 10639 em educação, mas não tem como juntar tudo isso que eu faço e um mestrado ainda e eu não sei... talvez.... (Zacimba, 2017).

Eu estudei, no fundamental, durante uns oito anos assim eu fui do CA até a oitava Série então foram oito anos na mesma escola. E ai era sempre eu e mais um, eu e mais dois, sempre assim, sempre assim. E, assim, contando que hoje existe a questão do colorismo que eu não sei se você está muito ligado ao que é mas o colorismo é você ter pessoas negras de vários tons de pele sendo que antes não, antes a gente chamava muita gente de Moreno, né!? Então, sem essa questão do colorismo, falando de pessoas negras com a pele mais escura eu era sempre uma, duas..., três no máximo. Entende!? E isso era, falando ainda da escola particular tá!? Isso era relacionado aos alunos e ai quando chegava nas pessoas tipo, os professores eu tive, sei lá, em todos esses oito anos, um professor negro e também não era um professor negro com a pele escura, era considerado o moreno da época (Zunduri, 2017).

De acordo com uma das entrevistadas a mesma teoria do “preconceito racial de marca” de Nogueira (2006) (colorismo) é utilizada para justificar a discriminação que ela não costuma sofrer, pois é a entrevistada mais clara do grupo e afirma que seu fenótipo é uma arma para acessar espaços que pessoas com a pele mais escura, com mais marcas, como proposto por Sansone (2003) e pelo próprio Nogueira (2006), não ocupam. O branco, ou o negro quanto mais claro, representa o ideal da política de estado de branqueamento (OLIVEIRA; PIMENTA, 2016), que além de política de estado possui uma reprodução simbólica na sociedade (SANTOS; SCOPINHO, 2015; HOFBAUER, 2003;).

Cara, eu não porque eu sou uma preta aceitável né!? Entendeu!? Então eu uso esse meu fenótipo pra... Como arma inclusive para poder acessar espaços que por exemplo um irmão mais retinto, com feições mais fortes não se infiltraria com tanta facilidade. Eu sofro mais pela questão de ser mulher até por conta do... Fisicamente falando, quando eu abro a boca ai a questão já é outra porque quando eu começo a falar do projeto, do viés que é... (Hatshepsut, 2017).

Existe uma forte correlação entre o ser negro e ocupar espaços menores e isso leva muitos negros a manipular suas imagens (para mais brancos) a fim de ganhar posições de prestígio social e poder como revela os estudos de Sansone (2003). Nesse sentido, Munanga (2004) elucida que há negros que “compram” a ideologia de branqueamento e, parte disso, de acordo com os estudos de Santos (2015), deve-se ao fato que esses negros querem acreditar na igualdade, acreditar que essa construção de raça (HALL, 2003; HOFBAUER, 2003) não é efetiva. Entretanto as evidências de que a raça conta são muitas, de acordo com um dos entrevistados o racismo começa, ou, melhor dizendo, se revela quando você “senta no pátio” da empresa e percebe que os negros estão ocupando posições menores:

[...] quando você trabalha em um lugar onde a maioria não é negra e a renda é maior a discriminação já começa desde você sentar e olhar pro pátio e ver que as pessoas que são pretas ou estão limpando ou carregando alguma coisa. Não fazendo um serviço administrativo ou sendo um gerente ou analista de algum negócio. Já começava por ai. Foi ai que eu senti o impacto real do preconceito que era velado mas que acaba se revelando no cotidiano de trabalho (Tenkamenin, 2017).

E esse estereótipo de o negro ocupar uma posição inferior no mercado de trabalho aparece na fala de uma das entrevistadas que passou por uma situação onde percebeu a construção do ser negro (SANTOS, 2002) afetando sua vida diretamente. Outra professora, que também hoje é empreendedora, relata uma experiência semelhante dessa percepção de racismo no local de trabalho.

No dia que eu levei o memorando para me apresentar na escola eu cheguei na escola e fui atendida pela secretaria e fale para a secretaria – Eu queria falar na direção da escola porque eu estou trazendo um memorando porque eu vim para cá, para trabalhar aqui próximo de casa porque estou com um problema na perna e preciso trabalhar próximo de casa. E ela: - A senhora aguarda. Eu era bem mais jovem: - Você aguarda. Ai eu aguardei e quando a diretora veio ela me deu bom dia e eu falei: - Eu trouxe o memorando que eu estou vindo transferida para cá... E ela: - Ah minha filha, você me desculpe, mas eu não tenho lugar nem para merendeira nem para faxineira (Nzinga, 2017).

De fato, a posição do negro está socialmente consolidada na base da pirâmide, os espaços sociais (SANSONE, 2003) são muito bem definidos e os negros que ocupam outros espaços que não os “reservados socialmente para eles” podem ser acostumados, condicionados, a responder a essa situação de forma a não produzir um enfrentamento direto mais enfático.

Ai eu contei até dez, fiquei muito mal, contei até dez porque minha vontade foi de ter uma explosão, mas eu falei assim “não essa raiva tem que ficar para dentro”. Abri a minha pasta e coloquei os meus diplomas todos, todo o meu memorando que eu estava vindo como professora de português para a escola, ela ficou muito mal, ficou vermelha ela era muito clara e ela ficou muito vermelha, me pediu licença e foi lá para dentro. Ela deve ter ido se refazer, né!? E voltou. E eu fiquei, naquele momento que ela foi lá eu falei: - Eu vou embora, não vou ficar aqui, mas ai depois eu pensei “não, eu vou ficar aqui”, aqui é meu lugar, eu moro aqui. Eu já era casada, meu filho está sendo criado aqui e eu vou ficar aqui. Eu vou botar esse racismo dessa mulher abaixo e eu trabalhei nessa escola e me aposentei nessa escola e revolucionei a escola porque eu sempre fui militante do movimento, né!? (Nzinga, 2017).

Outro trecho seguinte, extraído da fala de uma outra entrevistada deixa ainda mais evidente o racismo institucional. Segundo Sansone (2003), os negros procuram empregos públicos, pois esses são áreas menos duras, uma vez que o ingresso por meio de concurso público evita que a aparência determine a entrada. No entanto o racismo é institucional, como

revela os estudos de Silvério (2002), Arantes (2007), Munanga e Gomes (2006) e Oliveira e Barreto (2003). Esses autores afirmam que o racismo permeia as instituições e de fato ele se encontra institucionalizado.

Como proclamado por Santos e Scopinho (2015), no início desse estudo, o racismo se transformou com o passar do tempo e continuou existindo. No estudo de Barbosa (2011) fica evidente que as existências de leis não garantem a sua efetividade e existem margens obscuras que colaboram para que aconteça casos como o relatado por uma de nossas entrevistadas:

Entrei no mercado de trabalho e fui, e por mais que tinham pessoas que atentavam contra o meu trabalho... Que eu fui para uma escola, que a coordenadora da escola ela não me dava os trabalhos, ela dava para outra, ela priorizava outras que ela ia para a escola até com diarreia e a justificativa que ela deu foi essa, que ela nunca faltava as aulas. E eu tudo bem, só que essa escola foi municipalizada e eu tive que procurar uma outra escola. E eu fui para outra escola e o engraçado é que eu fui para várias escolas com vários racistas de merda. Nessa outra escola que eu fui, em São João do Meriti, Eduardo Teles, o diretor era declaradamente racista tanto que eu sentia... Uma certa negativa para fazer certas coisas aí quando ele foi escolher os horários, você tinha que escolher se poderia trabalhar dois dias ou três dias e tem a questão do turno da manhã e da tarde aí ele falou que o turno da manhã iria quem chegou primeiro. Ah, quem chegou primeiro pega o turno da manhã, só que tinha duas novatas, eu e a Fabiana, só que a Fabiana era branca. E ele deu o turno da manhã para a Fabiana só que a Fabiana chegou depois de mim (Daomé, 2017).

Apesar do serviço público ser atrativo para os negros como exposto por Sansone (2003) isso não quer dizer que os negros não sofram racismo em instituições públicas. Essa mesma entrevistada sofreu uma série de outros problemas nas escolas onde trabalhou, mas ela evita falar diretamente do assunto. Ela trabalhou por alguns anos na rede estadual e depois acabou afastada do trabalho e aposentada muito jovem.

Acabei tendo uns problemas na escola e eu não pude continuar, acabei saindo que... Eu tive... Eu fui agredida por alunos, fui a... Eu tive caso de agressão, dois casos de agressão, depressão e eu não ia dar conta e eu tive que sair. Quando eu sai eu comecei a ficar mais aqui com a minha mãe só que era uma coisa que me fazia muita falta porque fazer acessórios é uma coisa que me relaxa muito e me fazia muita falta. É uma coisa que me diverte, que eu fico satisfeita em ver o final, me relaxa porque apesar de ser uma coisa que eu faço há tanto tempo, continua me relaxando e apesar de ter milhões de pessoas fazendo bijuteria eu tava fazendo com diferencial (Daomé, 2017).

Um dos empreendedores entrevistados, cuja a grande maioria de seus clientes são negros, afirma perceber uma certa tensão racial nas relações comerciais que ele trata logo de amenizar, pois o estabelecimento comercial dele atende brancos e negros:

Ai vei é tranquilo véi, ooooo maior barato tanto religião, cor e tal, raça né!? Tudo aqui é padrão. Todo mundo que chega aqui tanto católico, umbandista, candomblecista, kardecista, mesa redonda, mesa quadrada... Tudo véi, homossexual, lésbica, eu abraço todo mundo, eu abraço todo mundo, eu fui ensinado. A minha vida, independente do que eu passei, do meu sofrimento, eu não absorvi isso pra mim em questão de “eu sofri pra caramba que se dane o resto” Não, eu sou diferente. Eu abraço todo mundo e não tem essa não, da mesma forma que eu trato o branco, o negro... eu beijo todo mundo, é tudo no respeito. Não tem isso comigo não. A dinâmica aqui é bacaníssima, todo mundo que chega aqui escuta tudo entendeu (ele se refere ao som, é quase uma boate). Chega branco, preto... Chega uns amigos meus zoando né!?: - Tu vai cortar cabelo de branco aqui? E eu: - Pelo amor de Deus, parou né!? Parou! Não tem isso aqui não (Saeed, 2017).

Como abordado por Santos e Scopinho (2015), não houve nenhum a regulamentação de nenhum regime separatista racial no Brasil. Muito pelo contrário, foi criada uma ideia no imaginário brasileiro de democracia racial. No entanto, um outro empreendedor fala um pouco da discriminação que sofre no seu trabalho e compartilha de uma preocupação semelhante, um crescente discurso de um movimento separatista que se espalha no Rio de Janeiro:

[...] a gente não tem como falar muito disso porque a gente não tem muito problema com isso. Claro quem sente mais isso sou eu quando tô fazendo evento na zona sul. Isso a gente já vê de cara. Tipo: - Como é que é essa sua cerveja? a cerveja veio da favela mesmo? você que fez? mas você filtrou a água? Entendeu? Então meu, são umas coisas meio ridículas. Mas eu administro bem, a única coisa que eu acho que com a questão racial tem que tomar muito cuidado é pra não separar. Tá tendo um movimento separando. Inclusive, tem gente que... A questão racial é muito complicada, tem gente que é assim, é fechada pra isso. Eu sou um lutador também, eu luto por ser negro. Acho que tem que aproveitar oportunidade mesmo e ir buscar, mas não tem que pensar em separar, entendeu? A gente tem que mostrar dados e fatos. Que a gente tem que ter oportunidade de igual para igual para todo mundo, mas não tem que separar. Tem algumas pessoas que estão meio que separando as coisas (Shamba, 2017).

Por ser um negro de pele mais clara e por residir no bairro de Botafogo, Zona Sul do município do Rio de Janeiro, passei por algumas situações desconfortáveis (se é que eu posso colocar assim) à medida que eu conhecia pessoas para realizar a pesquisa. O negro de pele e traços mais claros, como proposto por Nogueira (2006), possui certos “privilégios” que os negros com mais traços negroides não possuem. No entanto, de certa forma esses negros estão em “um lugar nenhum”. E é nesse “lugar nenhum” que me encontrei (ou encontro): branco demais para alguns espaços do morro e da baixada fluminense e preto demais para a Zona Sul. Uma das entrevistadas, assim que estabelecemos os primeiros contatos, me introduziu a um texto que faz refletir que essa “discórdia” é propositalmente construída, tanto como o racismo. Acredito que ela, por ser a mais clara do grupo de entrevistados (mais clara até que eu),

também tenha essa sensação de “não lugar”. Trata-se de uma carta¹¹ atribuída Willie Lynch¹² que 1712 diz ter descoberto uma forma de manter o controle entre os escravos, segue um trecho:

Verifiquei que entre os escravos existem uma série de diferenças. Eu tiro partido destas diferenças, aumentando-as. Eu uso o medo, a desconfiança e a inveja para mantê-los debaixo do meu controle. Eu vos asseguro que a desconfiança é mais forte que a confiança e a inveja mais forte que a concórdia, respeito ou admiração. Deveis usar os escravos mais velhos contra os escravos mais jovens e os mais jovens contra os mais velhos. Deveis usar os escravos mais escuros contra os mais claros e os mais claros contra os mais escuros. Deveis usar as fêmeas contra os machos e os machos contra as fêmeas. Deveis usar os vossos capatazes para semear a desunião entre os negros, mas é necessário que eles confiem e dependam apenas de nós. Meus senhores, estas ferramentas são a vossa chave para o domínio, usem-nas. Nunca percam uma oportunidade. Se fizerdes intensamente uso delas por um ano o escravo permanecerá completamente dominado. O escravo depois de doutrinado desta maneira permanecerá nesta mentalidade passando-a de geração em geração”.

Um estudo realizado pelo SEBRAE Rio, em um dos resultados, agrega a categoria pardo à categoria brancos, enquanto que o IBGE agrega pretos e pardos na categoria negros e separa dos brancos. O trecho da pesquisa do SEBRAE que utiliza essa metodologia de pesquisa apresenta essa configura racial da seguinte forma: “Estendendo as questões acerca do perfil dos sócios, foi perguntada qual a cor/etnia que se enquadravam. Destes, cerca de 78% disseram que seu sócio é preto. Os que afirmaram que são pardos ou brancos tiveram percentual igual: 11,1%.” (SEBRAE, 2017, p. 52). Não descarto qualquer equívoco na complicação dos dados e seria no mínimo leviano de minha parte afirmar aqui qualquer coisa, mas no ambiente em que me vejo inserido hoje, eu observo algumas questões com preocupação.

Quando subi o morro, os lugares por onde eu passei e com as pessoas com as quais estabeleci contato, eu ouvi coisas do tipo “Bicha preta só pode namorar Bicha preta”. Ou que só deveríamos comprar de pequenos fornecedores e de periferia. Fui inserido em grupos exclusivos para negros e no Rio de Janeiro tem um aplicativo onde você contrata qualquer tipo de serviço ou compra produtos de um comerciante negro. Essas questões me fazem refletir, especialmente, quando eu me deparo com o mesmo discurso sendo reproduzido pelos meus entrevistados.

¹¹ Esse trecho está disponível no portal Geledes e em vários outros portais, não consegui localiza-lo em algum artigo. Em algumas fontes dizem que ele fez várias palestras para disseminar o seu método que controlaria os negros por no mínimo 300 anos. Link: <https://www.geledes.org.br/carta-de-willie-lynch/>

¹² Acredita-se que a origem da palavra linchar deriva desse sobrenome, afinal linchar em inglês é to Lynch, em inglês.

Eu evito de ir em lugares que tem muito branco, eu já não consigo mais. Isso é ruim por um lado... Por exemplo minha questão religiosa tem pessoas de todas as cores e aí no meu atual Johrei Center o meu ministro é negro e aí isso de alguma forma tipo é um peso, um equilíbrio, eu não sei mas na minha religião é muito diverso e eu não sinto isso que eu sinto em outros lugares. Eu não vou para uma balada, uma balada com uma galera de elite, não vou, eu não consigo. Eu não consigo estar na Zona Sul por muito tempo, eu me sinto incomodada e aí eu acabo me tornando uma pessoa pedante porque “ah eu sou negra e estou aqui também” e eu acabo usando de força e eu não gosto eu gosto de ser uma pessoa mais... Como eu te falei, eu já fui muito extremista. Então, acaba que os lugares que eu estou hoje, mesmo quando são pessoas brancas porque são pessoas de periferia elas já entendem e já aceitam. (Zacimba, 2017).

No meu ambiente!? Internamente é tranquilo né!? Porque a gente só trabalha com afro empreendedores então a gente está se sentindo em casa, mas sempre quando a gente vai levar pra fora, tem que ir muito embasado nos argumentos, nos dados estatísticos para poder falar que a gente não está sendo racista. É isso [...] sempre tem isso: - Mas isso não é racismo você trabalhar só com negros? Esses dias mesmo eu estava refletindo se a gente precisava ser mesmo com 100%... só que essas são coisas que a gente não deveria estar pensando, se eu abro cota para branco!? Sabe? É, é sério!, é sério. É isso (Hatshepsut, 2017).

Eu acho que por isso, eu vou vendo muitos jovens abrindo um negócio e correndo atrás, correndo atrás mesmo. E eu ainda acho que aqui ainda vai ter um bairro igual aos Estados Unidos, um bairro de negros que vai fazer uma economia toda voltada para aquele lugar, entendeu!? Você vai estar ali naquele espaço e aquele espaço... E eu já falei até com alguns amigos meus, eu não sei como, mas vendo daqui há cem anos eu acredito que vai ter um espaço, um lugar que seja... Eu não estou falando nada de racismo, mas eu acho assim, que a força que vocês estão tendo hoje, eu acredito que no futuro vai estar tão fortes, mas tão forte que vai ter um espaço que vai estar todos os empreendedores negros ali e vai ter uma economia só para aquele lugar porque tá vindo uma força muito grande em cima de vocês, dos jovens, e eu estou achando isso muito legal. Até mesmo a criação de indústrias, eu acho que o momento não é esse, a conjuntura está ruim, não está dando para pensar nisso, mas acredito que futuramente vai estar muito bom porque vocês estão em um momento crítico de crise, mas estão com uma força muito grande. E quando passar isso aí eu tenho certeza que esse lugar, nem que seja lá de cima, eu vou ver. Nos Estados Unidos não tem um lugar assim? (Ayo, 2017).

Eu entendo que tem um não dito por trás de todas essas histórias. Sei que o racismo pode deixar cicatrizes profundas que mesmo nos dias de hoje trazem à tona toda as emoções de um passado bem difícil, como conta uma das entrevistadas quando recebeu uma solicitação de amizade no *facebook* vinda de um de seus agressores da infância.

Ai agora tem dois anos que ele me mandou solicitação de amizade no *facebook*. Eu olhei para aquilo ali eu eu vou te falar, eu chorei de madrugada, eu chorei durante horas porque a sensação que eu tinha quando eu via a cara dele era como se tudo estivesse voltando. Aquela tempo, por mais que eu tivesse batido nele, por mais que eu tenha vencido algumas batalhas, a ferida que ele fez foi muito grande porque ele ficava criando grupos para me hostilizar e eu fiquei chorando a madrugada inteira. Eu estava me sentindo tão... Eu me senti tão... Foi como se eu entrasse na máquina do tempo e revivesse aquilo tudo de novo, aqueles momentos que eu tive sabe!? (Daomé, 2017).

Acredito que talvez o meu incomodo com todas essas ideias seja porque, de certa forma, parte de mim concorda com elas. Acho a ideia do Shopping Afro brasileiro muito válida. O portal de feira on-line para comerciantes negros também, mas essas questões me deixam no mínimo pensativo.

Ao longo das entrevistas, eu pude perceber que os empreendedores negros que entrevistei sempre possuíam um algo a mais ligado ao seu negócio, uma militância, uma questão social e isso foi tão marcante que ao final de algumas entrevistas eu questioneei: Qual é o significado do seu trabalho?

Liberdade brother, liberdade financeira! É bacana de mais isso! Você tem pessoas que, pela necessidade, aturam e engolem sapo. Agora, quem tem o dom, quem tem talento, quem tem disposição, eu acho bacana tentar arriscar o novo. O novo dá medo pra caramba. Tu sai de um trabalho de carteira assinada ganhando mil reais sem saber o que tu vai comer amanhã, é bacana, eu acho o máximo a liberdade financeira você vê o empreendedorismo... O novo, a galera pensar, ter uma ideia bacana e tocar pra frente sem medo (Saeed, 2017).

Qual é o significado do meu trabalho!? É porque eu acho que não é um mero trampo, né!? É um trabalho com uma rubrica embaixo, tem uma explicação. Eu faço isso porque acredito que a gente pode viver do que a gente gosta de fazer. Meu pai falava muito isso, você tem a sorte de de toda geração da nossa família, primo e não sei o que você trabalha com o que você gosta. É, eu trabalho com o que eu gosto, eu trabalho com eventos e trabalho com o que eu estudei também, tive a opção de estudar. Então o significado é isso, é o reconhecimento é me auto afirmar e dizer que é possível você fazer o que você quiser e é possível ganhar dinheiro fazendo o que você quiser e eu acabo sendo espelho para outras pessoas (Zacimba, 2017).

Eu começo a entender isso no final de 2015 que é quando eu volto das viagens internacionais que eu faço pela agencia para representar a feira Zacimba's para ser um exemplo de metodologia de combate para a educação através da metodologia da agencia porque a gente entendeu que a feira Zacimba's falava sobre o desenvolvimento da mulher, pessoal, o desenvolvimento da autoestima e como ela combate a violência que o homem da família seja ele filho, sobrinho, marido, avô que sofre dentro da periferia, porque o homem negro é o mais visado pela polícia e como que essa mulher ela combate isso. A mulher, dentro da tradição ancestral ela é a ama, ela é a mãe de tudo e ela cuida dos seus e cuida dos do vizinho. Esse olhar também eu só entendi depois de ouvir essas histórias (Zacimba, 2017).

Uma das entrevistadas fica feliz quando reconhecem suas peças e sua feira e trabalha não só pelo dinheiro, mas por reconhecimento.

As pessoas me respeitam pelo que eu faço, é pelo meu trabalho, não é nem pelo dinheiro, é pelo meu trabalho, as pessoas reconhecem o meu trabalho. Esse tipo de valor, esse eu gosto. Tipo, tem umas três semanas, a gente fez uma feira de gastronomia e a menina do hambúrguer que expõe na nossa feira chegou e falou assim: - Essas são as produtoras que eu mais respeito! Ela faz várias outras feiras, mas ela chegou para uma expositora vizinha dela e: - Faz a feira delas que é boa! Esse é o reconhecimento que eu quero. Que as pessoas olhem o meu produto e falem: - O produto dela é bom, eu gosto, olha a feira dela! é boa, eu gosto. É esse reconhecimento que eu quero ter até porque dinheiro acaba né!? (Daomé, 2017).

Um dos empreendedores entrevistados afirma que o sucesso que ele alcançou ele deve ao fato de ser negro. Ele é um cara improvável no meio que atua, abriu um negócio improvável em um local improvável (essa é a minha leitura) e acabou se tornando um grande empreendedor. E ele atribui esse sucesso à sua identificação enquanto negro.

[...] eu tenho certeza. O nosso trabalho, que a gente tem feito aqui, muitas pessoas me abraçaram porque eu também sou negro. Você entende!? Porque o cara da favela, negro, tá correndo atrás... Que não me fiz de tadinho em nenhum momento e eu odeio isso. Eu nunca me deixei levar pelo não posso, ah não dá, é impossível... Impossível gente, é só uma opinião. Opinião, bem, você pode tudo. Na realidade nós podemos tudo. O cara vai dizer um não para você, mas existem 10 sins mas é só você buscar. É igual brecha de advogado, é só estudar que tem uma brecha. Então eu procuro fazer isso, já me disseram 50 não, mas eu sempre busquei brechas e estou aqui até hoje por conta disso. Não dá de um jeito, mas dá de outro e eu vou buscar conhecimento, mas vou chegar lá. A, mas não pode por quê? Quando eu criei essa cerveja do Complexo do Alemão me disseram que não podia colocar o nome de lugar na garrafa, puro preconceito. Ai fui lá, arrumei advogado, fui em outro, fui em outro, fui em outro fui em outro e provei que existe Teresópolis, que é um nome de lugar, existe Petrópolis que é um nome de lugar, existe búzios, a cerveja búzios que é um nome de um lugar e esse lugar... Então porque não? (Shamba, 2017).

Outra empreendedora responde que está muito feliz e que esse trabalho é a realização do sonho dela e que está contente por estar com os filhos e por receber as pessoas, inclusive por me receber (parte dessa fala já foi colocada aqui nessa discussão). Mas, em outro ponto da pesquisa, ela revela informações de uma pesquisa que ela estava ajudando a desenvolver no seu trabalho, uma pesquisa que diz muito sobre a história dessa empreendedora em especial.

[...] eu inclusive fazia pesquisa também e eu estava vendo uma pesquisa que eu estava fazendo... Ia fazer um trabalho com umas diretoras de um fundo de pensão e a gente ia traçar justamente isso, a diferença do homem e da mulher no trabalho. E historicamente, a gente tinha observado que podia colocar uma mulher e um homem começando em uma empresa com o mesmo salário e o mesmo cargo, né!? E tem uma vida laboral, até que ponto!? Vamos falar, daqui há 20 anos e vamos ver como é que estão a vida dos dois, né!? Até se aposentar. E quando chegava na aposentadoria a gente verificava que o homem quando se aposentava a gente verificava que ele já tinha comprado casa, carro e tinha vários bens e a mulher mesmo com aquele cargo ela não conseguia ter o mesmo tipo de bens que o homem conseguia ai a gente foi analisar isso, porque, geralmente não eram nem casadas, eram tias mas a mulher ajudava um sobrinho, ajudava um irmão que tava não sei onde, ajudava os filhos e então a mulher ela fazia uma distribuição de renda, né!? E eu acho que no final desse período para a aposentadoria, eu acho que ela poderia estar até mais feliz do que o próprio homem que construiu bens materiais, mas ela via que conseguia ajudar a mãe, conseguia ajudar... Não conseguia acumular bens materiais, mas no final tinha essa coisa toda de estar ajudando todo mundo e isso acontece muito, isso acontece muito mesmo. E foi nesse estudo de caso que a gente viu, foi comprovado (Ayo, 2017).

Realmente é um caso comprovado e eu estava com um exemplo vivo na minha frente. Outra empreendedora faz uma reflexão sobre o próprio trabalho e revela o sentido que ele possui.

Eu acho que quando a gente decide trabalhar com o que gosta, com o que você se identifica, você vai procurar algo ali que tem dentro do seu cotidiano então eu acho que toda a vivência que a gente teve, eu e o Antônio que é o meu marido, quase tudo a gente fez junto. O cotidiano de onde a gente mora que é ali na subida do Turano, as questões do Rio de Janeiro de violência, de violência policial, todas perpassam pela questão racial por todos os motivos. Todos os problemas sociais perpassam pela questão racial e nos levam a construir o nosso trabalho em cima disso. Entendeu!?! Todo o meu trabalho hoje ele veio do meu início de trabalho artístico, que a gente começou com a música como forma de contestação social e a partir dessa música foram se criando outros braços desse trabalho de contestação social que para além da música veio para a prática com trabalho social em escolas, com eventos de rua, em feiras culturais e agora com o Hatshepsut's que é onde a gente consegue aglomerar as pessoas. Então assim, não tem como separar a questão racial do nosso trabalho. Principalmente a gente que trabalha com arte né!?! Eu acho que quem trabalha com arte e educação tem isso muito latente, isso como uma missão, sei lá meio que uma obrigação. Você se sente meio que indo na contramão se não for por esse caminho. Eu levo isso muito como missão de vida, tenho que fazer isso, eu não me vejo fazendo outra coisa, não me vejo (Hatshepsut, 2017).

Outra empreendedora que nessa pesquisa recebeu o nome de uma rainha, militante do movimento negro, feminista e estudantil. Empreendedora que além da confecção de roupas trabalha em várias ações sociais para auxiliar a população negra e as mulheres negras empreendedoras revela porque, mesmo depois de aposentada continua trabalhando.

Meu trabalho hoje tem um significado, ele não é um trabalho que eu vou sobreviver, ele é um trabalho que me dá alegria, é um trabalho prazeroso, é um trabalho que eu quero fazer o tempo todo. Já ouvi uma época que ahn ahn ahn (fazendo gesto de cansaço), hoje não, é um trabalho mais light, mas eu não quero deixar de fazer minhas roupas, não quero deixar de vender as minhas roupas e eu tenho uma alegria profunda quando eu vejo alguém usando as minhas roupas. Fico feliz quando alguém compra e usa e eu acho que isso hoje me alimenta enquanto pessoa, isso me dá vigor, me dá alegria, me dá prazer, é uma coisa mais prazerosa, é uma coisa mais prazerosa (Nzinga, 2017).

Pude notar nas entrevistas que os empreendedores negros carregam um pouco de si para os seus negócios e, de fato, seus empreendimentos significam bem mais do que um meio de sobrevivência, uma fonte de renda ou um meio para ascender socialmente. Esses empreendimentos são formas de expressão, de militância e superação. E a raça, esse lugar que foi construído socialmente para o negro, é elemento fundamental nesse processo, pois essa construção social, histórica e cultural afeta a vida dos negros atuando como determinante estrutural na construção das relações que são estabelecidas entre as pessoas e a maneira como esses veem o mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, a proposta foi analisar como a raça influência no processo empreendedor dos negros. Para tanto, o referencial teórico utilizado foi pautado em Sansone (2003), Nogueira (2006), Munanga (2003), Munanga e Gomes (2006), Hall (2003), Oliveira e Barreto (2003), Santos (2002), Hofbauer (2003), Hasenbalg (1982), Gonzáles (1982), Santos e Scopinho (2015), Nascimento, et al., (2015), entre outros.

Em termos metodológicos, desenvolvi uma pesquisa de abordagem qualitativa. Utilizei como técnica de produção de material empírico para o estudo entrevistas semiestruturadas com nove empreendedores negros e análise interpretativa como base para analisar o conteúdo do estudo, de acordo com Minayo (2012).

Baseado na fundamentação teórica, as falas dos nossos entrevistados foram analisadas de acordo com o modelo do processo empreendedor Baron e Shane (2015) que destacam três pontos essenciais para avaliar o empreendedorismo: (1) reconhecer uma oportunidade; (2) reunir os recursos necessários para o desenvolvimento dessa oportunidade; e (3) lançar o empreendimento novo administrando o seu crescimento e colhendo as recompensas.

Os negros entrevistados tiveram a vida impactada pela construção de raça e do “lugar” do negro na sociedade. E isso acaba se refletindo em vários aspectos de suas vidas e, especialmente, nos seus empreendimentos, objeto de estudo dessa pesquisa. A identificação de uma oportunidade ou a ideia de abrir o próprio negócio para a maioria deles começou desde ainda na infância ou adolescência por observar e contribuir com o trabalho dos pais que empreendiam, mesmo com empregos fixos e públicos, para melhorar a renda e sustentar a família.

Outro caminho de empreender apresentado para os entrevistados foi o incomodo com a realidade, com a escassez de negros em espaços de visibilidade e prestígio ou com a percepção de escassez de produtos que valorizem os negros ou a cultura negra. Cada um, a sua maneira, com sua percepção e bagagem de história de vida, identificou no dia a dia de estudos/trabalho uma oportunidade para abrir o seu negócio e assim lutar por espaço, deixar o “lugar” que foi naturalizado para pessoas negras e dessa forma surgem esses empreendimentos.

Quanto à captação de recursos, planejamento ou desenvolvimento dessa oportunidade os negócios, em sua maioria, começaram com pouco ou nenhum tipo de planejamento. Os negócios foram amadurecendo com o passar do tempo e o aprendizado ocorreu por tentativa e erro e o negócio foi sendo incrementado aos poucos.

Os negros representam, ainda, a parcela da população mais pobre economicamente e sofrem com a dificuldade de acesso à educação. Dificuldade essa que pode ser observada na região metropolitana do Rio de Janeiro, onde a questão econômica resulta (ou soma) a uma exclusão geográfica, e tem como efeito a maioria dos negros residirem nos morros e favelas nessa localidade. Isso faz com que os empreendedores negros tenham dificuldade de ter um capital inicial para abrir seus negócios, mas, também, de acesso, inclusive físico, as instituições financeiras e ao poder público.

Os empreendedores entrevistados aprenderam a trabalhar com pouco recurso e fazem uso da criatividade, inovação e de uma rede de feiras étnicas que é forte na cidade do Rio de Janeiro para o desenvolvimento de suas atividades. Espaço físico é uma dificuldade desses empreendedores. Poucos possuem um espaço físico, uma loja, para comercializar seus produtos ou prestar serviços. Para vencer as dificuldades com o espaço físico, além das feiras os empreendedores usam a tecnologia, a internet e aplicativos de redes sociais para aproximá-los dos clientes. Muitos empreendedores citaram em suas falas o uso da tecnologia, mas compreendi isso como uma extensão das relações sociais, eles não possuem ferramentas extremamente tecnológicas, mas fortalecem os “irmãos”. Eles consomem dentro de seus ciclos de contato e promovem outros empreendedores negros, e nos passeios pelo Rio ouvi falas extremas de pessoas que nem água compram fora da sua comunidade.

Boa parte dos empreendedores não são empresários pois um comércio no Rio de Janeiro, especialmente em algumas áreas, requer muito investimento e os negros ainda são uma parcela da população que possui menos acesso ao capital. O fato de serem empreendedores, mas não empresários, fez com que eles se reconhecessem empreendedores tardiamente, o mesmo não ocorreu com o entendimento sobre raça. Todos os entrevistados sabiam que eram negros, se reconheciam como negros desde crianças e, depois, quando adultos, as questões do “ser negro” no Brasil foram reforçadas por situações e elementos externos.

Quanto à administração e o crescimento do negócio, muitos entrevistados enfrentam hoje dificuldades e buscam alternativas para sair da “crise” que afeta o estado e município do Rio de Janeiro. Os prestadores de serviço e os comerciantes, de uma forma geral, estão sofrendo, pois, todos os servidores e funcionários públicos a nível estadual e municipal estão sem receber seus salários (exceto os políticos e judiciário), assim como todos os funcionários de empresas terceirizadas que prestam serviços a esses entes estatais. Isso inibe o investimento no próprio negócio e os entrevistados em especial estão adotando estratégias de sobrevivência enquanto aguardam o governo melhorar. Alguns chegam a recordar com

saudosismo o governo anterior e algumas políticas públicas que os favoreciam como fomentos e o microcrédito.

É possível observar que ainda falta muito para a igualdade. As falas deixam evidente os efeitos do racismo na história e como isso afeta o empreendimento de cada um dos entrevistados. No entanto, outras tantas questões sugeriram que ainda carecem de respostas. Se tem uma coisa que pude observar é que a pesquisa, especialmente a qualitativa, ainda mais quando se trata de assuntos tão complexos como raça e empreendedorismo, é como lidar com a Hidra, monstro da mitologia grega que toda vez que você corta uma cabeça outras nascem no lugar.

Demorei um tempo para amadurecer algumas percepções sobre o Rio de Janeiro, os empreendedores negros, a dinâmica do espaço e a influência do estado e muitas questões dessa pesquisa ainda estão amadurecendo. Hoje percebo com muita nitidez a existência de dois Rios que são separados por uma espécie de sistema de castas muito rígido, castas de cor e castas econômicas. Existe um Rio turístico e muito bonito, um Rio que tem uma estrutura hoteleira robusta, um Rio festivo e de muito sol e praia. Este Rio é um Rio para turistas (especialmente gringos) e que é de propriedade em grande parte de pessoas estrangeiras e é vendido para estrangeiros. Nesse Rio, com algumas raríssimas exceções, é sempre verão e exceto pelo grande número de moradores de rua, não existe crise, ou pelo menos não uma crise financeira... É o paraíso.

O outro Rio é bem diferente e infelizmente é o Rio da grande maioria dos brasileiros, especialmente da população negra. Esse Rio vive na sombra do sistema e muitas vezes, e por muitos motivos, não possui acesso a saúde, educação, segurança e infra estrutura do poder público. Esse Rio é o Rio dos funcionários sem receber e dos comércios que fecham as portas, é o Rio dos empreendedores que entrevistei. Os empreendimentos deles sentem muito a crise do estado e muitos, nesse exato momento, estão com a existência ameaçada. O turista que vai para o Rio se hospeda na Zona Sul, consome na Zona Sul e no máximo participa de algum “rolê” no Centro e na Lapa. Agora também está na moda o “favelatur”, mas melhor não entrar nesse mérito. A grande concentração de turistas na Zona Sul torna essa região do Rio uma grande vitrine, um grande shopping center, uma bolha que não sente a crise que deixa funcionários públicos do estado e terceirizados até quatro meses sem salário. É bem improvável que algum turista vá consumir no mercadão de Madureira ou nas feiras que acontecem ao redor da Pavuna. Quem consome nesses lugares é a população local, aposentados e servidores públicos e como muitos estão sem receber, alguns comércios estão

morrendo por inanição e na ponta mais frágil dessa dicotomia posso colocar a grande maioria dos empreendedores negros que entrevistei e outros tantos que eu conheci.

Nessa pesquisa, em virtude de circunstâncias da vida, eu me vi em um outro cenário, uma outra realidade onde tudo era novo. E na pesquisa qualitativa você acaba interferindo no campo e de fato as pessoas estavam não apenas fornecendo dados e falando de suas experiências e percepções, elas estavam conversando comigo. E de minha parte todas as minhas percepções se juntaram ao que apresento como resultado dessa pesquisa. Resultado esse que é uma fotografia de um cenário bem específico comigo inserido nele, interagindo com ele. As pessoas que concederam as entrevistas contaram a história delas para mim, de acordo com a verdade delas naquele momento específico que foi fruto da construção que aconteceu até ali. Construção essa que é individual, atinge a todos e também está acontecendo comigo.

Esse estudo mostra que é na relação com o outro que nos reconhecemos enquanto negros. Os eventos que vão acontecendo no decorrer de nossa trajetória, é o tratamento desigual, os olhares desconfiados que fazem você aprender o que é ser negro no Brasil.

As pessoas são ensinadas a ver o diferente e tratar essas diferenças de uma forma injusta e desigual. O racismo é aprendido e se perpetua em nossas relações. Em meio a esse sistema perverso os negros são ensinados o seu devido lugar, um lugar de servidão e obediência, um lugar localizado, tanto no sentido geográfico quanto no sentido social, às margens da sociedade, os negros resistem, ocupam e produzem outros lugares que não somente de subserviência. Eu não sei explicar o porquê e aqui cabe futuramente uma pesquisa aprofundada sobre o perfil empreendedor do negro no Brasil. O negro que empreende mais do que uma questão puramente econômica. Ele leva consigo seus valores e sua visão de mundo para competir por um espaço que não é “naturalmente” dele. O negro empresário estremece a estrutura social, pois ele briga por espaço e por poder, o que expõem o racismo que sociedade, que aqueles que estão no poder querem que continue velado.

A pesquisa apresenta também várias limitações. A que me deixa mais pensativo é que existem, sim, negros trabalhando na praia e eles são muitos. Mas, meus contatos não chegaram até eles, assim como não cheguei ao Vidigal, Cantagalo ou Rocinha, por exemplo.

Sendo assim, os resultados desse estudo destacam que as relações entre raça e empreendedorismo, no contexto analisado, evidenciam como a construção social dos negros no Brasil é base para, também, para a estruturação de nossas relações econômicas no contexto empreendedor. Deste modo, é possível desconstruir a centralidade do entendimento do “empreendedor de sucesso” como aquele sujeito que aproveitou uma oportunidade de

mercado para também se pensar como esses mercados são construídos. Nos casos aqui analisados, o próprio movimento de exclusão econômica dos negros no Brasil foi base para a produção de um mercado de produtos e serviços para os sujeitos aqui entrevistados. Entretanto, apesar desse se configurar, de certo modo, como um movimento de resistência no país, ele ainda não é capaz, sozinho, de desconstruir a dimensão estruturante do racismo em relação aos negros no Brasil.

Esse resultado também nos possibilita pensar os argumentos apresentados por determinados grupos sociais no Brasil de que a segregação racial tem centralidade econômica. As discussões apresentadas nesse estudo evidenciam que não é essa a centralidade o problema, mas as articulações de diferentes categorias sociais na construção do racismo no Brasil. Nesse ponto, a questão de gênero relacionada a raça também foi destacada pelos entrevistados como um ponto a ser discutido no campo do empreendedorismo.

Portanto, as discussões que foram realizadas ao longo desse estudo não finalizam aqui. É necessário que novos debates sejam constituídos para que novas propostas e políticas sejam pensadas e desenvolvidas a partir dos negros para os negros para que estas sejam mais efetivas.

REFERÊNCIAS

- ANPAD - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. Disponível em: < http://www.anpad.org.br/~anpad/eventos.php?cod_evento=1>. Acesso em: 24/10/2017.
- ARANTES, P. L. T. O caso Simone André Diniz e a luta contra o racismo estrutural no Brasil. **Direito, Estado e Sociedade**. Rio de Janeiro, n. 31, jul/dez, 2007.
- ARMAN, A. P. Empreendedorismo entre mulheres negras na cidade de São Paulo. **RAU - Revista de Administração do UNISAL**. São Paulo, v. 5, n. 8, 2015.
- AYO. Entrevista concedida à Edy Lawson Silva Santos/interviewer: E. L. S. Santos. Rio de Janeiro, 2017.
- BARBOSA, F. F. O caso Simone A. Diniz: a falta de acesso à justiça para as vítimas dos crimes raciais da lei Caó. **Revista de Estudos Jurídicos – UNESP**. São Paulo, v. 15, n. 22, 2011.
- BARON, R.; SHANE, S. Empreendedorismo – uma visão do processo. São Paulo: Cengage learnig, 2015.
- BARRETO, P. C. S. Racismo Individual e Institucional. FEAUSP – Programa RDDDS – Raça, Desenvolvimento e Desigualdade Social Brasil – EUA. São Paulo, p. 1-10, 2006.
- BARTHOLINI, B. Unesco declara Cais do Valongo Patrimônio da Humanidade. UOL Notícias - Cotidiano. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/07/09/unesco-declara-cais-do-valongo-patrimonio-da-humanidade.htm>>. Acesso em: 25/10/2017.
- BIRLEY, S.; MUZYKA, F. D. Dominando os Desafios do Empreendedor. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.
- BOAVA, D. L. T. Estudo sobre a dimensão ontológica do Empreendedorismo. Dissertação Mestrado, Universidade Estadual de Londrina, 2006.
- BOAVA, D. L. T.; MACEDO, F M. F. Empreendedorismo Explicitado à maneira dos filósofos. 2011.
- CANTILLON, R. Essai sur la nature du commerce en général. London: Fetcher Gyler, 1755. Paris, 2011.
- CASSON, M. C. The entrepreneur: an economic theory. Oxford: Martin Robertson, 1982.
- CEPERJ. Ceperj lança novo mapa alterando a Região Metropolitana do Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: http://www.ceperj.rj.gov.br/noticias/Mar_14/27/novo_mapa.html. Acesso em: 25/10/2017.
- CHO, J.; TRENT, A. Validity in qualitative research revisited. **Qualitative Research**, v. 6, n. 3, p. 319-340, 2006.

COLLINS, O.; MOORE, D. The enterprising man. East Lansing: Michigan State University, 1964.

CONCEIÇÃO, E. B. A Negação da Raça nos Estudos Organizacionais. In: Encontro Nacional Da Associação Nacional De Pós-Graduação E Pesquisa Em Administração. São Paulo: ANPAD, 2009.

CRUMP, M. E. S.; SINGH, R. P.; WILBON, A. D.; GIBBS, S. Socio-Demographic Differences Of Black Versus White Entrepreneurs. *Academy of Entrepreneurship Journal* v. 21, n. 1, p.115, 2015.

DAVIES, F. A. Identidades de sucesso: breve reflexão sobre os empresários negros brasileiros. *Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 75-94, 2009.

DAOMÉ. Entrevista concedida à Edy Lawson Silva Santos/interviewer: E. L. S. Santos. Rio de Janeiro, 2017.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. The Qualitative Inquiry Reader. Thousand Oaks, CA, London: Sage, 2002.

DRUCKER, P.F. Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios. São Paulo: Pioneira, 1987.

FAIRCHILD, G. B. Residential segregation influences on the likelihood of black and white self-employment. *Journal of Business Venturing*, v. 23, n. 1, p. 46-74, 2008.

FIGUEIREDO, A. Novas elites de cor – Estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador. São Paulo: Annablume, 2002.

FILION, L. J. O Planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: Identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. *Revista de Administração de Empresas*, v. 3, p. 63-71, jul/set. 1991.

_____. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração de Empresas da Universidade de São Paulo*, v. 34, p. 528, abr./jun. 1999.

FLOURNOY, A. C. Financial Institutions and Black Entrepreneurship. *Journal of Black Studies*, v. 3, n. 3, p. 329-349, 1973.

FREYRE, G. Sociologia. São Paulo: José Olympio, 1962.

GAIGER, L.; CORRÊA, A. A história e os sentidos do empreendedorismo solidário. *Otra Economía*, v. 7, n. 2, p. 153-176, 2010.

GELEDÊS – Carta de Lynch. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/carta-de-willie-lynch/>. Acesso em: 09/09/2017.

GIL, G. A mão da limpeza. In: GIL, G. Raça Humana. Warner Music Brasil, 1984. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 6.

GOIAS, Lei Nº 19.392 de 11/07/2016 Institui a Política Estadual de Incentivo ao Afro empreendedorismo. Disponível em:
http://www.gabinetecivil.go.gov.br/pagina_leis.php?id=21246. Acesso em:10/10/2017.

GOLDENBERG, D. M. The Course of Ham: Race and Slavery in Early Judaism, Christianity, and Islam. Paw Prints, 2016.

GONÇALVES, O. G. Carta à mãe África. In: GOG. Aviso às Gerações. Só Balanço, 2006. 1 CD. Faixa 5.

GONZALES, L; HASENBALG, C. A. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, coleção 2 pontos; v. 3, 1982.

GREATTI, L.; PREVIDELLI, J. J. O uso do plano de negócios como instrumento de análise comparativa das trajetórias de sucesso e de fracasso empresarial. In: MACHADO, H. P. V. (Org.). Causas de Mortalidade de Pequenas Empresas. Maringá: EDUEM, 2007.

HALL, S. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende et. al.. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HASENBALG, C. A. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, coleção 2 pontos; v.3, 1982.

HATSHEPSUT. Entrevista concedida à Edy Lawson Silva Santos/interviewer: E. L. S. Santos. Rio de Janeiro, 2017.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. Empreendedorismo. Trad. Lene Belon Ribeiro. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HOFBAUER, A. Raça, cultura e identidade e o “racismo à brasileira”. In: Lucia Maria de Assuncao Barbosa; Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva; Valter Roberto Silvério. (Org.). De Preto a afro-descendente. São Carlos: Edufscar, 2003, p. 51-68.

INSTITUTO ADOLPHO BAUER (IAB) – Disponível em: < <http://www.institutoiab.org.br/>>
Acesso em: 18/09/2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo demográfico. Brasília: IBGE, 2017.

INSTITUTO DOS PRETOS NOVOS (IPN). Disponível em:
<<http://pretosnovos.blogspot.com.br/?view=sidebar>>. Acesso em: 25/10/2017.

LONGENECKER, J. G. et al. Administração de pequenas empresas. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. D. A. Pesquisa em educação: abordagem qualitativa. 1. ed. São Paulo: EPU Editora, 1986.

MACHADO, H. P. V.; GAZOLA, S.; AÑEZ, M. E. M. Criação de empresas por mulheres: um estudo com empreendedoras em Natal, Rio Grande do Norte. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n.5, p.177-200, 2003.

MARTINELLI, A. O contexto empreendedor. In A. C. B. Martes (Org.). Redes e sociologia econômica. São Carlos: Edufscar, 2009.

MCCLELLAND, D. The achieving society. New York: VanNostrand, 1961.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <
<http://www.scielo.org/pdf/csc/v17n3/v17n3a07>> Acesso em: 07/11/2017.

MOTTA, R. Paradigmas de interpretação das relações raciais no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 113-133, 2000.

MUNANGA, K. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-66, abr., 2004 .

_____. Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania. Ação Educativa, ANPED. Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica, SP. 2003. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf> . Acesso em: 12/12/2016

_____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Cadernos PENESB. Niterói; EdUFF, 2003a.

_____; GOMES, N. L. O negro no Brasil de hoje. (Coleção para entender). São Paulo: Global, 2006.

NASCIMENTO, M. C. R.; OLIVEIRA, J. S.; TEIXEIRA, J. C.; CARRIERI, A. P. Com que Cor Eu Vou pro Shopping que Você me Convidou? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 19, 3ª Edição Especial, p. 245-268, 2015.

NOGAMI, V.; MACHADO, H. V. Atividade empreendedora nos países do BRIC: uma análise a partir dos relatórios GEM de 2000 a 2010. **Revista da Micro e Pequena Empresa (FACCAMP)**, v. 5, p. 114-128, 2011.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem — sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. In: NOGUEIRA, O. (org.). Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais, São Paulo: T.A. Queiroz, 2006.

NZINGA. Entrevista concedida à Edy Lawson Silva Santos/interviewer: E. L. S. Santos. Rio de Janeiro, 2017.

OLIVEIRA, C. L. P.; BARRETO, P. C. da S. Percepção do racismo no Rio de Janeiro. **Estudos Afro-asiáticos**, v. 25, n. 2, p. 183-213, 2003.

OLIVEIRA, J. S.; PEREIRA, J. A.; SOUZA, M. C. D. Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008. **Contextus: Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 7-30, 2013.

OLIVEIRA, K. C. de; PIMENTA, S. M. de O. O racismo nos anúncios de emprego do século XX. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 16, n. 3, p. 381-399, set./dez. 2016.

OSÓRIO, R. G. O sistema classificatório de “cor e raça” do IBGE. Rio de Janeiro: IPEA, 2003.

PACHECO, A. C. L. “Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

PAIXÃO, M. J. P. Destino manifesto: estudo sobre o perfil familiar, social e econômico dos empreendedores/as afro-brasileiros/as dos anos 1990. Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, 2003.

PORTO MARAVILHA. *Visitas*. Disponível em: <<http://portomaravilha.com.br/visita>>. Acesso em: 25/10/2017.

RAY, D. M. Understanding the entrepreneur: entrepreneurial attributes, experience and skills. **Entrepreneurship & regional development**, n.5, v.4, p. 345-357, UK, 1993.

RIO DE JANEIRO. Decreto nº 34.803, de 29 de novembro de 2011. Cria do Circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana e o Grupo de Trabalho Curatorial do Projeto Urbanístico, Arquitetônico e Museológico do circuito. Diário Oficial, Rio de Janeiro, nov. 2011.

ROSA, A. R. Relações Raciais e Estudos Organizacionais no Brasil. **RAC - Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 240-260, 2014.

ROULSTON, K. Considering quality in qualitative interviewing. **Qualitative Research**, v. 10, n. 2, p. 199-228, 2010.

SAEED. Entrevista concedida à Edy Lawson Silva Santos/interviewer: E. L. S. Santos. Rio de Janeiro, 2017.

SANSONE, L. Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador: Edufba, 2003.

SANTOS, E. F.; SCOPINHO, R. A. A questão étnico-racial no Brasil contemporâneo: notas sobre a contribuição da teoria das representações sociais. **Psicologia e Saber social**, v. 4, n. 2, p. 168-182, 2015.

SANTOS, G. A. A invenção do “ser negro”: um percurso das ideias que naturalizam a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTOS, G. A. Nem crime, nem castigo: o racismo na percepção do judiciário e das vítimas de atos de discriminação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 62, p. 184-207, dez. 2015.

SAY, J.B. *Traité d'économie politique: ou simple exposition de la manière dont se forment, se distribuent ou se consomment les richesses*. Paris, 1803. In: TREMBLAY, J.M. Quebec, 2002.

SCHUMPETER, J.A. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SCHWARCZ, L. M. Quase pretos, quase brancos. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n. 134, p. 11-15, abril, 2007.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Os donos de negócio no Brasil: análise por raça/cor (2003-2013)*. Brasília: SEBRAE, 2015.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Feiras de Afro empreendedores – Análise de um mercado emergente no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: SEBRAE, 2017.

SHAMBA. Entrevista concedida à Edy Lawson Silva Santos/interviewer: E. L. S. Santos. Rio de Janeiro, 2017.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. **The Academy of Management Review**, Vol. 25, No. 1 (Jan, 2000), pp. 217-226

SHELTON, L. M.; MINNITI, M. Enhancing product market access: Minority entrepreneurship, status leveraging, and preferential procurement programs. **Small Business Economics**, mai., p. 1-18, 2017.

SILVERIO, V. R. Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 219-246, 2002.

SOUZA, J. A cegueira do debate Brasileiro sobre as Classes Sociais. **Interesse Nacional**, n. 27, p. 35-57, 2014.

TENKAMENIN. Entrevista concedida à Edy Lawson Silva Santos/interviewer: E. L. S. Santos. Rio de Janeiro, 2017.

TIMMONS, J.A. *The entrepreneurial mind*. Andover: Brick House Publishing, 1989.

VALE, G. M. V. Empreendedorismo, marginalidade e estratificação social. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 54, n. 3, p. 310-321, jun., 2014.

VOLERY, T. Ethnic Entrepreneurship: a theoretical framework In: ELGAR, E. Handbook of Research on Ethnic Minority Entrepreneurship: a Co-evolutionary View on Resource Management. Cheltenham-UK, p. 30-41, 2007.

WEBER, Max. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Trad. de Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K Szmrecsányi. 6. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.

WALDINGER, R.; ALDRICH, H. E.; WARD, R. Ethnic Entrepreneurs: Immigrant Business in Industrial Societies. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1990.

YINGER, J. M. Annual Review of Sociology, v. 11, n. 1, p. 151-180, 1985.

ZACIMBA. Entrevista concedida à Edy Lawson Silva Santos/interviewer: E. L. S. Santos. Rio de Janeiro, 2017.

ZUNDURI. Entrevista concedida à Edy Lawson Silva Santos/interviewer: E. L. S. Santos. Rio de Janeiro, 2017.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Fale-me sobre a sua história de vida (onde nasceu, estudou, família).
2. Quando e como você começou a trabalhar nessa atividade que hoje desenvolve?
3. Por que você decidiu empreender?
4. Como você avalia a dinâmica empreendedora no Brasil?
5. Descreva como é o seu cotidiano de trabalho.
6. Como você constrói/construiu a sua relação com fornecedores/clientes?
7. Você já teve dificuldade em ter acesso a créditos no banco? Se sim, por quais motivos?
8. Como você se enquadra/classifica/reconhece com relação à raça?
9. Quando e como você de “descobriu” negro?
10. Você acredita que as questões raciais impactam nas relações com as pessoas?
11. Como você avalia a questão racial, em relação aos negros, no Brasil?
12. Como você avalia as questões raciais em seu cotidiano de trabalho?
13. Já sofreu/sofre algum tipo de discriminação? Como você lida com isso?
14. Em algum momento de sua vida, você percebeu que a raça influenciou o seu cotidiano de trabalho?